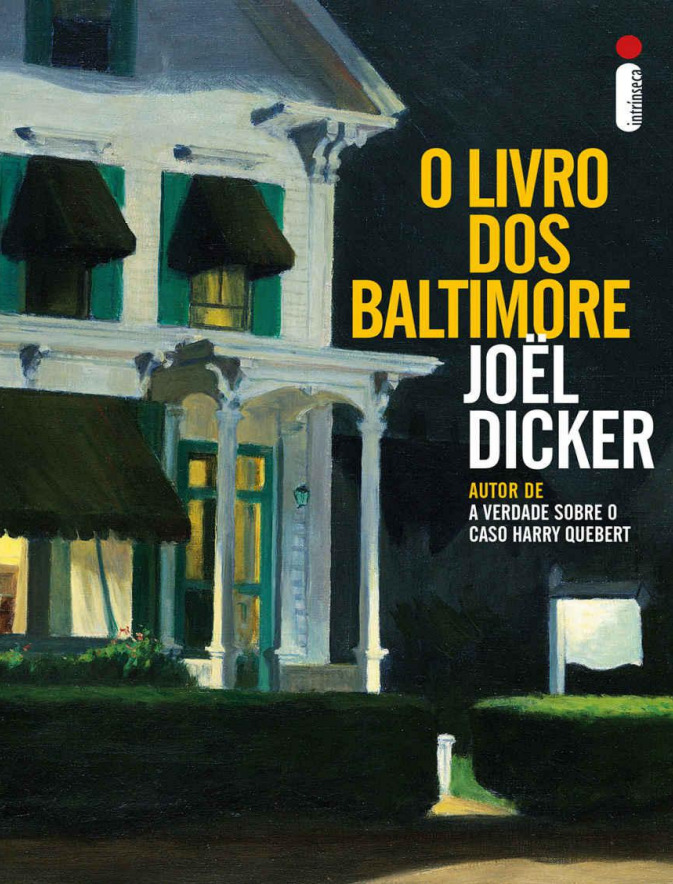




O LIVRO DOS BALTIMORE JOËL DICKER

AUTOR DE
A VERDADE SOBRE O
CASO HARRY QUEBERT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



“O mesmo Marcus Goldman que investigava a morte de uma menina em *A verdade sobre o caso Harry Quebert* agora lembra a história de seus avós, pais, tios e primos, enquanto sofre de amor.”

EL PERIÓDICO

“Uma história familiar monumental.”

EL CULTURAL DE EL MUNDO (ESPAÑA)

“Talento para a narrativa consiste em dar vida a uma obra de arte. E Dicker é capaz disso.”

VANITY FAIR (ITÁLIA)

“Incontestável.”

LE MONDE

ELOGIOS A A VERDADE SOBRE O CASO HARRY QUEBERT

“O best-seller fenomenal de Joël Dicker é uma história de mistério e assassinato brilhantemente intrincada, um hino para a imaginação ilimitada e uma história de amor como nenhuma outra.”

THE GUARDIAN

“*A verdade sobre o caso Harry Quebert* desperta um poder de imaginação raro nos dias de hoje. Dicker escreveu um romance complexo e ambicioso, que alterna entre duas épocas, diferentes pontos de vista e múltiplas intrigas e personagens.”

LE FIGARO

“Prende a atenção do início ao fim. E isso é exatamente o que se espera da boa literatura.”

THE INDEPENDENT

“O livro de Joël Dicker é um labirinto aparentemente sem saída.”

VOGUE (ITÁLIA)

“O romance francês mais comentado da década, com uma trama de tirar o fôlego e uma história viciante.”

THE TELEGRAPH

“Depois de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, a literatura contemporânea nunca mais será a mesma.”

CORRIERE DELLA SERA

“Um *thriller* que lembra o melhor de Truman Capote.”

PARIS-MATCH

“Um livro dentro do livro, um romance policial e uma história de amor. Extraordinário.”

***COSMOPOLITAN* (ALEMANHA)**

“Dicker tem uma capacidade impressionante de dar ao leitor a sensação de fazer parte da história.”

***LE HUFFINGTON POST* (FRANÇA)**



**O LIVRO
DOS
BALTIMORE**
**JOËL
DICKER**

Tradução de André Telles

Copyright © Éditions de Fallois, 2015

TÍTULO ORIGINAL
Le Livre des Baltimore

REVISÃO
Tamara Sender
André Marinho

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0055-7

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21)3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

À sua memória

PRÓLOGO

Domingo, 24 de outubro de 2004
Um mês antes do Drama

Amanhã, meu primo Woody começa a cumprir sua pena. Ele vai passar os próximos cinco anos na prisão.

Na estrada que me leva do aeroporto de Baltimore a Oak Park, bairro de sua infância, onde vou encontrá-lo para seu último dia de liberdade, já o imagino se apresentando diante dos portões da imponente penitenciária de Cheshire, no estado de Connecticut.

Passaremos o dia com ele, na casa do meu tio Saul, onde fomos muito felizes. Hillel e Alexandra estarão presentes, e, juntos, daqui a algumas horas, voltaremos a formar o quarteto maravilhoso que fomos um dia. Nesse momento, não faço a mínima ideia do impacto que essa jornada terá em nossas vidas.

* * *

Dois dias mais tarde, recebo um telefonema do tio Saul.

— Marcus? É o tio Saul.

— Bom dia, tio Saul. Como vai...

Ele não me deixa falar.

— Preste atenção, Marcus: preciso que você venha imediatamente a Baltimore. Não me faça perguntas. Aconteceu uma coisa grave.

Ele desliga. A princípio, suponho que a ligação caiu e retorno imediatamente, mas ele não atende. Como insisto, meu tio acaba me atendendo e repete de forma sucinta:

— Venha a Baltimore.

E desliga novamente.

* * *

Se você encontrar este livro, por favor, leia-o.

Quero que alguém conheça a história dos Goldman-de-Baltimore.

PRIMEIRA PARTE

O livro da juventude perdida (1989-1997)

Sou o escritor.

É assim que todo mundo me chama. Meus amigos, meus pais, minha família, até mesmo quem não conheço mas me reconhece num local público e pergunta: “O senhor não é aquele escritor...?” Sou o escritor, esta é a minha identidade.

As pessoas imaginam que um escritor leva uma vida muito tranquila. Ainda recentemente, um dos meus amigos, ao reclamar da duração do seu trajeto diário entre casa e escritório, me disse: “A rigor, você acorda de manhã, senta-se à mesa e escreve. E pronto.” Não respondi nada, certamente abalado ao constatar que, no imaginário coletivo, meu trabalho consista em não fazer nada. As pessoas acham que você fica de pernas para o ar. Na verdade, é justamente quando não está fazendo nada que você trabalha mais.

Escrever um livro é como fundar uma colônia de férias. Sua vida, antes solitária e tranquila, é subitamente chacoalhada por inúmeros personagens que certo dia chegam sem aviso prévio e viram sua rotina de cabeça para baixo. Eles aparecem de manhã, a bordo de um grande ônibus, do qual descem ruidosamente, muito animados com o papel que conseguiram. E você é obrigado a participar, a cuidar deles, alimentá-los, hospedá-los. Você é responsável por tudo. Afinal, é o escritor.

A história que vou contar começou em fevereiro de 2012, quando saí de Nova York para escrever meu novo romance na casa que eu tinha acabado de comprar em Boca Raton, na Flórida. Eu a adquirira três meses antes, com o dinheiro da venda dos direitos cinematográficos do meu último livro e, com exceção de algumas breves visitas para mobiliá-la durante dezembro e janeiro, era a primeira vez que eu ia passar um período mais longo lá. Era uma casa espaçosa, com sacadas envidraçadas e vista para um lago, na beira do qual as pessoas gostavam de caminhar. Ficava num bairro bastante sossegado e verde, habitado basicamente por aposentados ricos, que destoavam de mim. Eu tinha metade da idade deles, mas escolhi aquele lugar justamente pela tranquilidade. Era o local de que eu precisava para escrever.

Ao contrário das minhas temporadas anteriores, que haviam sido muito curtas, dessa vez eu tinha bastante tempo e fui de carro para a Flórida. Os mil e novecentos quilômetros de viagem não me desanimavam nem um pouco: ao longo dos anos eu fizera inúmeras vezes esse trajeto desde Nova York para visitar meu tio, Saul Goldman, que, após o Drama que afetara sua família, passara a morar no subúrbio de Miami. Eu conhecia a estrada de cor.

Deixei Nova York sob uma fina camada de neve, com o termômetro marcando dez graus abaixo de zero, e dois dias depois cheguei a Boca Raton, onde reinava um agradável inverno tropical. Ao reencontrar aquele cenário familiar de sol e palmeiras, era impossível não pensar em tio Saul. Eu sentia muita saudade dele. Eu me dei conta disso enquanto saía da autoestrada para pegar o acesso a Boca Raton, por mais que minha vontade fosse seguir até Miami para encontrá-lo. O desejo de vê-lo era tanto que cheguei a me perguntar se, nos períodos que já tinha passado ali, eu viera realmente para providenciar meus móveis ou se, no fundo, era uma maneira de reatar com a Flórida. Mas, sem ele, não era a mesma coisa.

* * *

Meu vizinho em Boca Raton era um simpático septuagenário, Leonard Horowitz, antigo medalhão em direito constitucional em Harvard, que passava os invernos na

Florida e que, depois da morte da esposa, se entretinha escrevendo um livro que não conseguia começar. Eu o conhecera no dia em que comprei a casa. Ele tocou minha campainha com um engradado de cerveja para me dar boas-vindas, e nossa sintonia foi instantânea. Depois aquilo virou rotina, e, todas as vezes que eu aparecia por lá, ele vinha confraternizar. Estreitamos rapidamente nossos laços de amizade.

Ele gostava da minha companhia, e acho que ficava satisfeito quando eu ia para passar mais tempo. Assim que expliquei que estava ali para escrever meu próximo romance, Leonard me falou imediatamente do seu. Empenhava-se bastante na obra, mas tinha dificuldade para progredir na história. Aonde quer que fosse, levava um grande caderno espiralado, que tinha uma etiqueta em que estava escrito *Caderno nº1*, o que deixava subentendido que havia outros. Eu o via focado naquilo o tempo todo: desde o início da manhã, na varanda de sua casa ou à mesa da cozinha. Também já o encontrara várias vezes em um café no centro da cidade, concentrado em seu texto. Ele, por sua vez, me via passeando, nadando no lago, indo à praia, correndo. À noite tocava minha campainha e trazia cervejas geladas. Bebíamos na minha varanda, jogando xadrez e escutando música. Atrás de nós havia a paisagem sublime do lago, com as palmeiras ganhando um tom rosado por causa do sol poente. A cada duas jogadas, sem desviar os olhos do tabuleiro, ele nunca deixava de me perguntar:

— Então, Marcus, como vai seu livro?

— Está indo, Leo. Está indo.

Já fazia duas semanas que eu estava lá, quando, certa noite, no momento de comer minha torre, ele hesitou e, num tom de voz subitamente irritado, indagou:

— Por acaso você não veio aqui para escrever seu novo romance?

— Vim. Por quê?

— Porque você não faz nada e isso me irrita.

— E por que acha que não faço nada?

— Ora, estou vendo! Você passa o dia inteiro devaneando, praticando esportes e observando o movimento das nuvens. Tenho setenta e oito anos, eu é que deveria estar vegetando, enquanto você, que mal passou dos trinta, deveria estar trabalhando arduamente!

— O que deixa você tão nervoso, Leo? O meu livro ou o seu?

Acertei na mosca. Ele respondeu com mais delicadeza:

— Eu só queria saber como você faz. Meu romance não avança. Tenho curiosidade de saber como você trabalha.

— Eu me sento nesta varanda e reflito. E, acredite, é um trabalho e tanto. Você esquece para ocupar a cabeça. É diferente.

Ele avançou seu cavalo, ameaçando meu rei.

— Não poderia me dar uma boa ideia de sinopse para o meu romance?

— Impossível.

— Por quê?

— Isso tem que vir de você.

— Em todo caso, peço que evite citar Boca Raton no livro. Não quero que todos os seus leitores venham correndo para cá feito uns otários só para ver onde você mora.

Sorri e acrescentei:

— Não procure uma ideia, Leo. A ideia vem até você. A ideia é um acontecimento que pode surgir a qualquer instante.

Como eu poderia imaginar que era exatamente isso que ia acontecer no momento em que eu pronunciava aquelas palavras? Notei a silhueta de um cachorro vagando pela margem do lago. Um corpo musculoso, porém magro, com orelhas pontudas e o focinho enfiado na grama. E não havia ninguém por perto.

— Parece que aquele cachorro está perdido — falei.

Horowitz ergueu a cabeça e observou o animal.

— Não temos vira-latas por aqui — afirmou ele.

— Eu não disse que era vira-lata. Falei que parece ter se perdido do dono...

Adoro cachorros. Eu me levantei da cadeira, fiz uma concha com as mãos e assobiei para chamá-lo. Ele ergueu as orelhas. Assobiei de novo e ele correu até mim.

— Você está louco? — resmungou Leo. — Como sabe que esse cachorro não tem raiva? Está na sua vez de jogar.

— Não sei — respondi, avançando minha torre distraidamente.

Horowitz comeu minha rainha para me punir pela insolência.

O cachorro se aproximou da varanda. Eu me agachei ao seu lado. Era um macho enorme, de pelo escuro, com uma rodela preta ao redor dos olhos e bigodes compridos como os de uma foca. Apoiou a cabeça junto à minha, e eu o acariciei. Parecia manso. Senti imediatamente um laço se formar entre nós, como um amor à primeira vista, e quem conhece cães entende o que estou falando. Não havia coleira, nada que pudesse identificá-lo.

— Já viu esse cachorro? — perguntei a Leo.

— Nunca.

O cão, após fuçar a varanda, foi embora sem que eu pudesse detê-lo e desapareceu entre as palmeiras e os arbustos.

— Ele parece que sabe aonde vai — disse Horowitz. — Com certeza é de algum vizinho.

* * *

Estava nublado naquele fim de tarde. Quando Leo foi embora, um céu ameaçador pairava em meio à escuridão. Um forte temporal não demorou a se anunciar, lançando relâmpagos impressionantes atrás do lago, antes que as nuvens se rompessem e uma chuva torrencial desabasse. Por volta da meia-noite, enquanto eu lia na sala, ouvi latidos na varanda. Fui verificar o que estava acontecendo e, pela porta de vidro, vi o cão, com o pelo encharcado e uma aparência triste. Abri a porta e ele logo se esgueirou para dentro da casa. Olhou para mim com um ar de súplica.

— Está bem, pode ficar aqui — falei.

Dei-lhe água e comida em duas panelas que improvisei como se fossem tigelas, depois me sentei ao seu lado para secá-lo com uma toalha de banho e ficamos contemplando a chuva escorrendo pela janela.

Ele passou a noite na minha casa. Quando acordei, no dia seguinte, encontrei-o dormindo tranquilamente no piso de ladrilho da cozinha. Improvisei uma coleira com barbante, o que era apenas uma precaução, pois ele me seguia direitinho, e saímos à procura do seu dono.

Leo tomava café da manhã sob o pórtico de sua casa e tinha diante de si seu *Caderno nº1* aberto numa página desesperadamente vazia.

— Quais são as suas intenções com esse cachorro, Marcus? — perguntou ele, me vendo incentivar o cão a subir no porta-malas do meu carro.

— Ele apareceu na minha varanda ontem à noite. Com o temporal, coloquei-o para dentro. Acho que está perdido.

— E aonde você vai?

— Vou colar um aviso no supermercado.

— Você realmente nunca trabalha.

— Estou trabalhando agora mesmo.

— Então não exagere, meu velho.

— Prometido.

Após fixar um aviso nos dois supermercados mais próximos, fui dar uma volta com o cachorro pela rua principal de Boca Raton na esperança de alguém reconhecê-lo. Em vão. Acabei indo à delegacia, onde me encaminharam a uma clínica veterinária. Os cães às vezes recebiam um chip de identificação que permitia encontrar seu dono. Mas não era o caso daquele, e o veterinário foi incapaz de me ajudar. Ele se ofereceu para levar o cão à sociedade protetora, o que recusei, e voltei para casa acompanhado do meu novo parceiro, que, devo dizer, apesar do tamanho imponente, era muito amável e dócil.

Da entrada de sua casa, Leo espiava meu retorno. Ao me ver chegar, precipitou-se na minha direção, balançando vários papéis que acabara de imprimir. Descobri recentemente a magia da ferramenta de buscas do Google e digitava ao acaso as perguntas que lhe vinham à cabeça. Para um professor universitário como ele, que passara boa parte da vida nas bibliotecas pesquisando em obras de referência, a magia dos algoritmos tinha um efeito especial.

— Fiz minha pequena investigação — anunciou, como se tivesse acabado de solucionar o caso Kennedy, me entregando as dezenas de páginas que logo mais me fariam ajudá-lo a trocar o cartucho de tinta da sua impressora.

— E o que você descobriu, professor Horowitz?

— Os cães sempre retornam aos seus lares. Alguns percorrem milhares de quilômetros para voltar para casa.

— O que me aconselha?

Leo adotou a postura de um velho sábio ao responder:

— Siga o cão até onde ele o obrigar a segui-lo. Ele sabe aonde vai, você não.

Meu vizinho tinha razão. Decidi tirar a coleira do animal e deixá-lo vagar à vontade. Ele saiu trotando, primeiro para a margem do lago, depois seguiu por uma trilha. Atravessamos um campo de golfe e chegamos a outro bairro residencial que eu não conhecia, margeado pelo mar. O cachorro seguiu pela rua, virou duas vezes à direita e finalmente parou em frente a um portão, atrás do qual vislumbrei uma casa magnífica. Ele se sentou e latiu. Toquei o interfone. Uma mulher atendeu e avisei que tinha encontrado seu cachorro. O portão se abriu e o cachorro correu em direção à casa, visivelmente feliz por ter voltado ao seu lar.

Fui atrás dele. Uma mulher apareceu na escada, e, num impulso de alegria, o animal pulou imediatamente em cima dela. Ouvi a mulher chamá-lo pelo nome: Duke. Os dois trocaram carícias e avancei mais um pouco. Então ela ergueu a cabeça, e fiquei estupefato.

— Alexandra? — consegui dizer.

— Marcus?

Ela estava tão incrédula quanto eu.

Pouco mais de sete anos após o Drama que nos separara, eu a reencontrei. Ela arregalou os olhos e repetiu, exclamando subitamente:

— Marcus, é você?

Eu estava paralisado, zozzo.

Ela veio correndo até mim.

— Marcus!

Num acesso de ternura, segurou meu rosto com as mãos, como se também não acreditasse e quisesse se certificar de que aquilo era mesmo real. Eu não conseguia pronunciar a mais ínfima palavra.

— Marcus — disse ela —, não posso acreditar que é você.

* * *

A menos que você more numa caverna, com certeza ouviu falar de Alexandra Neville, a

cantora e compositora mais famosa dos últimos anos. Era o ídolo que a nação esperava fazer tempo, a artista que reerguera a indústria fonográfica. Seus três últimos discos venderam vinte milhões de cópias. Pelo segundo ano consecutivo, ela fazia parte da lista das personalidades mais influentes da revista *Time*, e sua fortuna pessoal era estimada em cento e cinquenta milhões de dólares. Era adorada pelo público, adúlada pela crítica. Os mais jovens gostavam dela, os mais velhos também. Todo mundo a adorava, a ponto de parecer que os Estados Unidos só conheciam estas quatro sílabas, que o país repetia com amor e fervor: *A-le-xan-dra*.

Ela namorava um jogador de hóquei canadense, Kevin Legendre, que apareceu atrás dela exatamente naquele momento.

— Você encontrou Duke! Estávamos procurando por ele desde ontem! Alex estava uma pilha de nervos. Obrigada!

O rapaz estendeu a mão para me cumprimentar. Notei seu biceps se contrair enquanto ele triturava minhas falanges. Eu só conhecia Kevin dos tabloides, que não cansavam de comentar seu relacionamento com Alexandra. Ele tinha uma beleza insolente, mais ainda que nas fotos. Olhou para mim com curiosidade e perguntou:

— Já nos conhecemos, não?

— Meu nome é Marcus. Marcus Goldman.

— O escritor, não é?

— Exatamente.

— Li seu último livro. Foi Alexandra quem me recomendou. Ela gosta muito do seu trabalho.

Eu não conseguia acreditar naquela situação. Eu tinha acabado de reencontrar Alexandra na casa do namorado. Sem entender o que estava acontecendo, Kevin me convidou para ficar e jantar, o que aceitei de bom grado.

Grelhamos bifes enormes numa churrasqueira gigante montada na varanda. Eu não acompanhara os últimos passos da carreira de Kevin: ainda achava que ele era defensor do Nashville Predators, mas fora contratado pela equipe do Florida Panthers durante as transferências de verão. Aquela era a casa dele, em Boca Raton, e Alexandra aproveitara uma pausa na gravação do seu próximo disco para lhe fazer uma visita.

Foi só no fim do jantar que Kevin percebeu que Alexandra e eu nos conhecíamos bem.

— Você é de Nova York? — perguntou ele.

— Sou. Moro lá.

— O que veio fazer na Flórida?

— De alguns anos para cá adquiri o hábito de vir aqui. Meu tio morava em Coconut Grove, e eu costumava visitá-lo. Há pouco tempo comprei uma casa em Boca Raton, não longe daqui. Queria um lugar tranquilo para escrever.

— Como está o seu tio? — perguntou Alexandra. — Eu não sabia que ele tinha se mudado de Baltimore.

Desviei da sua pergunta, me limitando a responder:

— Ele saiu de Baltimore depois do Drama.

Kevin indicou a ponta do garfo para nós sem nem sequer se dar conta.

— Estou sonhando ou vocês dois se conhecem? — perguntou ele.

— Morei alguns anos em Baltimore — explicou Alexandra.

— E parte da minha família morava em Baltimore — acrescentei. — Justamente esse meu tio, com a esposa e os filhos. Moravam no mesmo bairro que Alexandra e sua família.

Ela achou melhor não dar mais detalhes e mudamos de assunto. Após o jantar, como eu viera a pé, ela se ofereceu para me levar em casa.

A sós com Alexandra no carro, claramente percebi o constrangimento mútuo.

— Que loucura o seu cachorro ter aparecido lá em casa... — comentei.

— Ele vive fugindo — respondeu ela.

Fiz a piada de mau gosto:

— Talvez não vá com a cara do Kevin.

— Não comece, Marcus. — Seu tom de voz era categórico.

— Não entre nessa, Alex...

— Nessa qual?

— Você sabe muito bem o que quero dizer.

Ela parou bem no meio da rua e fixou os olhos nos meus.

— Por que fez aquilo comigo, Marcus?

Tive dificuldade para sustentar seu olhar. Ela exclamou:

— Você me abandonou!

— Desculpe, mas tive meus motivos.

— Seus motivos? Não havia nenhum motivo para mandar tudo para o espaço!

— Alexandra, eles... Eles estão mortos!

— E por acaso isso é culpa minha?

— Não — respondi. — Desculpe. Desculpe por tudo.

Houve um silêncio absoluto. As únicas palavras que pronunciei foram para indicar o caminho da minha casa. Quando chegamos, ela disse:

— Obrigada por Duke.

— Eu adoraria ver você de novo.

— Acho melhor pararmos por aqui. Não apareça mais, Marcus.

— Na casa de Kevin?

— Na minha vida. Não apareça mais na minha vida, por favor.

Depois arrancou com o carro.

Não tive coragem de entrar em casa. Eu estava com as chaves do meu carro no bolso e decidi dar uma volta. Fui até Miami e, sem pensar, atravessei a cidade até chegar ao tranquilo bairro de Coconut Grove e estacionei em frente à casa do meu tio. O clima estava ameno, então saí do carro. Eu me encostei no veículo e passei bastante tempo contemplando a casa. Tinha a impressão de que ele estava ali, eu sentia sua presença. Minha vontade era reencontrar o tio Saul, e só existia um meio de conseguir isso. Escrever para ele.

* * *

Saul Goldman era irmão do meu pai. Antes do Drama, antes dos acontecimentos que estou prestes a contar, ele era, nas palavras dos meus avós, *um homem muito importante*. Advogado, gerenciava um dos escritórios de melhor reputação de Baltimore, e sua experiência o levava a participar de processos famosos em todo o estado de Maryland. Foi dele o caso Dominic Pernell; foi dele o caso Cidade de Baltimore contra Morris; foi dele o caso das vendas ilegais de Sunridge. Todo mundo o conhecia em Baltimore. Ele aparecia nos jornais, na televisão, e lembro que antigamente eu ficava impressionado com tudo isso. Ele se casara com a paixão da sua juventude, que se tornou minha tia Anita. Aos meus olhos de criança, ela era a mulher mais bonita e a mãe mais carinhosa do mundo. Médica, era uma das chefes da ala de oncologia do Hospital Johns Hopkins, um dos mais renomados do país. Os dois tinham um filho maravilhoso, Hillel, um doce de menino, dotado de uma inteligência acima da média, com alguns meses de diferença da minha idade e a quem eu tratava como um irmão.

Os melhores momentos da minha juventude foram os que passei com eles e, durante muito tempo, bastava ouvir seus nomes para me encher de orgulho e felicidade. De todas as famílias que eu conhecera, de todas as pessoas que eu encontrara, para mim eles eram os melhores: mais felizes, mais realizados, mais ambiciosos, mais respeitados. Por muito tempo a vida me mostrou que eu tinha razão. Eram pessoas de

outra dimensão. Eu ficava fascinado com a facilidade com que desbravavam a vida, encantado diante da sua exuberância, subjugado diante de sua desenvoltura. Eu admirava a aparência, os bens, a posição social deles. A mansão, os carros de luxo, a casa de veraneio nos Hamptons, o apartamento em Miami, suas tradicionais férias em março para esqui em Whistler, na Colúmbia Britânica. A simplicidade e a felicidade deles. A gentileza comigo. A superioridade magnífica, que fazia com que fossem admirados com naturalidade. Não atraíam inveja: eram incomparáveis demais para serem invejados. Tinham sido abençoados pelos deuses. Por muito tempo, acreditei que nunca aconteceria nada a eles. Por muito tempo, acreditei que seriam eternos.

No dia seguinte ao meu inesperado encontro com Alexandra, passei o dia trancado em meu escritório. Saí apenas uma vez, no frio do amanhecer, para um jogging ao redor do lago.

Ainda sem saber o que faria com aquilo, enfiei na cabeça que deveria retrair em anotações os elementos marcantes da história dos Goldman-de-Baltimore. Eu tinha começado com um desenho da árvore genealógica da nossa família, antes de perceber que era preciso acrescentar algumas explicações, principalmente sobre as origens de Woody. A árvore ganhara rapidamente o aspecto de uma floresta de comentários à margem, e eu refletira, que, por uma questão de clareza, seria melhor transcrever tudo para fichas. Diante de mim, havia uma foto que meu tio Saul reencontrara dois anos antes. Era um retrato meu, dezessete anos antes, rodeado pelas três pessoas que eu mais amei: meus primos adorados, Hillel e Woody, e Alexandra. Ela mandara uma cópia do retrato para cada um de nós e escrevera no verso:

AMO VOCÊS, GOLDMAN.

Naquela época, ela estava com dezessete anos, meus primos e eu, com apenas quinze. Ela já tinha todas as qualidades que a faria ser amada por milhões de pessoas, mas não conseguíamos dividi-la entre nós. Esse retrato me fazia lembrar dos meandros de nossa longínqua adolescência, muito antes de eu perder meus primos, muito antes de eu me tornar a estrela em ascensão da literatura americana e, sobretudo, muito antes de Alexandra Neville virar a celebridade que é atualmente. Muito antes de os Estados Unidos se apaixonarem por sua personalidade, suas músicas, muito antes de ela encantar, álbum após álbum, seus milhões de fãs. Muito antes de suas turnês, muito antes de ela se tornar o ícone pelo qual o país esperou por tanto tempo.

* * *

No início da noite, fiel a seus hábitos, Leo bateu à minha porta.

— Está tudo bem, Marcus? Não tive mais notícias suas desde ontem. Encontrou o dono do cachorro?

— Encontrei. É o novo namorado de uma garota por quem fui apaixonado durante anos.

Ele ficou muito espantado.

— Que mundo pequeno — comentou. — Qual é o nome dela?

— Você não vai acreditar. Alexandra Neville.

— A cantora?

— Ela mesma.

— Você a conhece?

Peguei a foto e mostrei para ele.

— É Alexandra? — perguntou Leo, apontando para ela.

— É. Na época éramos adolescentes felizes.

— E quem são os outros rapazes?

— Meus primos de Baltimore e eu.

— O que aconteceu com eles?

— É uma longa história...

Naquela noite Leo e eu ficamos jogando xadrez até tarde. Fiquei feliz por ele ter

vindo me distrair: isso me permitiu pensar em outra coisa que não em Alexandra durante algumas horas. Nosso encontro mexera comigo. Ao longo de todos esses anos, nunca consegui esquecê-la.

No dia seguinte, não resisti e voltei aos arredores da casa de Kevin Legendre. Não sei o que pretendia. Sem dúvida esbarrar com ela. Conversar mais. Mas ela ficaria furiosa com a minha presença lá. Eu estava parado numa rua paralela à casa, quando notei algo se movendo na cerca. Observei com atenção, intrigado, e subitamente vi o corajoso Duke saindo dos arbustos. Desci do carro e chamei-o baixinho. O cachorro se lembrava de mim e se aproximou para ganhar carinho. Tive uma ideia absurda, mas não pude ignorá-la. E se Duke fosse uma forma de eu reatar com Alexandra? Abri o porta-malas do carro e o cão subiu obedientemente. Eu ganhara sua confiança. Parti depressa e voltei para minha casa, já familiar para o cão. Fui para o escritório. Duke se deitou ao meu lado e me fez companhia, enquanto eu voltava a mergulhar na história dos Goldman-de-Baltimore.

* * *

O apelido “Goldman-de-Baltimore” era a contraparte do que meus pais e eu éramos com relação ao nosso endereço: os Goldman-de-Montclair, Nova Jersey. Com o passar do tempo e a maneira de falar, eles tinham se tornado os Baltimore, e nós, os Montclair. Os inventores desses apelidos foram os avós Goldman que, para não se confundirem durante as conversas, tinham naturalmente dividido nossas famílias em duas entidades geográficas. Isso lhes permitia dizer, por exemplo, quando todos nós íamos à Flórida, onde eles moravam, para passar as festas de fim de ano: “Os Baltimore chegam no sábado e os Montclair, no domingo.” Mas o que, a princípio, era apenas uma maneira de nos identificar, acabara se tornando a expressão da superioridade dos Goldman-de-Baltimore até no seio do próprio clã. Os fatos falavam por si: os Baltimore eram formados por um advogado casado com uma médica e tinham um filho que estudava na melhor escola particular da cidade. Do lado dos Montclair, meu pai era engenheiro, minha mãe, vendedora na sucursal de Nova Jersey de uma marca nova-iorquina de roupas chiques, e eu, um bom aluno de colégio público.

Na pronúncia do léxico familiar, meus avós acabaram associando às suas entonações os sentimentos privilegiados que atribuíam aos Baltimore: ao sair de suas bocas, a palavra “Baltimore” parecia cunhada em ouro, enquanto “Montclair” parecia desenhada com gosma de lesma. Os elogios eram para os Baltimore; as críticas, para os Montclair. Se a televisão deles parava de funcionar, era porque eu a desregularei, e se o pão não estava fresco era porque meu pai tinha comprado. Já as broas que tio Saul trazia eram de qualidade excepcional, e, se a televisão voltava a funcionar, era certamente porque Hillel a consertara. Mesmo em situações idênticas, os tratamentos não eram iguais: quando uma das famílias se atrasava para o jantar, se fossem os Baltimore, meus avós comentavam que os coitados deviam estar presos num engarrafamento. Mas, se fossem os Montclair, lá vinha o bordão dos nossos pretensos atrasos sistemáticos. Em quaisquer circunstâncias, Baltimore era a capital da beleza; Montclair, a do podia-ser-melhor. O mais fino caviar de Montclair nunca se equipararia a um punhado de couve podre de Baltimore. E nos restaurantes e shoppings onde passeávamos juntos, quando esbarrávamos com conhecidos dos meus avós, vovó fazia as apresentações:

— Esse é meu filho Saul, um grande advogado. Sua mulher, Anita, que é uma médica importante no Hospital Johns Hopkins, e seu filho Hillel, que é um pequeno gênio.

Cada um dos Baltimore recebia então um aperto de mão e uma mesura. Em seguida, vovó prosseguia seu recital apontando para meus pais e para mim e, fazendo um discreto sinal com o dedo, resumia:

— E esse é meu filho caçula e sua família.

Então recebíamos um aceno de cabeça bastante similar ao que dirigiríamos a um manobrista ou empregado doméstico.

A única igualdade perfeita entre os Goldman-de-Baltimore e os Goldman-de-Montclair, durante os primeiros anos da minha adolescência, consistiu no número de integrantes: as duas famílias eram compostas por três membros. Mas se o registro civil determinava oficialmente que os Goldman-de-Baltimore possuíam três integrantes, quem os conheceu bem dirá que eram quatro. Pois muito rapidamente meu primo Hillel, com quem até então eu dividia o defeito de ser filho único, teve o privilégio de ver a vida lhe proporcionar um irmão. Na sequência dos acontecimentos que detalharei mais adiante, ele passou a ser visto, em todas as circunstâncias, acompanhado de um amigo que, se não o conhecêssemos, diríamos que era imaginário: Woodrow Finn — Woody, como o chamávamos —, mais bonito, mais alto, mais forte, capaz de tudo, atencioso e sempre presente quando alguém precisava dele.

Woody alcançou rapidamente um status à parte entre os Goldman-de-Baltimore e se tornou ao mesmo tempo um dos outros e um dos nossos, sobrinho, primo, filho e irmão. Sua presença foi uma evidência imediata, a ponto de, quando não era visto numa reunião familiar — símbolo definitivo de sua integração —, todos logo se perguntarem onde estava. Ficavam preocupados quando ele não aparecia, tornando sua presença mais do que uma legitimidade, uma necessidade para que a unidade familiar fosse perfeita. Peça para qualquer pessoa dessa época enumerar os Goldman-de-Baltimore e ela citará Woody sem pestanejar. Porém, mais uma vez tínhamos sido derrotados: na partida Montclair contra Baltimore, até o momento empatada em três a três, o placar passou para quatro a três.

Woody, Hillel e eu fomos os amigos mais leais de todos. Foi com Woody que passei meus melhores anos junto dos Baltimore, entre 1990 e 1998, e ao mesmo tempo que foram abençoados também serviram como cenário para tudo o que antecedeu o Drama. Dos dez aos dezoito anos, nós três éramos totalmente inseparáveis. Formávamos uma entidade fraternal tríplice, tríade ou trindade, que com orgulho chamávamos de “A Gangue dos Goldman”. Nós nos amávamos como poucos irmãos já se amaram: fizemos os juramentos mais solenes uns para os outros, misturamos nosso sangue, juramos fidelidade e prometemos amor mútuo e eterno. Apesar de tudo o que viria a acontecer mais tarde, sempre me lembrarei desses anos como um período excepcional: a epopeia de três adolescentes felizes nos Estados Unidos abençoados pelos deuses.

Ir a Baltimore, estar com eles, era tudo o que importava para mim. Eu só me sentia completo na companhia deles. Louvados sejam meus pais que, numa idade em que poucas crianças viajavam sozinhas, me deram autorização para ir até Baltimore, encontrar quem eu tanto amava e passar os fins de semana prolongados com eles. Para mim foi o começo de uma nova vida, marcada pelo calendário dos feriados escolares, conselhos de classe e celebrações dos heróis americanos. A aproximação do Dia dos Veteranos, Dia de Martin Luther King e Dia do Presidente me proporcionava sensações inéditas de felicidade. A ansiedade de revê-los me deixava insuportável. Glória aos soldados mortos pelo país, glória ao Dr. Martin Luther King Jr. por ter sido um homem tão bom, glória aos nossos presidentes, honestos e corajosos, que nos propiciavam um feriado todas as terceiras segundas-feiras de fevereiro!

Para ganhar um dia, eu convencera meus pais a me deixar ir direto depois da escola. Quando as aulas finalmente terminavam, eu corria para casa na velocidade da luz para arrumar minhas coisas. Com a mochila pronta, esperava minha mãe chegar do trabalho para me levar à estação de Newark. Eu ficava sentado na poltrona da entrada, já de sapatos e com o casaco nas costas, inquieto. Eu estava adiantado, e ela, atrasada. Para fazer o tempo passar, eu contemplava os retratos das nossas duas famílias que ficava no

móvel ao meu lado. Nós parecíamos tão insossos enquanto eles eram maravilhosos. No entanto, em Montclair, num belo subúrbio de Nova Jersey, eu levava uma vida privilegiada, tranquila e feliz, sem passar nenhuma necessidade. Mas nossos carros me pareciam menos reluzentes, nossas conversas, menos divertidas, nosso sol, menos radiante, e nosso ar, menos puro.

Até que eu ouvia a buzina da minha mãe, então corria para o lado de fora e entrava em seu velho Honda Civic. Ela estava sempre com o esmalte ainda molhado, tomando café num copo de papel, comendo um sanduíche ou preenchendo algum formulário de publicidade. Às vezes, estava fazendo tudo isso ao mesmo tempo. Ela era elegante, andava sempre muito bem-arrumada. Bonita, bem-maquada. Mas ao sair do trabalho mantinha preso na roupa o crachá com seu nome e, abaixo, as palavras *ao seu dispor*, o que eu achava terrivelmente humilhante. Os Baltimore eram servidos, nós servíamos.

Eu reclamava da minha mãe por causa do seu atraso, e ela me pedia desculpas. Eu não aceitava, e ela fazia carinho em meu cabelo. Depois me beijava, deixando uma marca de batom em minha bochecha, que imediatamente ela limpava com um gesto cheio de amor. Em seguida, me levava à estação, onde eu pegava um trem para Baltimore no início da noite. No caminho, ela me dizia que me amava e que já estava com saudade. Antes de me deixar embarcar no vagão, me entregava um embrulho com sanduíches do mesmo local em que ela comprara seu café, depois me fazia prometer que eu seria “bem-comportado e obediente”. Ela me abraçava e aproveitava para enfiar uma nota de vinte dólares no meu bolso. Depois me dizia: “Te amo, querido”, e me dava dois beijos na bochecha, mas às vezes eram três ou quatro. Dizia que um só não era o suficiente, por mais que para mim já fosse demais. Ao me lembrar disso hoje, sinto raiva de mim mesmo por não ter deixado que ela me desse dez beijos sempre que eu viajava. Também sinto raiva de mim mesmo por ter passado tanto tempo longe dela sem me lembrar de como nossas mães são efêmeras e por não ter repetido vezes suficientes que a amava.

Duas horas de trem depois, eu chegava à estação central de Baltimore. A mudança de família finalmente podia começar. Eu tirava minha roupa dos Montclair apertada demais e colocava o traje dos Baltimore. Na plataforma, no início da noite, ela me esperava. Bela como uma rainha, radiante e chique como uma deusa, aquela cuja lembrança às vezes povoava, e de maneira vergonhosa, as noites da minha juventude: minha tia Anita. Eu corria até ela e a abraçava. Ainda sinto sua mão em meu cabelo, seu corpo no meu. Ouço sua voz me dizendo: “Markie, querido, como é bom ver você.” Não sei por quê, mas em geral ela ia me buscar sozinha. Com certeza era porque o tio Saul saía tarde do escritório, e, sem dúvida, ela não queria incomodar Hillel e Woody. Já eu aproveitava para encontrá-la como se fosse uma namorada: alguns minutos antes da chegada do trem, eu trocava de roupa, me penteava com a ajuda do reflexo do vidro e, quando finalmente chegava, eu desembarcava com o coração acelerado. Eu traía minha mãe com outra.

Tia Anita dirigia um BMW preto que provavelmente valia um ano de salário dos meus pais. Entrar no carro era a primeira etapa da minha transformação. Eu renegava o Civic sem graça e me entregava à adoração daquele carro imenso, que exalava luxo e modernidade, no qual deixávamos o centro da cidade para seguirmos até o bairro chique de Oak Park, onde eles moravam. Oak Park era um mundo à parte: as calçadas eram mais largas, as ruas, ladeadas por árvores imensas, uma maior que a outra, e os portões rivalizavam em arabescos e as cercas pareciam não ter fim. Os pedestres me pareciam mais bonitos; seus cães, mais elegantes; os corredores de domingo, mais atléticos. Se em nosso bairro, em Montclair, eu só tinha visto casas acolhedoras, sem nenhuma barreira para cingir seus jardins, em Oak Park a imensa maioria era protegida por cercas vivas e muros. Nas alamedas calmas, um serviço de segurança privado circulava em carros com sirenes laranja e exibia a inscrição *Patrulha de Oak Park*, para

assegurar a paz dos moradores.

A travessia de Oak Park com tia Anita despertava a segunda fase da minha transformação ao me fazer sentir superior. Tudo me parecia evidente: o carro, o bairro, minha presença. Os seguranças de Oak Park tinham como costume cumprimentar os moradores com um discreto aceno de mão ao passar por eles e as pessoas retribuía. Um sinal para confirmar que estava tudo bem e que a tribo dos ricos podia passear tranquilamente. Quando cruzávamos com a primeira patrulha, o segurança acenava, Anita respondia e eu me apressava em imitá-la. Afinal, ali eu era um dos seus. Ao chegar em casa, tia Anita buzina duas vezes para anunciar nossa presença, antes de apertar o controle remoto que abria as duas peças de aço do portão. Ela seguia pela aleia e entrava na garagem de quatro vagas. Eu mal tinha tempo de sair do carro e a porta da casa se abria num ruído alegre e Woody e Hillel, os irmãos que a vida nunca quisera me dar, irrompiam e corriam até mim, gritando de tanta animação. Eu sempre entrava na casa com um olhar fascinado: era tudo bonito, luxuoso, colossal. A garagem deles era do tamanho da nossa sala. A cozinha, do tamanho da nossa casa. Os banheiros tinham o tamanho dos nossos quartos e ali havia quartos suficientes para acomodar várias gerações da nossa família.

Cada nova temporada lá superava a anterior e só fazia aumentar a admiração que eu sentia pelos meus tios e, sobretudo, pela química perfeita da Gange formada por Hillel, Woody e por mim. Eles eram como meu sangue, minha carne. Gostávamos dos mesmos esportes, dos mesmos atores, dos mesmos filmes, das mesmas garotas, e isso não por consenso ou combinação, mas porque um era a extensão do outro. Desafiávamos a natureza e a ciência: as árvores dos nossos ancestrais não compartilhavam o mesmo tronco, mas nossas sequências genéticas obedeciam à mesma configuração. Às vezes, íamos visitar o pai de tia Anita, que morava num lar para idosos — a “Casa dos mortos”, como chamávamos —, e me lembro de que seus amigos um pouco senis e desmemoriados faziam inúmeras perguntas sobre a identidade de Woody, nos confundindo. Apontavam seus dedos retorcidos para ele e, sem qualquer constrangimento, faziam a eterna pergunta: “Este aí é um Goldman-de-Baltimore ou um Goldman-de-Montclair?” Ao responder, tia Anita explicava, com uma voz cheia de ternura: “É Woodrow, amigo de Hill. Foi esse menino que acolheu. Ele é muito bonzinho.” Antes de dizer isso, ela sempre conferia se Woody já tinha saído da sala, para não magoá-lo, embora o som de sua voz demonstrasse claramente que ela estava disposta a amá-lo como se fosse o próprio filho. Para a mesma pergunta, Woody, Hillel e eu tínhamos uma resposta que nos parecia mais próxima da realidade. E durante aqueles invernos, nos corredores onde pairavam os estranhos cheiros da velhice, aquelas mãos enrugadas nos agarravam pelas roupas e nos intimavam a dizer nossos nomes para compensar a inevitável erosão de seus cérebros doentes, respondíamos: “Sou um dos três primos Goldman.”

No meio da tarde, fui interrompido pelo meu vizinho Leo Horowitz. Ele ficou preocupado por não ter me visto durante o dia e veio conferir se estava tudo bem.

— Tudo certo, Leo — tranquilizei-o já na soleira da porta.

Ele deve ter achado estranho que não o convidai para entrar e desconfiou que eu estivesse escondendo alguma coisa. Por isso, insisti:

— Tem certeza? — perguntou ele de novo, demonstrando curiosidade.

— Absoluta. Nada especial. Estou trabalhando.

De repente, ele viu Duke surgir atrás de mim. O cachorro acordara e queria ver o que estava acontecendo. Leo arregalou os olhos.

— Marcus, o que esse cão está fazendo na sua casa?

Baixei a cabeça, envergonhado.

— Peguei emprestado.

— O que há com você?

Fiz sinal para ele entrar depressa e fechei a porta. Ninguém podia ver o cachorro na minha casa.

— Minha intenção era encontrar Alexandra — expliquei. — Mas quando vi o cachorro saindo da casa, pensei em trazê-lo para cá, passar o dia com ele e devolvê-lo à noite, alegando que ele viera sozinho para cá.

— Você perdeu o juízo, meu pobre amigo. Isso é um roubo no sentido literal da palavra.

— É um empréstimo, porque não pretendo ficar com o cachorro. Só preciso dele por algumas horas.

Enquanto me escutava, Leo foi para a cozinha, se serviu sem pedir de uma garrafa d'água na geladeira e se sentou à bancada. Estava encantado com o aspecto inusitadamente pitoresco que seu dia ganhava. Então me sugeriu, radiante:

— E se começássemos por uma partidinha de xadrez? Para você relaxar.

— Não, Leo, não tenho tempo para isso agora.

Sua expressão ficou sombria e ele insistiu na presença do cachorro, que bebia ruidosamente a água de uma panela no chão.

— Então me explique, Marcus: por que precisa desse cachorro?

— Para ter um bom pretexto para reencontrar Alexandra.

— Isso eu já entendi. Mas por que precisa de um pretexto para reencontrá-la? Não pode simplesmente ir visitá-la como uma pessoa civilizada, em vez de raptar o cachorro dela?

— Ela me pediu para não procurá-la mais.

— Por que ela fez isso?

— Porque eu a larguei. Oito anos atrás.

— Caramba. Isso não foi nada gentil da sua parte. Você não a amava mais?

— Ao contrário.

— Mas você a abandonou.

— Sim.

— Por quê?

— Por causa do Drama.

— Que Drama?

— É uma longa história.

Baltimore.

Anos 1990.

Os momentos de felicidade com os Goldman-de-Baltimore eram contrabalançados duas vezes por ano, quando nossas famílias se reuniam: no feriado de Ação de Graças, na casa dos Baltimore, e nas férias de inverno, em Miami, na Flórida, na casa dos nossos avós. Na minha opinião, mais do que uma confraternização, aquelas reuniões familiares pareciam jogos de futebol. De um lado do campo, os Montclair, do outro, os Baltimore, e, no centro, os avós Goldman, que apitavam a partida e controlavam o placar.

O feriado de Ação de Graças marcava a consagração anual dos Baltimore. A família se reunia na mansão luxuosa em Oak Park e lá tudo era perfeito, do início ao fim. Para minha imensa felicidade, eu dormia no quarto de Hillel, e Woody, que ocupava o quarto ao lado, arrastava o colchão até o nosso para que não ficassemos separados nem

mesmo durante o sono. Meus pais ocupavam uma das suítes de hóspedes, e meus avós, outra.

Era o tio Saul quem ia buscar meus pais no aeroporto e, durante a primeira meia hora após chegarmos à casa dos Baltimore, a conversa girava em torno do conforto do automóvel.

“Reparem só”, exclamava minha avó, “é simplesmente estarecedor! Tem espaço para as pernas como em nenhum outro lugar! Quando entrei no seu carro, Nathan [meu pai], me lembro de ter pensado: nunca mais! E depois notei como era sujo, meu Deus! Custa passar um aspirador de pó? O de Saul parece novo. O couro dos bancos está perfeito, dá para perceber que cuidam com muito carinho.”

Depois, quando não tinha mais nada a dizer sobre o carro, se encantava com a casa. Explorava os corredores como se fosse sua primeira visita e ficava impressionada com o bom gosto da decoração, com a qualidade dos móveis, com a calefação no piso, com a limpeza, com as flores e com as velas que aromatizavam os cômodos.

Durante a refeição de Ação de Graças, ela não se cansava de elogiar a perfeição dos pratos. Cada colherada vinha acompanhada de murmúrios de entusiasmo. A comida era mesmo um espetáculo: sopa de abóbora, carne de peru macia com xarope de bordo e molho de pimenta, espaguete ao molho de queijo, torta de abobrinha, purê de batata cremoso, creme de avelã e vagens delicadas. As sobremesas não ficavam atrás: mousse de chocolate, cheesecake, bolo de noz-pecã e torta de maçã com casca fina e crocante. Após a refeição e os cafés, tio Saul colocava na mesa garrafas de destilados cujos nomes, naquela época, não significavam nada para mim, mas me lembro de meu avô segurando as garrafas como se fossem poções mágicas e parecendo fascinado com o nome, a idade ou a cor, enquanto vovó elogiava de novo a qualidade da comida, e também a casa e a vida que levavam, antes do grande desfecho (sempre o mesmo):

— Saul, Anita, Hillel e Woody, meus queridos: obrigada, estava extraordinário!

Eu queria muito que ela passasse um tempo com vovó em Montclair para mostrarmos do que éramos capazes. Quando eu tinha dez anos, fiz esse pedido:

— Vovó, por que você e vovó não passam uma noite em nossa casa em Montclair?

Mas ela respondeu:

— Sabe que não podemos mais ir à casa de vocês, meu querido. Não é grande nem confortável o suficiente.

* * *

A segunda grande reunião anual dos Goldman acontecia em Miami, por ocasião das festas de fim de ano. Até completarmos treze anos, nossos avós moravam num apartamento suficientemente espaçoso para acomodar nossas duas famílias e passávamos uma semana inteira juntos, sem nos desgredar nem por um instante sequer. Essas temporadas na Flórida eram uma oportunidade para que eu pudesse constatar a intensidade da admiração de meus avós pelos Baltimore, esses marcianos formidáveis que, no fundo, não tinham nada em comum com o resto da família. Impossível não ver os evidentes laços de parentesco entre meu avô e meu pai. Os dois se pareciam fisicamente, cultivavam as mesmas manias e sofriam com a síndrome do cólon irritável, por isso tinham conversas intermináveis sobre o assunto. O cólon irritável era um dos temas preferidos do vovó. Eu me lembro do meu avô como alguém amável, distraído, carinhoso e, acima de tudo, com prisão de ventre. Ele saía para evacuar como quem vai pegar um trem. Anunciava, colocando o jornal debaixo do braço:

— Vou ao banheiro.

Dava um beijinho de despedida na boca de vovó e ela dizia:

— Até já, querido.

Vovô se preocupava que um dia eu também fosse acometido pela doença dos Goldman-não-de-Baltimore: o famoso cólon irritável. Ele me fazia prometer que eu comeria muitos legumes fibrosos e que nunca prenderia o intestino se precisasse executar aquela “difícil tarefa”. De manhã, enquanto Woody e Hillel se empanturravam de cereais açucarados, vovô me forçava a me empanturrar de cereal integral com fibras. Eu era o único obrigado a comer aquilo, prova de que os Baltimore deviam contar com enzimas extras que não tínhamos. Meu avô comentava sobre os futuros problemas digestivos que eu teria por ser filho do meu pai: “Meu pobre Marcus, seu pai tem um cólon igual ao meu. Você não tem escapatória, vai ver só. Coma muita fibra, garoto, isso é o mais importante. É preciso começar agora para lubrificar o sistema.”

Ele ficava atrás de mim enquanto eu engolia meu cereal integral e apoiava em meu ombro uma das mãos, num gesto carinhoso. Claro que, de tanto engolir fibras, eu ia o tempo todo ao banheiro e, ao sair, trocava olhares com meu avô, que parecia dizer: “Você sofre do mesmo mal, meu garoto. Está ferrado.” Essa história de cólon me impressionava muito. Eu costumava consultar os dicionários de medicina da biblioteca municipal, lendo, apreensivo, os primeiros sintomas da doença. Eu me convencia de que, se eu não a tivesse, era porque talvez eu fosse diferente, diferente como um Baltimore. Porque, no fundo, meus avós contavam com meu pai, mas era o tio Saul que reverenciavam. Eu era filho de um, mas, às vezes, lamentava não ser filho do outro.

A mistura dos Montclair e dos Baltimore me revelava o fosso profundo que dividia minhas duas vidas: a oficial, um Goldman-de-Montclair, e a outra, confidencial, um Goldman-de-Baltimore. Do meu segundo nome, Philip, eu mantinha a primeira letra e nos meus cadernos escolares e deveres assinava *Marcus P. Goldman*. Em seguida, acrescentava uma curva no P, criando Marcus B. Goldman. Eu era um P que às vezes virava um B. E a vida, como se para me dar razão, me pregava peças estranhas: sozinho em Baltimore, eu me sentia um deles. Ao andar pelo bairro com Hillel e Woody, os seguranças da patrulha nos cumprimentavam e nos chamavam pelo primeiro nome. Mas quando eu ia com meus pais a Baltimore para o Dia de Ação de Graças, me lembro da vergonha ao percorrer as primeiras ruas de Oak Park com nossa lata-velha, em cujo para-choque estava escrito que não pertencíamos à dinastia Goldman dali. Se cruzássemos com uma patrulha de segurança, eu fazia o sinal secreto dos locais e minha mãe, que não entendia nada, me repreendia: “Que ideia, Markie, quer parar de palhaçada e de fazer sinais idiotas para esses guardas?”

O cúmulo do horror era nos perdermos em Oak Park, onde as ruas, em círculo, causavam facilmente uma confusão. Minha mãe ficava nervosa, meu pai parava no meio de um cruzamento e eles discutiam sobre o trajeto até uma patrulha surgir para verificar o que havia de errado com aquele calhambeque amassado, logo, suspeito. Enquanto eu fazia o sinal da fraternidade secreta para o segurança não pensar que havia qualquer ligação entre aqueles dois estranhos e eu, meu pai explicava as razões da nossa presença. Às vezes, o segurança simplesmente nos indicava o caminho, mas havia ocasiões em que, desconfiado, nos escoltava até a casa dos Goldman para se certificar de nossas boas intenções. Tio Saul, ao nos ver chegar daquela maneira, saía imediatamente de casa.

— Bom dia, Sr. Goldman — dizia o segurança —, desculpe o incômodo, eu só queria ter certeza de que o senhor estava mesmo esperando receber essas pessoas.

— Obrigado, Matt. — (Ou outro nome, dependendo do que estava escrito no crachá, pois meu tio chamava sempre a pessoa pelo nome no crachá, fosse no restaurante, no cinema ou no pedágio da estrada.) — Sim, tudo em ordem, obrigado.

Ele dizia “tudo em ordem”. Não dizia “Matt, seu atrapalhado, como pôde desconfiar de alguém do meu sangue, da carne da minha carne, do meu irmão querido?”. O czar teria mandado empalar o guarda que tratasse daquele jeito os membros de sua família. Mas, em Oak Park, tio Saul parabenizava Matt como um bom cão de guarda que a

gente recompensa por ter latido, para garantir que latirá sempre. E quando o segurança se afastava, minha mãe dizia:

— É isso aí, podem dar o fora, já viram que não somos bandidos.

Enquanto isso, meu pai suplicava que ela ficasse quieta e não chamasse atenção. Afinal, éramos apenas visitas.

No patrimônio dos Baltimore, um único lugar ficava livre da contaminação dos Montclair: a casa de férias nos Hamptons, aonde meus pais tinham a decência de nunca ir, ao menos não na minha presença. Para quem não sabe o que se tornou os Hamptons a partir dos anos 1980, tratava-se de um recanto tranquilo e modesto à beira-mar e muito próximo de Nova York, que virou um dos balneários mais chiques da Costa Leste. Dessa forma, a casa nos Hamptons conhecera várias vidas sucessivas, e tio Saul nunca se cansava de contar que, quando comprara por uma ninharia aquele bangalô de madeira em East Hampton, todo mundo zombara dele, argumentando que tinha sido o pior investimento que ele poderia ter feito. Ninguém esperava o *boom* de Wall Street dos anos 1980, prenúncio de uma era de ouro para uma geração de *traders*: as novas fortunas haviam invadido os Hamptons, a região se aburguesara subitamente e o valor dos imóveis decuplicara.

Eu era pequeno demais para lembrar, mas me contaram que, à medida que o tio Saul ia ganhando processos, a casa era melhorada aos poucos, até o dia em que foi derrubada para dar lugar a uma nova mansão suntuosa, cheia de charme e conforto. Espaçosa, luminosa, engenhosamente revestida de hera, com uma varanda atrás cercada de arbustos de hortênsias azuis e brancas, uma piscina e um caramanchão coberto de serpentárias, onde fazíamos nossas refeições.

Depois de Baltimore e Miami, os Hamptons eram a última ponta do triângulo geográfico anual da Gangue dos Goldman. Todos os anos, meus pais me deixavam passar o mês de julho lá. E foi na casa de férias dos meus tios que passei os verões mais felizes da minha adolescência, na companhia de Woody e Hillel. Também foi lá que germinaram as sementes do Drama que se abateria sobre eles. Mesmo assim, guardo felizes lembranças de todas essas férias. Eu me lembro de dias totalmente idênticos de um verão abençoado, sobre os quais pairava o perfume da imortalidade. O que fazíamos lá? Vivíamos nossa juventude triunfal. Enfrentávamos o oceano. Corríamos atrás das garotas feito loucos. Íamos pescar. Procurávamos rochedos de onde mergulhar no mar e nos sentirmos vivos.

Nosso lugar preferido pertencia a um casal adorável, Seth e Jane Clark, pessoas relativamente idosas, sem filhos, muito ricos — acho que ele tinha um fundo de investimento em Nova York —, de quem tio Saul e tia Anita se tornaram amigos ao longo dos anos. A mansão deles, que se chamava *O Paraíso na Terra*, ficava a uns dois quilômetros da casa dos Baltimore. Era um lugar fabuloso: eu me lembro do parque verdejante, das árvores-de-judas, dos roseirais e da fonte em cascata. Atrás da casa, havia uma piscina com vista para uma praia particular de areia branca. Os Clark nos autorizavam a usufruir quanto quiséssemos de sua casa e volta e meia íamos lá para pular na piscina ou nadar no mar. Havia, inclusive, um pequeno bote atracado num píer de madeira, que usávamos de vez em quando para explorar a baía. Para agradecer aos Clark por sua gentileza, costumávamos fazer pequenos favores a eles, basicamente trabalhos de jardinagem, idade em que éramos excelentes por motivos que explicarei mais à frente.

* * *

Nos Hamptons, perdíamos a noção do tempo. Talvez tenha sido isso que me iludiu: a impressão de que tudo aquilo seria eterno. Que duraríamos para sempre. Como se, naquele lugar mágico, nas ruas e nas casas, as pessoas fossem capazes de escapar das

ações do tempo e de sua corrosão.

Eu me lembro da mesa na varanda, que tio Saul transformava em “escritório”. Bem ao lado da piscina. Após o café da manhã, ele colocava suas pastas na mesa, pegava o telefone e trabalhava pelo menos até o meio da tarde. Sem trair o sigilo profissional, comentava com a gente os casos nos quais estava trabalhando. Eu ficava fascinado com as explicações. Perguntávamos como pretendia ganhar e ele nos respondia: “Vou ganhar porque é meu dever. Os Goldman nunca perdem.” Queria saber como agiríamos em seu lugar. Então nos imaginávamos três grandes homens da lei e dávamos todas as ideias que passavam pela nossa cabeça. Ele sorria, dizia que seríamos excelentes advogados e que um dia poderíamos trabalhar em seu escritório. Essas palavras bastavam para me fazer sonhar.

Alguns meses depois, de passagem por Baltimore, encontrei recortes de jornal sobre aquele julgamento preparado nos Hamptons, que tia Anita guardava cuidadosamente. Tio Saul vencera. Toda a imprensa o citava. Ainda me lembro de algumas manchetes:

*O imbatível Goldman
Saul Goldman, o advogado invicto
Goldman golpeia de novo*

Ele nunca tinha perdido um caso. E as descobertas dessas vitórias só aumentavam a admiração que eu sentia por ele. Era o melhor tio e o melhor advogado do mundo.

* * *

Anoitecia quando acordei Duke de seu cochilo para levá-lo de volta. Ele ficava à vontade na minha casa e me deu a entender que não queria ir embora. Tive que arrastá-lo até o carro estacionado em frente à casa, depois pegá-lo no colo para acomodá-lo no portamalas. Do portão de sua casa, Leo me observava, achando graça.

— Boa sorte, Marcus, tenho certeza de que se ela não quiser mais te ver, significa que te ama de verdade.

Fui até a casa de Kevin Legendre e toquei o interfone.

Coconut Grove, Flórida.

Junho de 2010. Seis anos após o Drama.

Era de madrugada. Eu estava na varanda da casa onde meu tio morava, em Coconut Grove. Já fazia quatro anos que se mudara para cá.

Ele se aproximou sem fazer barulho e me sobressaltei quando ouvi a pergunta:

— Já de pé?

— Bom dia, tio Saul.

Ele trazia duas xícaras de café e colocou uma à minha frente. Observou meus papéis cheios de anotações. Eu estava escrevendo.

— Qual é o tema do seu novo romance, Markie?

— Não posso dizer, tio Saul. Você já me fez essa pergunta ontem.

Ele sorriu e ficou algum tempo me observando escrever. Em seguida, antes de sair, enquanto enfiava a camisa dentro da calça e afixava o cinto, me perguntou com ar solene:

— Um dia estarei em um dos seus livros, hein?

— Mas é claro — respondi.

* * *

Meu tio deixara Baltimore em 2006, dois anos após o Drama, para morar naquela casa, pequena porém charmosa, do bairro de Coconut Grove, ao sul de Miami. Havia uma pequena varanda na frente, com vista para mangueiras e abacateiros, cada vez mais carregados de frutas conforme o passar dos anos, e que proporcionavam, nos picos de calor, uma sombra fresca e agradável.

O sucesso dos meus livros me dava a liberdade de encontrar meu tio quando eu bem entendesse. Em geral, eu ia de carro. Saía de Nova York num rompante: às vezes, tomava a decisão na mesma manhã. Enfiava algumas coisas na mochila, jogava-a no banco de trás e partia. Pegava a autoestrada I-95, seguia até Baltimore e continuava descendo para o Sul, até a Flórida. Eram dois dias inteiros de estrada, com uma parada no meio do caminho perto de Beaufort, na Carolina do Sul, num hotel que eu já conhecia. Se fosse inverno, no meu carro fustigado pela neve, eu saía daquela Nova York assolada pelos ventos polares vestindo um suéter grosso, com um café pelando numa das mãos e o volante na outra. Depois era só descer a Costa para chegar a uma Miami fervendo com seus trinta graus, onde os pedestres, de camiseta, passeavam sob o forte sol do inverno tropical.

Às vezes eu pegava o avião e alugava um carro no aeroporto de Miami. A duração da viagem era dez vezes menor, mas a força do meu sentimento ao chegar à casa do meu tio era menor. O avião diminuía minha liberdade com os horários de voo, as normas das companhias aéreas, as filas intermináveis e a espera infundável decorrente dos procedimentos de segurança aos quais os aeroportos estavam fadados depois dos atentados de 11 de Setembro. Em contrapartida, minha sensação de liberdade quando, na manhã da véspera, eu decidia simplesmente entrar no carro e seguir para o Sul era quase absoluta. Eu ia quando queria, parava quando queria. Eu me tornava soberano do ritmo e do tempo. Ao longo daqueles milhares de quilômetros de autoestrada que eu já tinha memorizado, nunca me cansava da beleza da paisagem e sempre me deslumbrava com o tamanho do país, que parecia não ter fim. E, finalmente, vinha a Flórida, depois

Miami, em seguida Coconut Grove, e enfim a rua do meu tio. Quando eu chegava em frente à sua casa, encontrava-o na entrada. Estava à minha espera. Sem que eu anunciasse que viria, ele estava à minha espera. Fielmente.

Eu estava em Coconut Grove havia dois dias. Aparecera, como sempre, de surpresa, e, louco de alegria pela chegada de uma companhia, meu tio Saul me abraçara assim que eu saíra do carro. Apertei com força o tórax daquele homem derrotado pela vida. Acariciei com a ponta dos dedos o tecido de sua camisa barata e, fechando os olhos, senti seu perfume agradável, a única coisa que não mudara. Reencontrando aquele cheiro, me imaginei na varanda de sua luxuosa mansão de Baltimore ou na varandinha de sua casa de veraneio dos Hamptons, na época de glória. Imaginei minha magnífica tia Anita ao seu lado, além de Woody e Hillel, meus dois primos maravilhosos. Aquela sensação olfativa bastava para me fazer retornar ao âmago das minhas lembranças, no bairro de Oak Park, e reviver, no lapso de um instante, a felicidade de ter convivido com eles.

* * *

Em Coconut Grove, eu passava o dia escrevendo. Era onde eu me sentia calmo o bastante para trabalhar. Percebia que, se ficasse em Nova York, nunca escreveria efetivamente. Sempre precisei sair, me isolar. Eu trabalhava na varanda do meu tio quando o clima estava ameno, e, se fazia muito calor, eu ia para o frescor do ar-condicionado do escritório, que ele adaptara especialmente para mim no quarto de hóspedes.

Em geral, eu costumava fazer uma pausa no fim da manhã e passar no supermercado para conversar um pouco com meu tio. Ele gostava que eu fosse até lá. No início, foi difícil para mim, porque eu ficava constrangido, mas percebia o prazer que a visita lhe proporcionava. Assim que eu chegava ao supermercado, sentia um aperto no peito. As portas automáticas se abriam à minha frente e eu o via ocupado no caixa, colocando as compras dos clientes nas sacolas conforme seu peso e sua natureza mais ou menos perecível. Ele usava o avental verde dos funcionários, no qual estava preso um crachá com seu nome, *Saul*. Eu ouvia os fregueses lhe dizerem:

— Muito obrigado, Saul. Tenha um bom dia.

Ele estava sempre alegre, com um humor inalterável. Eu esperava que ficasse livre para notar minha presença, então via seu rosto se iluminar.

— Markie! — exclamava, contente, todas as vezes, como se fosse minha primeira visita.

Ele dizia à caixa ao seu lado:

— Olhe, Lindsay, esse é meu sobrinho Marcus.

A caixa me olhava como se eu fosse um animal exótico e me dizia:

— Você é o escritor famoso?

— É ele! — respondia meu tio em meu lugar, como se eu fosse o presidente dos Estados Unidos.

Ela me cumprimentava com a cabeça e prometia ler meu livro.

Os funcionários do supermercado gostavam muito do meu tio, e, quando eu chegava, havia sempre alguém para substituí-lo. Então ele me conduzia pelos corredores para cumprimentar os colegas.

— Todo mundo quer falar com você, Markie. Alguns trouxeram o livro para você autografar. Você se incomodaria?

Eu fazia tudo sempre de boa vontade e depois encerrávamos nossa visita no balcão de café e suco, onde trabalhava um rapaz por quem meu tio se afeiçoara, um negro tão alto quanto uma montanha e tão amável quanto uma mulher, chamado Sycomorus.

Sycomorus tinha aproximadamente a minha idade. Sonhava ser cantor e, enquanto

não conquistava a fama, preparava sucos de legumes fortificantes. Assim que surgia uma oportunidade, trancava-se na sala de repouso e se filmava com o celular cantando músicas da moda e estalando os dedos, depois compartilhava os vídeos nas redes sociais para chamar a atenção do restante do mundo para seu talento. Sonhava participar de um programa de calouros chamado *Cante!* transmitido em rede nacional, no qual enfrentaria cantores que cultivavam a esperança de vencer e se tornar famosos.

Naquele início de junho de 2010, tio Saul o ajudou a preencher os formulários para ele se candidatar a participar do programa com a gravação de um vídeo. Era uma questão de liberação de direitos de imagem, e Sycomorus não entendia nada disso. Seus pais estavam muito preocupados com o fato de que ele pudesse se tornar uma celebridade. Sem terem o que fazer, evidentemente, se ocupavam indo visitar o filho em seu local de trabalho para se preocuparem com o futuro dele. Não se distanciavam do balcão e, entre um cliente e outro, o pai atormentava o filho e a mãe era condescendente.

O pai era um tenista frustrado. O sonho da mãe era ter sido atriz. O pai queria que Sycomorus fosse campeão de tênis; a mãe, que ele fosse um grande ator. Aos seis anos, ele virou um prisioneiro das quadras e participou de um comercial de iogurte. Aos oito, execrava o tênis e jurava nunca mais tocar numa raquete. Começou a frequentar testes de elenco com a mãe, atrás do papel que deslancharia sua carreira de astro infantil. Mas o papel nunca chegara, e hoje, sem diploma nem formação, preparava sucos.

— Quanto mais penso sobre as suas histórias de programa de televisão, mais acho que é uma grande bobagem — repetia o pai.

— Você não entende, pai. Esse programa vai impulsionar minha carreira.

— Coisa nenhuma! Você vai é fazer papel de bobo! Qual a utilidade de se exibir na televisão? Você nunca gostou de cantar. Deveria ter sido jogador de tênis. Tinha todas as qualidades. Pena que sua mãe deixou você preguiçoso.

— Mas, pai — suplicava Sycomorus, que procurava desesperadamente seu reconhecimento —, todo mundo fala desse programa.

— Deixe-o em paz, George, é o sonho dele — intervinha a mãe com delicadeza.

— É, pai. Música é minha vida.

— Você coloca legumes numa centrífuga, essa é a sua vida. Deveria ter sido um campeão de tênis. Mas estragou tudo.

Em geral, Sycomorus acabava caindo no choro. Para se acalmar, pegava debaixo do balcão uma pasta que carregava todos os dias de casa para o supermercado, e na qual guardava sua coleção de reportagens sobre Alexandra Neville, que ele recortara e selecionara zelosamente, abrangendo todos os fatos da vida dela que ele julgava dignos de interesse. Alexandra era o modelo de Sycomorus: sua obsessão. No que dizia respeito a música, só se espelhava nela. Sua carreira, suas canções, a maneira de interpretá-las em seus shows: a seus olhos, ela era simplesmente perfeita. Ele acompanhara todas as suas turnês, das quais voltava com camisetas de souvenir para adolescentes, que costumava usar. “Se eu conhecesse tudo dela, talvez pudesse ter uma carreira igual”, dizia. Sua fonte principal eram os tabloides, que ele lia avidamente e dos quais recortava as reportagens de forma aplicada durante seu tempo livre.

Sycomorus se consolava virando as páginas de sua coleção de recortes e imaginando tornar-se uma grande estrela algum dia. Sua mãe, com o coração partido, o incentivava:

— Olhe a sua pasta, querido, isso faz bem a você.

Sycomorus admirava as páginas plastificadas, acariciando-as com as mãos.

— Um dia serei como ela, mãe... — dizia.

— Ela é loura e branca — resmungava o pai. — Quer ser uma garota branca?

— Não, pai, quero ser famoso.

— Este é o problema: você não quer ser cantor, quer ser famoso.

Nesse aspecto, o pai de Sycomorus não estava errado. Houve uma época em que os ídolos dos Estados Unidos eram astronautas e cientistas. Atualmente, nossos ídolos são

pessoas que não fazem nada e passam o tempo tirando fotos de si mesmos ou de seus pratos de comida. Enquanto o pai argumentava com o filho, a fila de clientes que queriam um suco fortificante se impacientava. A mãe acabava puxando o marido pela manga da camisa.

— Fique quieto, George — recriminava-o. — Ele vai ser demitido por causa das suas cenas. Quer que seu filho perca o emprego por sua culpa?

O pai se agarrava ao balcão num gesto desesperado e murmurava um último pedido para o filho, como se vislumbrasse a evidência:

— Mas me prometa uma coisa. Aconteça o que for, por favor, não vire gay.

— Prometido, pai.

E os pais iam passear pelos corredores do supermercado.

Nesse mesmo período, Alexandra Neville estava em plena turnê. Ela se apresentaria na AmericanAirlines Arena de Miami, o que todo o supermercado já sabia, pois Sycomorus, que arranjara um ingresso para o show, colocara um calendário na sala de repouso para contar os dias que faltavam e batizara o dia do show como *Dia da Alexandra*.

Alguns dias antes da apresentação, enquanto aproveitávamos o frescor do crepúsculo na varanda da casa de Coconut Grove, tio Saul me perguntou:

— Marcus, você conseguiria marcar um encontro entre Sycomorus e Alexandra?

— Impossível.

— Vocês continuam brigados?

— Faz anos que não nos falamos. Mesmo se eu quisesse, não saberia como entrar em contato.

— Preciso lhe mostrar o que encontrei na arrumação — disse tio Saul, levantando-se da cadeira.

Saiu um instante e voltou com uma fotografia na mão.

— Estava entre as páginas de um livro que pertencia a Hillel — explicou ele.

Era o famoso retrato de Woody, Hillel, Alexandra e eu adolescentes em Oak Park.

— O que aconteceu entre Alexandra e você? — perguntou tio Saul.

— Não importa — respondi.

— Sabe como gosto de ter você aqui. Mas às vezes fico preocupado. Deveria sair mais, se divertir mais. Ter uma namoradinha...

— Não se preocupe, tio Saul.

Devolvi a foto para ele.

— Não, pode ficar — disse. — Tem um recado no verso.

Virei o retrato e reconheci a letra dela, que escrevera:

AMO VOCÊS, GOLDMAN.

Em Boca Raton, naquele mês de março de 2012, quando reencontrei Alexandra, passei a roubar seu cachorro Duke todas as manhãs. Eu o levava para casa, onde ele ficava o dia inteiro ao meu lado, e à noite o devolvia à mansão de Kevin Legendre.

O cachorro se dava tão bem comigo que passou a me esperar em frente à cerca da casa de Kevin. Eu aparecia de manhãzinha e lá estava ele, sentado, espreitando minha chegada. Eu saía do carro e ele corria na minha direção, manifestando sua alegria e lambendo meu rosto enquanto eu me abaixava para acariciá-lo. Eu abria o porta-malas, ele pulava alegremente lá dentro e íamos passar o dia lá em casa. Depois, não se contendo mais, Duke começou a aparecer por iniciativa própria. Todas as manhãs, às seis horas, com uma pontualidade que os humanos jamais terão, ele anunciava sua presença latindo diante da minha porta.

Brincávamos muito juntos. Comprei para ele toda a parafernália dos cães felizes: bolas de borracha, brinquedos de mastigar, comida, tigelas, petiscos, mantas para ele se sentir mais confortável. No fim do dia, levava-o para sua casa e, juntos e com a mesma alegria, reencontrávamos Alexandra.

No começo, os encontros foram breves. Ela me agradecia, pedia desculpas pelo incômodo e me despachava, sem nem sequer me convidar para entrar um instante.

Até que houve um dia em que ela não estava em casa. Foi o fortão maçante do Kevin que me atendeu e recebeu Duke.

— Alex não está — disse ele, em tom amistoso.

Encarreguei-o de cumprimentá-la em meu nome e me preparava para ir embora quando ele me convidou para ficar e jantar. Aceitei. E devo dizer que tivemos uma noite muito agradável. Ele tinha uma simpatia eminente. Um lado bonzinho pai de família, prestes a se aposentar aos trinta e sete anos com alguns milhões na conta bancária! Ele levaria as crianças à escola, treinaria seu time de futebol, se encarregaria do churrasco nos aniversários. O perfeito desocupado.

Naquela noite, como eu ia dizendo, Kevin me contou que havia lesionado o ombro e estava de repouso. Fazia fisioterapia de dia, preparava um churrasco à noite, via televisão e dormia. Considerou que era interessante me contar que Alexandra fazia massagens divinas, que o aliviavam bastante. Em seguida, listou para mim todos os gestos que lhe causavam dor, sem se esquecer dos exercícios de fisioterapia. Era um homem simples na aceção da palavra, e eu me perguntava o que Alexandra vira nele.

Enquanto a carne grelhava, ele sugeriu inspecionarmos a cerca para descobrir como Duke escapava. Ele verificou metade da cerca e eu me encarreguei da outra. Não demorei a encontrar o enorme buraco que Duke cavara no gramado para transpor a barreira e, naturalmente, não o mostrei para Kevin. Afirmei que minha metade de cerca estava intacta (o que não era mentira), ele falou que a sua também, e fomos comer nossa carne. Ele estava intrigado com as fugas do cachorro.

— Não entendo por que ele faz isso. É a primeira vez. Esse cachorro é a vida de Alex. Tenho medo de que acabe sendo atropelado.

— Quantos anos ele tem?

— Oito. É velho para um cachorro desse porte.

Fiz um cálculo rápido de cabeça. Oito anos. Isso significava que ela comprara Duke logo após o Drama.

Bebemos algumas cervejas. Ele, principalmente. Quanto a mim, aproveitei para esvaziá-las discretamente no gramado com o objetivo de induzi-lo a se embriagar. Eu precisava amaciá-lo. Por fim, abordei o assunto Alexandra e, estimulado pela bebida, ele

se abriu.

Contou, então, que fazia quatro anos que estavam juntos. Começaram a namorar no fim de 2007.

— Naquela época, eu jogava no Nashville Predators, da cidade onde ela morava. Tínhamos uma amiga em comum, e fazia um tempão que eu tentava conquistá-la. Até que, no réveillon, estávamos na mesma festa, justamente na casa dessa amiga, e foi lá que tudo começou.

Tive vontade de vomitar só de imaginar aquela primeira transa numa noite ébria de ano-novo.

— Foi um amor fulminante — falei, me fazendo de idiota.

— Não, no começo foi difícil — retrucou Kevin, comovente de sinceridade.

— Foi?

— Sim. Aparentemente, fui seu primeiro namorado depois que ela terminou com o ex. Ela sempre se recusou a falar sobre ele. Aconteceu alguma coisa séria. Não sei o quê. Não quero pressioná-la. Um dia, quando estiver pronta, ela vai me contar.

— Ela o amava?

— O ex? Mais que tudo, acho. Até pensei que não conseguiria fazê-la esquecer o cara. Nunca mais toquei no assunto. Estamos numa fase ótima e prefiro não mexer nas feridas do passado.

— Tem toda a razão. Esse cara certamente era um idiota.

— Não faço ideia. Não gosto de julgar quem eu não conheço.

Kevin era de uma gentileza irritante. Ele tomou um gole de cerveja e acabei fazendo a pergunta que mais me afligia:

— Você e Alexandra nunca pensaram em se casar?

— Fiz o pedido. Faz dois anos. Ela chorou. Não de alegria, se é que me entende. Percebi que significava “por enquanto, não”.

— Sinto muito, Kevin.

Ele apoiou de forma carinhosa sua mão enorme em meu braço.

— Amo essa mulher — disse ele.

— Dá para notar — respondi.

De repente, senti vergonha de me intrometer daquela maneira na vida de Alexandra. Ela havia me pedido para manter distância, e eu corraera para seduzir seu cachorro e aliciar seu namorado.

Fui embora antes que ela chegasse.

Quando girei a chave na fechadura da porta de casa, ouvi a voz de Leo, dissimulado na escuridão de sua varanda.

— Você faltou à nossa partida de xadrez, Marcus — disse ele.

Então lembrei que tinha prometido jogar quando voltasse da casa de Kevin, pois não imaginava que acabaria jantando lá.

— Desculpe, Leo, esqueci completamente.

— Não tem problema.

— Quer beber uma dose?

— Com prazer.

Ele se juntou a mim e nos acomodamos na varanda, onde servi um uísque para nós dois. O clima estava agradável do lado de fora, e as rãs no lago traziam música para a noite.

— Essa garota não sai da sua cabeça, hein? — comentou Leo.

Assenti.

— Está tão óbvio assim? — perguntei.

— Está. Fiz minhas pesquisas.

— Sobre o quê?

— Sobre você e Alexandra. Pois bem, descobri uma coisa muito interessante: nada.

E, pode acreditar em mim, que passo os dias no Google: é justamente quando não tem nada que devemos aprofundar. O que está acontecendo, Marcus?

— Nem eu mesmo tenho certeza.

— Eu não sabia que você tinha saído com aquela atriz de cinema, Lydia Gloor. Está na internet.

— Foi só um caso.

— Ela não interpretou um personagem na adaptação do seu primeiro livro?

— Sim.

— Isso foi antes ou depois de Alexandra?

— Depois.

Leo ficou circunspecto.

— Você a traiu com essa atriz, é isso? Alexandra e você eram felizes. O sucesso subiu um pouco à sua cabeça, você viu essa atriz dando em cima e, durante uma noite tórrida, se esqueceu de tudo. Acertei?

Sorri, achando graça da sua criatividade.

— Não, Leo.

— Ah, Marcus, pare de me enrolar, por favor! O que aconteceu entre você e Alexandra? E o que houve com seus primos?

Ao me fazer essas perguntas, Leo não se dava conta de que tinham conexão. Eu não sabia por onde começar. De quem falar primeiro? De Alexandra ou da Gangue dos Goldman?

Decidi começar pelos meus primos, pois, para falar de Alexandra, eu precisava começar por eles.

* * *

Iniciarei pela história de Hillel, porque ele foi o primeiro. Tínhamos nascido no mesmo ano, e ele era como um irmão para mim. Seu gênio se resumia na mistura de inteligência brilhante e um senso inato de provocação. Era um menino muito magro, mas sua aparência física era contrabalançada por uma verve terrível aliada a uma ousadia incomum. Seu corpo franzino escondia uma grande alma e, sobretudo, um senso de justiça a toda prova. Lembro também como ele me defendeu, tínhamos acabado de completar oito anos — naquela época, Woody ainda não surgira em nossas vidas —, durante uma colônia de férias esportiva em Reading, na Pensilvânia, para onde tio Saul e tia Anita o haviam mandado durante o recesso da primavera para ajudá-lo a se desenvolver fisicamente. E, solidário, eu o acompanhei. Além do prazer da companhia, acho que fui a Reading para proteger Hillel de eventuais brutamontes entre os participantes, afinal na escola ele era o eterno saco de pancadas dos outros alunos devido à sua baixa estatura. Só que, ignorando que a colônia de férias de Reading era idealizada para crianças franzinas, com problemas de crescimento ou convalescentes, eu tinha ido parar em meio a atrofiados e vesgos, comparado aos quais a minha aparência era a de um deus grego. Como consequência, eu era sempre escolhido pelos monitores para começar os exercícios, enquanto todos os outros ficavam olhando para os próprios sapatos.

O segundo dia foi dedicado aos exercícios de ginástica olímpica. O monitor nos reuniu diante das argolas, dos cavalos, das barras paralelas e de imensas estacas.

— Vamos começar com um primeiro exercício básico: a subida ao poleiro. — Apontou para uma fileira de estacas com pelo menos oito metros de altura. — Isso mesmo, escalem uma por uma, então, no topo, se sentirem firmeza, passem para o poleiro ao lado, depois escorreguem até a base, feito um bombeiro. Quem vai começar?

Ele provavelmente esperava que saíssemos correndo até as estacas, mas

permanecemos imóveis.

— Alguma pergunta, por acaso? — indagou ele.

— Sim — respondeu Hillel, erguendo a mão.

— Pode falar.

— Quer realmente que a gente suba lá?

— Claro.

— E se não quisermos?

— Serão obrigados.

— Obrigados por quem?

— Por mim.

— Em nome de quê?

— É assim que as coisas são. Sou o monitor e eu decido.

— Sabia que nossos pais pagam para virmos para cá?

— Sabia, e daí?

— E daí que, tecnicamente, você é nosso funcionário e nos deve total obediência. Poderíamos, inclusive, mandá-lo cortar as unhas dos nossos pés se nos desse na telha.

O monitor fitou Hillel com uma expressão engraçada. Tentou recuperar o controle da aula e, fazendo de tudo para sua voz soar autoritária, ordenou:

— Vamos, um voluntário! Estamos perdendo tempo.

— Parece mesmo muito alto — continuou Hillel. — São o quê? Oito, dez metros?

— Hum, me deixe pensar — respondeu o monitor.

— Como assim, *pensar*? — indignou-se Hillel. — Não conhece seu equipamento?

— Fique quieto, por favor. E, como ninguém se candidatou, vou escolher um.

Obviamente, fui o eleito. Protestei que eu sempre começava, mas o monitor não me deu ouvidos.

— Vamos — ordenou —, suba nessa estaca.

— Por que você não sobe? — interveio novamente Hillel.

— O quê?

— É, comece você.

— Não vou obedecer às ordens de um pirralho — argumentou o monitor.

— Está com medo de subir? — provocou Hillel. — Em seu lugar, eu teria medo.

Isso me parece terrivelmente perigoso, essas estacas. Sabe, não sou hipocondríaco, mas li em algum lugar que basta um tombo de três metros para quebrar a coluna vertebral e ficar paralisado pelo resto da vida. Quem quer ficar paralisado para sempre? — perguntou ao grupo.

— Eu, não! — respondemos todos.

— Fiquem quietos! — resmungou o monitor.

— Tem certeza de que tem um diploma de educação física? — indagou Hillel.

— Claro que sim! Agora, chega!

— Acho que ficaríamos mais tranquilos se víssemos seu diploma — insistiu Hillel.

— Ora, não estou com ele aqui! — protestou o monitor, cuja confiança murchava feito um balão.

— Ou será que simplesmente não tem? — replicou Hillel.

— Diploma! Diploma! — berramos todos.

Gritamos em cadência até que, por fim, o monitor pulou feito um macaco na estaca e subiu para nos mostrar do que era capaz. Certamente quis nos impressionar, fazendo vários movimentos inúteis, e aconteceu o esperado: suas mãos escorregaram e ele caiu da estaca, ou seja, de sete metros e cinquenta, para ser preciso. Ele se estatelou no chão e deu gritos horríveis. Claro que tentamos consolá-lo, mas os paramédicos da ambulância nos explicaram que ele quebrara as pernas e que não o veríamos mais pelo restante das férias. Hillel foi expulso da colônia, e eu fui junto. Tia Anita e tio Saul vieram nos buscar e nos levaram ao hospital do condado para apresentarmos

pessoalmente nossas desculpas ao pobre monitor.

* * *

Foi um ano após esse episódio que Hillel conheceu Woody. Ele tinha nove anos naquela época, continuava sendo uma criança muito magra e de baixa estatura, eterno “saco de pancadas” de seus colegas de escola, que o apelidavam de Camarão. Sofria tanto na mão das outras crianças que em dois anos mudara três vezes de colégio. Mas se sentia tão infeliz no novo quanto nos anteriores. Seu único sonho era levar uma vida normal, ter amigos no bairro e uma rotina parecida com a das outras crianças da sua idade. Tinha uma paixão absoluta: o basquete. Adorava. No fim de semana, às vezes, ligava para os colegas de turma.

— Alô? É Hillel... Hillel. Hillel Goldman. — Repetia seu nome até o momento em que, para acabar com aquilo, dizia: — É o Camarão...

E a pessoa, do outro lado da linha, às vezes sem segundas intenções, finalmente reconhecia quem era.

— Eu queria saber se você vai à quadra hoje à tarde.

No outro lado da linha, lhe respondiam que não, em hipótese alguma. Mas Hillel sabia que era mentira. Desligava educadamente e, uma hora mais tarde, dizia a seus pais:

— Vou sair para jogar basquete com meus colegas.

Subia na bicicleta e ia. Chegava à quadra, onde seus colegas, que não deveriam estar lá, estavam, é claro. Ele não reclamava, se sentava no banco e esperava sua vez. Mas ninguém queria o Camarão no time. Então ele voltava para casa e, mesmo triste, se esforçava para parecer bem. Não queria que os pais se preocupassem com ele. Sentaram-se à mesa, ele vestia a camisa do Michael Jordan, deixando à mostra seus braços que mais pareciam caniços.

— Jogou um pouco hoje? — perguntava tio Saul.

Ele dava de ombros.

— Nada. Os outros dizem que não sou forte.

— Tenho certeza de que você joga como um campeão.

— Não, é verdade, sou uma negação. Mas se ninguém me der uma chance, como posso melhorar?

Meus tios tinham dificuldade para encontrar um meio-termo entre superprotegê-lo e deixá-lo encarar aquele mundo complicado. Por fim, optaram pela escola particular bastante renomada de Oak Tree, perto da casa deles.

Gostaram imediatamente do colégio. Foram recebidos pelo diretor, o Sr. Hennings, que lhes mostrou as dependências, explicando como o estabelecimento era excepcional:

— A escola de Oak Tree é uma das melhores dos Estados Unidos. Aulas de primeira qualidade, dadas por professores recrutados nos quatro cantos do país, e currículos adaptados.

A escola estimulava a criatividade: incluía aulas de pintura, música e cerâmica e se orgulhava da publicação de um jornal semanal feito integralmente pelos alunos numa sala de redação moderna. No fim, o diretor Hennings terminou de convencer tio Saul e tia Anita entoando as primeiras notas de sua sinfonia milagrosa para pais desesperados:

— Crianças felizes, motivação, orientação, responsabilidade, reputação, qualidade, corpo e espírito, todas as modalidades de esporte, picadeiro para campeões de equitação...

* * *

Não sei como Hillel conseguiu a façanha de criar caso com todos os colegas da escola de

Oak Tree em apenas poucos dias. Depois de conquistar essa proeza, ainda se desentendeu com boa parcela do corpo docente, encontrando erros nos livros de exercícios, criticando um professor por sua pronúncia de uma palavra latina e ainda fazendo perguntas consideradas inapropriadas para sua idade.

— Você vai aprender isso no terceiro ano — disse o professor.

— E por que não agora, se estou fazendo a pergunta?

— Porque é assim, está no currículo e temos que seguir o currículo.

— Talvez o currículo não esteja adaptado à sua aula.

— Talvez você é que não esteja adaptado a essa aula.

Impossível não reparar nele nos corredores da escola. Vestia uma camisa xadrez abotoada até o pescoço para esconder a camiseta de basquete que sempre usava por baixo, na esperança de um dia realizar seu sonho: desabotoar a camisa de cima, irromper como um atleta invencível e ser o cestinha do time ao som dos vivas dos colegas. Sua mochila estava pesada com os livros que ele pegava na biblioteca municipal, e nunca se separava de sua bola de basquete.

Não precisou passar nem uma semana em Oak Tree para sua vida virar um inferno. Logo se tornou a vítima preferida do terror da classe, um gordo de pernas curtas chamado Vincent, que tinha o apelido de Porco.

Difícil dizer quem começou com as hostilidades. Pois já convém esclarecer que Porco, com esse apelido, era alvo de zombarias das outras crianças. No pátio, todos gritavam para ele, tapando o nariz:

— Se está cheirando a cocô, é porque Porco está na área!

Porco partia para cima deles para esmurrá-los, mas todos fugiam feito um rebanho de zebus assustados. Hillel, porém, o mais fraco, acabava sendo alcançado e pagava pelos outros. Em geral, Porco apenas torcia o braço do garoto, com medo de ser flagrado por um professor, e dizia:

— Perdeu, Camarão. Prepare-se, chegou a sua hora!

Depois das aulas, Porco corria até a quadra de basquete perto da escola, aonde Hillel ia treinar arremessos, e ficava feliz em enchê-lo de pancada, enquanto todos os alunos da turma assistiam ao espetáculo. Porco agarrava-o pela gola, arrastava-o no chão e lhe desferia diversos socos, incentivado pelas salvas de palmas.

Porco começou a martirizar Hillel sistematicamente. Assim que chegava à escola, grudava nele e não o largava mais. O restante dos alunos passou a considerá-lo um pária. Somente três semanas depois, Hillel suplicou para que sua mãe não o mandasse mais para Oak Tree, mas tia Anita pediu que ele fizesse um esforço.

— Hillel, querido, não podemos mudá-lo de escola o tempo todo. Se as coisas continuarem desse jeito e você for incapaz de se adaptar a um ambiente escolar, teremos que matriculá-lo numa escola especializada...

Ela dizia isso com muita ternura e uma pitada de fatalismo. Hillel, que não queria criar problemas para a mãe nem, muito menos, ir parar numa escola especializada, foi obrigado a aceitar as surras diárias após as aulas.

Sei que tia Anita o levava para fazer compras e, se inspirando nos meninos da idade dele que ela conhecia, tentava convencê-lo a se vestir de forma mais convencional. Ao deixá-lo na escola de manhã, implorava:

— Não banque o original, está bem? E faça amigos.

Acrescentava brioches no lanche do filho para que ele pudesse dar um pouco aos colegas e ser simpático. Ele reagia:

— Não dá para comprar amigos com brioches, sabia, mãe?

Ela o observava com o semblante bastante desconcertado. No recreio, Porco esvaziava a merendeira de Hillel no chão, recolhia os brioches e enfiava tudo à força na boca do garoto. À noite, tia Anita perguntava:

— Seus amigos gostaram dos brioches?

— Muito, mamãe.

No dia seguinte, ela colocava mais, sem saber que condenava o filho a proezas de elasticidade bucal. O espetáculo dos brioches não demorou para fazer um sucesso fenomenal: no pátio do recreio, os alunos se reuniam em volta de Hillel para ver Porco enfiando-lhe meia dúzia de pãezinhos goela abaixo. E todos gritavam: “Engula! Engula! Engula! Engula!” O professor, alertado pelo tumulto, acabou tirando um ponto de Hillel e anotou em sua caderneta: “Gosta de dar espetáculo, mas não de compartilhar.”

Tia Anita transmitiu suas preocupações ao pediatra que acompanhava Hillel.

— Doutor, ele diz que não gosta da escola. Dorme mal à noite, come pouco. Tenho certeza de que não está feliz.

O médico se virou para o menino e perguntou:

— Sua mãe está falando a verdade, Hillel?

— Está, doutor.

— Por que você não gosta da escola?

— Não é a escola, são as outras crianças.

Tia Anita suspirou.

— É sempre assim, doutor. Ele diz que são as outras crianças. Mas já o mudamos de escola várias vezes...

— Você entendeu que, se não fizer um esforço para se integrar, irá para uma escola especializada, Hillel?

— Não quero uma *escola especial*... Não quero.

— Por quê?

— Quero ir para uma escola normal.

— Então só depende de você, Hillel.

— Eu sei, doutor, eu sei.

Porco o espancava, o roubava, o humilhava. Obrigava-o a beber garrafas cheias de um líquido amarelado, fazia-o lamber poças de água podre, espalhava lama em seu rosto. Erguia-o como se fosse uma palha, balançava-o como se fosse um chocalho, e gritava:

— Você não passa de um camarão, da porra de um vira-lata, de um babaca!

E, quando lhe faltava vocabulário, desferia-lhe socos na barriga que o deixavam sem ar. Hillel era assustadoramente magro, e Porco o fazia voar feito um aviãozinho de papel, surrava-o com a pasta, dava-lhe cascudos, torcia seus braços em todas as direções e, no fim, dizia:

— Só paro se você lamber meu sapato.

E, para que ele parasse, Hillel obedecia. Na frente de todo mundo, ficava de quatro e lambia as solas dos sapatos de Porco, que aproveitava para chutar seu rosto. Metade dos alunos ria e a outra metade, impulsionada pelo entusiasmo, precipitava-se na direção dele e também o agredia. Pulavam em cima do garoto, esmagavam suas mãos, puxavam seu cabelo. Todos com o mesmo objetivo: salvar a própria pele. Enquanto Porco estivesse ocupado com Hillel, não partiria para cima dos outros.

Encerrado o espetáculo, todos iam embora.

— E se der com a língua nos dentes, a gente acaba com você, pode apostar! — desferia Porco, presenteando-o com uma última cusparada nos olhos.

— É isso aí, a gente acaba com você! — repetiam seus seguidores em coro.

Hillel permanecia no chão, feito um besouro com a carapaça virada para baixo, depois, passada a agitação, se levantava, pegava sua bola e, finalmente, se arrastava até a quadra deserta. Fazia alguns arremessos, jogava partidas imaginárias e voltava para casa na hora do jantar. Quando tia Anita deparava com o rosto desfigurado e as roupas rasgadas do filho, exclamava, aterrorizada:

— Hillel, meu Deus, o que aconteceu?

E ele, abrindo um sorriso radiante, disfarçando a dor para não magoar a mãe,

respondia:

— Ah, não foi nada. O jogo foi violento, mamãe.

* * *

A cerca de trinta quilômetros dali, nos bairros da zona leste de Baltimore, Woody estava num internato para crianças problemáticas. O diretor do local, Artie Crawford, era um amigo de longa data de tio Saul e de tia Anita, pois os dois eram voluntários atuantes da instituição: tia Anita dava consultas médicas gratuitas, enquanto tio Saul instalara um posto jurídico para ajudar os internos e suas famílias nos processos administrativos e nos mais diversos procedimentos.

Woody tinha a nossa idade, mas era o oposto de Hillel: muito mais maduro e desenvolvido fisicamente, parecia bem mais velho. Longe da tranquilidade de Oak Park, os bairros da zona leste de Baltimore conviviam com altos índices de criminalidade, tráfico de drogas e violência. A instituição enfrentava dificuldades para colocar as crianças na escola, que acabavam influenciadas pelas más companhias e consideravam sedutora a possibilidade de reconstruir sua família ausente ao formar uma gangue. Woody era um desses: uma criança briguenta, mas de boa índole, facilmente influenciável e que obedecia a um garoto mais velho, Devon, todo tatuado, eventual traficante de drogas que nunca se separava de uma pistola enfiada na cueca que gostava de exibir na penumbra de um beco.

Tio Saul conhecia Woody pois o havia defendido diversas vezes. Era uma criança adorável e educada, mas, como brigava o tempo todo, volta e meia era recolhido por uma patrulha. Tio Saul gostava muito dele porque o menino sempre batalhava por uma causa nobre: uma vovozinha que havia sido insultada, um amigo que se metera em confusão, um colega menor da instituição que era extorquido ou assediado. Lá estava ele fazendo justiça com as próprias mãos. Sempre que precisara intervir a seu favor, tio Saul conseguia convencer os policiais a liberar Woody sem que oficialisassem uma queixa. Até a noite em que Artie Crawford, diretor da instituição, lhe telefonou relativamente tarde para informá-lo de que Woody arranjara outro problema e que, dessa vez, era muito grave: ele agredira um policial.

Tio Saul foi imediatamente para o comissariado da Eastern Avenue, onde Woody estava detido. No caminho, ainda se deu o trabalho de incomodar o assistente do chefe de polícia, seu conhecido, para preparar o terreno: talvez ele precisasse de uma ajuda do alto escalão para impedir que um juiz linha-dura assumisse o caso. Ao chegar ao comissariado, não encontrou Woody numa cela ou algemado num banco, mas confortavelmente acomodado numa sala de interrogatório lendo uma revista em quadrinhos e tomando chocolate quente.

— Está tudo bem, Woody? — perguntou tio Saul, ao entrar na sala.

— Boa noite, Sr. Goldman — respondeu o garoto. — Desculpe incomodá-lo. Está tudo certo, os guardas são superlegais.

Ele nem sequer tinha dez anos, mas seu físico era de um menino de treze ou quatorze. Exibia músculos salientes e hematomas viris no rosto. E não é que amaciara o coração dos policiais do bairro, que inclusive lhe ofereceram chocolate quente?

— E é assim que você agradece? — retrucou tio Saul, ligeiramente irritado. — Distribuindo socos? Afinal, Woody, o que deu em você? Bater em um policial? Sabe o que isso representa?

— Eu não sabia que era um policial, Sr. Goldman. Juro. Ele não estava de uniforme.

Woody contou que tinha se metido numa briga, estava dando uma surra em três sujeitos com o dobro da sua idade, quando um policial à paisana interviera para separá-los e, no meio da confusão, recebera um soco que o jogara no chão.

Nesse instante, um inspetor entrou na sala, com o olho inchado e roxo.

Woody se levantou e lhe deu um abraço carinhoso.

— Desculpe mais uma vez, inspetor Johns, confundi o senhor com um delinquente.

— Ah, essas coisas acontecem. Deixe para lá. Aliás, se algum dia precisar de ajuda, pode me ligar.

O inspetor lhe entregou seu cartão.

— Quer dizer que posso ir embora, inspetor?

— Pode. Mas da próxima vez que vir uma briga, chame a polícia, em vez de querer resolver tudo sozinho.

— Prometido.

— Quer outro chocolate quente? — acrescentou o inspetor.

— Não, ele não quer outro chocolate quente — retrucou o tio Saul. — Ora, inspetor, tenha um pouco de dignidade, afinal de contas ele agrediu você! — Empurrou Woody para fora da sala e lhe deu uma bronca: — Woody, se continuar desse jeito vai acabar tendo problemas de verdade. Nem sempre vai encontrar policiais e advogados bonzinhos para tirar você da merda. Pode acabar na prisão, entende?

— Sim, Sr. Goldman. Entendo perfeitamente.

— Então por que continua agindo assim?

— Acho que é um dom. Tenho o dom da briga.

— Pois bem, faça o favor de arranjar outro dom. E, além do mais, um garoto da sua idade não deveria perambular pelas ruas à noite. Deveria dormir.

— Não consigo. Não gosto muito de ficar na instituição. Fiquei a fim de dar uma volta.

Chegaram à recepção do comissariado, onde Artie Crawford os esperava.

Woody agradeceu mais uma vez ao tio Saul:

— O senhor é meu herói, Sr. Goldman.

— Não fui muito útil dessa vez.

— Mas está sempre me defendendo.

Woody tirou sete dólares do bolso e estendeu para ele.

— O que é isso? — perguntou tio Saul.

— É todo o meu dinheiro. Para pagar pelo seu serviço. Para agradecer por ter me tirado da merda.

— Não fale palavrão. E não precisa me pagar.

— O senhor falou o mesmo palavrão antes.

— Eu não deveria ter feito isso. Desculpe.

— O Sr. Crawford diz que sempre devemos pagar às pessoas que, de uma maneira ou de outra, nos prestaram algum serviço.

— Você quer me pagar, Woody?

— Sim, Sr. Goldman. Eu gostaria muito.

— Então dê um jeito de não ser mais preso. Vai ser meu maior pagamento, meu melhor salário, vê-lo daqui a dez anos e saber que está cursando uma boa faculdade. Ver um belo rapaz realizado e não um delinquente que já terá passado metade da vida numa prisão para menores.

— Farei isso, Sr. Goldman. Terá orgulho de mim.

— E, pelo amor de Deus, pare de me chamar de Sr. Goldman. Pode me chamar de Saul.

— Sim, Sr. Goldman.

— Pronto, agora vá e se torne uma boa pessoa.

Mas Woody era um menino que privilegiava a honra. Queria de qualquer jeito agradecer ao meu tio pela ajuda e, no dia seguinte, apareceu em seu escritório.

— Por que não está na escola? — esbravejou tio Saul, vendo-o entrar na sala.

— Eu queria falar com o senhor. Com certeza tem alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor, Sr. Goldman. Foi tão legal comigo...

— Considere isso um empurrãozinho da vida.

— Eu poderia cortar sua grama, se quisesse.

— Não preciso que ninguém corte minha grama.

Woody insistiu. Achava ótima a ideia de cortar a grama.

— Tudo bem, mas eu faria isso de maneira impecável. O senhor teria um gramado espetacular.

— Meu gramado vai muito bem. Por que não está na escola?

— Por causa do seu gramado, Sr. Goldman. Para mim, seria um prazer enorme aparar sua grama para agradecer pela ajuda.

— Não vale a pena.

— Eu adoraria fazer isso, Sr. Goldman.

— Woodrow, erga a mão direita, por favor, e repita o que eu disser.

— Sim, Sr. Goldman.

Ele ergueu a mão direita e tio Saul declamou:

— Eu, Woodrow Marshall Finn, juro não fazer mais merda...

— Eu, Woodrow Marshall Finn, juro não fazer mais... O senhor me proibiu de falar *merda*, Sr. Goldman.

— Tudo bem. Então diga: juro não me meter mais em confusão.

— Juro não me meter mais em confusão.

— Pronto, já me pagou. Estamos quites. Agora volte para a escola. Dê o fora daqui.

Woody resmungou, resignado. Não tinha a menor vontade de voltar para a escola, queria aparar o gramado do tio Saul. Seguiu para a porta arrastando os pés e, ao notar alguns retratos em cima do móvel, perguntou:

— É sua família?

— É. Essa é minha esposa, Anita, e esse é meu filho, Hillel.

Woody pegou o porta-retratos para observar melhor as pessoas na foto.

— Parecem bem legais. O senhor tem sorte.

Naquele momento, a porta do escritório se abriu e tia Anita entrou precipitadamente, nervosa demais para reparar na presença de Woody.

— Saul! — gritou ela, com os olhos vermelhos por causa das lágrimas. — Ele foi espancado na escola mais uma vez! Diz que não quer mais voltar para lá. Não sei o que fazer.

— O que aconteceu?

— Ele diz que todas as crianças zombam dele. Diz que não quer ir mais a lugar algum.

— Mas o mudamos de escola em maio — comentou tio Saul, suspirando. — Depois, no verão, o colocamos nessa. Não podemos mudar de novo. Isso é infernal.

— Eu sei... Ah, Saul! Estou desesperada...

Em Boca Raton, naquele início de março de 2012, meu jantar com Kevin me reaproximara de Alexandra.

Nos dias seguintes, quando levei Duke de volta, ela me convidou para entrar e, inclusive, me ofereceu uma bebida. Em geral, era uma garrafa d'água ou uma latinha de refrigerante que eu tomava em pé na cozinha, mas já era alguma coisa.

— Obrigada pelo outro dia — disse ela num fim de tarde em que estávamos sozinhos. — Não sei o que você fez com Kevin, mas ele gostou muito de você.

— Fui eu mesmo.

Ela sorriu.

— Obrigada por não ter contado nada sobre nós dois. Gosto muito de Kevin e não queria que ele imaginasse que ainda há algum sentimento entre você e eu.

Ao ouvir essas palavras, senti uma pontada no coração.

— Kevin me falou que você recusou o pedido de casamento dele.

— Isso não é da sua conta, Marcus.

— Kevin é muito legal, mas não combina com você.

No mesmo instante, me repreendi por ter falado isso. Por que eu estava me intrometendo? Ela apenas deu de ombros, antes de responder:

— Ora, você tem Lydia.

— Como sabe sobre Lydia? — perguntei.

— Li nessas revistas idiotas.

— Você está falando de um caso de quatro anos atrás. Não estamos mais juntos há muito tempo... É passado. — Como eu queria mudar de assunto, resolvi mostrar a Alexandra a foto que eu trouxera. — Você se lembra dessa foto?

Ela deu um sorriso nostálgico e acariciou o retrato com a ponta dos dedos.

— Quem podia imaginar naquela época que você se tornaria um escritor famoso? — comentou ela.

— E você uma estrela da música?

— Não teria acontecido sem você...

— Deixe disso.

Houve um momento de silêncio. De repente, ela me chamou como fazia antigamente:

— Markie — murmurou. — Faz oito anos que sinto sua falta.

— Eu também. Acompanhei toda a sua carreira.

— Li seus romances.

— Gostou?

— Sim. Muito. Volta e meia releio trechos do seu primeiro livro. E identifico todos os seus primos nos personagens. Reencontro a Gangue dos Goldman.

Sorri. Olhei mais uma vez para o retrato em minhas mãos.

— Você está fascinado por essa foto — observou ela.

— Não sei se me fascina ou me assombra.

Guardei o retrato no bolso e me despedi de Alexandra.

Ao sair de carro pelo portão da mansão de Kevin, não notei a van preta estacionada na rua, nem o motorista, que me observava.

Segui pela estrada e ele foi atrás de mim.

Novembro de 1989.

A sugestão de Woody de cortar a grama dos Goldman não saía da cabeça do tio Saul. Principalmente depois que Artie foi jantar na casa deles e contou sobre a enorme dificuldade que era enquadrá-lo.

— Pelo menos ele gosta da escola — disse Artie. — E também gosta de aprender, tem uma cabeça boa. Mas basta as aulas terminarem que ele começa a aprontar, e infelizmente não podemos ficar de olho nele o tempo todo.

— E os pais dele? — perguntou tio Saul.

— A mãe sumiu do mapa faz tempo.

— Viciada?

— Pior que não. Foi embora, só isso. Era jovem. O pai também. Ele se considerava capaz de educar o filho, mas o dia em que começou a namorar sério foi um deus nos acuda na casa. O garoto ficou muito irritado, querendo bater em todo mundo. A assistente social interveio, um juiz de menores também. Ele foi levado para a instituição, a princípio provisoriamente, depois a namorada do pai foi transferida para Salt Lake City e o pai aproveitou para ir com ela para a outra ponta do país, se casar e ter mais filhos. Woodrow ficou em Baltimore e não quer ouvir falar em Salt Lake City. Eles mantêm algum contato pelo telefone. O pai escreve às vezes. O que preocupa no caso de Woodrow é que ele não desgreda desse Devon, um delinquente que fuma crack e brinca com um revólver.

Então tio Saul concluiu que, se Woody se ocupasse aparando gramados depois da escola, não teria tempo para perambular pela rua. Falou sobre isso com Dennis Bunk, um velho jardineiro que praticamente monopolizava a manutenção dos jardins de Oak Park.

— Eu mesmo faço o trabalho, Sr. Goldman. Não quero delinquentes por aqui.

— É um menino direito.

— É um delinquente.

— O senhor precisa de ajuda, está cada vez mais sobrecarregado.

Tio Saul estava falando a verdade: Bunk não dava mais conta do serviço e era mesquinho demais para contratar um assistente.

— Quem vai pagar o salário dele? — perguntou Bunk, soando derrotado.

— Eu — respondeu tio Saul. — Cinco dólares por hora para ele e dois para o senhor, pela função de instrutor.

Após hesitar pela última vez, Bunk aceitou, apontando um dedo ameaçador na direção do tio Saul.

— Vou logo avisando: se esse safado quebrar meu equipamento ou me roubar, o senhor terá que pagar.

Mas Woody não fez nada disso. Ficou encantado com a proposta que tio Saul lhe fez para trabalhar para Bunk.

— Será que vou cuidar do seu jardim também, Sr. Goldman?

— Quem sabe? Mas sua função principal é ajudar o Sr. Bunk. E obedecer a ele.

— Prometo trabalhar direito.

Depois da escola e nos fins de semana, Woody pegava o ônibus municipal e ia para Oak Park. Bunk o esperava em sua caminhonete numa rua próxima ao ponto de ônibus e eles percorriam os jardins.

No fim das contas, Woody se revelou um ajudante dedicado e aplicado. Algumas semanas depois, o outono chegou a Maryland. As árvores centenárias de Oak Park se cobriram de vermelho e amarelo antes de despejar uma chuva de folhas secas nas ruas. Era preciso limpar os gramados, preparar as mudas para o inverno e cobrir as piscinas com uma lona.

Ao longo dessas mesmas semanas, na escola de Oak Tree, Porco continuava atormentando Hillel. Jogava pinhas e pedras, o agarrava e o obrigava a comer terra, e também sanduíches encontrados no lixo.

— Coma! Coma! Coma! — entoavam alegremente os outros alunos enquanto Porco apertava o nariz de Hillel para que ele abrisse a boca e engolissem.

Quando encontrava forças para uma ironia, Hillel agradecia calorosamente:

— Obrigado por essa ótima refeição, eu não tinha almoçado direito.

Es os socos eram desferidos com ainda mais força. Porco esvaziava sua pasta no chão, jogava livros e cadernos no lixo. Durante seu tempo livre, Hillel começara a escrever poemas em um caderno que inevitavelmente acabou parando nas mãos de Porco, que o fez comer algumas páginas enquanto lia seus textos em voz alta, antes de queimar o que sobrara. No auto de fé, Hillel conseguiu salvar um poema, escrito para sua paixão secreta, Helena, uma loura bonitinha que não perdia nenhum dos espetáculos do Porco. Ele interpretou isso como um sinal e, reunindo toda a sua coragem, entregou o poema a Helena. Ela fez várias cópias e as afixou no colégio. Quando a Sra. Chariot, responsável pelo jornal da escola, viu aquilo, parabenizou a pequena Helena pelo seu talento como poeta, lhe deu um ponto extra e publicou o texto no jornal sob a autoria de Helena.

O número de consultas médicas de Hillel aumentava de maneira preocupante — principalmente devido a reiteradas infecções na boca — e tia Anita acabou marcando uma reunião com o diretor Hennings.

— Diretor, acho que meu filho está sendo maltratado na escola — disse ela.

— Não, não, ninguém é maltratado em Oak Tree. Temos inspetores, regras, um regulamento para o bom convívio. Somos uma escola da alegria.

— Hillel volta todo dia com as roupas rasgadas, os cadernos amassados ou faltando.

— Ele tem que prestar atenção no próprio material. A senhora sabe que se ele for desleixado com os cadernos perderá ponto no boletim.

— Diretor Hennings, ele não é nem um pouco desleixado. Acho que virou o saco de pancadas de alguém. Não sei o que acontece nesta escola, mas pagamos vinte mil dólares por ano para que nosso filho volte para casa cheio de bactérias na boca. Deve haver algum problema, não acha?

— Ele lava bem as mãos?

— Sim, diretor, ele lava bem as mãos.

— Porque a senhora sabe que nessa idade os meninos costumam ser uns porquinhos...

Tia Anita, irritada, percebendo que a conversa se prolongaria, disse, por fim:

— Diretor Hennings, meu filho está sempre com o olho roxo. Não sei mais o que fazer. Devo obrigá-lo a se integrar ou colocá-lo numa instituição especializada? Porque, para ser sincera com o senhor, algumas manhãs, quando o deixo na escola, me pergunto o que vai acontecer com ele...

Ela desatou a chorar e, como a última coisa que o diretor Hennings queria era um escândalo em Oak Tree, ele a consolou, prometeu remediar a situação e chamou Hillel para tentar dar um jeito na situação.

— Está tendo problemas aqui na escola? — perguntou ao menino.

— Digamos que depois da aula eles implicam comigo na quadra de basquete atrás da escola.

— Ah! E como você descreveria isso? Diria que se trata de uma briga?

— Eu diria que se trata de uma agressão.

— Agressão? Não, não. Não há agressões em Oak Tree. Talvez uma briguinha. Sabe como é, quando somos crianças é normal nos envolvermos em uma briguinha.

Meninos gostam de sair no tapa.

Hillel deu de ombros.

— Não faço ideia, diretor Hennings. Eu só quero jogar basquete tranquilamente.

O diretor coçou a cabeça, observou aquele garoto magricela mas cheio de dignidade, e então sugeriu:

— Você pode entrar para o time de basquete da escola. O que me diz?

Hennings achava que dessa maneira o garoto poderia praticar alguns arremessos, mas sob a proteção de um adulto. A ideia agradou a Hillel, e o diretor o levou imediatamente para falar com o professor de educação física.

— Shawn — chamou o diretor Hennings —, podemos integrar esse jovem campeão no time de basquete?

Shawn olhou para aquele minúsculo esqueleto de olhos suplicantes.

— Impossível — respondeu.

— E por quê?

Shawn se inclinou na direção do ouvido do diretor e murmurou:

— Frank, somos um time de basquete, não um centro para deficientes.

— Ei, não sou deficiente! — retrucou Hillel, que tinha escutado tudo.

— Não, mas é magricela demais — justificou Shawn. — Será como um deficiente para nós.

— E se fizéssemos um teste? — sugeriu o diretor.

O professor se inclinou novamente na direção dele e disse:

— Frank, a equipe está completa. E há uma longa lista de espera. Se abrirmos uma exceção para esse garoto, vamos criar caso com os pais dos alunos. E detesto bate-boca. Ouça bem: se eu colocá-lo em quadra, vamos perder. E é importante ressaltar que já não estamos no topo este ano. Nossos resultados no basquete não costumam ser lá essas coisas, mas agora...

Hennings assentiu e, virando-se para Hillel, inventou diversos artigos do regulamento interno para explicar categoricamente que era impossível mudar a equipe de basquete no meio do ano. Diversas crianças irromperam subitamente no ginásio para um treino, e Hillel e o diretor se sentaram numa das primeiras fileiras da arquibancada.

— Então o que devo fazer, diretor Hennings? — perguntou Hillel, por fim.

— Pode me dar o nome dos agressores. Vou chamá-los para conversar. E podemos promover uma oficina antibullying.

— Não, isso seria pior. E o senhor sabe.

— Então por que você não evita esses brucutus? — resmungou Hennings. — É só não ir à quadra para não ser agredido, simples assim.

— Não vou desistir de jogar basquete.

— Ser teimoso é um defeito nocivo, meu garoto.

— Não sou teimoso. Resisto aos fascistas.

Hennings ficou pálido.

— Onde ouviu essa maldita palavra? Espero que não tenham lhe ensinado em sala de aula. Na escola de Oak Tree não aprendemos esse tipo de vocabulário.

— Não, li num livro.

— Que livro?

Hillel abriu a mochila e pegou um livro de história.

— Mas que coisa horrorosa é essa? — resmungou Hennings.

— Um livro que peguei na biblioteca.

— Na biblioteca da escola?

— Não, na biblioteca municipal.

— Ah, ufa! Muito bem, espero que não leve esse livro pavoroso para a escola e que guarde esse tipo de reflexão para você. Não quero aborrecimentos. Mas pelo visto você

sabe uma porção de coisas. Deveria usar essa força para se defender.

— Mas não tenho força! Ai é que está o problema.

— Sua força é sua inteligência. Você é um garotinho bastante inteligente... E nas fábulas o inteligente sempre ganha do forte...

A sugestão do diretor deu resultado. Naquela mesma tarde, Hillel escreveu um texto e em seguida o entregou à Sra. Chariot, para que fosse publicado na próxima edição do jornal. Contava a história de um garotinho, aluno de uma escola particular para ricos, que, em todos os recreios, era amarrado em uma árvore pelos colegas para passar por todo tipo de provação e, sobretudo, intervenções tão sinistras quanto asquerosas, que provocavam terríveis infecções bucais no jovem herói. Nenhum adulto sabia daquele martírio, muito menos o diretor da escola, que junto do professor de educação física se ocupava em puxar o saco dos pais dos alunos. No fim da história, os alunos acabaram ateando fogo na árvore e no garotinho, dançando em volta da fogueira e cantando um hino de agradecimento ao corpo docente por lhes permitir espancar tranquilamente os mais fracos.

Após ler o texto, a Sra. Chariot avisou imediatamente o diretor Hennings, que proibiu a publicação e chamou Hillel à sua sala.

— Por acaso se dá conta de que seu texto está repleto de palavras que não são admitidas aqui? — disparou Hennings. — Nem estou falando do teor dessa história ridícula e da sua audácia em mostrá-la ao corpo docente!

— O que o senhor está fazendo se chama censura — protestou Hillel —, e os fascistas também faziam isso. Li no meu livro.

— Quer parar com essa história de fascismo? E não é censura, é bom senso! Temos uma constituição moral em Oak Tree e você a transgrediu!

— E minha carta para Helena que foi publicada na edição anterior?

— Já expliquei que a Sra. Chariot achava que o poema era da menina.

— Mas assim que o jornal saiu eu avisei a ela que eu era o autor do poema!

— Fez bem em lhe avisar.

— Mas ela deveria ter suspenso a circulação do jornal!

— E por quê?

— Porque a publicação daquela carta era terrivelmente humilhante para mim!

— Ah, Hillel, deixe de capricho! Era um poema muito bonito, ao contrário desse texto, que não passa de um monte de grosserias abomináveis.

Em seguida, o diretor Hennings encaminhou Hillel ao psicólogo da escola.

— Li seu texto — disse o psicólogo. — Achei interessante.

— O senhor foi o único.

— O diretor Hennings me contou que você lê livros sobre fascismo...

— Peguei um na biblioteca.

— Foi isso que inspirou seu texto?

— Não, o que me inspirou foi a falta de ação dessa escola.

— Talvez você não devesse ler esses livros...

— Talvez as outras pessoas é que devessem ler.

Tio Saul e tia Anita também suplicaram ao filho que fizesse um esforço:

— Hillel, não faz nem três meses que você está nessa escola. Precisa ao menos tentar aprender a conviver em harmonia com os outros.

Por fim, houve uma grande discussão com todos os alunos no anfiteatro sobre o tema "Bullying e palavrões". Hennings fez um longo discurso sobre os valores morais e éticos de Oak Tree e explicou por que nem o bullying nem os palavrões eram admitidos no regulamento da escola. Depois os alunos repetiram o lema: "Palavrão não é bonito, não!"; que devia ser dito caso flagrassem um colega fazendo alguma grosseria. Um debate se seguiu e os alunos puderam fazer as perguntas que os atormentavam.

— Perguntem tudo o que quiserem — declarou Hennings, antes de dar uma

piscadela irônica para Hillel e acrescentar: — Sem censura.

Várias mãos se ergueram no auditório.

— É bullying jogar bola no pátio? — indagou um menino.

— Não, isso é exercício físico — respondeu Hennings. — Com a condição de não chutar a bola na cabeça dos colegas menores.

— Outro dia, vi uma aranha no refeitório e gritei porque fiquei com medo — confessou uma garota com um pouco de vergonha. — Isso foi praticar bullying?

— Não, gritar porque está com medo é permitido. Mas gritar para infernizar os colegas é bullying.

— Mas e se alguém grita para fazer bullying e depois finge que viu uma aranha para não ser punido? — questionou um aluno, preocupado que a regra pudesse ser burlada.

— Seria desonesto fazer isso. E não é certo ser desonesto.

— O que significa *desonesto*?

— Significa não assumir os próprios atos. Por exemplo, é muito desonesto quando alguém finge estar doente para não ir à escola. Mais alguma pergunta?

Um garotinho ergueu a mão, e Hennings o deixou falar.

— Por acaso *sexo* é palavrão? — perguntou ele.

A plateia prendeu a respiração, e Hennings ficou momentaneamente constrangido.

— Sexo não é palavrão... Mas é uma palavra, digamos... inútil.

De repente um burburinho tomou conta do auditório. Se *sexo* não era palavrão, então podiam dizer isso sem burlar o regulamento de Oak Tree?

Ao notar a algazarra generalizada, Hennings deu um tapa no púlpito para pedir silêncio, e imediatamente todo mundo ficou quieto.

— *Sexo* é uma palavra que não devemos dizer. É proibida. Pronto.

— Por que é proibida se não é palavrão?

— Porque... Porque é do mal. Sexo é do mal. Isso mesmo. É como droga: uma coisa terrível.

* * *

Tia Anita, informada pelo diretor Hennings sobre o texto escrito por Hillel, se sentiu completamente desamparada. Tinha chegado a um ponto em que não sabia mais se Hillel era uma vítima inocente ou se pagava o preço de suas provocações: sabia que às vezes seu tom podia ser irritante ou considerado arrogante. Ele compreendia as coisas mais depressa que as outras crianças, estava sempre adiantado em tudo: em sala de aula, ficava logo entediado, era impaciente. Tudo isso irritava as outras crianças. E se no fundo Hillel não passasse da vítima de um bullying desencadeado por ele mesmo, como dizia Hennings? Ela perguntava com frequência ao marido:

— Quando uma pessoa briga com todo mundo, não deve ser muito amável, certo?

Tia Anita decidiu sensibilizar os colegas de Hillel para a problemática do assédio escolar e lhes explicar que, às vezes, quando queremos nos integrar demais, acabamos nos desentendendo com todo mundo. Ela bateu em cada porta de Oak Park para falar com os pais dos alunos da escola e explicou longamente às crianças que “às vezes achamos que a implicância é só uma brincadeira e não percebemos que magoa muito o colega”. Foi mais ou menos nesses termos que ela se dirigiu ao Sr. e à Sra. Reddan, pais do pequeno Vincent, conhecido como Porco. Os Reddan moravam numa bela casa próxima à dos Goldman-de-Baltimore. Porco ouviu com atenção o que tia Anita falou e, assim que ela terminou, desabou em soluços e lágrimas, fazendo uma cena extraordinária.

— Por que meu amigo Hillel não me disse que se sentia rejeitado na escola? Isso é mesmo horrível! Gostamos muito dele, não entendo por que se sente desprezado.

Tia Anita explicou que Hillel era um pouco diferente, e o menino soluçou, assoou o

nariz e, no *grand finale*, convidou solenemente Hillel para o seu aniversário, que seria no sábado seguinte.

Nessa festa, assim que os pais Reddan viraram as costas, Hillel teve o braço torcido, foi obrigado a beijar e a cheirar as nádegas do cachorro da casa antes de sujar seu rosto com o glacê do bolo de aniversário e o jogarem de roupa na piscina. Ouvindo o barulho da água e as risadas das crianças, a Sra. Reddan saiu correndo e repreendeu vigorosamente Hillel por ter mergulhado sem autorização prévia. Então notou o mil-folhas devastado e seu filho, aos prantos, explicou que Hillel quisera comer o bolo antes mesmo que ele soprasse as velas e sem dividir com ninguém, o que a fez ligar para tia Anita e pedir que ela viesse buscar o filho imediatamente. Ao chegar ao portão dos Reddan, tia Anita encontrou a mulher segurando com firmeza Hillel pelo braço, e Porco estava ao lado dela, chorando, interpretando o papel da sua vida, e afirmando, em meio aos soluços, que Hillel estragara toda a festa. No caminho de volta, tia Anita lançou um olhar de desaprovação para o filho. Por fim, suspirou e o recriminou:

— Por que você tem sempre que fazer algo para aparecer, Hillel? Não sente vontade de ter alguns bons amigos?

Hillel redigiu um novo texto para se vingar. Dessa vez não considerou o jornal da escola. Decidiu que ele mesmo ia editar e fazer cópias da história que escrevera. No dia da publicação do jornal, substituiu os exemplares oficiais pelos de sua autoria. Ao descobrir a trapaça, a Sra. Chariot correu até a sala do diretor Hennings e levou todos os exemplares do panfleto que conseguira recolher.

— Frank, Frank! Olhe o que Hillel Goldman fez! Editou um jornal pirata com um texto pavoroso!

Hennings pegou uma das cópias que a Sra. Chariot lhe estendia, leu e quase engasgou. Chamou imediatamente tio Saul, tia Anita e Hillel.

O título do texto era *Porquinho*. Hillel contava a história de um aluno muito gordo apelidado Porco que sente um prazer cruel em aterrorizar os colegas. Estes, exasperados, acabam matando-o no banheiro da escola, o despedaçam e o colocam no frigorífico de carne da cantina, misturando o cadáver com as carnes que foram entregues naquele mesmo dia. A ausência do menino leva a polícia a fazer buscas. No dia seguinte, na hora do almoço, os policiais vão à cantina interrogar os alunos. “Precisamos encontrar meu filhinho de qualquer maneira”, choramingou a mãe de Porco, que tem todas as características da pessoa mais imbecil da face da Terra. Um inspetor questiona um aluno de cada vez. As crianças estão almoçando alegremente um porco assado. “Não viram seu colega?”, pergunta o policial. “Não, senhor”, respondem os alunos em coro, com a boca cheia.

— Sr. e Sra. Goldman — começou calmamente Hennings —, mais uma vez seu filho escreveu um texto intolerável. Trata-se de uma apologia à violência e é totalmente inaceitável ver esse tipo de publicação em Oak Tree.

— Liberdade de escrever, liberdade de opinião! — protestou Hillel.

— Ah, não, chega! — resmungou Hennings. — Pare de nos comparar a um governo fascista!

Em seguida, o diretor fez uma expressão de desapontamento e explicou a tio Saul e tia Anita que não poderia permitir que Hillel permanecesse na escola se ele não se esforçasse para se integrar. A pedido de seus pais, Hillel prometeu não imprimir mais panfletos. Também combinaram que ele deveria redigir uma carta de desculpas que seria divulgada na escola.

Ao substituir os jornais da escola pelo próprio texto, Hillel privou os alunos de seus exemplares habituais. Para poupar Hillel, o diretor Hennings pediu para os professores não mencionarem as razões disso. Todos os exemplares deveriam ser reimpressos até o fim do dia. Mas a Sra. Chariot, que era sensível e estava cansada das reclamações dos alunos, que não compreendiam por que o jornal não ficara pronto no dia, acabou

perdendo a cabeça e berrou para os contestadores, que invadiram a sala da redação, em geral muito tranqüila:

— Por causa de um aluno que se acha superior a todo mundo, não haverá jornal esta semana! Pronto! Esta edição foi simplesmente cancelada! Cancelada, ouviram? Cancelada! Os alunos que tiveram o trabalho de escrever artigos nunca vão vê-los publicados. Nunca! Nunca! Podem agradecer ao Goldman.

Os estudantes, obedientes, agradeceram a Hillel dando pontapés e batendo nele com os cadernos. Porco, após espancá-lo terrivelmente, deixou-o nu no meio da roda dos amigos ao ordenar:

— Abaixo a cueca. — Hillel, limpando o sangue do nariz, tremendo de medo, obedeceu e todos riram. — Você tem o menor pinto que eu já vi — entusiasmava-se Porco. E todos gargalharam ainda mais. Em seguida, ele exigiu a calça e a cueca de Hillel, que jogou tudo nos galhos altos de uma árvore. — Volte para casa agora. Todo mundo precisa ver seu pintinho!

Foi um vizinho que, ao passar de carro e ver Hillel seminu na rua, o levou para casa. À mãe, ele explicou que um cachorro o perseguira e arrancara sua calça.

— Um cachorro? Hillel...

— É, mamãe, juro. Ele abocanhou minha calça, que acabou rasgando.

— E a cueca também?

— Sim, mamãe.

— Hillel, querido, o que está acontecendo?

— Nada, mamãe.

— Estão implicando com você na escola?

— Não, mamãe. Juro.

Hillel, totalmente humilhado, decidiu que precisava se vingar da vingança da vingança. A oportunidade surgiu alguns dias depois, quando Porco faltou por dois dias seguidos por causa de uma séria indigestão. Os alunos preparavam uma apresentação para os pais no Dia de Ação de Graças. Era um espetáculo com diversos atos, contando as ações de graças dos colonos ingleses com os índios Wampanoag e agradecendo sua ajuda, o que continuava sendo celebrado quatrocentos anos depois com a concessão de três feriados aos corajosos alunos americanos. Essa alusão ao atual caráter da festa devia encerrar o espetáculo com um poema declamado por algum aluno. E como nenhum dos presentes se voluntariou para recitar a poesia, Porco acabou sendo designado para essa tarefa pelo professor. A poesia era a seguinte:

Os bons ingredientes de mamãe, por William Sharburgh

*É Dia de Ação de Graças,
A festa das famílias.
Um cheiro bom se espalha pela casa.
Mamãe assa um belo peru.*

*Atraídos pelos eflúvios,
Papai, a criança e o cão vão à cozinha.
Mamãe está atarefada no forno,
Todos sentem o cheiro e a parabenzam.*

*Papai se alegra,
A criança aplaude.
O cão lambe os lábios.
Rápido, a comida!*

*A criança, gulosa, pergunta se pode provar.
Mamãe enfia uma colher na panela do molho e a criança prova.
“Que delícia!”, exclama. “O que tem aí dentro?”
“Ingredientes...”, responde mamãe.
“Que ingredientes?”
“Meus ingredientes. Gostou?”
“Que delícia! Quero mais! Quero comer tudo!”
“Não, seu gulosinho, terá que esperar a hora.”*

*A criança faz pirraça e enfia o rosto no avental da mãe.
É meigo. Ela sorri.
Ele sabe que um dia sua mãe lhe contará
O segredo de seus ingredientes,
Para que ele também possa colocá-los no peru
Que assará para seus filhos.*

Para selar a reconciliação, o professor encarregou Hillel de levar o poema para Porco e anunciar seu papel na apresentação de Ação de Graças. Hillel foi à casa de Porco no mesmo dia. A mãe do menino abriu a porta e o levou ao quarto do filho. Ele o encontrou na cama, lendo revistas em quadrinhos. Após lhe explicar as normas, entregou-lhe o texto.

— Mostre para mim! — pediu a mãe de Porco, exultante ao saber que o filho ia aparecer sozinho no palco.

— Não! — exclamou Porco. — Ninguém pode ver! Essa vai ser a grande surpresa do espetáculo!

Ele se ergueu na cama e, após expulsar a mãe e Hillel, fez ruidosos exercícios vocais. Sempre quisera protagonizar um espetáculo e ia impressionar todo mundo. Sua mãe comprou para ele um terno de três peças para a ocasião e convocou toda a família para assistir a Porco arrasar na declamação. Seu garotinho era especial, e finalmente todo mundo ia poder ver isso com os próprios olhos.

No dia do espetáculo, o auditório da escola estava lotado. Os Reddan estavam na primeira fila filmando, fotografando e batendo palmas freneticamente. Os atos sobre os Wampanoag conquistaram grande sucesso, assim como aqueles sobre a abordagem moderna do Dia de Ação de Graças. Em seguida, iluminado pelo feixe de luz, Porco apareceu no palco, respirou fundo e declamou a poesia:

Os bons excrementos de mamãe, por William Sharburgh

*É Dia de Ação de Graças,
A festa das famílias.
Um cheiro bom se espalha pela casa.
Mamãe assa um belo peru.*

*Atraídos pelos eflúvios,
Papai, a criança e o cão vão à cozinha.
Mamãe solta um peido diante do forno,
Todos sentem o cheiro e a parabenizam.*

*Papai se alegra,
A criança aplaude.
O cão lambe os testículos.
Rápido, a comida!*

*A criança, gulosa, pergunta se pode provar.
Mãe enfia a colher na panela do molho e o filho prova.
“Que delícia!”, exclama. “O que tem aí dentro?”
“Excrementos...”, responde mãe.
“Que excrementos?”
“Meus excrementos. Gostou?”
“Que delícia! Quero mais! Quero comer tudo!”
“Não, seu gulosinho, terá que esperar a hora.”*

*A criança faz pirraça e enfia o rosto no púbis da mãe.
É meigo. Ela sorri.
Sabe que um dia sua mãe lhe contará
O segredo de seus excrementos.
Para que ele também possa colocá-los no peru
Que assará para seus filhos.*

Ao terminar o poema, Porco se curvou para agradecer ao público e receber a salva de palmas que tanto esperara. Mas um silêncio absoluto tomou conta do local. A plateia, pasma e emudecida, fitava Porco, que não entendia o que fizera de errado. Então fugiu para as coxias, onde encontrou o professor e o diretor Hennings o encarando.

— Mas o que aconteceu, afinal de contas? — indagou Porco.

— Vincent, por acaso você sabe o que são excrementos? — perguntou Hennings.

— Não faço ideia, diretor Hennings. Só decorei a poesia que me entregaram.

Hennings ficou perplexo e se virou para a professora:

— Pode me explicar o que aconteceu?

— Não entendo, diretor, eu encarreguei Hillel Goldman de entregar o texto a Vincent. Mas com certeza ele mudou as palavras.

— E você não achou que era uma boa ideia ensaiar o espetáculo nesse meio-tempo? — berrou Hennings, e deu para escutar sua pergunta fora da coxia.

— Sim, claro! Mas Vincent se recusou a recitar na frente das outras crianças. Disse que queria fazer uma surpresa.

— Pois foi uma tremenda surpresa!

— O que são excrementos? — perguntou Porco.

A professora começou a chorar.

— Foi o senhor que falou para deixar os alunos fazerem como quisessem! — resmungou ela.

— Pare de chorar, por favor — disse Hennings, lhe entregando um lenço. — Isso não vai ajudar em nada. Vamos chamar esse encenqueiro do Hillel!

Mas enquanto o espetáculo prosseguia com a turma seguinte, Porco já saía atrás de Hillel. Viram-no passar pela saída de emergência do auditório, atravessar o pátio do recreio, a quadra de basquete e seguir em direção a Oak Park. Logo à frente estava o vulto franzino de Hillel correndo, e atrás vinha Porco, em seu magnífico terno, que disparava feito um animal enlouquecido e, um pouco mais atrás, um grupo de alunos seguia Porco para assistir à cena.

— Vou matar você! — berrava Porco. — Vou matar você de vez!

Hillel corria o mais rápido que conseguia, mas escutava os passos de Porco se aproximando. Estava quase sendo alcançado. Seguiu o caminho de casa. Com um pouco de sorte, conseguiria chegar e se refugiar lá. Mas logo antes de alcançar a casa dos Baltimore, prendeu o pé numa bicicleta infantil largada no início de uma rua e se estatelou no chão.

*Baltimore, dia do espetáculo de Ação de Graças.
Novembro de 1989.*

Hillel, com Porco nos calcanhares, acabara de prender os pés na bicicleta e se estatelar na calçada. Sabia que não tinha mais como escapar do ataque e rolou, encolhido, para se proteger. Porco pulou em cima dele e começou a desferir inúmeros pontapés na barriga, depois o agarrou pelo cabelo e quis levá-lo. Até que subitamente uma voz ressoou:

— Largue ele!

Porco se virou. Logo atrás havia um garoto que ele nunca tinha visto, que parecia ameaçador com um casaco de capuz na cabeça.

— Largue ele! — repetiu o menino.

Porco empurrou Hillel no chão e andou até o rapaz, determinado a acabar com ele. Nem sequer teve tempo de dar três passos, pois recebeu um soco magistral no rosto, que o derrubou. Rolou no chão, com a mão no nariz, e começou a chorar.

— Meu nariz! — resmungou. — Você machucou meu nariz!

Em seguida, apareceram os alunos que haviam acompanhado o início da perseguição de Porco a Hillel.

— Olhem — gritou um. — Porco está chorando feito uma menina.

— Está doendo muito! — reclamou Porco em meio aos soluços.

— Quem é você? — perguntou uma das crianças a Woody.

— Sou o guarda-costas de Hillel. Se mexerem com ele, vou socar o nariz de todo mundo.

Eles ergueram as palmas das mãos em sinal de paz.

— Nós gostamos de Hillel — disse outro menino, sem descer da bicicleta. — Não queremos criar problemas para ele. Não é verdade, Hillel? Aliás, se quiser, podemos mizar em cima do Porco.

— Não se mija em cima dos outros — respondeu Hillel, ainda no chão.

Woody ergueu Porco e ordenou que ele desse o fora dali.

— Ande, seu idiota, caia fora, vá colocar gelo no nariz.

Porco desapareceu sem argumentar, ainda chorando, enquanto Woody ajudava Hillel a se levantar.

— Obrigado, cara — disse Hillel. — Você... você realmente salvou minha pele.

— Foi um prazer. Meu nome é Woody.

— Como sabe quem eu sou?

— Você está em tudo quanto é retrato no escritório do seu pai.

— Conhece meu pai?

— Ele me tirou da merda algumas vezes.

— Não se diz *merda*.

Woody sorriu.

— Você é mesmo filho do Sr. Goldman.

— E como sabe meu nome?

— Ouvi seus pais falando no escritório do seu pai outro dia.

— Meus pais? Conhece meus pais?

— Como já falei, conheço seu pai. Graças a ele, trabalho para o jardineiro Bunk. Eu estava cuidando dos gramados quando vi você ser perseguido por aquele menino gordo. E também sei que todo mundo zoa você porque, quando eu estava no escritório

do seu pai outro dia, vi sua mãe chegar... Aliás, ela é bonita para caramba. E...

— Éca, que nojo! Não fale da minha mãe assim!

— Está bem, resumindo: sua mãe foi ao escritório do seu pai e disse que estava preocupada porque todo mundo queria te dar uma surra na escola. Então, na mesma hora, fiquei contente por ver aquele bacon gordo quebrando a sua cara, assim pude te defender para agradecer a seu pai por ter me defendido.

— Não entendi nada da sua história. Meu pai defendeu você do quê?

— Tive problemas depois de me meter em algumas brigas e ele sempre me ajudou.

— Brigas?

— Isso mesmo. Estou sempre arranjando brigas.

— Você poderia me ensinar a brigar — sugeriu Hillel. — Quanto tempo eu levaria para ficar forte como você?

Woody fez uma careta.

— Bem, você me parece uma negação para brigas. Então eu diria que provavelmente levaria a vida inteira. Mas eu poderia ir com você à escola. Desse jeito, ninguém se atreveria mais a implicar com você.

— Faria isso?

— Claro.

* * *

Depois que conheceu Woody, Hillel não teve mais problemas na escola. Todas as manhãs, ao sair de casa, encontrava Woody no ponto do ônibus escolar. Os dois embarcavam, e Woody o escoltava até os corredores do colégio, misturando-se aos outros alunos. Porco mantinha distância. Não queria criar caso com Woody.

No fim das aulas, lá estava Woody novamente. Os dois, então, seguiam para a quadra de basquete e, após algumas partidas extraordinárias, Woody acompanhava Hillel até em casa.

— Preciso correr. Bunk acha que estou podando as plantas dos seus vizinhos. Se me vir ao seu lado, estou morto.

— Como consegue passar o tempo todo aqui? — perguntou Hillel. — Você não vai para a escola?

— Vou, mas saio cedo. Tenho tempo de vir para cá.

— Onde você mora?

— Numa instituição na zona leste.

— Não tem pais?

— Minha mãe não tinha mais tempo para cuidar de mim.

— E seu pai?

— Mora em Utah. Ele se casou de novo. É muito ocupado.

Ao se aproximar da casa dos Goldman, Woody cumprimentava Hillel e desaparecia. Hillel sempre o convidava para jantar.

— Não posso — respondia Woody sistematicamente.

— Por quê?

— Tenho que trabalhar com Bunk.

— Venha quando tiver acabado e jante com a gente — insistia Hillel.

— Não. Fico constrangido.

— O que te deixa constrangido?

— Seus pais. Quer dizer, não seus pais especificamente. Todos os adultos.

— Meus pais até que são legais.

— Sei disso.

— Por que me protege, Woody?

— Não protejo você. Apenas gosto da sua companhia.

- Mas eu acho que você me protege.
- Então você me protege também.
- Proteção do quê? Sou um pingote de gente.
- Você me protege da solidão.

O que deveria ser a quitação de uma dívida de Woody para com tio Saul se transformou numa amizade sólida entre Woody e Hillel. Ele ia todos os dias até Oak Park. Durante a semana, exercia seu papel de guarda-costas. Aos sábados, era Hillel que o acompanhava em seu trabalho com Bunk, e, aos domingos, davam uma volta na praça ou iam até a quadra de basquete. Desde manhã cedo, Woody ficava na calçada, no frio e no escuro, esperando Hillel.

— Por que não entra para tomar um chocolate quente? Vai congelar aí fora.

Mas Woody sempre recusava.

Certa madrugada escura de sábado, quando Woody apareceu diante do portão dos Goldman-de-Baltimore, encontrou tio Saul tomando café. Acenou para ele.

— Woodrow Finn... Veja só! Então é você que faz meu filho tão feliz...

— Não fiz nada de errado, Sr. Goldman. Juro.

Tio Saul sorriu.

— Sei disso. Venha, entre.

— Prefiro ficar do lado de fora.

— Não pode ficar aí, está um frio glacial. Entre logo.

Woody entrou timidamente na casa.

— Já tomou café da manhã? — perguntou tio Saul.

— Não, Sr. Goldman.

— Por que não? Precisa comer de manhã. É importante. Ainda mais trabalhando com jardinagem.

— Sei disso.

— Como estão as coisas lá na instituição?

— Bem.

Tio Saul o fez se sentar diante da bancada da cozinha e preparou chocolate quente e panquecas para ele. As outras pessoas da casa continuavam dormindo.

— Sabia que, por sua causa, Hillel voltou a sorrir? — perguntou tio Saul.

Woody deu de ombros mais uma vez.

— Não sei de nada, Sr. Goldman.

Tio Saul sorriu para ele.

— Obrigado, Woody.

O menino desviou o olhar.

— Não foi nada.

— Como posso agradecer?

— Imagine, não foi nada, Sr. Goldman. Eu tinha vindo falar com o senhor sobre o favor que eu lhe devia... Então esbarrei com Hillel e ficamos amigos.

— Pois bem, considere-se meu amigo também. E se precisar de qualquer coisa, pode me pedir. Aliás, eu gostaria que você viesse aqui tomar café da manhã todos os fins de semana. Não quero que vá jogar basquete de barriga vazia.

Embora tivesse aceitado entrar na casa dos Goldman nas manhãs de sábado e domingo, Woody se recusava categoricamente a ficar para jantar à noite. Tia Anita precisou de muita paciência para conquistá-lo. Primeiro, ficou na calçada em frente à casa esperando os meninos voltarem do jogo de basquete. Cumprimentava Woody, que em geral corava ao vê-la e fugia feito um animal arisco. Hillel ficava nervoso.

— Por que você faz isso, mãe? Não percebe que ele tem medo de você?

Ela caía na gargalhada. Em seguida, esperou-os com leite e biscoitos e, antes que Woody tivesse tempo de fugir, convidou-o para beliscar alguma coisa, mesmo do lado de fora. E aproveitou um dia chuvoso para convencê-lo a entrar. Chamava-o de "o

famoso Woody”. Ele corava, ficando escarlate, e gaguejava. Achava-a muito bonita. Certa tarde, ela disse:

— Fale a verdade, famoso Woody: você gostaria de ficar para jantar hoje à noite?

— Não posso, ainda tenho que ajudar o Sr. Bunk a plantar bulbos.

— Volte depois.

— Depois é melhor eu voltar para a instituição. Eles vão ficar preocupados se eu não retornar e terei problemas.

— Se quiser, posso ligar para Artie Crawford e pedir autorização. Depois deixo você lá.

Woody aceitou que tia Anita telefonasse e ele foi autorizado a ficar para jantar. Após a refeição, disse a Hillel:

— Seus pais são mesmo muito legais.

— Eu falei. Eles são tranquilos. Você pode vir sempre que quiser.

— Achei incrível sua mãe ter ligado para Crawford e avisado que eu ficaria para jantar com vocês. Ninguém nunca me fez sentir assim.

— Sentir como?

— Importante.

Woody encontrou nos Goldman-de-Baltimore a família que nunca tivera e logo ocupou um lugar especial junto a eles. Nas manhãs de sábado e domingo, ele chegava bem cedo. Tio Saul o deixava entrar e ele se acomodava à mesa do café da manhã. Hillel não demorava a aparecer. Em seguida, os dois iam ajudar Dennis Bunk. À noite, Woody costumava ficar para jantar. Insistia em ser útil: queria de qualquer jeito ajudar a preparar a comida, arrumar a mesa, tirar, lavar a louça e levar o lixo para fora. Certa manhã, vendo-o arrumar a cozinha, Hillel disse:

— Ainda está cedo. Relaxe. Você não é obrigado a fazer tudo isso.

— Faço porque tenho vontade. Não quero que seus pais pensam que estou me aproveitando.

— *Pensem, e não pensam.* Vamos, sente-se, termine de comer seu cereal e leia o jornal. Leia ou nunca vai saber nada.

Hillel tentava despertar o interesse do amigo por tudo. Comentava sobre os livros que lia, os documentários que vira na televisão. No fim de semana, chovesse ou fizesse sol, não deixavam de ir à quadra de basquete. Formavam uma dupla incrível. Sozinhos, os dois enfrentavam sem medo as equipes da NBA. O lendário Chicago Bulls era fchinha para eles.

Certo dia, tia Anita me contou que percebera que Woody passara a fazer parte da família quando, ao fazer compras no supermercado com Hillel, ela o viu pegar cereais com marshmallow.

— Eu achava que você não gostava de marshmallow — dissera ela.

E Hillel respondera com a ternura de um irmão:

— Não gosto mesmo, é para Woody. É o preferido dele.

* * *

A presença de Woody na casa dos Baltimore logo se impôs como uma evidência. Com a permissão de Artie Crawford, passaram a comer pizza nas noites de terça, a ver filmes aos sábados, a passear no aquário da cidade — Hillel nunca se cansava disso — e a fazer excursões a Washington, onde foram, inclusive, visitar a Casa Branca.

Nas noites em que jantava na casa dos Goldman, Woody insistia em voltar de ônibus para a instituição. Tinha medo de que, de tanto paparicá-lo, os Goldman se cansassem e o expulsassem. Mas tia Anita o proibia de voltar sozinho. Era perigoso. Dava-lhe carona e, ao deixá-lo em frente ao prédio austero, perguntava:

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Não se preocupe, Sra. Goldman.
— Fico um pouco preocupada, sim.
— Não precisa se incomodar por minha causa, Sra. Goldman. A senhora já é muito gentil comigo.

Certa noite de sexta-feira, ao parar diante daquele prédio decrepito, ela sentiu um aperto no peito e falou:

— Woody, talvez você devesse dormir lá em casa esta noite.
— Não precisa se incomodar por minha causa, Sra. Goldman.
— Você não incomoda ninguém, Woody. A casa é grande o suficiente para todo mundo.

E aquela foi a primeira vez que ele dormiu na casa dos Goldman.

Certa manhã de domingo, assim que Woody chegou bem cedo enquanto uma chuva torrencial caía sobre Baltimore, tio Saul notou que ele estava encharcado e gelido. A partir de então, ficou decidido que o menino teria uma chave. Depois daquele dia, passou a chegar ainda mais cedo, arrumava a mesa, preparava torradas, suco de laranja e café. Tio Saul era o primeiro a descer. Acomodavam-se um ao lado do outro e tomavam o café da manhã juntos, dividindo o jornal. Tia Anita aparecia em seguida, despenteava o cabelo dele para cumprimentá-lo e, se Hillel demorasse muito a se levantar, Woody ia até o quarto dele para acordá-lo.

* * *

Certa manhã de uma segunda-feira de janeiro de 1990, a caminho do ponto de ônibus, Hillel encontrou Woody chorando, escondido em meio aos arbustos.

— O que houve, Woody?
— O pessoal da instituição não quer mais que eu venha aqui.
— Por quê?
Woody baixou a cabeça.
— Não tenho ido à escola.
— Como assim? Por quê?
— Eu me sentia melhor aqui. Queria estar com você, Hillel! Artie está furioso. Ligou para o seu pai. Falou que eu não ia mais trabalhar com Bunk.
— É mesmo assim ele deixou você vir para cá?
— Eu fugi! Não quero voltar! Quero ficar com você!
— Ninguém vai impedir que a gente se encontre, Woody. Vou pensar numa solução.

A solução foi instalar Woody naquele dia mesmo no pavilhão da piscina dos Baltimore. Ele ficaria tranquilo ali até o verão, pois ninguém nunca ia lá. Hillel lhe deu cobertores, comida e um walkie-talkie para se comunicar.

Naquela noite, Artie Crawford passou na casa dos Baltimore para lhes comunicar o desaparecimento de Woody.

— Como assim, *desaparecimento*? — perguntou tia Anita.
— Ele não voltou para a instituição. Descobrimos que fazia semanas que não ia à aula.

Tio Saul se virou para Hillel e perguntou:

— Você viu Woody hoje?
— Não, pai.
— Tem certeza?
— Tenho, pai.
— Faz alguma ideia de onde ele poderia estar? — interrogou Artie.
— Não, eu gostaria de poder ajudá-lo.
— Hillel, sei que Woody e você são muito próximos. Se sabe de alguma coisa,

precisa me dizer. Isso é muito importante.

— Na verdade, sei de uma coisa... Ele comentou sobre ir para Utah, encontrar o pai. Queria pegar um ônibus até Salt Lake City.

À noite eles se falaram pelo walkie-talkie. Hillel sussurrava, escondido sob as cobertas, para ter certeza de que seus pais não iriam escutá-lo.

— Woody? Tudo bem? Câmbio.

— Tudo bem, Hill. Câmbio.

— Crawford esteve aqui em casa esta noite. Câmbio.

— O que ele queria? Câmbio.

— Estava atrás de você. Câmbio.

— O que você disse para ele? Câmbio.

— Que você estava em Utah. Câmbio.

— Boa. Obrigado. Câmbio.

— De nada, cara.

* * *

Durante os três dias seguintes, Woody permaneceu escondido no pavilhão. Na manhã do quarto dia, saiu de madrugada e se escondeu na rua para esperar Hillel e acompanhá-lo até a escola.

— Você está louco — disse Hillel. — Se alguém vir, você está ferrado!

— Estou ficando sem ar no pavilhão. Preciso esticar as pernas. E se Porco não me vir mais na escola, tenho medo de que desconte em você.

Woody acompanhou Hillel até o pátio da escola, onde se misturou à multidão de alunos. Contudo, naquela manhã o diretor Hennings notou aquele garoto que ele nunca vira e soube imediatamente que não era um aluno. Lembrou-se da descrição que tinham lhe fornecido e avisou a polícia. No minuto seguinte, uma patrulha chegou às imediações da escola. Woody a viu na mesma hora e quis fugir, mas esbarrou em Hennings.

— Com licença, rapaz. Quem é você? — perguntou Hennings, num tom severo, apoiando a mão firme no ombro do garoto para detê-lo.

— Corra, Woody! — exclamou Hillel. — Salve-se!

Woody se livrou da mão de Hennings e botou sebo nas canelas. Mas os policiais logo o alcançaram e o contiveram. Hillel correu até eles, gritando:

— Larguem ele! Larguem ele! Vocês não têm esse direito!

Quis empurrar os policiais, mas o diretor se interpôs e o impediu. Hillel desatou a chorar.

— Deixem ele em paz! — berrou para os policiais que levavam Woody. — Ele não fez nada! Ele não fez nada!

Todos os alunos no pátio do recreio observaram, paralisados, Woody entrar na viatura policial. Em seguida, Hennings e os professores os dispersaram, ordenando que voltassem para as salas de aula.

Hillel passou a manhã chorando na enfermaria. Na hora do almoço, o diretor passou para vê-lo.

— Ande, rapaz, vá para a sala de aula.

— Por que o senhor fez isso?

— O diretor da instituição de Woody tinha me avisado que ele provavelmente apareceria por aqui. Seu amigo fugiu. Você entende o que isso significa? É uma coisa muito grave.

Arrasado, Hillel voltou para assistir às aulas da tarde. Porco o aguardava com impaciência.

— A hora da vingança chegou, Camarão — advertiu-o. — Agora que seu

amiguinho Woody não está mais aqui, vou poder cuidar de você assim que as aulas terminarem. Tem uma merda de cachorro esperando por você. Já comeu merda de cachorro? Não? Vai ser sua sobremesa. Vai raspar o prato. Nham, nham!

* * *

No exato instante em que o sinal tocou anunciando o fim das aulas, Hillel saiu correndo da sala de aula, com Porco em seu encalço.

— Agarrem o Camarão! — berrou Porco. — Agarrem ele. Vamos acabar com ele.

Hillel disparou pelos corredores, depois, ao sair pela lateral da quadra de basquete, aproveitou sua baixa estatura para se esgueirar na contramão em meio a uma multidão de crianças que desciam a escada. Voltou para o primeiro andar e atravessou os corredores vazios até chegar ao almoxarifado. Ficou bastante tempo escondido ali, prendendo a respiração. O sangue latejava em suas têmporas, as batidas do seu coração reverberavam em seus ouvidos. Quando se atreveu a sair, já havia anoitecido. Os corredores estavam apagados e desertos. Foi andando na ponta dos pés à procura da saída e logo reconheceu o corredor que dava acesso à sala da redação do jornal. Ao passar em frente, notou que a porta estava entreaberta e ouviu alguns barulhos esquisitos vindos lá de dentro. Parou e ficou escutando com atenção. Distinguiu a voz da Sra. Chariot. Em seguida, ouviu o som de uma palmada e depois um gemido. Olhou pelo vão da porta entreaberta e deparou com o diretor Hennings sentado numa cadeira. A Sra. Chariot estava deitada à sua frente, exibindo as nádegas, com a saia e a calcinha abaixadas. Com a mão firme, ele lhe dava palmadas carinhosas e, a cada golpe, ela gemia de prazer.

— Sua puta! — gritou ele para a Sra. Chariot.

— Sim, sou uma tremenda puta nojenta — repetiu ela.

— Sua puta! — reiterou ele.

— Fui uma péssima aluna, diretor — confessou ela.

— Você foi uma putinha terrível? — interrogou Hennings.

Hillel, que não estava entendendo nada da cena diante de seus olhos, empurrou bruscamente o batente da porta e exclamou:

— Palavra não é bonito!

A Sra. Chariot se ergueu em um pulo e deu um grito estridente.

— Hillel? — disse Hennings, gaguejando, enquanto a Sra. Chariot puxava a saia antes de sair dali.

— O que estão fazendo? — perguntou Hillel.

— Era um jogo — respondeu Hennings.

— Parecia mais um bullying — constatou o menino.

— Estávamos... praticando exercício... E você? O que está fazendo aqui?

— Eu me escondi porque as outras crianças queriam me bater e me obrigar a engolir cocô de cachorro — explicou Hillel ao diretor, que não prestava mais atenção, porque estava procurando a Sra. Chariot no corredor.

— Muito bem — disse Hennings. — Adeline? Adeline, você está aí?

— Posso continuar escondido? — perguntou Hillel. — Tenho muito medo do que Porco vai fazer comigo.

— Muito bem, meu garoto. Viu a Sra. Chariot?

— Ela foi embora.

— Embora para onde?

— Não sei, para lá.

— Bom, brinque aí um pouquinho. Já volto.

Hennings seguiu pelo corredor, gritando:

— Adeline? Adeline, cadê você?

Encontrou a Sra. Chariot encolhida num canto.

— Não se preocupe, Adeline — tranquilizou-a. — O garoto não viu nada.

— Ele viu tudo! — gritou ela.

— Não, não. Garanto que não.

— Tem certeza? — perguntou ela, com a voz trêmula.

— Absoluta. Está tudo bem, não há motivos para se preocupar. E, além do mais, ele não é do tipo que cria caso. Não se preocupe, vou conversar com ele.

Contudo, ao voltar à sala da redação do jornal, Hennings descobriu que Hillel não estava mais lá. Encontrou-o uma hora mais tarde, em sua casa, quando o menino tocou a campainha.

— Oi, diretor.

— Hillel? Mas o que você está fazendo aqui?

— Acho que tenho uma coisa que lhe pertence — disse o garoto, tirando uma calcinha da mochila.

Hennings arregalou os olhos e balançou as mãos.

— Suma com esse lixo! — ordenou. — Não sei do que você está falando!

— Acho que é da Sra. Chariot. O senhor baixou a calcinha dela para dar palmadas, e ela se esqueceu de colocá-la de volta. É estranho porque, se eu me esquecesse de colocar a cueca, sentiria frio no pinto. Mas talvez as mulheres, que têm pinto embutido, não sintam as correntes de ar.

— Cale a boca e dê o fora daqui! — sibilou Hennings.

Vindo da sala, a voz da esposa do diretor perguntou quem havia tocado a campainha.

— Ninguém, querida — respondeu Hennings, com a voz melíflua. — Um aluno que se meteu em encrenca.

— Será que não devíamos perguntar à sua esposa se a calcinha é dela? — sugeriu Hillel.

Com um gesto desastrado, Hennings tentou agarrar a calcinha, mas, como não conseguiu, gritou para a esposa:

— Querida, vou dar uma volta!

Saiu de chinelo na calçada e arrastou Hillel.

— Você é louco de vir aqui?

— Vi que tem um quiosque de sorvete logo ali — disse o menino.

— Não vou comprar sorvete para você. Está na hora do jantar. Aliás, como veio até aqui?

— Será que a Sra. Chariot gosta de colocar sorvete no seu bumbum vermelhinho? — comentou Hillel.

— Venha, vamos comprar sorvete.

Cada um com uma casquinha de sorvete na mão, eles deram uma volta no quarteirão.

— Por que deu uma palmada na coitada da Sra. Chariot?

— Era um jogo.

— Na escola, nos falaram sobre maus-tratos. Aquilo era um caso de maus-tratos? Eles nos deram um número de telefone.

— Não, garoto. Era uma coisa que nós dois queríamos.

— Brincar de palmada?

— É. São palmadas especiais. Não machucam. Fazem bem.

— Ah! Mas meu colega Luis levou uma palmada do pai e disse que doeu muito.

— Isso é diferente. O que você viu são palmadas que os adultos dão uns nos outros. Eles conversam sobre isso antes para terem certeza de que estão de acordo.

— Ah — respondeu Hillel. — Quer dizer que o senhor disse à Sra. Chariot: “Ei, Sra. Chariot, se incomodaria de baixar a calcinha para receber uma palmada?” E ela

respondeu: “Sem problemas.” Foi isso?

— De certa forma.

— Que bizarro.

— Sabe, mocinho, os adultos são bizarros.

— Sei disso.

— Mais bizarros do que você pode imaginar.

— O senhor também?

— Eu também.

— Sabe, entendo o que o senhor está falando. Alguns amigos dos meus pais tiveram que se divorciar. Certa noite, os dois foram jantar na minha casa e, uma semana depois, a mulher foi dormir lá. Ela não parava de falar do marido e só usava palavras proibidas. Ele fazia coisas com a babá dos filhos.

— Às vezes os homens fazem isso.

— Por quê?

— Por várias razões. Para se sentirem melhores, para se sentirem mais fortes. Para se sentirem mais jovens. Para aliviar as pulsões.

— O que é uma pulsão?

— É uma coisa que sai de nós e não sabemos direito por quê. Nossa cabeça não consegue mais pensar, nosso corpo age sem controle e depois nos arrependemos.

— Um dia desses encontrei um saco de balas atrás da minha cama. Eram minhas balas preferidas, e mamãe me disse para não tocar nelas, pois íamos jantar, mas não aguentei e comi porque eram as minhas preferidas. Depois me arrependi, afinal fiquei empanturrado e perdi a fome para o jantar que mamãe tinha preparado. Isso foi uma pulsão?

— De certa forma, sim.

— E o senhor? Por que brinca de dar palmadas na Sra. Chariot? Não gosta mais da sua esposa, assim como o amigo do meu pai?

— Ao contrário, amo minha esposa. Amo muito.

— Então é nela que tem que dar palmadas de amor!

— Ela não quer. Sabe, às vezes os homens têm necessidades e precisam saciá-las. Mas isso não significa que eles não gostam da esposa. Quando me tranco na sala da redação com a Sra. Chariot, estou arranjando uma forma de ficar com a minha esposa. Amo minha mulher. Não gostaria que ela ficasse triste. E ela ficaria triste se soubesse disso. Entende? Tenho certeza de que você entende.

— Entendo, sim. Mas o senhor é chefe da Sra. Chariot, e isso vai dar o que falar, com certeza. E também sei que os pais dos alunos não vão gostar nada de descobrir que as carteiras em que seus filhos se sentam na sala da redação são usadas para uma professora exibir a bunda...

— Tudo bem! — interrompeu Hennings. — Já entendi! O que você quer?

— Eu gostaria que meu amigo Woody ganhasse uma bolsa de estudos na escola.

— Você enlouqueceu? Acha que posso tirar vinte mil dólares da cartola?

— O senhor cuida do orçamento do colégio. Tenho certeza de que vai dar um jeito. Só precisa colocar mais uma carteira no fundo da sala. Não é muito complicado. E assim continuará amando sua esposa e dando palmadas na Sra. Chariot.

Na manhã seguinte, o diretor Hennings ligou para Artie Crawford e lhe informou que a Associação de Pais e Alunos da escola de Oak Tree estava muito feliz em conceder uma bolsa de estudos a Woody. Após conversar com meus tios, eles sugeriram, para a felicidade de Hillel, que Woody ficasse na casa deles para morar perto da escola. Na noite do dia em que Woody entrou em Oak Tree, o diretor Hennings escreveu em seu registro de atividades: *Hoje foi tomada a decisão de conceder uma bolsa considerável a um garoto estranho, Woodrow Finn. O pequeno Hillel Goldman parece fascinado por ele. Logo descobriremos se a chegada desse novo aluno lhe permitirá revelar seu*

potencial, como espero há muito tempo.

* * *

Foi assim que Woody entrou na vida dos Goldman-de-Baltimore e se instalou num dos quartos de hóspedes da casa, que foi reformado para que ele ficasse confortável. Tio Saul e tia Anita só viram a felicidade de Hillel aumentar nos anos seguintes. Woody e ele iam e voltavam da escola juntos. Almoçavam juntos, estudavam juntos, faziam os deveres de casa juntos, e, nas quadras de esporte, apesar da diferença de estatura dos dois, tinham que ficar na mesma equipe. Foi o início de um período de tranquilidade e felicidade absolutas.

Woody entrou para o time de basquete da escola, levando-o pela primeira vez na história à conquista do campeonato. Hillel, por sua vez, modificou o jornal da escola de maneira espetacular: acrescentou uma seção dedicada a cobrir o desempenho do time de basquete e colocava os exemplares à venda nas noites de jogo. O dinheiro arrecadado alimentava o recente “Fundo da Associação de Pais e Alunos para Bolsas de Estudos”. Recebeu elogios de seus professores, ganhou o respeito de seus colegas e, em suas anotações pessoais, Hennings escreveu sobre Hillel: *Aluno sensacional, dotado de uma inteligência excepcional. Traz uma inegável contribuição para o colégio. Conseguiu reunir os colegas em torno do projeto do jornal e idealizou a vinda do prefeito à escola para um seminário sobre política. Só há uma palavra: estarrecedor.*

Não demorou muito até a quadra atrás da escola não lhes bastar mais. Precisavam de uma maior. Precisavam de algum lugar à altura de suas ambições. Depois das aulas, iam sonhar no ginásio de esportes do colégio de Roosevelt High, perto da escola deles. Chegavam antes do treino do time de basquete, se esgueiravam até a quadra e, fechando os olhos, imaginavam o Fórum de Los Angeles, o Madison Square Garden e a multidão em delírio gritando o nome deles. Hillel subia na arquibancada e Woody se posicionava no fundo da quadra. Hillel fingia que tinha um microfone nas mãos:

— A dois segundos do fim da partida, os Bulls estão perdendo por dois pontos. Mas se o ala Woodrow Finn marcar essa cesta, eles vencem os playoffs!

Woody, fazendo graça, com os olhos semicerrados, os músculos tesos, arremessava. Seu corpo se retesava no ar, seus braços se distendiam, a bola atravessava o ginásio num silêncio absoluto e aterrissava na cesta. Hillel gritava de alegria:

— Vitóóóóória do Chicago Bulls com essa cesta decisiva do inacreditáááável Woodrow Finn!

Jogavam-se nos braços um do outro, davam uma volta olímpica e fugiam em seguida, com medo de serem flagrados.

Certa vez, Woody resolveu procurar tia Anita e finalmente lhe pediu, sussurrando:

— Sra. Goldman, eu... gostaria muito de tentar ligar para o meu pai. Queria lhe dar notícias.

— É claro, querido. Use o telefone quando quiser.

— Sra. Goldman, é que... eu não queria que Hillel soubesse. Não quero falar muito sobre esse assunto com ele.

— Suba para o nosso quarto. O telefone fica ao lado da cama. Ligue para o seu pai quando e quantas vezes quiser. Nem precisa pedir, querido. Suba. Pode deixar que eu distraio Hillel.

Woody se esgueirou discretamente até o quarto de tio Saul e tia Anita. Pegou o telefone e se sentou no carpete. Tirou um pedaço de papel do bolso com o número e discou. Ninguém atendeu. Caiu na caixa postal e ele deixou uma mensagem: “Oi, pai, é Woody. Estou deixando um recado porque... Eu queria lhe contar que estou morando na casa dos Goldman, e eles são muito legais comigo. Jogo basquete no time da minha escola nova. Amanhã vou tentar ligar de novo.”

Alguns meses depois, pouco antes das férias de Natal de 1990, quando tio Saul e tia Anita convidaram Woody para acompanhá-los a Miami, a primeira reação dele foi recusar. Achava que os Goldman já eram suficientemente generosos com ele e que aquela viagem representava um grande gasto de dinheiro.

— Venha conosco, vamos nos divertir — insistia Hillel. — Vai fazer o quê? Passar as férias na instituição?

Mas Woody não cedia. Certa noite, tia Anita foi conversar com ele em seu quarto. Sentou-se na beirada da cama.

— Woody, por que você não quer ir à Flórida?

— Não quero. Só isso.

— Ficaríamos muito contentes se viesse conosco.

Ele desatou a chorar e ela lhe deu um abraço apertado.

— Woody, querido, o que está havendo?

Ela passou a mão no cabelo do menino.

— É que... ninguém nunca cuidou de mim como vocês. Ninguém nunca me levou à Flórida.

— Adoraríamos fazer isso, Woody. Você é um garoto sensacional e gostamos muito de você.

— Sra. Goldman, eu roubei... Ah, estou muito arrasado, não mereço morar com vocês.

— O que você roubou?

— Outro dia, quando fui até o seu quarto, tinha um retrato seu em cima de um móvel...

Ele se levantou da cama, engolindo as lágrimas, abriu sua mochila e pegou uma foto da família. Depois a estendeu a tia Anita.

— Desculpe — disse ele, soluçando. — Eu não queria roubar, mas queria um retrato de vocês. Tenho medo de que algum dia me abandonem.

Ela acariciou seu cabelo.

— Ninguém vai abandonar você, Woody. Aliás, você fez bem em falar sobre esse retrato: está faltando alguém nele.

No fim de semana seguinte, os Goldman-de-Baltimore, que passaram a ter quatro membros, foram tirar fotos de família no shopping.

Ao voltar para casa, Woody telefonou para o pai. Caiu de novo na caixa postal e ele deixou outro recado: “Oi, pai, é Woody. Vou mandar um retrato para você. Vai ver só, é sensacional! Sou eu e os Goldman. Vamos para a Flórida no fim da semana. Tento ligar para você de lá.”

Eu me lembro bem daquele inverno de 1990 na Flórida, durante o qual Woody entrou na minha vida para nunca mais sair. A cumplicidade entre nós três foi instantânea. A partir desse dia começou a extraordinária aventura da Gangue dos Goldman. Acho que foi quando conheci Woody que comecei a gostar de verdade da Flórida, que, até então, me parecia um pouco chata. Assim como Hillel, fiquei encantado por aquele menino forte e sedutor.

No fim do primeiro ano escolar juntos em Oak Tree, na véspera da foto do anuário,

Hillel levou um embrulho para Woody.

— Para mim?

— É. Para amanhã.

Woody abriu o presente: era uma camiseta amarela com a inscrição *Amigos para toda a vida*.

— Obrigado, Hill.

— Vi no shopping. Comprei uma igual para mim. Desse jeito sairemos com a mesma camiseta na foto. Enfim, se você quiser... Espero que não ache isso muito bobo.

— Não, nem um pouco bobo!

O acaso da ordem alfabética deixou Woodrow Marshall Finn ao lado de Hillel Goldman. Na foto do anuário 1990-1991 da escola de Oak Tree, em que ambos aparecem lado a lado pela primeira vez, não era possível dizer quem, Woody ou Hillel, era o mais Goldman dos dois.

Até conhecer Duke em 2012, eu nunca me dera conta da fulgurância dos laços que podiam unir um cachorro e um homem. De tanto conviver com ele, inevitavelmente acabei me afeiçoando. Quem não teria sucumbido ao seu encanto malicioso, à ternura de sua cabeça apoiada nos joelhos, pedindo carinho, ou ao seu olhar suplicante todas as vezes que eu abria a geladeira?

Eu também constataria que, quanto mais meus laços com Duke se estreitavam, mais serena parecia minha situação com Alexandra. Ela baixara um pouco a guarda. Às vezes, me chamava de Markie, como antigamente. Redescobri sua ternura, sua doçura, as gargalhadas que dava com as minhas piadas idiotas. Os instantes que eu lhe roubava me proporcionavam uma alegria que eu não sentia mais fazia muito tempo. Percebi que nunca deixara de desejá-la, e os momentos em que eu levava Duke de volta à casa de Kevin eram os mais felizes dos meus dias. Não sei se era minha imaginação fértil que me pregava peças, mas eu tinha a impressão de que ela dava um jeito para ficarmos um pouco sozinhos. Quando Kevin estava se exercitando na varanda, ela me levava para a cozinha. Se ele estava na cozinha preparando bebidas ricas em proteína ou temperando carnes, ela me levava para a varanda. Gestos, toques, olhares, sorrisos aceleravam meu coração. Por um breve instante, eu tinha a sensação de estar novamente em osmose com ela. E quando eu entrava de volta no carro, estava totalmente abalado. Eu sentia uma vontade terrível de convidá-la para jantar fora. Para passar uma noite inteira só nós dois, sem aquele jogador de hóquei que continuava me apresentando com o relato detalhado de suas sessões de fisioterapia. Mas eu não ousava tomar a iniciativa, não queria estragar as coisas.

Com medo de comprometer tudo, uma única vez resolvi mandar Duke de volta para casa. Foi uma manhã em que acordei me sentindo culpado e tive o pressentimento de que acabaria sendo desmascarado. Quando Duke latiu pontualmente às seis da manhã e abri a porta, ele me deu uma sublime demonstração de alegria e me agachei ao seu lado.

— Você não pode ficar — falei, acariciando sua cabeça. — Tenho medo de despertar suspeitas. Precisa voltar para casa.

Ele fizera uma expressão triste e se deitara na soleira da porta, com as orelhas murchas. Não voltei atrás em minha decisão. Fechei a porta e me sentei, tão infeliz quanto o cachorro.

Nesse dia, tive dificuldade para trabalhar. Eu sentia falta de Duke. Precisava dele, precisava que estivesse mastigando os brinquedos de plástico ou roncando no meu sofá.

No fim da tarde, quando Leo apareceu lá em casa para jogar xadrez, a primeira coisa que fez foi notar minha cara de enterro.

— Alguém morreu? — perguntou ele quando abri a porta.

— Não vi Duke hoje.

— Ele não veio?

— Veio, mas tive que mandá-lo de volta para casa. Fiquei com medo de ser desmascarado.

Ele me observou com curiosidade.

— Você tem certeza de que está bem da cabeça?

No dia seguinte, quando Duke latiu às seis da manhã, eu já tinha preparado uma carne de primeira para ele. Como eu precisava passar no correio, levei-o comigo. Em seguida, não resisti à vontade de dar uma volta com o cachorro no centro da cidade: levei-o para tomar banho e comer sorvete de pistache numa pequena sorveteria

artesanal de que eu gostava. Estávamos na varanda, e eu segurava a casquinha que ele lambia fervorosamente quando ouvi uma voz masculina me chamar:

— Marcus?

Eu me virei, morrendo de medo de ser pego em flagrante delito. Era Leo.

— Caramba, Leo, você me assustou!

— Mas você pirou completamente, Marcus! O que está fazendo?

— Estamos tomando sorvete.

— Você está passeando pela cidade com o cachorro para todo mundo ver! Quer que Alexandra descubra seu segredinho?

Leo tinha razão. E eu sabia disso. Talvez, no fundo, fosse o que eu quisesse: que Alexandra descobrisse tudo. Que acontecesse alguma coisa. Eu queria mais do que nossos instantes a sós. Queria que tudo voltasse a ser como antes. Mas oito anos haviam se passado e ela refizera sua vida.

Leo me intimou a devolver Duke para Alexandra antes que eu resolvesse levá-lo ao cinema ou fazer alguma idiotice qualquer. Obedeci. Quando voltei, encontrei-o na entrada de sua casa, escrevendo. Acho que ficou ali para me espiar. Por isso me aproximei dele.

— E então? — perguntei, indicando com a cabeça seu caderno sempre em branco.

— Como vai seu romance?

— Nada mal. Tive a ideia de escrever a história de um velho que vê seu jovem vizinho amar uma mulher por meio de um cão.

Suspirei e me sentei na cadeira ao seu lado.

— Não sei o que fazer, Leo.

— Faça igual ao cachorro. Obrigue-se a escolher. O problema das pessoas que compram um cachorro é que não costumam perceber que não são elas que estão comprando o cachorro, mas claramente o inverso: é o animal que decide sobre suas afinidades. É o cão que adota você, fingindo obedecer a todas as suas regras para não irritá-lo. Se não houver convivência, ferrou. Prova disso é a história terrível, mas verídica, que ocorreu no estado da Geórgia, em que uma mãe solteira, completamente sem noção, comprou um dachshund malhado, batizado de Whisky, para animar um pouco seu dia a dia e o de seus dois filhos. Mas infelizmente Whisky não lhe correspondia e o convívio se tornou insustentável. Sem conseguir se livrar dele, a mulher decidiu usar métodos radicais: colocou-o sentado em frente à sua casa, encharcou-o de gasolina e ateou fogo. O cachorro, em chamas e uivando mortalmente, saiu correndo e acabou entrando na casa, onde os dois filhos da mulher estavam diante da televisão. A casa queimou totalmente, com Whisky e as crianças, e os bombeiros só encontraram cinzas. Agora você entende por que deve deixar o cachorro escolher.

— Acho que não entendi nada da sua história, Leo.

— Você deveria agir da mesma maneira com Alexandra.

— Quer que eu a queime viva?

— Não, seu imbecil. Pare de bancar o bobo apaixonado: faça com que ela escolha você.

Dei de ombros.

— De toda forma, acho que ela está prestes a voltar para Los Angeles. Pretendia ficar aqui durante a recuperação de Kevin, e ele já está praticamente bom.

— Está brincando? Não vai fazer nada? Dê um jeito para ela ficar! Aliás, quando vai me contar o que aconteceu entre vocês dois? Ainda não me disse como se conheceram.

Eu me levantei.

— Na próxima oportunidade, Leo. Prometo.

Na manhã seguinte, meu companheiro Duke foi pego no flagra enquanto fugia. Como sempre, latiu diante da minha porta às seis da manhã, porém, ao abrir, deparei com Alexandra atrás dele, parecendo ao mesmo tempo animada e incrédula, vestindo o que devia ser seu pijama.

— Há um buraco no fundo do jardim — disse ela. — Vi hoje de manhã. Ele passa debaixo da cerca e sai aqui. Acredita numa coisa dessas?

Ela caiu na gargalhada. Continuava bonita como sempre, mesmo de pijama e sem maquiagem.

— Quer entrar e tomar um café? — perguntei.

— Eu adoraria.

De repente, me dei conta de que os pertences de Duke estavam espalhados pela sala.

— Espere só um segundo, vou vestir uma calça.

— Você já está de calça — observou ela.

Não respondi nada e simplesmente fechei a porta na cara dela, pedindo um pouco de paciência. Corri pela casa e recolhi todos os brinquedos de Duke, as tigelas, o cobertor, e os joguei de qualquer jeito no meu quarto.

Voltei imediatamente para abrir a porta, e Alexandra me encarou, achando graça. Ao fechar a porta após ela ter entrado, não notei que havia um homem nos observando de um carro e tirando fotos.

Baltimore.
1992-1993.

Obedecendo a um calendário imutável, de quatro em quatro anos o Dia de Ação de Graças é precedido pela eleição presidencial. Em 1992, a Gangue dos Goldman participou ativamente da campanha de Bill Clinton.

Tio Saul era um democrata convicto, o que gerara várias discussões por ocasião das nossas férias de inverno na Flórida, durante o Ano-Novo em 1992. Minha mãe dizia que vovô sempre votara nos republicanos, mas depois que o Grande Saul passou a votar nos liberais, vovô fez a mesma coisa. Seja como for, tio Saul nos deu nossa primeira lição de cidadania, nos fazendo aderir à causa de Bill Clinton. Tínhamos doze anos e a aventura da Gangue dos Goldman estava no auge. Eu só vivia para eles, para nossos momentos de confraternização. E só a ideia de fazer campanha com eles — pouco importava para quem — me enchia de alegria.

Woody e Hillel não haviam parado de trabalhar para Bunk. Não só era um prazer para eles como completava a mesada. Trabalhavam bem e com eficiência, e alguns moradores de Oak Park, irritados com a lentidão de Bunk, entravam em contato diretamente com eles para o trabalho de jardinagem. Nesses casos, eles separavam vinte por cento do que ganhavam e passavam para Bunk, sem que ele se desse conta, enfiando o dinheiro no bolso do seu uniforme ou no porta-luas de sua caminhonete. Quando eu ia a Baltimore, adorava ajudá-los, ainda mais quando trabalhavam para os próprios clientes. Tinham conquistado uma pequena clientela fiel e usavam uma camiseta que haviam mandado confeccionar num armazinho, tendo costurado na altura do coração os dizeres *Jardineiros Goldman desde 1980*. Havia mandado fazer uma para mim também, e nunca me senti tão orgulhoso ao passear em Oak Park com meus dois primos enquanto nós três exibíamos nossos uniformes magníficos.

Eu admirava muito o espírito empreendedor deles e sentia muito orgulho de ganhar um pouco de dinheiro com meu suor. Era uma ambição que eu tinha desde que descobri os talentos de *self-made man* de Steven Adam, um dos meus colegas de escola em Montclair. Steven era um menino muito legal comigo: costumava me convidar para passar a tarde em sua casa e depois para jantar. Porém, à mesa ele perdia o controle. Diante da menor contrariedade, começava a xingar a mãe de um jeito terrível. Bastava a comida não estar a seu gosto para que de repente ele desse um tapa na mesa e fizesse seu prato voar, berrando:

— Não quero a porra desse molho de merda. É nojento para cacete!

E seu pai se levantava imediatamente. A primeira vez que testei unhei isso, achei que era para dar um tapa magistral no filho, mas, para minha grande surpresa, o pai foi pegar o cofrinho de plástico em cima da cômoda. Era sempre o mesmo teatro. O pai saía correndo atrás de Steven, gritando:

— Cofrinho do palavrão! Três palavrões, setenta e cinco centavos!

— Enfie no cu esse seu cofrinho de merda! — retrucava Steven, correndo pela sala e mostrando o dedo do meio.

— Cofrinho do palavrão! Cofrinho do palavrão! — ordenava o pai com a voz trêmula.

Steven dizia ao pai:

— Cale a boca, seu maldito! Filho da puta!

E o pai continuava correndo atrás com o cofrinho, que parecia pesado demais para

seus braços magros.

— Cofrinho do palavrão! Cofrinho do palavrão!

Como nas fábulas, o fim era sempre igual. O pai, cansado, interrompia sua dança grotesca. Para disfarçar, dizia num tom sofisticado:

— Bom, vou adiantar o dinheiro para você, mas descontarei da sua mesada!

Tirava do bolso uma nota de cinco dólares que enfiava nos glúteos do porquinho antes de voltar a se sentar à mesa, humilhado. Sem ser incomodado, Steven retornava ao seu lugar, engolia a sobremesa, arrotando, depois fugia de novo, pegando o cofrinho no caminho e se trancando no quarto para esconder o que roubara. Enquanto isso sua mãe me levava para casa, e eu lhe dizia:

— Muito obrigado, Sra. Adam, pelo jantar delicioso.

Steven tinha talento para os negócios. Não satisfeito em embolsar o dinheiro em decorrência dos próprios palavrões, ganhava uma bela quantia escondendo as chaves do carro do pai, que só devolvia se recebesse resgate. De manhã, quando se dava conta, o pai aparecia na porta do seu quarto para suplicar:

— Steven, por favor, devolva as chaves... Vou chegar atrasado ao trabalho. Sabe o que vai acontecer comigo se eu chegar atrasado de novo? Serei demitido. Foi meu chefe que falou.

A mãe vinha reforçar o pedido e batia na porta, furiosa.

— Abra, Steven! Em nome de Deus, abra imediatamente, está ouvindo? Quer que seu pai perca o emprego e a gente more na rua?

— Não estou nem aí! Vai custar vinte pratas se quiserem suas malditas chaves!

— Tudo bem — dizia o pai, choramingando. — Aceito.

— Passe o dinheiro por debaixo da porta! — ordenava Steven.

O pai obedecia, depois a porta se abria bruscamente e ele recebia as chaves no meio da cara.

— Obrigado, otário! — berrava Steven, antes de bater a porta.

Toda semana, na escola, Steven exibia montes de dinheiro cada vez maiores, com os quais pagava generosamente várias rodadas de sorvete. Como nos assuntos de moda, o pioneiro costuma ser imitado, mas é raro alguém conseguir igualar seus feitos. Fiquei sabendo que meu colega Lewis se aventurou a ganhar dinheiro xingando o pai, mas recebeu duas bofetadas que deixou suas orelhas vermelhas e nunca mais tentou. Portanto, eu estava orgulhoso de voltar a Montclair cheio de dólares que eu recebia pelo meu trabalho como jardineiro, o que também me permitia pagar rodadas de sorvete e impressionar meus colegas.

Bunk continuava reticente em me pagar um salário. Quando me via chegar, começava a resmungar que não me pagaria, que Hillel e Woody já lhe custavam caro demais, mas meus primos sempre dividiam comigo o que ganhavam no dia. Por mais que ele só reclamasse, gostávamos de Bunk. Ele nos chamava de “seus merdinhas” e nós o apelidamos de Skunk, gambá em inglês, por causa do seu cheiro. Era um homem de rara vulgaridade e, para nossa diversão, sempre que zombávamos do seu nome, ele disparava um monte de palavrões:

— Meu nome é *Bunk! Bunk!* Não é complicado, é? Seus merdinhas! *Bunk* com *B!* Igual a Bosta! Ou Bunda-mole!

* * *

Em fevereiro de 1992, apesar do fracasso nas primárias de New Hampshire, Bill Clinton continuava sendo um forte candidato à nomeação democrata. Arranjamos adesivos de apoio que colamos nas caixas de correio e nos para-choques dos clientes de Bunk, assim como na caminhonete dele. Naquela primavera, os Estados Unidos presenciaram motins violentos após a absolvição de quatro policiais acusados de

espancaram cruelmente um cidadão negro durante uma perseguição. As imagens do espancamento filmadas por um transeunte tinham abalado o país. Dessa forma teve início o que ficou conhecido no mundo inteiro como o caso Rodney King.

— Não entendi nada — disse Woody, com a boca cheia. — O que quer dizer *recusar*?

— Woody, querido, engula antes de falar — repreendeu tia Anita.

Hillel tentou explicar:

— O promotor disse que o júri não é imparcial e que é preciso substituí-lo. Na totalidade ou parcialmente. É o que significa *recusar*, nesse caso.

— Mas por quê? — perguntou Woody, que se apressou a engolir para não perder nada da conversa.

— Porque eles são negros. E Rodney King também é negro. O promotor disse que, com um júri formado por negros, o veredito não será imparcial. Então pediu que os jurados fossem recusados.

— Sim, mas se fizermos o mesmo raciocínio, um júri formado por brancos ficará do lado dos policiais!

— Exatamente! Este é o problema. O júri branco inocentou policiais brancos de terem espancado um cara negro. Esse foi o motivo de toda a revolta.

A conversa animada à mesa dos Goldman-de-Baltimore girava em torno de um único assunto: o caso King. Hillel e Woody acompanhavam avidamente os acontecimentos. O caso despertou em Woody um interesse por política e, alguns meses depois, no outono de 1992, de forma espontânea Hillel e ele passaram os fins de semana fazendo campanha para Bill Clinton, juntando-se ao estande do comitê democrata local no estacionamento do supermercado de Oak Park. Eram de longe os dois militantes mais jovens do grupo e, certo dia, quando uma equipe da televisão local notou a presença deles, chegaram inclusive a entrevistá-los para uma reportagem:

— Por que você vota nos democratas? — perguntou o jornalista a Woody.

— Porque meu amigo Hillel disse que é o certo.

O jornalista, um pouco constrangido, virou-se então para Hillel e o interrogou:

— E você, meu garoto, acha que Clinton vai vencer?

E escutou, paralisado, a resposta daquele menino de doze anos:

— É preciso ver as coisas de forma clara. É uma eleição difícil. George Bush conquistou várias vitórias durante seu mandato e, alguns meses atrás, eu apostaria nele como vencedor. Mas o país está em recessão, a taxa de desemprego aumentou muito e as recentes revoltas após o caso Rodney King só pioraram as coisas para ele.

* * *

O período eleitoral coincidiu com a chegada de um novo aluno na sala de Woody e Hillel: Scott Neville, um menino que sofria de fibrose cística e tinha um biotipo ainda mais franzino que o de Hillel.

O diretor Hennings foi explicar aos meninos o que era fibrose cística. Eles só memorizaram que Scott tinha grande dificuldade respiratória, e por isso foi apelidado de “Meio Pulmão”.

Scott, que penava para correr e, portanto, para fugir, se tornou a nova vítima de Porco. Mas isso durou apenas alguns dias, pois, assim que Woody se deu conta disso, ameaçou socar o nariz de Porco, o que o convenceu a parar imediatamente.

Woody protegeu Scott como fizera com Hillel, e os três meninos logo descobriram que tinham grandes afinidades.

Não demorei a ouvir falar em Scott, e devo confessar que fiquei com um pouco de ciúme ao descobrir que meus primos formavam um trio com outro menino que não era eu: Scott ia passear no aquário, ia com eles à praça e, no dia das eleições, enquanto eu

estava entediado em Montclair, Hillel e Woody, acompanhados de tio Saul, Scott e seu pai, Patrick, foram acompanhar os resultados no quartel-general dos democratas em Baltimore. Pularam de alegria no momento do anúncio dos resultados, depois foram comemorar a vitória nas ruas. À meia-noite, passaram no Dairy Shack de Oak Park, onde cada um pediu um enorme milk-shake de banana. Naquela noite de 3 de novembro de 1992, meus primos de Baltimore ajudaram a eleger o novo presidente dos Estados Unidos. Enquanto eu arrumava meu quarto.

Já passava das duas da manhã quando foram para a cama naquela noite. Hillel dormiu como uma pedra, mas Woody não conseguiu pregar o olho. Escutou à sua volta: tudo parecia indicar que tio Saul e tia Anita estavam dormindo. Abriu a porta do quarto sem fazer barulho e se esgueirou discretamente no escritório de tio Saul. Pegou o telefone e discou o número que sabia de cabeça. Eram três horas a menos em Utah. Para sua grande alegria, alguém atendeu.

— Alô?

— Oi, pai, é Woody!

— Ah, Woody... Woody quem?

— Bom... Woody Finn.

— Ah, Woody...! Caramba, desculpe, meu filho! Sabe, com o chiado do telefone, não reconheci sua voz. Como vai, filho?

— Tudo bem. Muito bem! Faz tempo que a gente não se fala, pai! Por que nunca me ligou de volta? Não ouviu meus recados na caixa postal?

— Quando você liga, meu filho, já está no meio da tarde aqui e não tem ninguém em casa. A gente trabalha, sabe. Tentei retornar a ligação várias vezes, mas sempre dizem na instituição que você não está.

— É porque agora moro na casa dos Goldman. Você sabe...

— Claro, os Goldman... Ah, então me conte, campeão, como vão as coisas?

— Ah, pai, participamos da campanha do Clinton, foi superlegal. E à noite comemoramos a vitória com Hillel e o pai dele. Hillel disse que foi um pouco por nossa causa. Você nem imagina quantos fins de semana passamos no estacionamento do shopping distribuindo adesivos para as pessoas.

— Ei — disse o pai com a voz pouco entusiasmada. — Não perca seu tempo com essas bobagens, meu filho. Todos os políticos são corruptos!

— Mas mesmo assim sente orgulho de mim, pai?

— Claro! Claro, meu filho! Muito orgulho.

— Mas você disse que política era coisa de corrupto...

— Não, se você gosta disso, tudo bem.

— Do que você gosta, pai? Não poderíamos gostar de alguma coisa juntos?

— Gosto de futebol americano, filho! Gosto do Dallas Cowboys! Aquilo, sim, é um time! Você vê um pouco de futebol, meu filho?

— Não muito. Mas vou passar a fazer isso! Ei, por que não vem me visitar aqui, pai? Eu poderia lhe apresentar os Goldman. Eles são muito legais.

— Pode deixar, filho. Logo mais vou dar um pulo aí. Prometo.

Após desligar, Woody permaneceu bastante tempo imóvel na poltrona do tio Saul, com o aparelho na mão.

De um dia para outro, Woody não demonstrou mais qualquer interesse por basquete. Não queria mais jogar, e nem Jordan nem os Bulls o atraíam. Só falava sobre o Dallas Cowboys. Continuava treinando com o time de basquete da escola, mas deixara de se empenhar. Jogava displicentemente a bola para o alto, que ia parar na cesta de qualquer jeito. Até que um sábado de manhã declarou a Hillel que não queria jogar basquete e provavelmente nunca mais o faria. Isso deixou Hillel furioso. Foi a primeira briga de verdade dos dois.

— Que obsessão é essa de repente? — perguntou Hillel, irritado, sem entender nada.

— A gente gosta de basquete, não é?
— Por que isso incomoda você? Gosto de futebol e ponto final.
— E por que o Dallas? Por que não o Washington Redskins?
— Porque eu faço o que quiser.
— Você é estranho! Faz uma semana que está agindo de um jeito esquisito!
— E faz uma semana que você está bancando o idiota!
— Ei, não precisa ficar nervoso! Acho futebol americano uma porcaria, só isso.
Prefiro basquete.

— Se não gosta de futebol, então vá jogar sozinho, seu pereba!

Woody saiu correndo e, apesar dos gritos de Hillel, não olhou para trás e desapareceu. Hillel esperou por um instante, torcendo para o amigo voltar. Como isso não aconteceu, foi atrás dele. Procurou na quadra, no Dairy Shack, na praça, nas ruas por onde eles costumavam passar. Então se apressou para avisar seus pais.

— Como assim, vocês brigaram? — perguntou tia Anita.

— Ele ficou obcecado por futebol americano, mãe. Perguntei o motivo e ele ficou bravo.

— Isso acontece, querido. Não se preocupe. Às vezes amigos brigam. Ele não deve ter ido muito longe.

— É, mas dessa vez ele ficou muito zangado...

Como Woody não voltava para casa, eles percorreram o bairro de carro. Em vão. Tio Saul voltou de seu escritório e também esquadrinhou Oak Park, mas Woody continuava desaparecido. Tia Anita avisou Artie Crawford sobre a situação. Na hora do jantar, ainda sem notícias de Woody, Artie acionou seu contato na polícia de Baltimore para lançar um aviso de busca.

Tio Saul passou parte da noite fora de casa, procurando Woody. Quando retornou, por volta da meia-noite, continuavam sem notícias. Tia Anita colocou Hillel na cama. Aninhando-o debaixo das cobertas, tentou acalmá-lo:

— Tenho certeza de que ele está bem. Amanhã tudo estará esquecido.

Tio Saul ainda ficou acordado por mais uma parte da noite. Dormiu no sofá e despertou com o toque do telefone por volta das três da manhã.

— Sr. Goldman? É da polícia de Baltimore. É a respeito do seu filho Woodrow.

* * *

Meia hora depois do telefonema da polícia, tio Saul estava no hospital, para onde Woody fora levado.

— O senhor é pai dele? — perguntou a recepcionista.

— Não exatamente.

Um policial foi encontrá-lo na recepção.

— O que aconteceu? — indagou tio Saul, seguindo o policial pelos corredores.

— Nada grave. Nós o encontramos numa rua da zona sul. Está um pouco machucado, mas esse garoto é muito forte. Podem levá-lo para casa. O senhor, afinal, é o quê? O pai?

— Não exatamente.

Woody atravessara Baltimore de ônibus sem um tostão. Seu plano inicial fora pegar um ônibus até Utah. Quis ir para a estação rodoviária, mas pegou a linha errada duas vezes, antes de continuar a pé e se perder num bairro perigoso, onde acabara sendo agredido por um grupo que queria dinheiro e ele não tinha. Esmurrara um dos caras do bando, mas os outros acabaram com ele.

Então Saul entrou no quarto, onde encontrou Woody chorando, com o rosto inchado. Abraçou o menino.

— Desculpe, Saul — murmurou Woody, soluçando. — Desculpe ter incomodado

você. Eu... eu não sabia o que dizer. Falei que você era meu pai. Só queria que alguém viesse logo me tirar daqui.

— Fez bem.

— Saul... acho que não tenho pais.

— Não fale uma coisa dessas.

— Além disso, discuti com Hillel. Ele deve me odiar.

— De forma alguma. Às vezes amigos falam coisas que não devem. Isso é normal. Venha, vou levá-lo para casa. Vou levá-lo para a nossa casa.

Foi preciso que Artie Crawford interviesse para que os policiais finalmente deixassem Woody ir embora com tio Saul.

Naquela noite de outono, a casa dos Goldman-de-Baltimore era a única da rua que ainda estava com as luzes acesas. Eles abriram a porta com um empurrão e tia Anita e Hillel, que aguardavam, inquietos, na sala, correram na direção dos dois.

— Meu Deus, Woody! — exclamou tia Anita ao ver o rosto do menino.

Levou Woody ao banheiro, passou pomada em seus machucados e verificou o curativo sobre seu supercílio, onde ele levava pontos.

— Dói? — perguntou, baixinho.

— Não.

— Afinal, Woody, o que deu em você? Poderia ter sido morto!

— Desculpe. Vou entender se todos estiverem me odiando.

Ela o abraçou com força.

— Ah, querido, que ideia... Como pode pensar uma coisa dessas?! Como quer que alguém odeie você? Nós te amamos como um filho. Nunca duvide disso.

Ela o abraçou de novo, tocou em seu rosto marcado e o acompanhou até o quarto. Woody se deitou, ela se acomodou ao seu lado e fez cafuné até ele dormir.

* * *

A vida retomou seu curso na casa dos Goldman-de-Baltimore. A diferença foi que de manhã Hillel passou a levar uma bola de futebol americano para a escola. Depois das aulas, Woody e ele não iam mais para a quadra de basquete de Roosevelt High, e sim para o campo de treino do time de futebol. Atravessavam o gramado e planejavam estratégias decisivas de jogo. Scott, um grande fã de futebol americano, acompanhava-os e atuava como árbitro e comentarista, até perder o fôlego.

— *Touchdown* nos últimos segundos da final do campeonato! — gritava, formando um megafone com as mãos.

Enquanto isso, com os braços erguidos, Woody e Hillel saudavam as arquibancadas vazias, onde a multidão em delírio gritava seus nomes antes de invadir o campo para carregar em triunfo a dupla invencível. Em seguida, comemoravam a vitória nos vestiários, onde Scott interpretava o papel do recrutador da NFL, a prestigiosa Liga Norte-Americana de Futebol, e os fazia assinar folhas de exercícios de matemática como se fossem contratos mirabolantes. Em geral, o zelador, alertado pelo barulho, surgia nos vestiários desertos e eles saíam sem dizer mais nada, Woody na frente, Hillel logo atrás e Scott, por fim, arfando e cuspiendo.

* * *

Na primavera seguinte, Woody foi a Salt Lake City durante as férias para encontrar o pai. Hillel lhe deu a bola de futebol americano para que ele pudesse jogar com o pai e suas irmãs gêmeas, que ainda não conhecia.

A semana em Utah foi catastrófica. Na casa dos Finn-de-Salt-Lake-City, Woody não tinha lugar. Sua madrastra não era má, porém ficava superatarefada com as gêmeas. No

dia em que ele chegou, ela lhe disse:

— Você me parece um garoto esperto. Aja como se estivesse em casa. Pegue o que quiser na geladeira. Cada um come um pouco quando sente vontade. As meninas odeiam comer à mesa, ficam agitadas demais.

No domingo, seu pai o convidou para assistir aos jogos de futebol americano na televisão. Passaram a tarde fazendo isso. Mas era proibido falar durante as partidas e, no intervalo, o pai corria para a cozinha e fazia nachos ou pipoca. No fim do dia, seu pai estava muito irritado: todos os times nos quais ele apostara haviam perdido. Como ainda tinha que preparar trabalho para o dia seguinte, foi até o escritório no momento em que Woody pensava que ele ia levá-lo para jantar em algum lugar.

No dia seguinte, ao voltar de um passeio pelo bairro, Woody, ao empurrar a porta da entrada, deparou com o pai se preparando para fazer jogging e olhando para ele com decepção e espanto. Repreendeu-o:

— Quer dizer então, Woody, que você não toca mais a campainha quando entra na casa das pessoas?

Woody tinha a impressão de ser um estranho na casa do pai. Sentia uma grande mágoa. Sua verdadeira família estava em Baltimore. Seu irmão era Hillel. Sentiu saudade de ouvir sua voz e ligou para ele.

— Não me entendo com eles, não gosto dessas pessoas. Tudo é horrível aqui! — reclamou.

— E suas irmãs? — perguntou Hillel.

— Detesto elas.

Foi possível ouvir uma voz feminina ao fundo:

— Woody, você ainda está ao telefone? Espero que não seja uma chamada de longa distância. Sabe quanto custa?

— Hill, preciso desligar. Levo bronca o tempo todo aqui, não tem jeito.

— Está bem, cara. Agente firme...

— Vou tentar... Hill?

— O quê?

— Quero voltar para casa.

— Eu sei, cara. Até breve.

Na véspera de sua volta para Baltimore, Woody fez o pai prometer que os dois jantariam juntos. Durante todo aquele tempo, não tivera um instante sequer a sós com ele. Às cinco da tarde, Woody parou diante da casa. Às oito da noite, sua madrastra levou refrigerante e batatas fritas para ele. Às onze, seu pai chegou.

— Woody? — chamou ele, notando o filho na penumbra. — O que está fazendo do lado de fora a uma hora dessas?

— Estou esperando você. Vamos jantar juntos, lembra?

O pai se aproximou dele e as lâmpadas com sensor se acenderam. Woody viu seu rosto avermelhado por causa do álcool.

— Desculpe, rapazinho, perdi a hora.

Woody deu de ombros e lhe entregou um envelope.

— Pegue — disse ele. — É para você. Sabe, no fundo eu sabia que ia terminar assim.

O pai abriu o envelope e puxou um papel no qual estava escrito *FINN*.

— O que é isso? — perguntou.

— É o seu nome. Estou devolvendo. Não quero mais. Agora sei quem eu sou.

— E quem você é?

— Um Goldman.

Woody se levantou e entrou em casa, sem dizer mais uma palavra.

— Espere! — gritou o pai.

— Tchau, Ted! — respondeu Woody, sem sequer olhar para ele.

Woody voltou um pouco triste da casa dos Finn-de-Salt-Lake-City. No campo de Roosevelt High, explicou a Hillel e Scott:

— Eu queria jogar futebol americano para ser igual ao meu pai, mas ele não passa de um idiota que deu o fora e me abandonou. Quer dizer, não tenho certeza se gosto mesmo de futebol americano.

— Precisa fazer uma coisa diferente, Woody, que você curta.

— É, mas não sei o que eu curto.

— Qual é sua paixão na vida?

— Ah, não faço ideia.

— O que você quer fazer mais tarde?

— Bem... quero fazer o mesmo que você.

Hillel o agarrou pelos ombros e o sacudiu violentamente.

— Qual é o seu sonho na vida, Woody? Quando você fecha os olhos e sonha, como se imagina?

Woody abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Quero ser um astro do futebol americano.

— É isso aí!

No campo de Roosevelt, por mais que o zelador aparecesse de vez em quando, eles retomaram com ainda mais afinho a vida de jogadores de futebol. Aventuravam-se ali todos os dias depois da escola e nos fins de semana. Nos dias de jogo, ocupavam seus lugares na arquibancada e acompanhavam calorosamente a partida. Quando terminava, repetiam as jogadas até o zelador surgir de novo para expulsá-los. Scott tinha grande dificuldade para correr, mesmo uma pequena distância. Depois que certa vez ele quase passara mal ao escapar do zelador, Woody não largava mais um grande carrinho de mão que pegara emprestado de Skunk, que Scott usava em caso de fuga.

— Vocês de novo? — gritava o zelador, erguendo o punho com raiva. — Não podem ficar aqui! Como se chamam? Vou ligar para os pais de vocês!

— Pule dentro do carrinho! — berrava Woody para Scott, que corria na sua direção com a ajuda de Hillel, enquanto Woody levantava as alças.

— Parem! — intimava o velho, que também saía correndo na medida do possível.

Woody, com seus braços musculosos, empurrava o carrinho a toda velocidade, enquanto Hillel ia na frente para guiá-lo, e eles atravessavam Oak Park em disparada. Ninguém mais se surpreendia ao ver um estranho comboio com três meninos, sendo que um deles, franzino e pálido, porém transbordando alegria, acomodava-se dentro de um carrinho de mão.

No começo do ano escolar, tia Anita inscreveu Woody na equipe de futebol americano do bairro de Oak Park. Duas vezes por semana, ia buscá-lo no colégio e o levava para treinar. Hillel sempre o acompanhava e assistia às suas façanhas da arquibancada. Era 1993. Onze anos antes do Drama, cuja contagem regressiva já começara.

Foi numa noite de meados de março de 2012 que finalmente juntei toda a coragem que tinha. Aproveitei que Kevin não estava e, após deixar Duke, retornei e toquei novamente a campainha.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou Alexandra pelo interfone.

— Preciso falar com você.

Ela abriu a porta e foi me encontrar diante de casa. Não saí do carro, me limitando a abaixar o vidro.

— Eu queria te levar para sair.

Tudo o que ela respondeu foi:

— O que devo dizer a Kevin?

— Não diga nada. Ou diga o que quiser.

Ela fechou o portão e se sentou no banco do carona.

— Aonde vamos? — perguntou.

— Você vai ver.

Arranquei e saí do bairro para pegar a autoestrada em direção a Miami. Anoitecia. As luzes dos prédios à beira-mar cintilavam à nossa volta. O rádio do carro tocava as músicas do momento. Senti seu perfume. Recordei dez anos antes, ela e eu, atravessando o país com suas primeiras gravações demo para tentar convencer as rádios a tocá-las. Então, como se o destino estivesse brincando com nossos corações, a estação que escutávamos no carro tocou o primeiro sucesso de Alexandra. Vi lágrimas escorrendo em seu rosto.

— Lembra a primeira vez que ouvimos essa música no rádio? — perguntou ela.

— Claro.

— Devo tudo isso a você, Marcus. Foi você quem me incentivou a lutar pelos meus sonhos.

— É tudo obra sua. E de mais ninguém.

— Você sabe que isso não é verdade.

Ela estava chorando. Eu não sabia o que fazer. Coloquei uma das mãos em seu joelho e ela a segurou. Depois a apertou com força.

Fomos em silêncio até Coconut Grove. Percorri as ruas residenciais, e ela não disse nada. Finalmente chegamos à casa do meu tio. Estacionei no meio-fio e desliguei o motor.

— Onde estamos? — perguntou Alexandra.

— Foi nessa casa que terminou a história dos Goldman-de-Baltimore.

— Quem morava aqui, Marcus?

— Tio Saul. Ele passou os últimos cinco anos de sua vida aqui.

— Quando... quando ele morreu?

— Em novembro. Vai fazer quatro meses.

— Sinto muito, Marcus. Por que não me contou um dia desses?

— Eu não estava com vontade de falar sobre isso.

Saímos do carro e nos sentamos em frente à casa. Eu estava me sentindo bem.

— O que o seu tio fazia na Flórida? — perguntou Alexandra.

— Ele fugiu de Baltimore.

Anoitecera naquela rua tranquila. Estávamos numa semipenumbra propícia a confidências. A escuridão me impedia de ver seus olhos, mas eu sabia que Alexandra me observava.

— Sinto sua falta há oito anos, Marcus.

— Eu também...

— Eu só queria ser feliz...

— Não é feliz com Kevin?

— Eu queria ser feliz com ele como sou com você.

— Será que você e eu...

— Não, Marcus. Você me magoou muito. Me abandonou...

— Fui embora porque você deveria ter me contado o que sabia, Alexandra...

Ela enxugou os olhos com o dorso do braço.

— Pare, Marcus. Pare de se comportar como se tudo fosse culpa minha. O que teria mudado se eu houvesse contado? Acha que eles ainda estariam vivos? Será que algum dia vai entender que você não tinha como salvar seus primos? — Ela desatou a chorar.

— Deveríamos ter ficado juntos pelo resto da vida, Marcus.

— Agora você está com Kevin.

Ela percebeu que eu a culpava.

— O que queria que eu fizesse, Marcus? Que passasse a vida inteira esperando por você? Esperei por tempo suficiente. Esperei demais. Esperei por anos a fio. Anos, está ouvindo? Primeiro, substituí você por um cachorro. Por que acha que adotei Duke? Preenchi minha solidão na esperança de que você reaparecesse. Depois que foi embora, passei três anos cultivando diariamente a esperança de reencontrar você. Dizia para mim mesma que você estava em choque, que precisava de tempo...

— Também não parei de pensar em você durante todos esses anos — falei.

— Não me venha com esse papo furado, Markie! Se tivesse tanta vontade de me reencontrar, teria feito isso. Mas preferiu ficar com aquela atriz de segunda categoria.

— Isso foi três anos depois da nossa separação! — exclamei. — E, aliás, foi uma coisa sem importância.

Meu relacionamento com Lydia Gloor começara com um mal-entendido. Foi no outono de 2007, em Nova York. Naquela época, os direitos do meu primeiro romance, *G de Goldstein*, tinham sido vendidos para a Paramount, e as filmagens estavam previstas para o verão seguinte, em Wilmington, na Carolina do Norte. Certa noite, fui convidado a assistir na Broadway a uma adaptação de *Gata em telhado de zinco quente*, que estava fazendo um enorme sucesso. O papel de Maggie era interpretado por Lydia Gloor, uma jovem atriz de cinema que estava em alta e era disputada pelos diretores. Aparentemente Lydia Gloor no papel de Maggie era a revelação do ano. A peça estava com a lotação esgotada. A crítica era unânime, Nova York inteira se apressava para ver. Minha opinião no fim da peça foi que a atuação de Lydia Gloor tinha sido um desastre. Ela estava bem durante os primeiros vinte minutos e reproduzia perfeitamente o sotaque do Sul. O problema era que ia se perdendo aos poucos e no fim do espetáculo seu sotaque adquiria nuances do alemão.

Essa história teria encerrado aí se o acaso da vida não determinasse que, no dia seguinte, eu fosse esbarrar com ela no café embaixo da minha casa, aonde ia todos os dias. Eu estava sentado a uma mesa, lendo o jornal e tomando tranquilamente meu café. Só a vi quando se aproximou.

— Oi, Marcus — disse ela.

Nunca tínhamos nos encontrado e fiquei impressionado que ela soubesse meu nome.

— Oi, Lydia. Prazer conhecer você.

Ela apontou para a cadeira vazia à sua frente.

— Posso me sentar? — perguntou.

— Claro.

Então se sentou. Parecia incomodada. Começou a brincar com seu copinho de café.

— Fiquei sabendo que você estava na peça ontem...

— Sim, foi magnífica.

— Marcus, eu queria... Eu queria lhe agradecer.
— Me agradecer? Por quê?
— Por ter aceitado que eu participasse do filme. Achei legal você ter aceitado. Eu... adorei o livro. Nunca tive oportunidade de lhe dizer isso.
— Espere um pouco. De que filme você está falando?
— Ora, de *G de Goldstein*.

E foi nesse momento que ela me revelou que ia interpretar Alicia (na verdade, Alexandra). Eu não estava entendendo nada. O elenco já tinha sido escolhido, e eu aprovara cada um dos atores. Ela não era Alicia. Impossível.

— Está havendo um mal-entendido — falei, num tom totalmente desastrado. — Está tudo certo para o filme, mas posso garantir que você não está no elenco. Acho que fez confusão.

— Confusão? Claro que não. Já assinei o contrato. Eu achava que você sabia... Na verdade, achei que você tinha aprovado.

— Não, estou dizendo que houve um mal-entendido. De fato eu aprovei o elenco e você não vai interpretar o papel de Alicia.

Ela repetiu que tinha certeza do que afirmava. Disse que havia falado com seu agente naquela mesma manhã. Que lera meu livro duas vezes para entrar no clima. Que adorara. Enquanto falava, continuava brincando nervosamente com seu café, que acabou derrubando e que se espalhou pela mesa até chegar a mim. Ela se apressou a secar minha camisa com guardanapos de papel e até mesmo com seu xale de seda, pedindo mil desculpas, completamente em pânico, e eu, sem dúvida exaltado, acabei dizendo algo de que logo depois me arrependeria:

— Escute, você não pode interpretar Alicia. Em primeiro lugar, não tem nada a ver com ela. Além do mais, vi você em *Gata em telhado de zinco quente* e não me convenceu.

— Como assim, *não se convenceu*? — retrucou ela.

Não sei o que me deu, porque falei:

— Acho que você não tem talento suficiente para atuar nesse filme. Ponto final. Não quero você. Não quero você na minha vida.

Foi uma evidente falta de tato da minha parte, uma frase dita num momento de raiva, sem dúvida alguma. O resultado foi imediato: Lydia desatou a chorar. A grande estrela da época estava chorando na minha mesa. Ouvi os cochichos dos clientes em volta, sendo que alguns começaram a tirar fotos. Eu me apressei a consolá-la, desferi mil desculpas, disse que minhas palavras não expressavam minha opinião, mas era tarde demais. Ela chorava em silêncio, e eu não sabia o que fazer. Acabei fugindo dali e corri para minha casa.

Eu sabia que tinha me metido numa confusão, e as consequências não demoraram a aparecer: algumas horas após o incidente, fui convocado por Roy, influente personalidade do cinema e produtor da adaptação cinematográfica de *G de Goldstein*, que, por coincidência, estava em Nova York naquela semana. Ele me recebeu em seu escritório no topo de um arranha-céu da Lexington Avenue.

— Vocês, escritores, não passam de um bando de neuróticos e retardados mentais! — berrou ele, suando, com o rosto vermelho, prestes a arrebentar sua camisa justíssima. — Você faz a atriz mais amada do país chorar na varanda de um café? Mas que tipo de idiota você é, Goldman? Um porra-louca? Um maluco?

— Escute, Roy — gaguejei —, foi um mal-entendido...

— Goldman — interrompeu ele num tom solene —, você é o escritor mais jovem e mais promissor que eu conheço, mas ao mesmo tempo é uma fonte inesgotável de aborrecimentos!

As primeiras fotos minhas e de Lydia tiradas pelos clientes do café já tinham sido publicadas na internet. O boato surgiu: por que o escritor Marcus Goldman havia feito

Lydia Gloor chorar? Ao sair do café no SoHo, ela ligara para seu agente, que telefonara para um chefe da Paramount, que entrara em contato com Roy, que mandara me chamar na mesma hora para fazer uma daquelas cenas que só ele sabia. Sua assistente, Marisa, pesquisava na internet as matérias que abordavam o “mal-entendido” e, à medida que surgiam, ela as imprimia, irrompendo no escritório a intervalos regulares e berlando com sua voz de matracá:

— Outra reportagem, senhor!

— Leia, querida Marisa, leia para nós as últimas notícias do naufrágio Goldman, para que eu possa avaliar a amplitude do desastre.

— Foi tirado do site *Hoje na América*: “O que está havendo entre o escritor de sucesso Marcus Goldman e a atriz Lydia Gloor? Várias testemunhas teriam presenciado uma discussão séria entre as jovens celebridades. Não perca a continuação dessa história.” Já deixaram comentários, senhor.

— Leia, Marisa! — berrou Roy. — Leia!

— Lisa F., do Colorado, diz: “Esse Marcus Goldman é mesmo mau caráter!”

— Está ouvindo, Goldman? Todas as mulheres dos Estados Unidos te odeiam!

— O quê? Ora, Roy, é só o comentário de uma pessoa anônima na internet!

— Desconfie das mulheres, Goldman, elas são como um rebanho de búfalos: se machuca uma delas, todas as outras saem em defesa e pisoteiam você até a morte.

— Roy — interrompi —, prometo que não vou mais encontrar essa mulher.

— Isso é óbvio, seu encenqueiro! Mas esse é justamente o problema. Preste atenção: eu me mato pela sua carreira, produzo o filme do século e você manda tudo para o espaço. Sabe, Goldman, você vai acabar me matando com essa mania de colocar tudo de pernas para o ar. E o que você vai fazer quando eu morrer, hein? Vai choramingar no meu túmulo, porque não terá mais ninguém para ajudá-lo. Precisava dizer barbaridades para aquela mocinha, que é uma atriz que todo mundo adora? Quando você faz chorar uma atriz que todo mundo adora, o que acontece? Todas as pessoas passam a detestar você! E se o país inteiro detesta você, ninguém vai ver o filme inspirado em seu livro! Quer ser detestado por todo mundo? Olhe, já está na internet: Marcus mau, Lydia boa.

— Mas foi porque ela veio me falar que estava no elenco do filme — justifiquei. — Eu só disse que ela estava enganada.

— Mas ela está no elenco, espertão! Inclusive é o chamariz do filme!

— Mas, Roy, nós vimos juntos a seleção do elenco! Aprovamos juntos a escolha dos atores! O que aconteceu com a atriz que havíamos escolhido inicialmente?

— Foi demitida!

— Demitida?

— Exatamente. De-mi-ti-da.

— Mas por que motivo?

— No último filme que fez, ela comia todas as rosquinhas durante o intervalo!

— Ah, Roy, que bobagem é essa?

— É verdade. Chamei o agente dela e disse: ei, rapaz, pegue essa comilona e deem o fora! Isso aqui é um set de filmagem, não uma criação de leitões!

— Chega, Roy! Por que Lydia Gloor está no filme?

— A Paramount mudou o elenco.

— Mas por quê? E com que direito?

— Faltavam atores *bankables*. Lydia Gloor é muito *bankable*. Muito mais que os atores ridículos que você escolheu, que, sem exceção, pareciam ter vindo direto das sarjetas de Nova York.

— *Bankable*?

— *Bankable* é um termo de cinema. É a relação entre o salário pago a um ator pela produção e o dinheiro que o filme arrecada depois. A pequena Gloor parece muito

bankable: se ela estiver no filme, mais gente vai querer assistir. Isso significa mais dinheiro para você, para mim, para eles, para todo mundo.

— Sei o que *bankable* significa.

— Não sabe, não! Porque, se soubesse, estaria beijando meus pés para me agradecer por tê-la contratado.

— Mas por que diabo você acata todos os desejos da Paramount? Eu não aceito que ela interprete Alicia, ponto final.

— Ah, Marcus, você não tem que aceitar nada. Quer realmente que eu lhe mostre todas as cláusulas minúsculas e incompreensíveis que você assinou? Permitimos que você acompanhasse a escolha do elenco só para agradá-lo... Você vai ver só, será um grande sucesso. O salário dela é uma fortuna. O que é caro é bom. Todo mundo vai correr para ver o filme. Quanto a você, se continuar bancando o homem do coração de gelo, prepare-se para ver grupinhos feministas queimando seus livros em praça pública e protestando em frente à sua casa.

— Roy, você é terrível.

— É assim que você agradece a quem garante o seu futuro?

— Meu futuro são os livros — respondi. — Não o seu filme idiota.

— Ah, por favor, pare com suas ladainhas de revolucionário em que ninguém acredita. Livro é passado, meu pobre Marcus.

— Ah, Roy, não acredito que você está mesmo dizendo isso.

— Ora, não fique triste, meu caro Goldman. Daqui a vinte anos as pessoas não vão mais ler. É o que vai acontecer. Elas estarão muito ocupadas mexendo no celular. Sabe, Goldman, é o fim da edição. Os filhos dos seus filhos vão olhar para os livros com a mesma curiosidade com que nós olhamos para os hieróglifos dos faraós. Eles vão perguntar: “Vovô, para que servem os livros?” E você vai responder: “Para imaginar. Ou para acabar com as árvores, não sei mais.” Nesse momento será tarde demais para abrir os olhos: a fraqueza da humanidade terá atingido um limiar crítico e nosso entretenimento será a loucura congênita (sendo que esse já é praticamente o caso). O futuro não está mais nos livros, Goldman.

— Ah, é? E onde está nosso futuro, Roy?

— No cinema, Goldman. No cinema!

— No cinema?

— O cinema, Goldman, é o futuro! Agora as pessoas querem imagem! As pessoas não querem mais refletir, querem ser guiadas! São escravizadas da manhã à noite e quando voltam para casa se sentem perdidas: seu mestre e chefe, a mão benfeitora que as protege, não está mais ali para espantá-las e conduzi-las. Felizmente existe a televisão. O homem liga o aparelho, se prosterna, lhe entrega seu destino. “O que devo comer, Mestre?”, pergunta à televisão. “Lasanha congelada!”, ordena a publicidade. E ele corre para colocar no micro-ondas aquela pequena embalagem nojenta. Em seguida, se ajoelha e pergunta: “Ei, Mestre, o que devo beber?” “Coca-Cola superaçucarada!”, berra a televisão, irritada. E ordena: “Empanturre-se, leitão, empanturre-se! Que seu corpo fique flácido e cheio de gordura.” E o homem obedece. E se empanturra. Passada a hora da refeição, a televisão se irrita e muda os anúncios: “Você está muito gordo! Está muito feio! Vá se exercitar! Fique lindo! Compre eletrodos para esculpir seu corpo, cremes para tonificar os músculos enquanto você dorme, pílulas mágicas para fazerem toda essa ginástica que você não tem mais saco porque está digerindo sua pizza!” Assim funciona o ciclo da vida, Goldman. O homem é fraco. Gregário por instinto, gosta de se espremer em salas escuras chamadas cinemas. E tcharam! Lá vem a propaganda, a pipoca, a música, as revistas gratuitas, os trailers que antecedem o filme e dizem: “Seu paspalhão, você se enganou de filme, melhor ver esse aqui, é muito mais legal!” Ei, mas você pagou pelo seu lugar, está encurralado! Então terá que voltar para ver esse outro filme, antes do qual outro trailer lhe dirá mais uma vez que você não passa de um

otário, e, infeliz e deprimido, durante o intervalo você vai consumir refrigerantes e sorvetes de chocolate vendidos a um preço exorbitante para esquecer sua situação miserável. Talvez só haja você e alguns resistentes espremidos na última livraria do país, mas vocês não conseguirão lutar indefinidamente: o povo dos zumbis e dos escravos acabará vencendo.

Caí pesadamente numa poltrona, desapontado.

— Você está louco, Roy! É uma piada, por acaso?

Como resposta, ele apenas conferiu o relógio e tamborilou os dedos no mostrador.

— Ande, agora vá, Goldman. Vá se atrasar.

— Me atrasar?

— Para o seu jantar com Lydia Gloor. Passe em casa, coloque perfume e vista um terno, porque é um restaurante chiquérrimo.

— Ah, Roy, fala sério! O que mais você fez?

— Ela recebeu um buquê de flores e um bilhete fofo escrito à mão.

— Mas eu não mandei nada para ela!

— Sei disso! Se eu tivesse que esperar você se mexer, não sairíamos do lugar. Tudo o que peço é que jante com ela. Num lugar público. Para todo mundo ver que você é um bom rapaz.

— Nunca, Roy!

— Não existe “nunca”! Essa garota é o nosso pote de ouro. Vamos paparicá-la! Vamos amá-la!

— Roy, você não está entendendo. Não tenho mais nada a dizer para essa garota.

— Você é terrível, Goldman: é jovem, rico, bonito, um escritor famoso... E o que faz? Reclama. Resmungal! Parece uma carpideira grega, caramba!

Naquela malfadada noite, Lydia e eu jantamos no Pierre. Eu achava que era apenas um jantar para acalmar os ânimos. Mas Roy armara tudo: havia paparazzi emboscados, e logo na manhã seguinte fotos de um suposto romance entre nós apareceram na internet. E todo mundo acreditou.

* * *

— Li uma matéria sobre vocês dois numa revista — disse Alexandra após ter escutado minha história na varanda da casa do meu tio. Todos os tabloides abordaram o assunto.

— Era falso. Uma armação.

Ela virou a cabeça.

— O dia em que li a matéria foi o dia em que decidi virar a página. Até então eu estava esperando por você, Marcus. Eu achava que você ia voltar. Mas partiu meu coração.

Nashville, Tennessee.

Novembro de 2007.

Eram nove da noite quando Samantha, uma das amigas mais próximas de Alexandra, apareceu em sua casa. Passara o dia inteiro tentando encontrá-la, sem sucesso. Como ninguém atendia o interfone, Samantha escalou o portão e se aproximou da casa. Bateu à porta.

— Alex? Abra. É Sam. Passei o dia atrás de você. — Nenhuma resposta. — Sei que você está aí, Alex, vi seu carro estacionado aqui fora.

A fechadura fez um clique e Alexandra abriu a porta. Estava com uma aparência terrível e com os olhos inchados de tanto chorar.

— Alex, meu Deus! O que está acontecendo?

— Ah, Sam...

Alexandra se jogou em seus braços e desatou a chorar. Era incapaz de articular a mais ínfima palavra. Samantha a acomodou na sala e foi até cozinha preparar um chá. Viu os jornais espalhados na mesa. Pegou um ao acaso e leu a manchete.

LYDIA GLOOR E O ESCRITOR GOLDMAN ESTÃO JUNTOS.

Alexandra se juntou a ela na cozinha, seguida por Duke.

— Ele está com ela. Está saindo com Lydia Gloor — murmurou Alexandra.

— Ah, minha querida... Sinto muito. Por que não me contou nada?

— Eu queria ficar sozinha.

— Ah, Alex... Você não deve mais ficar sozinha. Não sei o que aconteceu com esse Marcus, mas precisa desistir dele. Você tem tudo! É bonita, inteligente, tem o mundo a seus pés.

Alexandra deu de ombros.

— Desaprendi a paquerar.

— Ah, deixe disse, por favor!

— É verdade! — protestou Alexandra.

Samantha era casada com um dos astros da equipe de hóquei do Nashville Predators.

— Escute, Alex — disse ela. — Tem um jogador, Kevin Legendre... Ele é muito simpático e é louco por você. Faz meses que insiste para que eu marque um encontro. Venha jantar lá em casa na sexta. Vou convidá-lo também. Não custa nada, não é mesmo?

* * *

— Fui ao tal jantar — disse Alexandra. — Eu precisava esquecer você. E foi o que fiz.

— Eu não estava com Lydia naquela época! — exclamei. — Eu também estava esperando por você, Alexandra! Quando as fotos foram publicadas, não tinha acontecido absolutamente nada entre nós dois.

— Mas vocês tiveram um caso, não foi?

— Depois!

— Depois do quê?

— Depois que vi as fotos de você e Kevin nos jornais! Isso me deixou arrasado. Fui me consolar com Lydia. Mas não durou muito. Nunca consegui esquecer você, Alexandra.

Ela esboçou um olhar triste. Vi uma lágrima surgir no canto do seu olho e escorrer pelo rosto.

— O que fizemos, Marcus?

Coconut Grove, Flórida.

Junho de 2010. Seis anos após o Drama.

Assim que eu chegava, passava no supermercado para almoçar com o tio Saul. Nós sentávamos num dos bancos ao ar livre, em frente à loja, e ali comíamos um sanduíche de maionese com frango acompanhado de uma latinha de Dr Pepper.

Faith Connors, a gerente do Whole Foods, costumava ir me cumprimentar. Era uma mulher adorável. Tinha cinquenta e poucos anos, era solteira e, pelo que pude notar, gostava muito do meu tio Saul. Ela costumava se sentar com a gente para fumar um cigarro. Às vezes, em consideração à minha presença na Flórida, dava um dia de folga ao meu tio para que pudéssemos desfrutar da companhia um do outro. Foi o que ela fez nesse dia.

— Saiam daqui vocês dois — disse ela, se aproximando do banco.

— Tem certeza? — perguntou tio Saul.

— Absoluta.

Não nos fizemos de desentendidos. Dei dois beijos na bochecha de Faith e ela riu, observando a gente se afastar.

Atravessamos o estacionamento até chegar aos nossos carros. Tio Saul se aproximou do seu, estacionado ali perto. Seu velho e desgastado Honda Civic comprado numa promoção.

— O meu está ali — falei.

— Podemos dar uma volta, se quiser.

— Eu adoraria. O que está com vontade de fazer?

— O que acha de ir a Bal Harbor? Isso vai me lembrar de quando a gente passeava com sua tia.

— Para mim, está ótimo. Nós nos encontramos em casa. Então posso deixar meu carro lá.

Antes de entrar, ele deu alguns tapinhas no carro, sorrindo.

— Lembra, Markie? Sua mãe tinha um igual.

Ele arrancou, e eu o observei se afastar, antes de manobrar meu Range Rover, que valia — eu tinha feito a conta — cinco anos do salário anual do meu tio.

* * *

Na época de glória, os Goldman-de-Baltimore gostavam de ir a Bal Harbor, um bairro chique no norte de Miami. Lá havia um shopping a céu aberto composto unicamente de lojas de luxo. Meus pais tinham horror àquele lugar, mas me deixavam ir com meus tios e primos. Ao me acomodar no banco de trás do carro deles, eu redescobria aquelas sensações de insolente felicidade que experimentava quando estava sozinho com eles. Eu me sentia bem, me sentia um Baltimore.

— Lembra quando vínhamos aqui? — perguntou tio Saul, ao chegarmos ao estacionamento do shopping.

— Claro.

Estacionei meu carro e perambulamos ao redor dos tanques que haviam no primeiro andar, onde nadavam tartarugas marinhas e enormes carpas chinesas que, antigamente, hipnotizavam Hillel, Woody e a mim.

Compramos copinhos de café e nos sentamos num banco, observando as pessoas

circularem. Olhando o tanque à nossa frente, lembrei a tio Saul uma ocasião em que cismamos de pegar uma tartaruga e Hillel, Woody e eu acabamos caindo na água. Ele gargalhou com a minha história e sua risada me fez bem. Era sua risada de antes. Uma risada forte, poderosa, feliz. Eu me lembrei dele quinze anos antes, usando roupas caras, percorrendo as lojas desse mesmo shopping de braço dado com Anita, enquanto nós, a Gangue dos Goldman, aprontávamos nas pedras artificiais dos tanques. Sempre que volto a esse lugar, relembro minha tia Anita, sua beleza sublime, sua ternura maravilhosa. Ouço sua voz, a maneira com que passava a mão em meu cabelo. Revejo o brilho de seus olhos, sua boca delicada. O jeito carinhoso com que ela segurava a mão de tio Saul, seus gestos atenciosos, os beijos discretos que dava na sua bochecha.

* * *

Será que, durante a infância, eu quis trocar meus pais por Saul e Anita Goldman? Sim. E sem ser desleal com meus genitores, posso afirmar isso. Esse pensamento, na realidade, foi o primeiro ato de violência que cometi contra meus pais. Por muito tempo, acreditei que tinha sido o mais carinhoso dos filhos. No entanto, eu era malcriado quando sentia vergonha deles. E esse momento logo chegou: foi no inverno de 1993 que, durante nossas tradicionais férias na Flórida, me dei conta da superioridade do tio Saul. Foi logo depois que meus avós haviam decidido sair do apartamento de Miami e ir para um asilo na cidade de Aventura. Vendido o apartamento, o acampamento dos Goldman-todos-juntos não podia mais continuar. Quando minha mãe me comunicou o fato, a primeira coisa em que pensei foi que nunca mais voltaríamos à Flórida. Mas ela me tranquilizou:

— Markie, querido, ficaremos em um hotel. Não vai mudar absolutamente nada.

Na verdade, mudou absolutamente tudo.

Houve uma idade em que nos contentávamos com o condomínio residencial onde meus avós moravam. Durante vários anos, para nós só existiam o acampamento na sala, as brincadeiras de pique- pega pelos corredores do prédio, a piscina um pouco suja, o pequeno restaurante imundo, e não precisávamos de mais nada. Para ir à praia era só atravessar a rua e, bem ao lado, havia um shopping imenso que nos oferecia mil opções nos dias de chuva. Isso bastava para nos deixar felizes. Para Hillel, Woody e para mim só importava estarmos juntos.

Depois da mudança, tivemos que nos reorganizar. Tio Saul passara por anos muito prósperos: suas consultorias eram pagas a peso de ouro. Então comprou um apartamento num condomínio de luxo em West Country Club Drive, chamado Buenavista, o que subverteu completamente minha escala de referência. O Buenavista era um complexo que abrangia um edifício com trinta andares de apartamentos e oferecia serviço de hotelaria, uma gigantesca academia, mas, sobretudo, uma piscina como eu nunca vira, cercada de palmeiras, com quedas-d'água, pequenas ilhas artificiais e dois cursos de água serpenteando como um rio em meio a uma densa vegetação. Um bar para servir os banhistas fora escavado no solo, oferecendo, à sombra de um teto de palha, um balcão no nível da água com assentos fixados na piscina. Ainda havia outro bar, tradicional, que funcionava numa cabana e atendia os clientes do terraço, e, bem ao lado, um restaurante para uso exclusivo dos moradores do condomínio. Local estritamente privado, o único acesso ao Buenavista era um portão que ficava fechado vinte e quatro horas por dia e só abria se a pessoa mostrasse uma credencial ao segurança da guarita que portava um cassete.

Eu era completamente fascinado por aquele lugar. Ali descobri um mundo maravilhoso, no qual podíamos circular com total liberdade, do apartamento do vigésimo sexto andar à piscina com toboágua ou à academia, onde Woody malhava. Um único dia em Buenavista apagou de uma tacada só todos os anos passados na

Flórida até então. Claro que as condições de estada que o limitado orçamento dos meus pais nos impunha imediatamente sofreram comparação. Eles arranjaram uma pousada ali perto, a Dolph'Inn. Tudo naquele lugar me desagradava: os quartos antigos, o café da manhã servido num cubículo ao lado da recepção, onde mesas de plástico eram dispostas todas as manhãs, ou até mesmo a piscina em forma de um caroço de feijão atrás do prédio, cuja água tinha tanto cloro que bastava andar na beirada para ficar com os olhos e a garganta ardendo. Além do mais, para economizar, meus pais reservavam apenas um quarto: eles dormiam na cama de casal e eu, numa cama de armar ao lado deles. Eu me lembro do momento de hesitação da minha mãe em cada um daqueles invernos que passamos ali, quando ocupávamos o quarto. Ela abria a porta e certamente considerando aquele quarto lúgubre, assim como eu, fazia uma pequena pausa para em seguida, recuperando-se prontamente, colocar a mala no chão, acender a luz e bater as almofadas da cama, de onde caía uma nuvem de poeira. Então ela comentava:

— Estamos bem aqui, não?

Não, não estávamos bem ali. Não por causa da pousada, nem da cama de armar, nem dos meus pais. Mas por causa dos Goldman-de-Baltimore.

Após nossa visita diária ao asilo dos meus avós, todos nós íamos para Buenavista. Hillel, Woody e eu subíamos às pressas para o apartamento a fim de colocar nossos calções de banho, depois descíamos para nos jogar nas cascatas da piscina, onde ficávamos até anoitecer.

Em geral, meus pais não passavam muito tempo ali. Partiam logo depois do almoço. Eu sabia quando eles queriam ir embora, pois tinham a mania de se posicionar próximo à cabana do bar, tentando chamar minha atenção. Esperavam que eu os notasse, mas eu fingia não ver. Até que me resignava e nadava até eles.

— Markie, a gente está indo — dizia minha mãe. — Temos algumas comprinhas para fazer. Pode vir com a gente, mas também pode ficar aqui e brincar com seus primos, se quiser.

Eu sempre preferia ficar em Buenavista. Por nada no mundo eu teria desperdiçado nem uma hora sequer longe daquele lugar.

Precisei de muito tempo para compreender por que meus pais fugiam de Buenavista e só voltavam no fim do dia. Às vezes, todos nós ficávamos para jantar no apartamento dos meus tios; outras vezes, saíamos para jantar fora. Mas acontecia de meus pais me convidarem para jantar com eles. Minha mãe perguntava:

— Marcus, quer comer uma pizza com a gente?

Eu não tinha vontade de ficar com eles. Queria estar com os outros Goldman. Então lançava um olhar na direção de Woody e Hillel. Minha mãe entendia imediatamente e me dizia:

— Fique aí brincando. Voltaremos às onze para buscar você.

Quando olhava para Hillel e Woody, eu mentia: era para tio Saul e tia Anita que eu olhava, na realidade. Eu queria passar mais tempo com eles do que com meus pais. Eu me sentia um traidor. Como nas manhãs em que minha mãe queria me levar ao shopping e eu pedia que me deixassem antes em Buenavista. Queria estar lá o mais rápido possível, porque se chegasse cedo poderia tomar café da manhã no apartamento de tio Saul e escapar da comida do Dolph'Inn. Tomávamos nosso café espremidos na recepção do hotel, comendo, em pratos descartáveis, donuts murchos requentados no micro-ondas. Os Baltimore tomavam café da manhã numa mesa de vidro na varanda, que, mesmo quando eu aparecia de surpresa, era arrumada para cinco pessoas. Como se me esperassem. Os Goldman-de-Baltimore e o remediado de Montclair.

Às vezes, eu conseguia convencer meus pais a me deixarem bem cedinho em Buenavista. Woody e Hillel ainda dormiam. Tio Saul folheava seus processos enquanto tomava café. Ao seu lado, tia Anita lia o jornal. Eu ficava fascinado com sua calma, sua capacidade de administrar a casa inteira paralelamente ao seu trabalho no hospital.

Quanto a tio Saul, apesar dos julgamentos e reuniões, e de quase sempre voltar tarde para casa durante a semana, fazia de tudo para que Hillel e Woody não sofressem com seus horários. Por nada no mundo teria perdido uma visita ao aquário de Baltimore com eles. Em Buenavista, era a mesma coisa. Apesar dos incessantes telefonemas do escritório, os faxes e o longo período que passava, entre uma e três da madrugada, revisando suas anotações e preparando seus pareceres.

Em minha cama de armar do Dolph’Inn, sem conseguir pregar o olho enquanto meus pais roncavam ruidosamente, me agradava imaginar os Baltimore em seu apartamento, todos dormindo, com exceção do tio Saul, que continuava trabalhando. Seu escritório era o único cômodo iluminado do edifício. Pela janela aberta entrava o vento quente da noite da Flórida. Se eu estivesse no apartamento deles, teria me esgueirado até a soleira da porta para admirá-lo a madrugada inteira.

* * *

O que havia de tão fabuloso em Buenavista? Tudo. Era ao mesmo tempo magnífico e terrivelmente doloroso, pois, ao contrário dos Hamptons, onde eu podia me sentir um Goldman-de-Baltimore, a presença dos meus pais na Flórida me acuava na pele de um Goldman-de-Montclair. Foi graças a isso, e por causa disso, que compreendi o que não havia compreendido nos Hamptons: um fosso social se abria no seio dos Goldman, e eu só perceberia as consequências bem mais tarde. O sinal mais evidente aos meus olhos era a reverência com que o segurança da entrada do condomínio, assim que os via chegar, cumprimentava os Goldman-de-Baltimore e abria antecipadamente o portão para eles. Mas quando éramos nós, os Goldman-de-Montclair, por mais que nos conhecesse, ele sempre nos perguntava:

— Aonde vão?

— Vimos visitar Saul Goldman. Apartamento 2609.

Ele pedia um documento de identidade, digitava em seu computador, tirava o fone do gancho e ligava para o apartamento.

— Sr. Goldman? Há um tal Sr. Goldman para o senhor na recepção... Perfeito, obrigado. Vou liberar a entrada. — Abria o portão e, acompanhando suas palavras com um meneio magnânimo da cabeça, nos dizia: — Tudo certo.

* * *

Meus dias em Buenavista com os Baltimore eram irrigados de sol e felicidade. Mas todas as noites, minha vida fabulosa em Baltimore era estragada pelos meus pais, que não tinham culpa de nada. O crime deles? Virem me buscar. Como nas outras noites, eu ia emburrado no banco de trás do carro alugado. E toda vez minha mãe perguntava:

— E então, querido, se divertiu bastante?

Minha vontade era dizer que eles eram um zero à esquerda e ter coragem para enumerar em voz alta a lista dos porquês que ficavam presos em minha garganta sempre que eu deixava os Baltimore para reencontrar os Montclair. Por que não tínhamos uma casa de veraneio, como tio Saul? Por que não tínhamos um apartamento na Flórida? Por que Woody e Hillel podiam dormir juntos em Buenavista e eu devia me contentar com a cama de armar de um quarto desprezível no Dolph’Inn? Por que, no fundo, Woody tinha sido o menino eleito, o escolhido? Woody, o sortudo, que tivera seus pais grotescos substituídos por tio Saul e tia Anita. Por que isso não havia acontecido comigo? Ao contrário, eu me limitava a ser um Goldman-de-Montclair e a engolir a pergunta que não saía da minha cabeça: “Por que nós não éramos os Goldman-de Baltimore?”

No carro, minha mãe me dava recomendações:

— Quando chegarmos a Montclair, não pode se esquecer de ligar para os seus tios. Mais uma vez eles foram muito legais com você.

Eu não precisava que lembrassem para lhes agradecer. Eu ligava para eles sempre que voltava de férias. Por educação e por saudade. Dizia:

— Obrigado por tudo, tio Saul.

E ele respondia:

— Não foi nada, absolutamente nada. Não precisa me agradecer o tempo todo. Eu é que agradeço a você por ser um garoto maravilhoso e pelo prazer que tivemos de passar um tempo juntos.

E quando era tia Anita que atendia:

— Markie, meu gatinho, imagine, você é da família.

Eu corava ao telefone quando ela me chamava de “meu gatinho”. Também corava quando ela me via e me elogiava: “Está cada vez mais bonito.” Ou quando, apalpando meu tórax, exclamava: “Puxa, está cada vez mais musculoso!” Nos dias seguintes, eu me olhava no espelho e exibia um sorriso idiota e convencido. Se durante a adolescência acabei me apaixonando por minha tia Anita? Sem dúvida. Pelo menos todas as vezes que eu a via.

Anos mais tarde, no inverno seguinte ao sucesso do meu primeiro romance, isto é, cerca de três anos após o Drama, me dei o luxo de passar o réveillon num hotel da moda em South Beach. Era a primeira vez que eu voltava a Miami desde Buenavista. Parei meu carro em frente ao portão.

O segurança colocou a cabeça para fora da guarita.

— Bom dia, senhor. Posso ajudar?

— Sim, eu gostaria de entrar rapidinho, se possível.

— O senhor mora aqui?

— Não, mas conheço bem o lugar. Conheci pessoas que moraram aqui.

— Sinto muito, senhor, mas se não é nem morador nem convidado, vou ter que pedir para se retirar.

— Eles moravam no vigésimo sexto andar, no apartamento 2609. Família Goldman.

— Não tem nenhum “Goldman” no meu cadastro, senhor.

— Quem está morando no apartamento 2609?

— Não estou autorizado a lhe dar esse tipo de informação.

— Eu só queria entrar por dez minutos. Só para ver a piscina. Descobrir se alguma coisa mudou.

— Senhor, sinto muito, mas tenho que pedir para se retirar. É uma propriedade particular. Caso contrário, chamo a polícia.

Era uma manhã quente de terça-feira em Boca Raton quando Alexandra apareceu lá em casa, alegando que seu cão fugira, como fazia todos os dias.

— O que seu cachorro estaria fazendo na minha casa?

— Não sei.

— Se eu o houvesse visto, teria levado de volta.

— É verdade. Desculpe o incômodo.

Ela fez menção de ir embora, mas eu a detive.

— Espere... Aceita um café?

Ela sorriu.

— Sim, claro...

Pedi que esperasse um instante.

— Um minutinho só, por favor. Aqui está uma bagunça.

— Não tem problema, Markie...

Eu ficava arrepiado quando ela me chamava assim. Nem por isso perdi a concentração.

— É vergonhoso receber as pessoas desse jeito. É rapidinho.

Corri até o terraço. A época do calorão havia começado, e Duke se esbaldava numa piscina inflável infantil que eu tinha comprado para ele.

Inclinei a piscina para esvaziá-la e Duke foi junto. Fez uma expressão de sofrimento. — Desculpe, amigão, mas preciso tirá-lo daqui. — Ele se sentou e me olhou fixamente. — Vamos! Sua dona está na porta.

Como ele não se movia, joguei sua bola de borracha o mais longe que consegui. Caiu no lago, e Duke correu em sua direção.

Eu me apressei para receber Alexandra. Nós nos acomodamos na cozinha. Coloquei o café para coar e, como ela olhava pela janela, notou seu cachorro nadando no lago.

— Ora essa! — exclamou. — Olhe o Duke lá.

Fiz uma expressão de espanto e me aproximei dela para constatar aquela extraordinária coincidência.

Tiramos Duke da água, com a bola na boca. Ela a pegou.

— As pessoas jogam de tudo nesse lago — falei.

Ela ficou bastante tempo na minha casa. Quando chegou a hora de ir embora, eu a acompanhei até a porta. Dei um tapinha amigável em Duke. Ela me observou demoradamente, sem falar nada. Acho que estava prestes a me beijar. De repente, desviou a cabeça e se afastou.

Desceu os degraus e andou até seu carro. Arrancou. Foi nesse momento que notei uma van preta estacionada na rua. Ao volante, um homem me observava. No instante em que nos entreolhamos, ele ligou o motor. Corri em sua direção. Ele saiu cantando pneu. Desapareceu antes que eu conseguisse memorizar o número da placa.

Leo apareceu na entrada da sua casa, alertado pelo barulho.

— Tudo bem, Marcus? — gritou para mim.

— Tinha um sujeito esquisito numa van — respondi, sem fôlego. — Parecia mesmo muito estranho.

Leo se juntou a mim na rua.

— Uma van preta? — perguntou.

— É.

— Já a vi diversas vezes. Achei que era um vizinho.

— Era tudo menos um vizinho.

— Você acha que está ameaçado?

— Não... Não faço ideia, Leo.

Decidi chamar a polícia. Uma patrulha apareceu dez minutos mais tarde. Infelizmente, eu não tinha pista alguma para dar. Eu tinha visto apenas uma van preta. Os policiais me recomendaram telefonar se eu notasse qualquer coisa esquisita e prometeram fazer rondas durante a noite.

Baltimore.

Janeiro de 1994.

A Gangue dos Goldman sempre foi uma trindade. Mas eu não saberia dizer se fui um elemento constitutivo ou se, no fundo, existia apenas a união de Hillel e Woody, na qual se acrescentava um terceiro elemento. O ano de Buenavista foi aquele em que Scott Neville ganhou mais espaço na vida dos meus primos, a ponto de me passar a impressão de que ele recebera a recompensa de sua amizade e o terceiro posto da Gangue.

Scott era engraçado, fanático por futebol americano e, quando eu ligava para os meus primos, não era raro eles dizerem:

— Você nunca vai adivinhar o que Scott fez hoje na escola...

Eu sentia um ciúme terrível dele: como o conhecia, sabia que ele era muito simpático. Além do mais, sua doença merecia uma atenção especial de todo mundo. O pior era quando eu o imaginava dentro do carrinho de mão, sendo empurrado por Woody e Hillel, exibindo-se como um rei africano numa liteira.

Na volta das férias de Natal, ele conseguiu, inclusive, integrar a equipe dos *Jardineiros Goldman* após um incidente que deixou Skunk imobilizado por algum tempo.

Durante o inverno, Skunk se encarregava de varrer a neve diante das garagens e nas aleias das casas de seus clientes. Era um trabalho físico exaustivo e, sobretudo, um eterno recomeço nos anos em que nevava muito.

Certa manhã de sábado, enquanto Woody e Hillel tiravam um monte de neve com a pá da frente da garagem de uma cliente, Skunk apareceu, furioso.

— Rápido, seus merdinhas! Ainda não terminaram aqui?

— A gente faz o que pode, Sr. Skunk — defendeu-se Hillel.

— Pois então façam mais! E meu nome é *Bunk!* *Bunk!* Não *Skunk!*

Como de costume, balançou uma pá diante deles, fingindo ameaçá-los.

— Falei com a Sra. Balding ao telefone. Disse que vocês não passaram na casa dela na semana passada e ela quase não conseguiu sair.

— Estávamos de férias — justificou Woody.

— Não interessa, seus merdinhas! Apressem-se!

— Não se preocupe, Sr. Skunk — tranquilizou-o Hillel. — Vamos trabalhar duro.

Bunk ficou vermelho.

— *Bunk!* — berrou. — EU ME CHAMO BUNK! BUNK! Como vou enfiar isso na cabeça de vocês? *Bunk* com *B!* *B* de... *B* de...

— *B* de Bunk, talvez? — sugeriu Hillel.

— *B* de *Bofetada-na-sua-cara-seu-desgraçado!* — explodiu Skunk antes de desabar de repente no chão.

Woody e Hillel se precipitaram. Ele se contorcia feito uma minhoca.

— Minhas costas! — disse num fio de voz, como se estivesse paralisado. — Minhas costas, porra!

O pobre Skunk gritara tão alto que travara a coluna. Hillel e Woody o arrastaram até

a casa deles. Tia Anita o colocou no sofá da sala e o examinou. Aparentemente, era um nervo comprimido. Nada grave, precisava apenas de repouso absoluto. Ela recebeu alguns calmantes e levou Skunk para casa. Tio Saul, Woody e Hillel a seguiram na caminhonete de jardinagem resgatada na rua ao lado. Depois de ter acomodado Skunk na cama, tia Anita e tio Saul foram providenciar os remédios e comprar algumas coisas para ele, enquanto Woody e Hillel lhe faziam companhia. Sentados na beirada da cama, de repente viram uma lágrima brotar e escorrer pelo sulco de uma ruga que marcava sua pele calejada pelos anos passados ao ar livre. Skunk estava chorando.

— Não chore, Sr. Skunk — disse Woody de forma gentil.

— Vou perder meus clientes. Se eu não puder trabalhar, vou perder todos os meus clientes.

— Não precisa se preocupar com isso, Sr. Skunk. Nós vamos cuidar de tudo.

— Seus merdinhas, me prometam que vão cuidar dos meus clientes.

— A gente promete, pobre senhorzinho Skunk.

Na noite do incidente, quando meus primos me inteiraram da situação, avisei que eu estava pronto para ir a Baltimore ajudá-los. A Gangue dos Goldman contava com um senso de honra a toda prova: tínhamos palavra e nossa intenção era cumpri-la.

Mas quando pedi autorização à minha mãe para faltar aula e ir a Baltimore ajudar meus primos a tirar neve das garagens de Oak Park, ela, evidentemente, não deixou. E como meus primos precisavam de ajuda, foi Scott quem teve a honra de completar a equipe dos jardineiros Goldman.

Manejando furiosamente a pá, ele era obrigado a parar a todo momento para respirar. Seus pais, Patrick e Gillian Neville, ficaram preocupados ao vê-lo constantemente ao ar livre. Então foram conversar com Woody e Hillel na casa dos Baltimore para explicar que era preciso ter muita cautela com a saúde de Scott.

Woody e Hillel prometeram cuidar dele. Quando os dias ensolarados voltaram e chegou a hora de cuidar dos jardins para a primavera, Gillian Neville não queria que Scott continuasse trabalhando com a Gangue. Patrick, por outro lado, achava que o filho se soltava na companhia dos dois garotos. Levou Woody e Hillel para tomar milk-shake no Dairy Shack e lhes explicou a situação.

— A mãe de Scott está um pouco preocupada por ver o filho praticar jardinagem. É cansativo para ele, e ainda fica exposto à sujeira e à poeira. Mas Scott adora estar com vocês. Isso é ótimo para o moral dele, o que também é importante.

— Não se preocupe, Sr. Neville — tranquilizou-o Hillel. — Não vamos tirar os olhos de Scott.

— Ele precisa beber bastante líquido, fazer pausas para regular a respiração e lavar bem as mãos após manusear as ferramentas.

— Faremos tudo isso, Sr. Neville. Está prometido.

* * *

Naquele ano, passei as férias da primavera em Baltimore. E entendi por que meus primos gostavam tanto da companhia de Scott: ele era um menino cativante. Fomos à casa dele uma tarde em que seu pai nos pediu ajuda com suas plantas. Foi quando conheci os Neville. Patrick tinha a idade de tio Saul e tia Anita. Era um homem bonito, musculoso e muito afável. Sua esposa, Gillian, não era muito bonita, mas de alguma forma era atraente. Scott tinha uma irmã, que meus primos ainda não conheciam. Acho que era a primeira vez que iam à casa dos Neville.

Patrick nos levou até os fundos do jardim. Do lado de fora, a casa parecia a dos Baltimore, só que um pouco mais moderna. No lado oeste, duas fileiras de hortênsias pedindo socorro queimavam ao sol. Não distante dali, um roseiral desbotado parecia amuado.

Woody observou as plantas com seus olhos de especialista.

— Não sei quem plantou isso para o senhor, mas as hortênsias estão mal-posicionadas. Elas não gostam muito de sol, o senhor sabe. E parecem estar com sede. A irrigação automática está funcionando?

— Acho que sim...

Woody mandou Hillel checar o sistema de irrigação, depois examinou as folhas da roseira.

— Sua roseira está doente — diagnosticou. — Precisa tratá-la.

— Pode fazer isso?

— Claro que sim.

Hillel voltou.

— Há um vazamento num dos dutos de irrigação. É preciso trocar.

Woody concordou.

— Na minha opinião — acrescentou —, teríamos que considerar a opção de transplantar suas hortênsias para o outro lado. Mas temos que pedir a opinião do Sr. Bunk.

Patrick Neville nos observou, achando graça.

— Falei que eles eram bons, pai — disse Scott.

Fazia calor, e Patrick nos ofereceu água, que aceitamos de bom grado. Como estava com os sapatos cheios de terra, ele enfiou a cabeça em uma das janelas e chamou:

— Alexandra, pode trazer um pouco d'água para os meninos, por favor?

— Quem é Alexandra? — perguntou Hillel.

— Minha irmã — respondeu Scott.

Ela apareceu algum tempo depois, apoiando no braço uma bandeja com garrafinhas de água mineral.

Ficamos sem voz. Ela era linda. Olhos ligeiramente amendoados. Cabelo louro que ondulava ao sol, um rosto fino e um nariz elegante. Era uma graça. Pequenos diamantes cintilavam em suas orelhas, e suas unhas eram pintadas de vermelho. Sorriu para nós, exibindo seus dentes de madrepérola, e nossos corações aceleraram. Como tínhamos dividido tudo até então, nós três decidimos amar aquela garota de olhar risonho.

— Olá, meninos — cumprimentou ela. — Então é de vocês que Scott fala o tempo todo?

Após alguns balbucios, nos apresentamos, um depois do outro.

— São irmãos? — perguntou ela.

— Primos — corrigiu Woody. — Somos os três primos Goldman.

Ela deu outro sorriso devastador.

— Bom, primos Goldman, foi um prazer conhecer vocês.

Deu um beijo na bochecha do pai, avisou que ia sair e desapareceu, deixando como único rastro um perfume de xampu de damasco.

* * *

Scott achou nojento a gente ter se apaixonado pela sua irmã. Mas não podíamos fazer nada. Alexandra ocupara para sempre nossos corações.

No dia seguinte a esse primeiro encontro com ela, fomos ao correio de Oak Park, a pedido de tia Anita, para comprar selos. Ao sairmos de lá, Woody sugeriu que passássemos no Dairy Shack e tomássemos milk-shake. Todo mundo gostou da ideia. E enquanto nos acomodávamos a uma mesa com nossas comandas, ela entrou. Quando nos viu, certamente constatou que estávamos hipnotizados e incrédulos, então caiu na gargalhada, se acomodou na nossa mesa e nos cumprimentou pelo nome.

Esta é uma qualidade que ela nunca perdeu: todo mundo lhe dirá que ela é gentil, maravilhosa e meiga. Apesar do sucesso mundial, da glória, do dinheiro e de tudo o

que vem junto, ela nunca deixou de ser essa pessoa autêntica, carinhosa e simpática, com quem, do alto dos nossos treze anos, sonhávamos.

— Então vocês moram por aqui — disse ela, pegando um canudo e colocando-o em nossos milk-shakes para prová-los.

— Moramos em Willowick Road — respondeu Hillel.

Ela sorriu e, quando fazia isso, seus olhos amendoados lhe davam um ar travesso.

— Moro em Montclair, em Nova Jersey. — Eu me senti na obrigação de esclarecer.

— E são primos?

— Meu pai e o pai dele são irmãos — explicou Hillel.

— E você? — perguntou a Woody.

— Eu moro com Hillel e os pais dele. Somos como irmãos.

— Quer dizer, somos todos primos — concluí.

Alexandra deu uma risada maravilhosa. Foi assim que ela, a quem tanto amamos, entrou em nossas vidas. *A-le-xan-dra*. Algumas letras e quatro pequenas sílabas que iam nos desestabilizar totalmente.

Baltimore, Maryland.
Primavera-outono de 1994.

Durante os dois anos que se seguiram, ela iluminou nossas vidas.

Se vocês ainda estivessem aqui, primos adorados, contaríamos como fomos conquistados por ela.

No verão de 1994, supliquei aos meus pais que, após ter passado uma temporada nos Hamptons, me deixassem ficar duas semanas em Baltimore. Para estar com ela.

Ela se afeiçoara a nós, e vivíamos enfiados na casa dos Neville. A princípio, irmãs mais velhas e irmãos mais novos não se entendem. Pelo menos era a experiência que eu tinha com meus colegas em Montclair. Eles xingavam uns aos outros de todos os nomes e saíam no tapa. Mas com os Neville era diferente. Certamente por causa da doença de Scott.

Alexandra gostava da nossa companhia. Inclusive ia atrás de nós. E Scott adorava a presença da irmã. Ela o chamava de “benzinho” e lhe dedicava mil cuidados. Quando eu a via mimá-lo, abraçá-lo, fazer cafuné, dar beijo na bochecha, eu tinha subitamente vontade de sofrer de fibrose cística. Eu, a quem sempre haviam dispensado o interesse digno de um Montclair, ficava fascinado ao ver uma criança receber tanta atenção.

Prometi mil maravilhas aos céus em troca de uma bela fibrose cística. Para acelerar o processo divino, eu lambia às escondidas os garfos de Scott e bebia de seu copo. Quando ele tinha acessos de tosse, eu me aproximava, com a boca aberta, para ser contaminado.

Fui ao médico, que infelizmente me considerou em ótima forma.

— Tenho fibrose cística — anunciei, para ajudar no diagnóstico.

Ele caiu na gargalhada.

— Ei! — exclamei. — Mais respeito com os doentes.

— Você não tem fibrose cística, Marcus.

— Como é que você sabe?

— Sei porque sou seu médico. Você está em plena forma.

* * *

Não houve mais fim de semana em Baltimore sem Alexandra. Ela era tudo o que podíamos sonhar: engraçada, inteligente, bonita, meiga e sonhadora. O que mais nos fascinava nela era certamente seu talento para a música. Fomos seu primeiro público de verdade: ela nos convidava para ir à sua casa, pegava o violão e tocava. Nós a escutávamos, encantados.

Ela podia tocar por horas a fio, nós nunca nos cansávamos. Mostrava-nos suas composições e pedia nossa opinião. Poucos meses depois, tia Anita concordou em matricular Hillel e Woody num curso de violão, enquanto em Montclair minha mãe me negava a mesma coisa usando um péssimo argumento: “Aulas de violão? Para fazer o quê?” Acho que ela não teria visto inconveniente se fosse violino ou harpa. Não se incomodaria que eu me tornasse um virtuose, um cantor de ópera. Mas quando eu falava que queria ser um astro da música pop, ela me imaginava um artista de cabelo coprido e desgrehado.

* * *

Alexandra se tornou o primeiro e único membro feminino da Gangue dos Goldman. Num piscar de olhos, passou a integrar nosso grupo, a ponto de nos perguntarmos como tínhamos conseguido viver tanto tempo sem sua companhia. Ela jantava pizza com a gente à mesa dos Baltimore, visitava o pai de tia Anita na “Casa dos mortos”, onde, inclusive, venceu nosso prestigioso troféu inter-Goldman de corrida de cadeira de rodas. Bebia de um gole só a mesma quantidade de Dr Pepper que nós três e arrotava na mesma altura.

Eu gostava de toda a família Neville. Parecia que a população inteira de Baltimore tinha sido privilegiada com genes superiores. Prova disso consistia no fato de que os Neville eram uma família tão bonita e atraente quanto os Goldman. Patrick trabalhava em um banco e Gillian era *trader*. Tinham chegado da Pensilvânia alguns anos antes, mas os dois eram provenientes de Nova York. Eram muito legais com a gente. E sua casa estava sempre com as portas abertas.

* * *

A presença de Alexandra em Baltimore — e a descoberta da família Neville — decuplicou minha ansiedade de estar lá e, na mesma medida, minha aflição por ter que ir embora. Afinal, aos sentimentos de tristeza se misturou um que eu nunca experimentara em relação aos meus primos: inveja. Sozinho em Montclair, eu imaginava casos absurdos: Woody e Hillel voltando da escola e passando na casa dela. Visualizava-a se esfregando em cada um deles e morria de raiva. Eu ficava exasperado ao imaginar Alexandra babando por Hillel, o gênio, ou admirando os músculos avantajados de Woody, o atleta. E eu, o que era? Nem atleta nem gênio, eu não passava de um Montclair. Num momento de profunda angústia, acabei inclusive escrevendo uma carta para Alexandra, durante uma aula de geografia, para dizer como lamentava não morar em Baltimore. Eu anotara num papel bonito, reescrevera a três vezes para que cada palavra saísse perfeita e pagara uma postagem expressa com protocolo de recebimento para ter certeza de que chegaria às suas mãos. Mas ela nunca respondeu. Telefonei cerca de quinze vezes para o correio dando o número do protocolo para ter certeza de que a remessa fora entregue a Alexandra Neville, em Hanson Crescent, Oak Park, Maryland. Entrega feita. Ela assinara, acusando o recebimento. Por que não me respondia? Será que sua mãe teria interceptado a carta? Ou ela tinha sentimentos que não ousava confessar e que, por conseguinte, a impediam de me escrever de volta? Quando finalmente voltei a Baltimore, a primeira coisa que lhe perguntei ao vê-la foi se havia recebido minha carta. Ela respondeu:

— Sim, Markikette. Obrigada, aliás.

Eu lhe enviara uma bela carta e ela simplesmente me dissera *Obrigada, Markikette*. Hillel e Woody caíram na gargalhada ao ouvirem o apelido que ela acabara de inventar para mim.

— Markikette! — exclamou Woody.

— Uma carta sobre o quê? — perguntou Hillel.

— Não é da sua conta — falei.

Mas Alexandra respondeu:

— Uma carta muito bonita em que ele falava que também gostaria de morar em Baltimore.

Hillel e Woody começaram a rir feito bobos, e eu fiquei mortificado e vermelho de vergonha. Comecei a achar que realmente estava acontecendo alguma coisa entre Alexandra e um dos meus primos e, considerando os sinais que eu podia observar, tudo levava a crer que era Woody, o que não era surpreendente, pois todas as garotas, e até mesmo as mulheres adultas, babavam por aquele garoto bonito, musculoso, tenebroso e misterioso. Eu também queria que meus pais me abandonassem para que

eu acabasse bonito e forte na casa dos Goldman-de-Baltimore!

Quando o fim de semana terminava, e eu ouvia de sua boca um último “tchau, Markikette”, sentia um aperto no peito. Ela me perguntava:

— Você vem no próximo fim de semana?

— Não.

— Ah, que pena! Quando volta?

— Ainda não sei.

Nesses momentos, eu tinha a impressão de que era especial para ela, mas logo meus dois primos caíam na gargalhada e zombavam:

— Não se preocupe, Alexandra, logo mais você vai receber uma carta de *amoooooor*.

Ela também ria, e eu ia embora, humilhado.

Tia Anita me acompanhava até a estação de trem. Na plataforma, um garotinho sujo e feio me esperava. Eu devia me despir na sua frente e lhe entregar a vestimenta magnífica dos Baltimore, enquanto ele me estendia um saco de lixo com o traje encardido e fedorento dos Montclair. Eu me vestia, dava um beijo na minha tia e embarcava no trem. Já a bordo, eu nunca conseguia conter o choro, e, apesar das minhas inúmeras preces, nenhum dos furacões, tornados, tempestades de neve e catadismos que varreram os Estados Unidos durante aqueles anos teve a sorte de ocorrer quando eu estava em Baltimore e prolongar minha estada. Até o último instante, eu torcia por uma catástrofe natural súbita ou uma pane na rede ferroviária que impedisse a partida do trem. Qualquer coisa para reencontrar minha tia e voltar para Oak Park, onde tio Saul, meus primos e Alexandra me esperavam. Mas o trem continuava avançando e me levando para Nova Jersey.

* * *

O outono de 1994 marcou nossa entrada no ensino médio, e Hillel e Woody saíram da escola particular e foram para a instituição pública de Buckerey High, que tinha uma equipe de futebol americano muito renomada. Sem dúvida, tio Saul e tia Anita jamais teriam considerado matricular Hillel num colégio público se o treinador da equipe de Buckerey não tivesse vindo pessoalmente recrutar Woody. Isso acontecera alguns meses antes, pouco antes de ele concluir o ano em Oak Tree. Certo domingo, alguém bateu à porta da casa dos Goldman-de-Baltimore. O homem não era um desconhecido para Woody, que abriu a porta para ele. Embora seu rosto lhe fosse familiar, foi incapaz de lembrar onde o tinha visto.

— Você é Woodrow, não é? — perguntou o homem na soleira da porta.

— Todo mundo me chama de Woody.

— Meu nome é Augustus Bendham, sou o técnico do time de futebol americano do Buckerey High. Seus pais estão em casa? Eu gostaria de falar com vocês três.

O técnico Bendham foi recebido com atenção por tia Anita, tio Saul, Woody e Hillel. Os cinco se acomodaram na cozinha.

— É o seguinte — explicou ele, brincando nervosamente com seu copo d’água —, desculpem aparecer sem avisar, mas vim fazer uma proposta pouco usual. Faz tempo que observo Woodrow jogar. Ele tem talento. Muito talento. Um potencial imenso. Eu gostaria que ele fizesse parte da equipe do colégio. Sei que seus filhos estudam em escola particular e que Buckerey é uma instituição pública, mas minha equipe está no auge esse ano, e acho que, com um jogador com a capacidade de Woody, temos grandes chances de ganhar o título. E ele ainda vai integrar a equipe local, e enquanto jogar o campeonato escolar vai poder se aprimorar. Acho que é ao mesmo tempo uma oportunidade para Buckerey e para Woody. Nunca me atrevi a pedir a nenhum pai que matriculasse o filho em Buckerey só para ter um talento a mais na minha equipe. Formo o time com os alunos que temos, faz parte do meu trabalho. Mas nesse caso é diferente. Não me

lembro de ter visto um jogador como ele nessa idade. Eu gostaria muito que Woodrow fizesse parte da nossa equipe assim que as aulas recomencessem.

— Buckerey não é a escola pública mais próxima da nossa casa — observou tia Anita.

— É verdade, mas não precisam se preocupar com isso. A distribuição dos alunos entre os diferentes estabelecimentos é facilmente negociável. Se o seu filho quiser ir para Buckerey, será Buckerey.

Tio Saul se virou para Woody.

— O que você acha?

Ele refletiu por um instante, depois perguntou ao técnico Bendham:

— Por que eu? Por que quer tanto que eu vá para a sua escola?

— Porque já vi você jogar. E nunca em minha carreira eu tinha visto coisa parecida. Você é forte, pesado e, mesmo assim, corre à velocidade da luz. Você sozinho vale dois ou três jogadores meus. Não estou dizendo isso para você se gabar. Está longe do seu melhor nível. Vai ter que trabalhar pesado. Dedicar-se como nunca. Mas vou cuidar pessoalmente de você. Não tenho nenhuma dúvida de que, graças ao futebol, você poderá conseguir uma bolsa para qualquer universidade do país. Mas acho que não terá tempo de ir para a faculdade.

— O que quer dizer com isso? — perguntou tio Saul.

— Acho que esse rapazinho vai se tornar um astro da NFL. Podem acreditar em mim, geralmente economizo nos elogios. Mas o que vi no campo esses últimos meses...

* * *

A proposta do técnico Bendham foi o único assunto da conversa na mesa do jantar dos Goldman-de-Baltimore nos dias seguintes. Todos tinham motivos para considerar o possível ingresso de Woody no time de futebol americano de Buckerey uma grande notícia. Tio Saul e tia Anita, pragmáticos, achavam que era uma chance única de Woody poder estudar numa boa universidade depois. Hillel e Scott — que tinham sido imediatamente avisados das profecias do técnico — previam glória e dinheiro.

— Sabe quanto faturam os jogadores profissionais? — perguntou Hillel, animado.
— Milhões! Ganham milhões de dólares, Woody. É uma loucura!

Após pesquisarem, descobriram que Buckerey era um uma boa e exigente escola, e o time de futebol americano de lá era renomado. Quando o técnico Bendham voltou à casa dos Baltimore para receber o veredito final, encontrou Woody, Hillel e Scott esperando-o na calçada.

— Vou para Buckerey jogar futebol se o senhor também der um jeito de transferir meus amigos Hillel e Scott para o colégio.

Em seguida, foi preciso convencer os pais de Scott a deixarem o filho se matricular numa instituição pública, no que eram reticentes. A convite de tia Anita, certa noite foram jantar na casa dos Baltimore, sem o filho.

— Meninos, valorizamos muito o que fizeram por Scott — disse a Sra. Neville a Woody e Hillel. — Mas precisam entender que a situação é complicada. Scott tem uma doença.

— Sabemos disso, mas ele também tem que ir à escola, certo? — retrucou Woody.

— Meus queridos — disse tia Anita, gentilmente —, talvez Scott ficasse melhor numa escola particular.

— Mas Scott quer ir para Buckerey com a gente — insistiu Hillel. — Seria injusto tirar isso dele.

— Ele realmente exige muitos cuidados — explicou Gillian. — Sei que vocês não agem por mal, mas com toda essa história de futebol...

— Não se preocupe, Sra. Neville — disse Hillel. — Ele não corre. Nós o colocamos num carrinho de mão e Woody o empurra.

— Meninos, ele não está acostumado com toda essa agitação.

— Mas ele é feliz com a gente, Sra. Neville.

— As outras crianças vão zombar dele. Numa escola particular, ele fica mais protegido.

— Se alguma pessoa zombar dele, quebraremos o nariz dela — prometeu Woody, gentilmente.

— Não vão quebrar o nariz de ninguém! — retrucou tio Saul, nervoso.

— Desculpe, Saul — respondeu Woody. — Eu só queria ajudar.

— Isso não ajuda em nada.

Patrick segurou a mão da esposa.

— Gil, Scott está tão feliz com eles... Nunca o vimos assim. Finalmente ele está vivendo.

Patrick e Gillian acabaram autorizando a ida de Scott para Buckerey High, onde ele entrou com Hillel e Woody no outono de 1994. Mas seus temores tinham fundamento: no universo privilegiado de Oak Tree, seu filho vivia protegido. Logo em seu primeiro dia na escola, por causa de seu aspecto doentio, virou alvo das outras crianças. Foi vítima de olhares e zombarias. Nesse mesmo primeiro dia, desorientado na imensidão dos corredores do novo prédio, ele perguntou a uma garota onde ficava a sala de aula, e o namorado dela, um brucutu do último ano, o encurralou num corredor no fim do dia, torceu seu braço na frente de todo mundo, antes de bater sua cabeça num armário sem porta. Woody e Hillel o resgataram, aos prantos.

— Não contem nada aos meus pais — suplicou Scott. — Se eles souberem vão me mudar de escola.

* * *

Era preciso fazer alguma coisa por Scott. Após uma breve confabulação entre Hillel e Woody, ficou decidido que este último aplicaria um corretivo no valentão logo na manhã seguinte, para que os outros alunos ficassem sabendo das consequências de qualquer agressão contra seu amigo.

O fato de o valentão — que se chamava Rick — ser um praticante assíduo de artes marciais não impressionou Woody, nem foi de qualquer utilidade para o pobre menino. Como combinado, na manhã seguinte, durante o recreio, Woody foi procurar Rick e o derrubou com um soco no nariz, sem qualquer aviso. Com Rick estendido no chão, Hillel aproveitou para derramar suco de laranja em sua cabeça e Scott dançou em volta dele, com os braços erguidos, gritando vitória. Rick foi levado para a enfermaria e os outros três para a sala do Sr. Burdon, diretor do colégio, que chamou com urgência tio Saul e tia Anita, Patrick e Gillian Neville, e também o técnico Bendham.

— Meus parabéns aos três — disse o diretor Burdon. — Segundo dia de aula no primeiro ano que passam aqui e já arrebentaram um colega.

— Ficaram loucos? — repreendeu o técnico Bendham.

— Ficaram loucos? — repetiram os pais Neville.

— Ficaram loucos? — insistiram tio Saul e tia Anita.

— Não se preocupe, diretor — explicou Hillel —, não somos inconsequentes. Foi uma guerra preventiva. Seu aluno Rick sente um prazer perverso em aterrorizar os mais fracos do que ele. Mas agora vai sossegar. Palavra de Goldman.

— Silêncio, pelo amor de Deus! — exclamou Burdon, irritado. — Em toda a minha carreira nunca vi tanta impertinência. É o segundo dia de aula de vocês e já estão socando a cara dos colegas? Bateram o recorde! Não quero que se metam mais em confusão! Entendido? Quanto a você, Woody, esse é um comportamento inaceitável de

um membro do time de futebol. Mais um delito desse tipo e mando expulsarem você da equipe.

Em Buckerey, ninguém nunca mais implicou com Scott. E Woody já conquistara uma reputação. Respeitado nos corredores do colégio, logo a mesma coisa aconteceu nos campos de futebol americano, onde ele brilhava com o Wildcats de Buckerey. Todos os dias depois da aula, ele seguia para o treino no campo da escola, acompanhado de Hillel e Scott, que, com a aprovação do técnico Bendham, se acomodavam no banco de reservas e observavam a equipe.

Scott era apaixonado por futebol americano. Comentava as jogadas e explicava demoradamente as regras a Hillel, que logo se tornou inesgotável sobre o assunto, enquanto descobria uma qualidade da qual ninguém nunca desconfiara: ele daria um ótimo treinador. Tinha uma boa visão de jogo e imediatamente identificava os pontos fracos dos jogadores. Do banco, às vezes tomava a liberdade de gritar instruções para os que estavam em campo, e o técnico Bendham achava graça disso. Ele lhe dizia:

— Ei, Goldman, daqui a pouco você rouba o meu lugar!

Hillel sorria, sem perceber que, quando o técnico o chamava de Goldman, Woody também virava a cabeça instintivamente.

Em Boca Raton, após flagrar o homem ao volante da van preta, Leo e eu passamos duas noites vigiando a rua, escondidos em minha cozinha. No escuro, espreitávamos qualquer movimento suspeito. Não aconteceu nada, com exceção de uma vizinha que saía para fazer jogging no meio da noite, de uma patrulha que passava de vez em quando e de guaxinins que vieram saquear as latas de lixo do lado de fora.

Leo fazia anotações.

— O que está escrevendo? — perguntei, sussurrando.

— Por que está sussurrando?

— Não sei. O que está escrevendo?

— Estou anotando os sinais suspeitos. A louca que corre, os guaxinins...

— Anote os policiais, já que começou.

— Já fiz isso. Sabe, em geral o culpado é o policial. Isso daria um bom romance.

Quem sabe aonde isso pode nos levar?

Mas não nos levou a lugar algum. Nem a van preta nem seu motorista voltaram a dar sinal de vida. Eu estava intrigado para saber o que ele queria. Será que pretendia molestar Alexandra? Eu devia avisá-la?

Mas eu não demoraria muito a entender o que estava acontecendo.

Isso foi no fim de março de 2012, cerca de um mês e meio após minha mudança para Boca Raton.

Baltimore.

1994.

Ao longo do ano, Hillel e Scott se envolveram cada vez mais com o Wildcats. Não perdiam um treino, trocavam de roupa no vestiário com os jogadores, colocando um moletom, antes de irem para a arquibancada. Nos dias de jogo na casa do adversário, viajavam no ônibus do time, vestindo terno e gravata, como todas as outras pessoas. A onipresença deles ao lado da equipe os transformou em participantes singulares. Bendham, emocionado com o engajamento dos dois, quis lhes dar uma função mais oficial, oferecendo-lhes o cargo de responsáveis pelo equipamento. A tentativa não durou mais de quinze minutos: os braços de Hillel eram franzinos demais para carregar o que quer que fosse, e Scott não tinha fôlego.

O técnico os convidou para ficar no banco de reservas e sugeriu que passassem instruções aos jogadores. Foi o que eles fizeram, analisando o jogo de cada um com uma precisão rara. Em seguida, chamavam um a um, que vinham consultá-los como se eles fossem o Oráculo de Delfos.

— Você desperdiça toda a sua energia correndo feito um cavalo, quando não tem necessidade. Fique na sua posição e se mova quando a ação se aproximar de você.

Não havia um gigante de capacete que não os escutasse com atenção. Hillel e Scott se tornaram os primeiros e únicos alunos da história de Buckerey High a usar o uniforme ocre e preto do Wildcats sem fazer oficialmente parte da equipe. E, ao fim de um treino, quando o técnico Bendham dizia “Bom trabalho, Goldman”, Woody e Hillel se viravam ao mesmo tempo e respondiam numa só voz: “Obrigado, treinador.”

Na mesa de jantar dos Goldman-de-Baltimore, o assunto dominante era o futebol americano. Ao voltar do treino, Woody e Hillel contavam detalhadamente suas façanhas do dia.

— E as aulas, com tudo isso? — perguntava tia Anita. — Vão bem?
— Claro — respondia Woody. — É difícil, mas Hillel está me dando uma mãozinha. Ele não precisa estudar, entende tudo de cara.
— Eu estou achando um pouco entediante, pai — costumava explicar Hillel. — O colégio não é como eu imaginava.
— E como você imaginava?
— Não sei. Mais estimulante, talvez. Mas, bem, felizmente temos o futebol.

* * *

Naquele ano, o Wildcats de Buckerey chegaram às quartas de final do campeonato. Ao voltarem das férias de inverno, com o fim da temporada de futebol, Woody, Hillel e Scott foram atrás de uma nova atividade. Scott gostava de teatro. Por coincidência, era uma atividade recomendada para ele exercitar a respiração. Então se inscreveram no curso de arte dramática, ministrado pela Srta. Anderson, a professora de literatura deles, que era uma moça muito simpática.

Hillel tinha um talento natural para a liderança. No campo de futebol, era treinador. No palco, virou diretor. Sugeriu à Srta. Anderson que montassem uma adaptação de *Ratos e homens*, o que ela aceitou com entusiasmo. E isso desencadeou novos aborrecimentos.

Durante o falso teste de elenco que ele organizou, distribuiu os papéis entre os integrantes do grupo. Scott, para sua grande alegria, ganhou o papel de George, e Woody, o de Lennie.

— Você faz o papel do idiota — explicou Hillel a Woody.

— Ei, não quero fazer um idiota... Srta. Anderson, não pode me arranjar outro personagem? Além disso, sou uma negação nessas coisas. Só sei mesmo jogar futebol.

— Cale a boca, Lennie — ordenou Hillel. — Pegue o seu texto, vamos ensaiar. Vamos, cada um no seu lugar.

Porém, após o primeiro ensaio, vários pais de alunos foram reclamar com o diretor Burdon sobre o conteúdo do texto que queriam fazer os alunos representarem. Ele lhes deu razão e pediu para a Srta. Anderson escolher algo mais apropriado. Furioso, Hillel foi procurar o diretor Burdon em sua sala para lhe pedir explicações.

— Por que proibiu a Srta. Anderson de montar *Ratos e homens*?

— Os pais dos alunos reclamaram da peça e acho que eles têm razão.

— Estou curioso para saber do que eles reclamaram.

— O texto é cheio de palavões e você sabe muito bem disso. Fale a verdade, Hillel, quer mesmo que esse espetáculo, que costuma ser o orgulho da escola, seja um monte de gírias e grosserias blasfematórias?

— Mas é John Steinbeck! Por acaso enlouqueceu, diretor?

Burdon fuzilou-o com o olhar.

— Você é que enlouqueceu, Hillel, por falar comigo nesse tom. Vou lhe fazer um favor e fingir que não ouvi nada.

— Mas o senhor não pode censurar um texto de Steinbeck!

— Steinbeck ou não, proíbo que esse livro horrível e provocador seja lido nesta escola.

— Quer saber de uma coisa? Esta escola não vale nada!

Irritado, Hillel decidiu abandonar o curso de arte dramática. Estava furioso com Burdon, com o que ele representava, com o colégio. Exibiu o mesmo semblante triste dos maus momentos de Oak Tree e ficou deprimido. Suas notas acabaram sendo desastrosas e seus pais foram chamados pela Srta. Anderson. Tia Anita e tio Saul, que não estavam informados, descobriram um aspecto de Hillel muito diferente do menino radiante que ele podia ser. Perdera todo o interesse pela escola, era insolente com os

professores e só tirava notas baixas.

— Acho que ele não presta atenção nas aulas porque não está motivado — explicou a Srta. Anderson com delicadeza.

— Mas então o que devemos fazer?

— Hillel é realmente muito inteligente. Ele se interessa por várias coisas. Sabe muito mais que a maioria dos colegas. Na semana passada, penei para explicar à turma as bases do federalismo e o funcionamento do Estado americano. Ele já conhece política de trás para a frente, inclusive faz comparações com a Grécia Antiga.

— Ele é mesmo apaixonado pela Antiguidade — disse tia Anita, parecendo alegre e triste ao mesmo tempo.

— Sr. e Sra. Goldman, Hillel tem quatorze anos e lê livros sobre direito romano...

— O que está tentando nos dizer? — perguntou tio Saul.

— Que talvez Hillel seja mais feliz numa escola particular. Com um programa adaptado. Ele se sentiria muito mais estimulado.

— Mas ele saiu de uma... E, além do mais, nunca vai querer se separar de Woody.

Tio Saul e tia Anita tentaram conversar com ele para entender o que estava acontecendo.

— O problema é que eu acho que não valho nada — disse Hillel.

— Mas como pode dizer uma coisa dessas?

— Porque não consigo fazer nada. Não consigo me concentrar. Mesmo que eu quisesse, não conseguiria. Não entendo nada das aulas, estou completamente perdido!

— Como assim, *não entende nada*? Hillel, você é um menino muito inteligente! Precisa dar um jeito de conseguir.

— Prometo que vou tentar me esforçar — respondeu Hillel.

Tia Anita e tio Saul também marcaram uma reunião com o diretor Burdon.

— Talvez Hillel fique um pouco entediado na sala de aula — disse Burdon —, mas acima de tudo é um chorão que não suporta ser contrariado! Começou o curso de teatro e, de repente, o largou no meio.

— Ele fez isso porque o senhor censurou a peça...

— *Censurei*? Ah, Sr. Goldman, a maçã nunca cai longe da árvore, foi o que ouvi seu filho dizer. Steinbeck ou não, não podemos aceitar grosserias num espetáculo escolar. Depois os pais dos alunos ficam atrás de mim, não de você. Bastava Hillel escolher uma peça mais apropriada! Quem quer encenar Steinbeck com quatorze anos?

— Talvez Hillel seja um menino à frente da sua idade — sugeriu tia Anita.

— Sim, sim, sim — respondeu Burdon, suspirando. — Conheço o bordão: “Meu filho é tão inteligente que às vezes parece retardado.” Ouço isso com frequência, como podem imaginar. “Meu filho é muito especial e blá-blá-blá.” “Ele precisa de atenção e blá-blá-blá.” A verdade é que estamos num colégio público, Sr. e Sra. Goldman, e num colégio público todo mundo tem o mesmo status. Não podemos começar a editar normas específicas para Fulano, nem por motivos justos. Imaginem se cada aluno tivesse a própria grade de matérias porque é “especial”? Já bastam os aborrecimentos que tenho com a cantina e com todos esses chatos hindus, judeus e mulçumanos, que cismam de não comer igual a todo mundo.

— Então o que sugere? — perguntou tio Saul.

— Muito bem, talvez Hillel devesse simplesmente estudar mais. Se soubessem o número de crianças que tive nesse colégio que os pais achavam que elas eram gênios e que anos depois eu vi trabalhando num posto de gasolina...

— Qual é o problema com as pessoas que trabalham num posto de gasolina?

— Nenhum! Nenhum! Caramba, é só jeito de falar. Vocês são agressivos demais nessa família! Só acho que talvez Hillel precise estudar mais em vez de achar que já sabe tudo e que é mais esperto que todos os professores juntos. Se as notas dele são ruins, é porque ele não está estudando o suficiente, só isso.

— É óbvio que ele não estuda o suficiente, Sr. Burdon — explicou tia Anita. — O problema é justamente esse e é por isso que estamos aqui. Ele não estuda porque fica entediado. Precisa ser estimulado. Precisa de um empurrão. Ser encorajado. Está desperdiçando seu potencial...

— Sr. e Sra. Goldman, observei com atenção as notas de Hillel. Compreendo que seja difícil aceitarem, mas, regra geral, quando alguém tira notas ruins, isso significa que não é muito inteligente.

— Estou anotando todas as suas palavras, diretor Burdon — observou Hillel, presente à conversa.

— E lá vem o pequeno insolente voltando com tudo. Esse aí não tem papas na língua. Agora estou conversando com seus pais, Hillel. Se é dessa maneira que se comporta com os professores, não é nenhuma surpresa que todo mundo deteste você. Quanto aos senhores, Sr. e Sra. Goldman, ouvi muito bem sua ladainha “meu filho tem notas ruins porque é superdotado”, mas lamento informar que isso se chama desleixo. A gente nem nota a presença dos superdotados e, com doze anos, eles já estão formados em Harvard!

Woody decidiu assumir a responsabilidade e motivar Hillel, permitindo que fizesse o que fazia de melhor: treinar o time de futebol americano. Não havia treinos da equipe regular fora da temporada, pois era proibido pelo regulamento da Liga. Mas nada impedia que os jogadores se reunissem para exercícios coletivos. Assim, a pedido de Woody, toda a equipe passou a se encontrar uma vez por semana para treinar sob as ordens de Hillel, assessorado por Scott. O objetivo desses preparativos era vencer o campeonato no outono seguinte, e, à medida que as semanas passavam, os jogadores se imaginavam erguendo o troféu, inclusive Scott, que um dia confidenciou para Hillel:

— Hill, eu queria jogar. Não gosto de ser treinador. Eu queria jogar futebol. Também queria estar no campo ano que vem. Queria fazer parte da equipe.

Hillel olhou para ele, desolado.

— Mas, Scott, seus pais nunca vão concordar.

O menino ficou revoltado. Sentou-se no gramado e arrancou tufo de grama. Hillel se acomodou ao seu lado e passou o braço ao redor de seus ombros.

— Não se preocupe. Daremos um jeito. Basta você prestar atenção, foi o que seu pai disse. Beber bastante líquido, parar de vez em quando para descansar e lavar as mãos.

Foi assim que Scott se juntou oficialmente à equipe não oficial do Wildcats. Ele dava tudo de si e participava de alguns exercícios. Mas logo ficava exausto. Sonhava em jogar na posição de ala: receber uma bola a quarenta e cinco metros, efetuar um *sprint* espetacular, passar por toda a defesa adversária e marcar um *touchdown*. Triunfante, ser carregado por sua equipe, ouvir o estádio berrar seu nome. Hillel o escalou como ala, mas estava claro que ele não conseguia correr mais de dez metros. Então optaram por um novo procedimento: Scott seria colocado dentro de um carrinho de mão e empurrado por um jogador até a linha do gol, onde derrubaria o carrinho com Scott dentro. E em contato com o solo e agarrando a bola, ele marcaria um *touchdown*. Essa nova estratégia chamada “carrinho de mão” foi adotada com entusiasmo pela equipe. Logo passaram a dedicar parte do treino à prática de empurrar colegas no carrinho de mão, o que aumentou exponencialmente as qualidades de *sprinters* dos jogadores, que, depois, lançados sem o carrinho, se tornaram verdadeiros foguetes.

Nunca tive a sorte de ver com os próprios olhos um “carrinho de mão”. Mas o espetáculo devia ser imperdível, porque, em pouco tempo, os alunos de Buckerey passaram a correr para ver os treinos, em geral acompanhados por algumas *groupies*. Hillel ordenava aos seus jogadores que fizessem algumas jogadas específicas e, subitamente, a um sinal seu, surgindo de lugar nenhum, um dos jogadores mais fortes — quase sempre Woody — atravessava o campo empurrando Scott, muito bem-acomodado em seu carrinho de mão. O *quarterback* arremessava a bola da linha

defensiva: eram necessárias uma agilidade e uma força excepcionais por parte do empurrador para fazer com que Scott recebesse a bola, depois era preciso continuar zigzagueando até a linha de fundo, esquivando-se dos zagueiros, que não hesitavam em interceptar violentamente Woody, o carrinho e Scott. Mas quando o carrinho chegava à linha do gol e Scott, jogando-se no chão, marcava, o público gritava de alegria. E todos berrevam: “Carrinho de mão! Carrinho de mão!” Então Scott se levantava, festejado primeiramente pelos companheiros, e depois ia saudar e comemorar o gol com sua horda de fãs, sempre crescente. Em seguida, ia beber água, recuperar o fôlego e lavar as mãos.

* * *

Esses poucos meses de treinamento foram os mais felizes do tempo de escola da Gangue dos Goldman reconstituída. Woody, Hillel e Scott eram os astros da equipe de futebol americano e as glórias do colégio. Isso até aquele dia de primavera, pouco depois da Páscoa, quando Gillian Neville, que esperava o filho no estacionamento da escola, foi alertada pelos gritos de alegria da multidão. Scott acabara de fazer um *touchdown*. Gillian foi andando até o campo para descobrir o que estava acontecendo e viu, num uniforme desconjugado de jogador, o filho atravessando o campo dentro de um carrinho de mão. Começou a berrar:

— Scott, pelo amor de Deus! Scott, o que você está fazendo aí?

Woody parou na mesma hora. Os jogadores ficaram paralisados, os espectadores se calaram. Houve um silêncio absoluto.

— Mamãe? — disse Scott, tirando o capacete.

— Scott? Mas você me falou que estava na aula de xadrez.

Ele baixou a cabeça e saiu do carrinho.

— Eu menti, mamãe. Desculpe...

Ela correu até o filho e o abraçou, contendo um soluço.

— Não faça isso comigo, Scott. Não faça isso comigo, por favor. Você sabe que tenho medo por você.

— Eu sei, não quero que se preocupe. Não estávamos fazendo nada errado.

Gillian Neville ergueu a cabeça e viu Hillel com um bloco de anotações na mão e um apito pendurado no pescoço.

— Hillel! — gritou ela, dirigindo-se a ele. — Você tinha me prometido!

Ela perdeu o sangue-frio e, correndo em sua direção, lhe deu um tapa ruidoso.

— Você não entende que vai matar Scott com suas imbecilidades?

Hillel ficou estupefato.

— Onde está o treinador? — berrou Gillian. — Onde está o técnico Bendham? Ao menos ele está ciente do que vocês andam aprontando?

Foi o início de um escândalo. Burdon foi avisado, a administração escolar de Maryland, intimada. Burdon reuniu em seu escritório o técnico, Scott e seus pais, Hillel, tio Saul e tia Anita.

— Você sabia que seus jogadores treinam fora da temporada? — perguntou o diretor Burdon ao técnico.

— Sabia — respondeu Bendham.

— E não achou que era conveniente acabar com isso?

— Por que eu faria uma coisa dessas? Meus jogadores progridem. O senhor conhece o regulamento, diretor: os treinadores não devem ter contato com os jogadores fora da temporada. Contar com Hillel, que comanda o treinamento do grupo, é uma bênção e não desobedece às regras de forma alguma.

Burdon suspirou e se voltou para Hillel.

— Nunca lhe disseram para não colocar crianças doentes em carrinhos de mão? Isso

é humilhante!

— Sr. Burdon — protestou Scott —, não é o que o senhor está pensando! Ao contrário, nunca fui tão feliz como nos últimos meses.

— Quer dizer que passeiam com você num carrinho de mão e você fica contente?

— Sim, diretor Burdon.

— Ora, pelo amor de Deus, isso aqui é um colégio e não um circo!

Burdon se despediu do treinador, de Scott e de seus pais para ter uma conversa particular com os Goldman.

— Hillel — disse ele —, você é um menino inteligente. Já reparou no estado em que o pequeno Scott Neville ficou? A prática de exercícios é algo muito perigoso para ele.

— Pelo contrário, acho que um pouco de exercício lhe faz muito bem.

— Você é médico? — perguntou Burdon.

— Não.

— Então guarde suas opiniões para você mesmo e não seja impertinente. Não estou lhe pedindo um favor, estou lhe dando uma ordem. Pare de colocar esse garotinho doente no carrinho de mão ou de incentivá-lo a fazer qualquer tipo de exercício. Isso é muito importante.

— Está bem.

— Quero mais do que isso. Quero que me prometa.

— Prometo.

— Ótimo. Combinado. Então seus treinos clandestinos estão encerrados. Você não faz parte da equipe, não tem nenhum vínculo com eles, não quero mais vê-lo no ônibus, no vestiário, em lugar algum com eles. Não me crie mais problemas.

— Primeiro, o teatro, depois, o futebol. O senhor tira tudo de mim! — indignou-se Hillel.

— Não tiro nada, simplesmente aplico as regras que regem o bom convívio em nossa escola.

— Não violei nenhuma regra, diretor. Nada me impede de treinar a equipe fora da temporada.

— Eu te proíbo.

— E com que base legal?

— Hillel, você quer ser expulso do colégio?

— Não. Quero saber qual é o problema de treinar a equipe fora da temporada.

— Treinar a equipe? Você chama isso de treino? Colocar um menino que sofre de fibrose cística num carrinho de mão e atravessar o campo com ele... Você chama isso de treino?

— Li o regulamento, sabe. Nada sugere ser proibido que um jogador carregue outro que está com a bola.

— Bom, Hillel — rosou Burdon, que perdera a calma —, quer brincar de advogado, é isso? Você é o advogado das crianças doentes no carrinho de mão?

— Eu só quero que o senhor não seja tão rigoroso...

O diretor pareceu pesaroso e declarou para tio Saul e tia Anita:

— Sr. e Sra. Goldman, Hillel é um bom menino. Mas o sistema público é assim. Se não estão satisfeitos, melhor voltarem para o ensino particular.

— Devo lembrar ao senhor que foi o colégio de Buckerey que foi nos procurar — retrucou Hillel.

— Woody, sim. Mas você é diferente: está aqui porque Woody queria que você o acompanhasse e nós aceitamos. Mas fique à vontade para mudar de escola, se esse é o seu desejo.

— Muito gentil de sua parte. Isso significa que o senhor não dá a mínima para mim!

— Nada disso, não estou dando a mínima coisa nenhuma! Considero você um garoto muito gentil, de quem gosto muito, mas é um aluno como outro qualquer, ponto final. Se quer continuar numa instituição pública, deve aceitar as regras. É assim que nosso sistema funciona.

— O senhor é medíocre, diretor. Sua escola é medíocre. Mandar as pessoas para o ensino privado é sua resposta para todas as coisas? O senhor nivela tudo por baixo! Proíbe Steinbeck por causa de três palavras no texto, mas é incapaz de compreender o alcance da obra dele! E se esconde atrás de regulamentos obscuros para justificar sua falta de ambição intelectual. E não venha me falar de um sistema que funciona, pois nosso sistema escolar público é uma piada e o senhor sabe disso. E um país onde o sistema escolar não funciona não é nem uma democracia nem um estado de direito!

Houve um longo silêncio. O diretor suspirou e, por fim, perguntou:

— Hillel, quantos anos você tem?

— Tenho quatorze, diretor Burdon.

— Quatorze anos. E por que não está andando de skate como seus colegas, em vez de argumentar que a garantia do estado de direito depende da qualidade do ensino escolar?

Burdon se levantou e foi abrir a porta da sua sala, indicando que a reunião estava encerrada. Woody, que estava esperando numa cadeira no corredor, ouviu o diretor dizer a tia Anita e tia Anita, ao se despedir:

— Acho que seu filhinho Hillel nunca vai se encaixar aqui.

Hillel caiu no choro.

— O senhor não entendeu nada! Passei uma hora falando e o senhor não teve sequer a decência de me escutar. — Ele se vira para os pais. — Mamãe, papai, eu só queria que me escutassem! Queria um pouco de consideração!

Para acalmar os ânimos, os Baltimore foram tomar milk-shake no Dairy Shack de Oak Park. Eles se sentaram em dois bancos, um de frente para o outro, e ficaram estranhamente calados.

— Hillel, querido — disse tia Anita, por fim —, conversei muito com seu pai sobre a situação... Há uma escola especialmente adaptada...

— Não, uma escola especial, não! — exclamou Hillel. — Isso não, eu imploro! Não podem me separar de Woody.

Anita pegou um prospecto na bolsa e o colocou em cima da mesa.

— Ao menos dê uma olhada. É um lugar chamado Blueberry Hill. Acho que você vai ficar bem lá. Não aguento mais ver você tão infeliz nessa escola.

Hillel, de má vontade, folheou o papel.

— Além do mais, fica a cem quilômetros daqui! Fora de questão! Não vou fazer duzentos quilômetros de ida e volta diariamente!

— Hillel, querido, meu anjo... Você dormiria lá...

— O quê? Não, não! Não quero!

— Querido, você voltaria todos os fins de semana. Iria aprender muita coisa. Você fica entediado nessa escola...

— Não, mãe, não quero! NÃO QUERO! Por que eu deveria ir para lá?

Naquela noite, Woody e Hillel leram juntos o prospecto da Blueberry Hill.

— Woody, você precisa me ajudar! — suplicou Hillel, totalmente em pânico. — Não quero ir para lá. Não quero que a gente fique separado.

— Também não quero. Mas não sei o que fazer por você. Aliás, você é o sabe-tudo da escola. Tente parar de aparecer. Consegue fazer isso? Você elegeu o presidente Clinton! Conhece tudo de tudo! Faça um esforço. Não deixe o idiota do Burdon acabar com você. Ah, não se preocupe, Hill, não vou deixar você ir embora.

Hillel, aterrorizado só de pensar em ser mandado para a escola especial, não teve mais ânimo para fazer nada. Na noite de sexta-feira, tia Anita entrou no quarto de

Woody, que estava em sua escrivaninha fazendo os deveres de casa.

— Woody, falei com o treinador Bendham ao telefone. Ele disse que você deixou um bilhete para avisar que estava saindo do time de futebol. Isso é verdade?

Woody baixou a cabeça.

— Ora, de que adianta?

— Como assim, meu tesouro? — perguntou ela, se ajoelhando perto dele para ficar da sua altura.

— Se Hillel vai para a escola especial, isso quer dizer que não poderei mais morar com vocês, certo?

— Não, Woody, claro que não. Esta é a sua casa, isso não muda nada. Nós te amamos como um filho, você sabe. A escola especial é um lugar para Hillel, para ajudá-lo a se desenvolver. É para o bem dele. Esta é sua casa para sempre.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Woody. Tia Anita o puxou para perto e lhe deu um abraço forte.

* * *

No domingo, pouco antes da hora do almoço, o treinador Bendham fez uma visita surpresa na casa dos Goldman-de-Baltimore. Convidou Woody para um almoço e o levou para comer um hambúrguer numa lanchonete que ele costumava frequentar.

— Desculpe pela minha carta, professor — disse Woody, à mesa. — Para falar a verdade, eu não queria sair da equipe. Eu estava com raiva por causa do que andam aprontando com Hillel.

— Sabe, mocinho, eu tenho sessenta anos. Faz mais ou menos quarenta anos que treino equipes de futebol e, em toda a minha carreira, nunca fui almoçar com nenhum dos meus jogadores. Tenho minhas regras, e isso não está nas minhas regras. Por que eu faria uma coisa dessas? Alguns meninos já decidiram largar o time. Preferiram ir atrás das garotas em vez de correr com uma bola nos braços. Era um sinal, isso significava que eles não eram sérios. Não perdi tempo tentando recuperá-los. Por que perder tempo com quem não queria jogar enquanto alguns garotos se aglomeravam no portão para integrar a equipe?

— Eu sou sério, professor. Juro!

— Eu sei, mocinho. É por isso que estou aqui.

O garçom trouxe a comida. O treinador esperou que ele se afastasse para continuar:

— Escute, Woody, sei que você teve um bom motivo para escrever esse bilhete para mim. Eu queria que me contasse o que está acontecendo.

Woody falou sobre as preocupações em torno de Hillel, a indiferença do diretor Burdon e a ameaça da escola especial.

— Ele não tem déficit de atenção — disse Woody.

— Sei muito bem disso, mocinho — respondeu o treinador. — Basta ouvi-lo falar. A mente dele já está num estágio de desenvolvimento mais avançado do que a da maioria dos professores.

— Hillel precisa de um desafio! Precisa ser motivado. Ele é feliz com vocês. Fica feliz em campo!

— Você quer que ele faça parte da equipe? Mas o que vamos fazer com ele? É o garoto mais magro que já vi na vida.

— Não, treinador, não é exatamente na função de jogador que eu estou pensando. Tenho uma ideia, mas você vai ter que confiar em mim...

Bendham o escutou atentamente, concordando com a cabeça. Terminada a refeição, foram de carro até um bairro residencial próximo. Parou em frente a uma casinha, diante da qual havia um trailer de camping estacionado.

— Olhe, mocinho, essa é minha casa. E o trailer é meu. Comprei no ano passado,

mas ainda não cheguei a usá-lo. Era um bom negócio, e comprei pensando na minha aposentadoria.

— Por que está me contando isso, treinador?

— Porque daqui a três anos eu me aposento. Isso vai coincidir com a sua formatura do colégio. Sabe o que me faria feliz? Vencer o campeonato e mandar para a NFL o melhor jogador que já treinei. Então vou aceitar sua ideia. Em troca, quero que me prometa que vai voltar aos treinos e trabalhar tão duro como fez até agora. Quero ver você na NFL algum dia, mocinho. E então vou pegar meu trailer e percorrer a Costa Leste para não perder nenhum jogo seu. Vou ver você das arquibancadas e direi aos caras que estiverem sentados ao meu lado que conheço muito aquele rapaz ali, porque fui o treinador dele na época do colégio. Prometa, Woodrow. Prometa que você e o futebol são apenas o início de uma grande aventura.

— Prometo, treinador Bendham.

O homem sorriu.

— Muito bem, agora vamos dar a notícia a Hillel.

Vinte minutos depois, na cozinha dos Goldman-de-Baltimore, Hillel, tio Saul e tia Anita escutaram o treinador, hipnotizados.

— Quer que eu seja seu auxiliar, professor? — repetiu Hillel, incrédulo.

— Exatamente. A partir do próximo ano. Meu assistente oficial. Tenho o direito de contratá-lo, Burdon não pode fazer nada quanto a isso. E você será um assistente excepcional: conhece os garotos, tem uma boa visão de jogo e sei que faz anotações sobre as outras equipes.

— Foi Woody quem lhe contou?

— Não importa. Tudo isso para dizer que teremos três temporadas complicadas pela frente, que não sou mais tão jovem e que uma mãozinha nunca é demais.

— Ai, meu Deus! Sim! Sim! Eu adoraria!

— Tem só uma condição: para fazer parte do time, é preciso tirar notas boas. Está no regulamento. Os integrantes da equipe de futebol devem manter a média em todas as disciplinas, e isso vale para você também. Então, se quiser fazer parte da equipe, terá que se recuperar em sala de aula a partir de agora.

Hillel prometeu. Para ele, foi uma ressurreição.

Na manhã de 26 de março de 2012, fui acordado pelo toque do telefone. Eram cinco horas. Era meu agente, me ligando de Nova York.

— Saiu na imprensa, Marcus.

— Sobre o que está falando?

— Alexandra e você. Vocês estão na primeira página da revista mais lida do país.

Corri até o supermercado mais próximo, que funcionava vinte e quatro horas. De uma plataforma de madeira, estavam descarregando pilhas de revistas embaladas.

Peguei uma revista, rasguei o plástico e li, transtornado:

*O QUE ESTÁ ROLANDO
ENTRE ALEXANDRA NEVILLE E MARCUS GOLDMAN?
A história de uma escapada secreta na Flórida.*

O sujeito dentro da van preta era um fotógrafo. Passara vários dias nos observando e nos seguindo. Vendera as fotos com exclusividade para uma revista que pegava todo mundo desprevenido com as notícias.

Ele acompanhara tudo desde o início: quando roubei Duke, Alexandra e eu em Coconut Grove, Alexandra indo à minha casa. Tudo sugeria que tínhamos um caso.

Liguei de volta para o meu agente.

— Temos que impedir isso — afirmei.

— Impossível. Eles são muito espertos. Não houve nenhum vazamento, nenhum prenúncio na internet. Todas as fotos foram tiradas da rua e sem intrusão direta em sua vida íntima. Tudo muito bem planejado.

— Não fiz nada com ela.

— Você faz o que quiser.

— Estou dizendo que não temos nada! Deve haver um jeito de suspender a venda dessa revista.

— Eles só estão fazendo uma suposição, Marcus. Isso não é ilegal.

— Ela já está sabendo?

— Imagino que sim. E se ainda não está, vai descobrir logo mais.

Espeiei uma hora antes de tocar o interfone no portão da casa de Kevin. Notei a câmera ser acionada, sinal de que alguém estava me vendo, mas o portão permaneceu fechado. Toquei de novo e finalmente a porta da casa se abriu. Era Alexandra. Ela veio até o portão, mas ficou do outro lado.

— Você roubou o cachorro? — perguntou ela, me fuzilando com o olhar. — Era por isso que ele estava o tempo todo na sua casa?

— Só fiz isso uma vez. Ou duas. Depois ele veio sozinho, juro.

— Não sei mais se devo acreditar em você, Marcus. Foi você quem avisou à imprensa?

— O quê? Mas por que eu faria isso?

— Não sei. Para que eu me separasse de Kevin, quem sabe?

— Ora, Alexandra! Não acredito que você acha isso!

— Você teve a sua chance, Marcus. Foi há oito anos. Não atrapalhe a minha vida, me deixe em paz. Meus advogados vão entrar em contato com você para desmentir essa história.

Baltimore, Maryland.
Primavera-verão de 1995.

Eu me sentia cada vez mais isolado em Montclair.

Enquanto eu estava acuado em Nova Jersey, uma vida paradisíaca se estendia à minha frente em Oak Park. Não havia apenas uma, mas duas famílias maravilhosas, os Baltimore e os Neville, que, além disso, formaram laços de amizade entre si. Tio Saul e Patrick Neville se tornaram parceiros de tênis. Tia Anita convidou Gillian Neville para se juntar a ela em seus trabalhos de caridade na instituição para crianças de Artie Crawford. Hillel, Woody e Scott estavam o tempo todo juntos.

Certo dia, no início de abril, Hillel, que lia diariamente o *Baltimore Sun*, deparou com uma reportagem sobre um concurso musical organizado por uma rádio nacional. Os participantes deviam se candidatar com duas composições interpretadas por eles mesmos, gravadas ou filmadas. O ganhador poderia gravar cinco músicas num estúdio profissional, que seria divulgada durante seis meses pela rádio. Claro que tio Saul tinha uma incrível câmera de última geração, e claro que aceitou emprestá-la a Hillel e Woody. E da minha prisão em Nova Jersey, eu recebia todos os dias telefonemas animados dos meus primos contando sobre o andamento do projeto. Durante uma semana, Alexandra passou todas as tardes ensaiando na casa dos Goldman e, durante o fim de semana, Hillel e Woody a filmaram. Eu morria de inveja.

De todo modo, com ou sem concurso, nós três, Hillel, Woody e eu, fomos jogados para escanteio, porque pouco tempo depois Alexandra apareceu na casa dos Baltimore com Austin, seu namorado. Isso tinha que acontecer: Alexandra, de dezessete anos, tão bela, não ia perder tempo com jardineiros de quinze anos, que enfrentavam um atraso lamentável no crescimento dos pelos pubianos. E preferiu um garoto do seu colégio, um filhinho de papai bonito feito um deus e forte feito Hércules, mas burro feito uma porta. Ele ia para o porão e se esparramava no sofá, sem prestar atenção nas composições de Alexandra. Dizia que sua canção era dos anos 1940, mas a música representava tudo para ela, o que não entrava na cabeça daquele imbecil.

Foram dois meses de espera até a divulgação dos resultados do concurso. Nesse meio-tempo, Alexandra tirou a carteira de motorista e, nas tardes dos fins de semana, quando Austin a deixava para sair com os amigos, ela passava para nos buscar na casa dos Baltimore. Íamos tomar milk-shake no Dairy Shack, depois estacionávamos numa rua tranquila e nos deitávamos no gramado, observando a noite e escutando a música do rádio que vinha pelas portas abertas do carro. Alexandra sobrepunha sua voz e nós imaginávamos que eram suas músicas que tocavam uma atrás da outra.

Nesses momentos, tínhamos a impressão de que ela era nossa. Conversávamos por horas a fio. Com frequência, Austin era o assunto da conversa. Hillel se atrevia a perguntar o que nós três morríamos de vontade de saber.

— O que você está fazendo com um idiota daquele? — perguntava.

— Ele não é nada idiota. Às vezes, é um pouco grosseiro, mas é um cara legal.

— É verdade — zombava Woody. — Ele se abastece de vento quando anda de conversível.

— Não, sério — retrucava Alexandra —, ele só é antipático à primeira vista.

— Mas não deixa de ser um idiota — concluía Hillel.

Por fim, ela dizia:

— Eu gosto dele. É ponto final.

Quando ela falava que gostava dele, despedaçava nossos corações.

* * *

Alexandra não ganhou o concurso. Como resposta, recebeu apenas uma carta seca lhe

dizendo que sua candidatura não fora aprovada. Então Austin disse que se ela havia perdido era porque não tinha talento.

Para ser totalmente sincero com vocês, quando Woody e Hillel me ligaram para dar a notícia, uma parte de mim ficou aliviada: eu teria sofrido muito se a carreira dela deslanchasse graças a um concurso descoberto por Hillel e um vídeo feito pelos Baltimore. Mesmo assim fiquei chateado por Alexandra, porque eu sabia a importância que o concurso tinha para ela. Após conseguir seu número com a telefonista, reuni toda a minha coragem e liguei, o que eu nunca me atrevera a fazer, apesar da vontade que me consumia havia meses. Para meu grande alívio, foi ela quem atendeu, mas a conversa começou muito mal:

— Oi, Alexandra, é Marcus.

— Que Marcus?

— Marcus Goldman.

— Quem?

— Marcus, primo do Woody e do Hillel.

— Ah, Marcus, o primo! Oi, Marcus, tudo bem?

Avisei que eu estava telefonando para comentar sobre o concurso, que eu sentia muito que ela não tivesse ganhado, e, à medida que fomos nos falando, ela desatou a chorar.

— Ninguém acredita em mim — disse ela. — Estou me sentindo muito sozinha. Ninguém se importou.

— Eu me importei — retruquei. — Se não te escolheram, é porque é um concurso de idiotas. Não merecem você! Não desanime! Ao ataque! Grave outra demo!

Após desligar, juntei as economias que eu tinha, coloquei num envelope e mandei para ela com o intuito de que pudesse gravar uma demo profissional.

Alguns dias depois, recebi um aviso de retirada de uma remessa postal. Minha mãe, preocupada, me interrogou demoradamente para saber se eu tinha comprado filmes pornô.

— Não, mãe.

— Jure.

— Juro. Se esse fosse o caso, eu teria mandado entregar em outro endereço.

— E onde seria?

— É brincadeira, mãe. Não encomendei filmes pornô.

— Então o que é isso?

— Não sei.

Apesar dos meus protestos, ela fez questão de ir comigo até a agência dos correios para pegar a encomenda e ficou atrás de mim no guichê.

— De onde veio a remessa? — perguntou ela ao funcionário do correio.

— Baltimore — respondeu ele, me entregando um envelope.

— Está esperando alguma coisa dos seus primos? — questionou minha mãe.

— Não, mãe.

Ela me intimou a abrir e, por fim, eu lhe disse:

— Mãe, acho que é pessoal.

Passado o terror da pornografia, seu rosto se iluminou.

— Você tem uma namorada em Baltimore?

Eu a encarei, sem responder nada, e ela me fez o favor de esperar no carro. Eu me isolei num canto e abri o envelope com precaução.

Querido Markikette,

Eu me odeio: nunca te agradei por ter me escrito para dizer que gostaria de morar em Baltimore. Fiquei muito comovida. Quem sabe um dia você se muda para cá?

Agradeço pela carta e pelo dinheiro. Não posso aceitar o dinheiro, mas você me convenceu a usar minhas economias para gravar uma demo e continuar tentando.

Você é uma pessoa muito especial. Tive sorte em te conhecer. Obrigada por me incentivar a ser cantora. Só você acredita em mim. Nunca me esquecerei disso.

Espero ver você em breve em Baltimore.

Com carinho,

Alexandra

PS: Seria melhor se você não contasse aos seus primos que te mandei uma carta.

* * *

Reli dez vezes. Abracei o papel perto do coração. Dancei no chão de cimento da agência dos correios. Alexandra tinha escrito uma carta para mim. Para mim. Eu sentia o estômago embrulhado de tanta emoção. Fui encontrar minha mãe no carro e não disse uma palavra sequer durante todo o trajeto. Um tempo depois, quando estávamos chegando à nossa rua, falei:

— Que bom que não tenho fibrose cística.

— Melhor assim, querido. Melhor assim.

Naquele 26 de março de 2012, dia da publicação da revista, fiquei trancado em casa.

Meu telefone tocava sem parar. Eu não atendia mais. Era inútil: todo mundo queria saber se era verdade. Eu e Alexandra Neville estávamos juntos?

Eu sabia que não ia demorar muito para surgirem paparazzi à porta da minha casa. Decidi fazer compras para não precisar sair de casa durante algum tempo. Ao voltar do supermercado, com o porta-malas do carro abarrotado de sacolas de comida, Leo, que estava cuidando do jardim em frente à sua casa, me perguntou se eu estava me preparando para um cerco.

— Quer dizer que você não está sabendo?

— Não.

Mostrei-lhe um exemplar da revista.

— Quem tirou essas fotos? — perguntou ele.

— O cara da van. Era um paparazzo.

— Você quis se tornar uma celebridade, Marcus. Agora sua vida não lhe pertence mais. Quer ajuda com alguma coisa?

— Não, obrigado, Leo.

De repente ouvimos um latido atrás de nós. Era Duke.

— O que está fazendo aqui, Duke? — perguntei.

Ele me fitou com seus olhos pretos.

— Vá embora — ordenei.

Fui deixar parte das minhas sacolas na entrada de casa e o cachorro me seguiu.

— Vá embora! — gritei.

Ele me encarou, sem se mexer.

— Vá embora! — repeti.

Ele permaneceu imóvel.

Nesse instante, ouvi o barulho de um motor. Um carro freou. Era Kevin. Estava furioso. Pulou para fora do veículo e se aproximou de mim, decidido a acabar comigo.

— Filho da puta! — berrou na minha cara.

Recuei.

— Não aconteceu nada, Kevin! Essas fotos são uma mentira! Alexandra gosta de você.

Ele manteve certa distância.

— Você me fez de idiota...

— Não fiz ninguém de idiota, Kevin.

— Por que nunca me contou o que aconteceu entre Alexandra e você?

— Não cabia a mim.

Ele apontou um dedo ameaçador na minha direção.

— Saia da nossa vida, Marcus.

Pegou Duke pela coleira para arrastá-lo até o carro. O cachorro tentou se desvencilhar.

— Vamos! — berrou ele, sacudindo-o.

Duke gemeu e tentou se debater. Kevin gritou para que ele se calasse e o fez subir à força no bagageiro do seu 4x4. Ao entrar no veículo, proferiu num tom ameaçador:

— Nunca mais chegue perto dela, Goldman. Nem dela, nem desse cachorro, nem de ninguém. Venda essa casa, vá para longe daqui. Você não existe mais para ela. Deu para entender? Você não existe mais!

Então arrancou ruidosamente.

Pelo vidro, Duke me lançou um olhar cheio de ternura e latiu palavras que não compreendi.

*Baltimore.
Outono de 1995.*

No outono seguinte, a volta às aulas marcou a nova temporada do futebol americano. O Wildcats de Buckerey High logo virou o assunto do momento. Eles tiveram um início sensacional de campeonato. A escola inteira passou a sentir uma imensa paixão pela equipe, logo considerada invencível. O que podia ter acontecido em poucos meses que mudara tanto o Wildcats?

O estádio de Buckerey lotava em todos os jogos. E quando havia uma partida fora de casa, uma multidão de torcedores fiéis e ruidosos se deslocava. Isso bastou para que a mídia local rebatizasse a equipe de “Os Invencíveis Wildcats de Buckerey”.

O êxito do time enchia Hillel de um imenso orgulho. Por ser o auxiliar do técnico, ele ocupava um lugar especial entre os integrantes do Wildcats.

O estado de saúde de Scott piorara. Houvera diversos sinais disso no fim do verão. Ele não estava com uma aparência boa e se deslocava o tempo todo com um cilindro de oxigênio. Seus pais estavam preocupados. Ele não podia mais assistir aos jogos da arquibancada. Toda vez que se levantava para comemorar um *touchdown*, sentia uma enorme tristeza por não poder estar em campo. Seu ânimo estava em queda livre.

Na fria manhã de um domingo de setembro, no dia seguinte a um jogo que o Wildcats tinha vencido brilhantemente, ele saiu de casa às escondidas e foi para o estádio de Buckerey. Estava tudo deserto e úmido; o gramado fora tomado por uma neblina opaca. Ele se posicionou numa extremidade do campo e, em seguida, começou a percorrê-lo correndo, imaginando-se com a bola. Fechou os olhos e visualizou a si mesmo como um ala poderoso, um Invencível como os outros. Nada era capaz de detê-lo. Parecia ouvir a multidão gritando seu nome. Ele era um jogador do Wildcats e ia marcar o ponto definitivo. Graças a ele, iam ser campeões. Correu cada vez mais, sentindo em suas mãos a bola que ele não tinha. Correu até perder o fôlego, até desmoronar na grama molhada, inerte.

Foi graças à intervenção de um homem que passeava com seu cachorro que Scott foi salvo. Ele foi levado de ambulância para o Hospital Johns Hopkins e lá passou por uma bateria de exames. Seu estado se agravara subitamente.

Foi tia Anita quem informou Hillel e Woody sobre o acidente de Scott.

— Por que ele estava no campo? — perguntou Hillel.

— Ninguém sabe. Ele saiu sem avisar aos pais.

— E até quando vai ficar no hospital?

— Pelo menos duas semanas.

Os dois fizeram visitas regulares a Scott.

— Eu queria imitar vocês — disse ele a Woody. — Queria estar num campo de futebol, queria que a multidão vibrasse comigo. Não quero mais ser doente.

Scott pôde finalmente voltar para casa. Teve que ficar em repouso absoluto. Diariamente, depois do treino, Woody e Hillel iam visitá-lo. Às vezes o time todo ia. O Wildcats se espregueira no quarto de Scott, contando-lhe as façanhas do dia. Todo mundo dizia que eles estavam com a mão na taça. Até aquele dia, nenhuma equipe da Liga das Escolas batera os recordes deles da temporada 1995-1996.

Certa tarde de sábado, em meados de outubro, o Wildcats jogou uma partida muito importante no estádio de Buckerey. Antes de encontrarem o time, Woody e Hillel pararam na casa dos Neville. Scott estava na cama. Parecia muito abatido.

— Tudo o que eu queria era estar com vocês, caras — disse ele. — Queria cuidar dos jardins com vocês, jogar futebol com vocês. Continuar fazendo tudo aquilo de antes.

— Vai poder ir ao jogo?

— Minha mãe não quer que eu vá. Quer que eu descanse, mas não faço outra coisa a não ser descansar.

Quando Hillel e Woody foram embora, Scott foi tomado pela tristeza. Desceu à cozinha: não havia ninguém em casa. Sua irmã saíra, seu pai estava em reunião e sua mãe fora fazer compras. Então ele teve a ideia de fugir e encontrar o Wildcats. Afinal, não havia ninguém para impedi-lo.

* * *

O jogo começou no estádio de Buckerey. O Wildcats logo abriu vantagem.

Scott pegara sua velha bicicleta. Era muito pequena para ele, mas ainda funcionava. E isso era o que importava. Seguiu para o colégio de Buckerey, parando a intervalos regulares para tomar fôlego.

* * *

Gillian Neville voltou para casa. Chamou Scott, mas ele não respondeu. Subiu ao segundo andar, e, ao abrir a porta do quarto, encontrou-o dormindo na cama. Não o perturbou e o deixou descansar.

* * *

Scott chegou ao estádio de Buckerey no fim do primeiro quarto. O Wildcats já disparava no placar. Deixou sua bicicleta encostada numa cancela e se esgueirou para dentro dos vestiários.

Ouviu a voz do treinador Bendham dando suas instruções e se escondeu nos chuveiros. Não queria ser espectador. Queria jogar. Esperou passar o quarto seguinte. Precisava falar com Hillel.

* * *

Um estranho pressentimento fez com que Gillian Neville fosse acordar o filho. Entreabriu a porta do quarto dele. Scott continuava dormindo. Ela se aproximou da cama e, ao tocar os lençóis, percebeu que não havia ninguém ali: no lugar do filho, havia apenas almofadas, arrumadas para criar uma ilusão.

* * *

No terceiro quarto, Scott conseguiu fazer um sinal para Hillel, que foi encontrá-lo nos chuveiros.

— O que está fazendo aqui?

— Quero jogar!

— Você está louco! Isso é impossível.

— Por favor. Eu só queria jogar alguma partida uma vez.

* * *

Gillian Neville percorreu Oak Park de carro. Tentou falar com Patrick, que não atendia. Foi à casa dos Goldman, mas encontrou a porta fechada: eles estavam no jogo.

* * *

No fim do terceiro quarto, Hillel explicou a situação para Woody. E lhe contou sua ideia. Woody aproveitou um pedido de tempo para conversar com os outros jogadores. Depois fez sinal para Ryan, um ala de compleição leve, chamando-o, e detalhou o que ele deveria fazer.

* * *

Gillian voltou para casa. Ninguém chegara ainda. Sentiu o pânico invadi-la e começou a chorar.

* * *

Faltavam cinco minutos para o fim da partida.

Ryan pediu para deixar o campo.

— Preciso ir ao banheiro, treinador.

— Não pode esperar?

— Desculpe, mas é mesmo urgente.

— Rápido!

Ryan entrou no vestiário e entregou seu uniforme e seu capacete para Scott.

* * *

Faltavam apenas dois minutos. O treinador xingou Ryan, que finalmente saiu do vestiário, e lhe ordenou que voltasse à sua posição. Bendham estava tão concentrado que não percebeu nada. O jogo recomeçou. Ryan se movimentava de forma esquisita e estava fora de sua posição. O treinador berrava algumas instruções para ele, mas o garoto não reagia. De repente toda a sua equipe perdeu a cabeça e se posicionou em formação triangular.

— Mas o que vocês estão fazendo, meu Deus? — gritou ele.

Então Hillel berrou:

— Agora!

Viu Woody seguir para a posição do ala e se posicionar ao lado de Ryan. A bola voltou às mãos do Wildcats e Woody recebeu o passe. Todos os jogadores se alinharam ao redor de Ryan, que recebeu a bola e saiu em disparada, escoltado pelos outros jogadores, que o protegiam.

O estádio ficou em silêncio por um instante. Os jogadores da equipe adversária, completamente desestabilizados, observaram, imóveis, a formação compacta atravessar o gramado. Scott ultrapassou a linha de fundo e colocou a bola no chão. Em seguida, ergueu as mãos, tirou o capacete e o estádio inteiro gritou de alegria.

— *Toooooooooooooooooouchdoooooooooown* para o Wildcats de Buckerey, que vencem a partida! — exclamou o locutor nos alto-falantes.

— É o melhor dia da minha vida! — exultou Scott, arriscando alguns passos de dança no gramado.

Todos os jogadores se aglomeraram à sua volta e o carregaram, triunfante. O treinador Bendham, momentaneamente perplexo, não soube reagir e caiu na

gargalhada, antes de se juntar às aclamações que repetiam o nome de Scott e pediam uma volta olímpica. Scott cedeu, mandando beijos para a multidão e cumprimentando a todos sem parar. Percorreu metade do campo e sentiu seu coração disparar. Cada vez mais tinha dificuldade para respirar. Tentou se acalmar, mas teve a impressão de que estava sufocando. E, subitamente, desabou.

Em 28 de março de 2012, Alexandra saiu de Boca Raton e retornou a Los Angeles.

No dia em que foi embora, ela deixou um envelope diante da minha porta. Leo viu tudo e veio falar comigo.

— Você acabou de perder sua namorada.

— Ela não é minha namorada.

— Um 4x4 imenso acabou de parar em frente à sua casa e ela deixou esse envelope na sua porta.

Ele me entregou. Estava escrito:

Para Markikette

— Não sei quem é Markikette — falei.

— Acho que é você — respondeu Leo.

— Não. É um engano.

— Ah. Nesse caso vou abrir.

— Eu o proíbo.

— Eu achava que a carta não era para você.

— Passe isso para cá!

Peguei o envelope das suas mãos e o abri. No interior, Alexandra simplesmente anotara um número de celular, que eu supunha ser o dela.

555-543-3984

A.

— Por que ela me daria o número do seu celular? E, principalmente, por que deixá-lo na minha porta se sabe que qualquer jornalista poderia passar aqui e vê-la, ou até mesmo pegar o envelope?

— Coitadinho do Markikette — disse Leo. — Você é mesmo um desmancha-prazeres.

— Não me chame de Markikette. E não sou desmancha-prazeres.

— Claro que é. Uma gata como aquela, completamente transtornada porque morre de amores por você, mas não sabe como dizer isso.

— Ela não me ama. Isso é passado.

— Mas, afinal, você está fazendo de propósito? Você surge na vida dela, até então calma e sossegada, cria um caos monumental, ela decide fugir, mas, ainda assim, na hora de ir embora, deixa claro como entrar em contato. É preciso fazer um desenho, por acaso? Você me preocupa, Marcus. Parece um zero à esquerda em histórias sentimentais.

Olhei para o papel que eu amassava entre os dedos e acabei perguntando a Leo:

— Então, o que devo fazer, doutor do coração?

— Ligue para ela, seu imbecil!

* * *

Levei um bom tempo até decidir telefonar. Quando tive coragem para tentar, seu celular estava fora de área. Sem dúvida ela estava no avião para a Califórnia. Fiz outra tentativa algumas horas depois: já era tarde na Flórida, começo de noite em Los Angeles. Ela não

atendeu. Mas me ligou de volta. Atendi, mas ela não falou nada. Ficamos bastante tempo na linha, em silêncio. Por fim, ela disse:

— Você lembra que depois da morte do meu irmão... era para você que eu ligava? Eu precisava de você, então ficávamos horas ao telefone, sem falar nada. Só para você me fazer companhia.

Não respondi. Continuamos em silêncio. Ela acabou desligando.

Baltimore, Maryland.

Outubro de 1995.

O socorro não conseguiu reanimar o coração de Scott, cuja morte foi constatada no gramado do estádio de Buckerey. As aulas do dia seguinte foram suspensas em Buckerey High e foi montado um posto de atendimento psicológico. Conforme os alunos chegavam ao local, eram encaminhados ao auditório, enquanto alto-falantes transmitiam incessantemente a mensagem do diretor Burdon: “Em razão da tragédia de ontem à noite, todas as aulas foram suspensas hoje. Os alunos devem seguir para o auditório.” Em frente ao armário de Scott, amontoavam-se flores, velas e bichos de pelúcia.

Scott foi enterrado em um cemitério no subúrbio de Nova York, cidade natal dos Neville. Acompanhados do tio Saul e da tia Anita, Woody, Hillel e eu comparecemos.

Antes da cerimônia, sem vê-la em lugar algum, procurei Alexandra. Encontrei-a numa sala, sozinha. Chorando. Vestia preto. Até pintara as unhas dessa cor. Eu me sentei ao seu lado. Segurei sua mão. Achei-a tão bonita que me deu uma vontade erótica de beijar a palma da sua mão. Então fiz isso. E como ela não afastou a mão, repeti o gesto. Beijei o dorso da sua mão, cada um de seus dedos. Ela se aconchegou em mim e murmurou ao meu ouvido:

— Não largue a minha mão, por favor, Markie.

A cerimônia foi dramática. Eu nunca tinha passado por uma situação parecida. Tio Saul e tia Anita haviam nos preparado para aquilo, mas viver era diferente. Alexandra estava inconsolável: eu via as lágrimas pretas de rimel escorrerem sobre nossas mãos. Eu não sabia se devia falar com ela, tranquilizá-la. Eu queria secar o canto de seus olhos, mas tinha medo de que fosse um gesto desastrado. Então me limitei a apertar sua mão o mais forte que eu podia.

A dificuldade não foi tanto a tristeza do momento, mas a tensão que percebíamos entre Patrick e Gillian. Em homenagem ao filho, Patrick fez uma prece que achei muito bonita. Intitulou-a *Resignação do pai de uma criança doente*. Prestou homenagem a Woody e Hillel e agradeceu pela alegria proporcionada a Scott. Falou mais ou menos o seguinte para eles:

“Será que somos mesmo felizes, nós, as pessoas ricas de Oak Park ou Nova York? Quem aqui pode afirmar que é completamente feliz?”

“Meu filho Scott foi feliz. E isso graças a dois meninos que o apoiaram.

“Vi meu filho antes de Woody e Hillel, e o vi depois.

“Obrigado a vocês dois. Vocês lhe deram um sorriso que eu nunca tinha visto nele. Vocês lhe deram uma força que eu nunca notara que ele tinha.

“Quem, mesmo ao fim de uma longa vida, pode afirmar ter feito um de seus semelhantes feliz? Vocês podem, Hillel e Woody, vocês podem.”

O discurso de Patrick desencadeou uma constrangedora discussão dele com a esposa por causa do lanche que sucedeu ao enterro. Todos nós estávamos na sala da irmã de Gillian, comendo biscoitos amantiguados, quando ouvimos ecos de vozes ressoarem da cozinha: “Você agradeceu a eles?”, gritava Gillian. “Eles mataram nosso filho e você diz

obrigado!”

Foi uma cena difícil de suportar. Subitamente me lembrei de todas as vezes que eu sentira ódio de Scott, que invejara sua doença e reivindicara uma fibrose cística. Senti vontade de chorar, mas não queria fazer isso na frente de Alexandra. Então fui para o jardim e me xinguei de canalha. Canalha! Canalha! Depois senti a mão de alguém em meu ombro. Eu me virei. Era tio Saul. Ele me abraçou e eu comecei a chorar.

Nunca vou esquecer como ele me abraçou nesse dia.

* * *

Semanas de tristeza se sucederam.

Hillel e Woody se sentiam culpados. Para piorar as coisas, o diretor Burdon exigiu uma punição. Convocou Hillel e o treinador Bendham. A reunião durou mais de uma hora. Preocupado, Woody andava de um lado para outro atrás da porta. A porta finalmente se abriu, e Hillel saiu da sala aos prantos.

— Fui expulso do time! — berrou ele.

— O quê? Como assim?

Hillel não respondeu e saiu em disparada pelo corredor. Então Woody viu o treinador Bendham sair da sala do diretor, com uma aparência terrível.

— Treinador, me diga que não é verdade! — exclamou. — O que foi que houve?

— O que aconteceu foi muito grave. Hillel precisa sair da equipe. Sinto muito mesmo... Não há nada que eu possa fazer.

Woody, furioso, entrou sem bater na sala do diretor Burdon.

— Diretor, o senhor não pode expulsar Hillel do time de futebol americano!

— O que você tem a ver com isso, Woodrow? E quem o autorizou a invadir minha sala desse jeito?

— É uma vingança? É isso?

— Woodrow, não vou repetir: saia da minha sala.

— Não quer nem me explicar por que dispensou Hillel?

— Não o dispensei. Tecnicamente, ele nunca fez parte da equipe. Nenhum aluno pode ser responsável por outros alunos. O treinador Bendham nunca deveria tê-lo convidado para ser seu assistente. Além do mais, preciso lembrar a você que ele matou um aluno, Woody? Sem as ideias mirabolantes dele, Scott Neville ainda estaria vivo!

— Ele não matou ninguém. Scott sonhava em jogar!

— Não estou gostando nada do seu tom, Woodrow. O que você quer? Seu coleguinha reclama que não exerço minhas funções corretamente. Então vou exercer. Você vai ver. Agora saia daqui.

— O senhor não tem o direito de fazer isso com Hillel!

— Tenho todo o direito. Sou o diretor desta escola. Vocês são apenas alunos. São puros e simples alunos. Está entendendo?

— O senhor vai pagar por isso!

— É uma ameaça?

— Não, é uma promessa.

Ninguém pôde fazer nada. Foi o fim do futebol para Hillel.

No meio daquela noite, Woody saiu disfarçadamente da casa dos Goldman e foi de bicicleta até onde Burdon morava. Aproveitando-se da escuridão, rastejou pelo jardim, pegou um spray de tinta na mochila e escreveu em letras imensas em toda a fachada da casa: *BURDON SACO DE BOSTA*. Assim que terminou a última palavra, notou um facho de luz apontado para sua nuca. Ele se virou, mas não conseguiu enxergar nada, cegado pela lanterna em seu rosto.

— O que você está aprontando aí, mocinho? — interrogou com firmeza uma voz masculina.

E Woody compreendeu que eram dois policiais.

Ao serem acordados por um telefonema da polícia, tio Saul e tia Anita foram chamados à delegacia para buscar Woody.

— *Burdon saco de bosta?* — comentou tia Anita, arrasada. — Não pensou em nada melhor? Ah, Woody, o que levou você a fazer uma coisa dessas?

Envergonhado, ele baixou a cabeça e resmungou:

— Eu queria me vingar do que ele fez com Hillel.

— Mas não devemos nos vingar! — retrucou tio Saul, num tom de voz tranquilo. — Não é assim que as coisas funcionam, e você sabe muito bem disso.

— O que vai acontecer comigo agora? — perguntou Woody.

— Depende se o diretor Burdon vai prestar queixa ou não.

— Será que vou ser expulso do colégio?

— Não sabemos. Você cometeu um erro grave, Woody, e seu destino não está mais em suas mãos.

* * *

Woody foi expulso de Buckerey High.

O treinador Bendham fez de tudo para defendê-lo perante Burdon, com quem discutiu seriamente porque ele se negou a reconsiderar a decisão.

— Mas por que cismou com isso, Steve? — explodiu Bendham.

— Porque há regras a serem respeitadas, treinador. Você viu o que esse delinquentezinho fez na minha casa?

— Mas estamos falando de uma travessura de criança! Você deveria ter mandado ele limpar as privadas da escola durante seis meses, mas não pode fazer isso, não pode expulsar esses meninos como fez.

— Augustus, é isso e ponto final.

— Caramba, Steve, você é o diretor de uma escola, de uma escola, porra! Está aqui para construir a vida desses garotos! Não para destruí-los.

— Exatamente, eu sou o diretor de uma escola. E você parece não perceber as responsabilidades que esse cargo implica. Estamos aqui para que essas crianças se adaptem à nossa sociedade, e não o oposto. Elas devem aprender que há regras, e que há consequências caso não as respeitem. Pode me achar cruel se quiser, mas sei o que faço por elas e um dia vão me agradecer. Meninos assim acabam parando na prisão se não são educados com rédea curta.

— Meninos assim, Steve, acabam se tornando astros da NFL e ganhando Prêmios Nobel! Você vai ver que daqui a dez anos haverá câmeras nesse pátio para filmar a glória dos Goldman.

— Rá! A glória dos Goldman! Não me diga que você acredita nessa balela...

— E diante de jornalistas estendendo microfones, você vai gaguejar como um pobre-diabo para dizer que eles eram seus alunos prediletos, os melhores do colégio, e que nunca duvidou do talento deles!

— Chega, treinador, você está passando dos limites! Já ouvi o suficiente.

— Sabe de uma coisa, Steve? Eu é que já ouvi demais: vá se foder!

— Como é que é? Você perdeu completamente o juízo? Vou fazer uma denúncia, Augustus. E você também vai ser citado!

— Faça quantas denúncias quiser. Estou dando o fora! Não vou participar do seu sistema desprezível, que nada soube fazer além de acabar com os sonhos de dois garotos. Não fico mais aqui. Até nunca mais!

Bateu a porta com toda a força ao sair e pediu demissão imediatamente, exigindo a antecipação de sua aposentadoria.

No fim de semana seguinte, Woody foi à casa dele e o encontrou arrumando as

coisas no trailer.

— Não vá embora, treinador... O time precisa do senhor.

— Não existe mais time, Woody — respondeu Bendham sem interromper o que fazia. — Eu já deveria ter me aposentado há muito tempo.

— Treinador, vim lhe pedir desculpas. É tudo culpa minha.

Bendham colocou uma caixa de papelão na grama.

— Não, Woody, de jeito nenhum. É culpa desse sistema desprezível! Desses professores podres. Eu é que peço desculpas, Woody. Não tive competência para defender você e Hillel.

— Então vai fugir?

— Não, vou me aposentar. Vou atravessar o país. Estarei no Alasca quando chegar o verão.

— Está indo embora no seu trailer para o Alasca para não encarar a realidade, treinador.

— De jeito nenhum. Sempre tive vontade de fazer essa viagem.

— Mas o senhor tem a vida inteira para ir até a porra desse Alasca!

— A vida não é tão longa, mocinho.

— É o suficiente para que fique mais um pouco.

Bendham o segurou pelos ombros.

— Não largue o futebol, mocinho. Não por mim, nem por Burdon, nem por ninguém, mas por você.

— Estou pouco me importando com isso, treinador! Não dou a mínima para essa merda!

— Mas precisa se importar! Futebol americano é a sua vida!

* * *

O casamento de Patrick e Gillian não resistiu à morte de Scott.

Gillian não perdoava o marido por ter incentivado Scott a jogar futebol americano. Ela precisava refletir, precisava de espaço. E, acima de tudo, não queria mais morar na casa de Oak Park. Um mês após o enterro de Scott, decidiu voltar para Nova York e alugou um apartamento em Manhattan. Alexandra foi com ela. As duas se mudaram em novembro de 1995.

Meus pais me deixaram passar o fim de semana de sua partida em Oak Park, para me despedir de Alexandra. Foram os dias mais tristes que vivi em Baltimore.

— É a garota que escreve para você? — perguntou minha mãe, ao me levar até a estação ferroviária de Newark.

— É.

— Você vai vê-la novamente — disse ela.

— Duvido.

— Tenho certeza que sim. Não fique tão triste, Markie.

Tentei me convencer de que minha mãe tinha razão — afinal, se Alexandra era mesmo importante, o destino a recolocaria em meu caminho —, mas, durante todo o trajeto até Baltimore, senti um aperto no peito. E no carro da minha tia, ainda cabisbaixo, não tive sequer vontade de cumprimentar os seguranças da patrulha.

Ela foi embora no dia seguinte, um sábado, no carro da mãe, num cortejo fúnebre composto por dois caminhões de mudança. Passamos nossas últimas horas juntos em seu quarto totalmente vazio. Como rastro de sua passagem, restavam apenas as marcas das tachinhas que prenderam os pôsteres de seus cantores preferidos. Nem seu violão estava mais ali.

— Não consigo acreditar que estou indo embora — murmurou Alexandra.

— Nós também não — respondeu Hillel, com a voz fraca.

Ela abriu os braços e Woody, Hillel e eu nos aconchegamos. Sua pele exalava aquele perfume delicioso e seu cabelo tinha cheiro de damasco. Nós três fechamos os olhos e ficamos assim por algum tempo. Até que a voz de Patrick ressoou do andar de baixo:

— Você está aí em cima, Alexandra? Temos que ir, os rapazes da mudança estão esperando.

Ela desceu a escada, e nós fomos atrás, cabisbaixos.

Diante da casa, ela pediu para tirarmos uma foto de nós quatro. Seu pai nos immortalizou juntos em frente ao que fora sua casa.

— Mando para vocês, prometo. Vamos nos escrever.

Ela nos abraçou pela última vez, um de cada vez.

— Tchau, queridos Goldman. Nunca vou esquecer vocês.

— Você é membro vitalício da Gangue — disse Woody.

Vi uma lágrima escorrer pelo rosto de Hillel e a sequei com a ponta do polegar.

Fizemos um corredor de honra e a observamos entrar no carro da mãe. Em seguida, o veículo arrancou e avançou lentamente pela rua. Ela acenou com a mão. Também estava chorando.

Num último arroubo de paixão, montamos em nossas bicicletas e escoltamos o carro pelo bairro. Foi possível vê-la pegar um papel e escrever algumas palavras. Então ela aproximou a folha do vidro de trás e lemos:

AMO VOCÊS, GOLDMAN.

Nunca contei a ninguém o que aconteceu em novembro de 1995, após Alexandra se mudar com sua mãe para Nova York.

Depois do enterro de Scott, nos telefonávamos o tempo inteiro. Ela me procurava, e eu sentia imenso orgulho disso. Dizia que não conseguia dormir sem a companhia de alguém e a gente se ligava, deixando o aparelho perto de nossa cabeça enquanto dormíamos. Às vezes, a ligação não caía até o dia seguinte.

Minha mãe, ao receber a conta do telefone, fez uma cena.

— O que vocês tanto falam durante horas?

— É por causa do Pequeno Scott — expliquei.

— Ah — disse ela, desconcertada.

Eu ia descobrir que, mesmo no além, Scott ainda podia ser um amigo fantástico. A citação do seu nome tinha um efeito mágico.

“Por que você tirou uma nota ruim?”

“Por causa do Pequeno Scott.”

“Por que matou aula?”

“Por causa do Pequeno Scott.”

“Eu queria comer pizza hoje à noite...”

“Ah, hoje, não.”

“Por favor, isso me lembra o Pequeno Scott.”

O Pequeno Scott foi minha desculpa para visitar Alexandra sempre que eu queria. Afinal, o que antes não passava de um namorico por telefone se transformou, após sua mudança, num relacionamento de verdade. Montclair e Manhattan ficavam a apenas meia hora de distância de trem, e passei a encontrá-la várias vezes por semana em Manhattan, num café perto de sua escola. Era com o coração a mil diante da perspectiva de tê-la só para mim que eu pegava o trem. No começo, não fizemos nada além de repetir nossas intermináveis conversas ao telefone, mas frente a frente, com os olhos fixos nos dela. Foi sentado ao seu lado que, certo dia, segurando sua mão, dei o passo com o qual tanto sonhara: eu a beijei e ela retribuiu. Demos um longo beijo, e esse foi para mim o início de um ano durante o qual meu entusiasmo pela Gangue dos Goldman diminuiu um pouco, pois Alexandra virou minha única obsessão. Várias vezes por semana eu ia a Nova York encontrá-la no café. Era uma alegria vê-la, ouvi-la, tocá-la, interpelá-la, acariciá-la, beijá-la! Vagávamos pelas ruas, nos beijávamos no coreto das praças. Quando eu a via chegar, meu coração imediatamente começava a acelerar no peito. Eu me sentia vivo, e nunca me sentira tão vivo. Sem me atrever a confessar para mim mesmo, sabia que era um sentimento que transcendia o que eu nutria pelos Baltimore.

Ela dizia que eu a ajudava a superar seu sofrimento. Que ela se sentia diferente quando eu estava ao seu lado. Procurávamos um ao outro, e nosso relacionamento evoluiu rapidamente.

Eu me sentia uma criatura alada, a ponto de um dia, tomado por um excesso de confiança, decidir surpreendê-la na saída do colégio. Eu a vi sair do prédio, cercada por um grupo de amigas, e me precipitei para ela com a intenção de beijá-la. Ao me ver, ela esboçou um movimento de recuo, me manteve a distância e se mostrou fria antes de desaparecer. Voltei para Montclair, abatido e desconcertado. Naquela noite, ela me ligou:

— Oi, Marcus...

— Por acaso a gente se conhece? — perguntei, magoado.

— Markie, não me entenda mal...

— Com certeza você deve ter uma boa explicação para o seu comportamento de hoje.

— Marcus, você é dois anos mais novo do que eu...

— E daí?

— E daí que é constrangedor.

— O que há de constrangedor?

— Gosto de você, mas você tem dois anos a menos que eu, caramba!

— Qual é o problema?

— Ah, meu bebezinho Marcus, você é tão ingênuo, fica ainda mais bonitinho assim. É um pouco de vergonha.

— É só não contar para ninguém.

— As pessoas vão acabar sabendo.

— Não se você não contar.

— Ah, desista, bebê Marcus! Se quiser me ver, ninguém pode ficar sabendo.

Aceitei. Continuamos nos encontrando no café. Às vezes, ela ia a Montclair, onde não conhecia ninguém, portanto não corria risco algum. Abençoado seja Montclair, esse lugarejo suburbano habitado por desconhecidos.

Minha paixão por Alexandra não demorou a influenciar dramaticamente minhas notas na escola. Em sala de aula, sua imagem prevalecia e eu não escutava mais nada. Ela dançava na minha cabeça, dançava nos meus cadernos, dançava no quadro-negro, dançava com a professora de ciências e murmurava: “Marcus... Marcus...”, fazendo com que eu me levantasse para dançar com ela.

— Marcus! — berrou a professora de ciências. — Perdeu o juízo? Volte ao seu lugar se não quiser ficar de castigo.

Meus pais foram chamados pelo coordenador, preocupado com meu súbito declínio. Eu estava no primeiro ano do ensino médio, e minha mãe, achando que talvez eu tivesse insuspeitas deficiências mentais, chorou durante toda a reunião, consolando-se em meio aos soluços ao lembrar — o que fazem todas as mães que descobrem que o filho enfrenta problemas na escola — que o próprio Einstein tivera grandes dificuldades em matemática. Sendo ou não um Einstein, a consequência para mim foi, além da proibição de sair, ter aulas intensivas de reforço em casa. Recusei, supliquei, rolei no chão, jurei tirar boas notas novamente, mas nada adiantou: todos os dias depois da escola, alguém iria lá em casa me ajudar a fazer os deveres. Jurei ser insolente, ficar irritado, dar uma de burro, de distraído, e soltar puns durante as aulas de reforço.

À beira do desespero, acabei comentando sobre o assunto com Alexandra, explicando que estávamos condenados a nos ver com menos frequência. Na mesma noite, ela ligou para a minha mãe. Contou que meu professor de matemática a procurara pedindo que ela me desse aulas de reforço. Minha mãe respondeu que já arranjava alguém, mas, quando Alexandra lhe informou que suas aulas eram pagas pelo colégio de Montclair, minha mãe aceitou de boa vontade e a contratou. Era o tipo de mágica de que Alexandra era capaz.

Nunca esquecerei o dia em que ela tocou a campainha da nossa casa. Alexandra, a deusa da Gangue dos Goldman, irrompendo nos Montclair.

A primeira frase que minha mãe disse à garota que eu amava foi:

— Você não acredita, tive que arrumar o quarto dele todo. Estava uma bagunça terrível, impossível se concentrar naquela desordem. Também aproveitei para guardar todos os brinquedos velhos no armário.

Alexandra caiu na gargalhada e eu fiquei roxo de vergonha.

— Mãe! — gritei.

— Ah, Markie — acrescentou minha mãe —, não é segredo para ninguém que você larga suas cuecas sujas em qualquer lugar.

— Obrigada pelo seu cuidado, Sra. Goldman — disse Alexandra. — Agora vamos

para o quarto dele. Tem dever para fazer. Vou colocá-lo na linha.

Levei-a até o meu quarto.

— É fofinho sua mãe chamar você de Markie — provocou ela.

— Você está proibida de me chamar assim.

— E vou adorar que me mostre seus brinquedos.

Meus deveres com Alexandra foram enfiar a língua dentro de sua boca e acariciar seus seios. Eu estava ao mesmo tempo aterrorizado e animado com a possibilidade de minha mãe aparecer no quarto a qualquer momento para nos trazer biscoitos. Mas ela nunca fez isso. Na época, achei que era o acaso que me dava uma mãozinha, hoje percebo que eu provavelmente subestimava minha mãe, que não era otária e não tinha a mínima intenção de atrapalhar os amores juvenis do filho.

Minha mãe ficou encantada com Alexandra. Minhas notas subiram vertiginosamente e recuperei minha liberdade.

Pouco tempo depois eu estava passando todos os fins de semana em Nova York. Quando a mãe de Alexandra não estava em casa, ela me convidava para ir lá. Eu chegava esbaforido, ela abria a porta, agarrava minha mão e me levava para o seu quarto.

Por muito tempo associei o rapper Tupac a Alexandra. Ela havia colado na parede, em cima da sua cama, um imenso pôster dele. Nós nos jogávamos no colchão, ela tirava a roupa e eu reparava em Tupac nos observando e, subitamente, erguendo o polegar para me dar sua bênção. Ainda hoje, basta ouvir um de seus sucessos no rádio para ter esse extraordinário reflexo pavloviano de nos imaginar juntos, eu e ela, nus em sua cama. Foi ela quem me ensinou a fazer amor, e devo dizer que eu me saía muito bem. E ganhava cada vez mais segurança. Eu chegava ao seu quarto, cumprimentava o Sr. Tupac, nos livrávamos de nossas roupas e começávamos os amassos. Depois do sexo, conversávamos bastante. Ela vestia uma camiseta bem larga e enrolava um baseado, que ia fumar na janela. Sim, devo acrescentar ainda que ela foi a primeira pessoa que me apresentou a maconha. De volta a Montclair para jantar à mesa com meus pais, exausto e desconjugado, eu ouvia minha mãe me perguntar com um sorriso no canto da boca: “Como vai a querida Alexandra?”

* * *

Nunca saberei se fui o primeiro da Gangue dos Goldman a conhecer as alegrias do amor. Simplesmente não fui capaz de contar sobre Alexandra a Woody e Hillel. Eu tinha a impressão de estar traindo os dois. De toda forma, eu prometera respeitar a vontade de Alexandra e não comentar nosso namoro com ninguém.

Às vezes, eu a via sair com alguns caras mais velhos quando suas aulas acabavam. Eu não podia me aproximar. Morria de ciúme. Quando a encontrava no café, perguntava:

— Quem são esses babacas que colam em você?

Ela ria.

— Ninguém. Só alguns amigos. Nada importante. Nada tão importante quanto você.

— Não podemos sair com seus amigos alguma vez? — implorei.

— Não. Você não deve falar sobre a gente.

— Mas por quê? Já faz quase quatro meses. Tem vergonha de mim, por acaso?

— Pare de pensar bobagem, Markikette. É muito melhor para nós se ninguém souber.

— Quem disse que eu não contei a ninguém?

— Eu sei que não contou. Porque você é diferente. Você é um garoto legal, Markikette. É diferente dos outros e é por isso que é precioso.

— E pare de me chamar de Markikette!

Ela sorria.

— Tudo bem, Markikette.

* * *

No fim da primavera de 1996, Patrick Neville, que nos últimos meses vinha tentando se mudar para Nova York para se reaproximar da filha e tentar salvar seu casamento, conseguiu um cargo importante num fundo de investimento sediado em Manhattan e foi mais um a deixar Oak Park. Instalou-se num belo apartamento na 16th Avenue, próximo de onde a esposa morava. Alexandra passou a ter duas casas e dois quartos, o que só aumentou ainda mais minhas viagens a Nova York. E quando Patrick e Gillian saíam para jantar com o intuito de tentar a reconciliação, não sabíamos mais como agir nem em qual apartamento nos encontrar.

* * *

Eu vivia enfiado na casa dela, mas também sonhava que viesse dormir ao menos uma vez na minha casa, em Montclair. No fim de semana do meu aniversário, consegui a incrível proeza de me livrar dos meus pais. Decidi, então, convidar Alexandra para passar uma noite em Montclair. Num impulso romântico, entrei sorrateiramente na escola dela e, após identificar o que me pareceu ser o seu armário, enfi lá dentro um bilhete convidando-a para me encontrar dois dias depois. Na noite marcada, preparei um jantar romântico com velas, flores e iluminação fraca. Eu tinha marcado às sete horas. Às oito, sem notícias dela, telefonei para a casa de sua mãe, que me disse que ela não estava. Foi a mesma decepção na casa do meu pai. Às dez horas, apaguei os castiçais. Às onze, joguei o jantar no lixo. Às onze e meia, abri a garrafa de vinho roubada do meu pai e bebi sozinho. À meia-noite, bêbado e solitário, cantei para mim mesmo um “Parabéns para você!” patético e assoprei minhas velinhas. Fui para a cama com a cabeça rodando e sentindo que a detestava. Fiquei dois dias sem lhe dar notícia. Não voltei mais a Nova York, não atendia mais às suas ligações. Por fim, ela foi me encontrar em Montclair e me interceptou na saída da escola.

— Vai me dizer o que deu em você, Marcus?

— O que deu em mim? Ora, espero que seja uma piada! Como pôde me dar um bolo?

— Mas do que você está falando?

— Do meu aniversário!

— O que tem o seu aniversário?

— Você me deu um bolo na noite do meu aniversário! Convidei você para ir à minha casa e você não apareceu!

— Como queria que eu soubesse que era seu aniversário se não me falou nada?

— Deixei um bilhete no seu armário.

— Nunca recebi...

— Ah — falei, um pouco desconcertado.

Então eu tinha errado o armário...

— E, além do mais, Markie, não é um pouco idiota me fazer seguir uma pista em vez de ligar para dar a informação? É fundamental que tenha comunicação num casal de namorados.

— Ei! Somos namorados?

— O que acha que somos, Marqueto?

Ela fixou os olhos nos meus e senti uma imensa felicidade. Estávamos namorando. Era a primeira vez que uma garota declarava ser minha namorada. Ela me agarrou e, na frente de todo mundo, enfiou a língua na minha boca, me empurrou e disse:

— Agora dê o fora!

Eu estava namorando. Não acreditava. Acreditei muito menos quando no fim de semana seguinte Alexandra me buscou de carro em Montclair e me levou para “dar uma volta”. Na hora não entendi aonde íamos, até entrarmos no Lincoln Tunnel.

— Estamos indo para Manhattan?

— Sim, meu anjo.

Quando ela parou em frente ao Waldorf Astoria, percebi que passaríamos a noite lá.

— O Waldorf?

— É.

— Vamos dormir no hotel?

— Vamos.

— Mas eu não trouxe nada — falei.

— Tenho certeza de que você vai arranjar uma escova de dentes e uma camisa. Eles têm esse tipo de coisa em Nova York, sabia?

— Nem avisei aos meus pais...

— Nesse hotel eles têm aparelhos especiais chamados telefone que permitem que você entre em contato com o resto da humanidade. Você vai ligar para a sua mãe e dizer que vai dormir na casa de um amigo, Markikette. Está na hora de assumir alguns riscos na vida. Afinal, você não quer continuar sendo um Montclair pelo resto da vida, não é?

— O que foi que disse?

— Falei que você não quer continuar sendo um Montclair pelo resto da vida, não é?

Eu nunca tinha colocado os pés num hotel parecido. Com uma petulância incomum, Alexandra mostrou na recepção uma identidade falsa que lhe dava vinte e dois anos, pagou com um cartão de crédito que não sei de onde tirou, e depois perguntou ao recepcionista:

— Esse rapaz aqui esqueceu todos os seus pertences. Se puder deixar no quarto um *nécessaire* completo, ele vai agradecer muito.

Arralei os olhos. Era minha primeira vez como casal, a primeira vez que eu fazia amor num hotel e que eu contava uma mentira deslavada à minha mãe para passar a noite nos braços de uma garota. E que garota!

Naquela noite, ela me levou a um bar de West Village que tinha um pequeno palco para shows intimistas. Subiu no estrado, onde um violão a esperava. E durante mais de uma hora tocou suas composições. O bar inteiro a observava, mas era para mim que ela olhava. Depois do show, perambulamos sem pressa pelo bairro. Ela dizia que se imaginava morando ali um dia, num apartamento com uma grande varanda para passar as noites do lado de fora contemplando a cidade. Ela falava e eu absorvia suas palavras.

De volta ao Waldorf Astoria, enquanto minha mãe achava que eu tinha ido para a casa do meu colega Ed, eu e Alexandra fizemos amor sem afobação. Na parede do quarto havia um espelho imenso, e eu fui parar entre as suas coxas. Ao observar no reflexo nossa nudez e nossos gestos, eu nos considerava belíssimos, o que éramos. Em cima dela, no auge dos dezesseis anos, eu me sentia forte como um homem. Autoconfiante e temerário, eu imprimia nela o movimento e a cadência que eu sabia lhe agradar e que a faziam se arquear cada vez mais, a pedir mais e a agarrar minhas costas no momento em que vinha a descarga de prazer que a fazia gemer pela última vez, arranhando minha pele com a ponta das unhas delicadamente pintadas. Um silêncio cúmplice invadiu o quarto. Ela afastava o cabelo com a mão, se jogava numa pilha de travesseiros, arfante, exibindo seus seios molhados de suor.

Foi Alexandra quem me estimulou a ousar viver minha vida. Quando se preparava para fazer alguma coisa um pouco proibida e pressentia minha hesitação, ela segurava minha mão, me encarava com seu olhar fulminante e perguntava: “Está com medo, Markie? Medo de quê?” E apertava ainda mais minha mão e me arrastava para o seu

mundo. Eu chamava aquilo de o mundo de Alexandra. Ela me impressionava tanto que certo dia acabei dizendo:

- Talvez eu esteja um pouco apaixonado por você.
- Ela segurou meu rosto entre as mãos e fixou os olhos nos meus.
- Markikette, há coisas que não se deve dizer a uma garota.
- Era brincadeira — falei, me desvencilhando.
- Isso aí.

* * *

Antes de fazer essas confidências aqui, eu nunca tinha contado a ninguém o amor absoluto que compartilhei com Alexandra Neville durante 1995-1996. Também não contei a ninguém que ela partiu meu coração depois de dez meses de namoro. Ela havia me feito tão feliz que era inevitável que algum dia acabasse me magoando.

No fim do verão de 1996, ela foi para uma faculdade em Connecticut. Foi corajosamente a Montclair me avisar, na véspera de sua partida, enquanto dávamos uma volta pelo meu bairro.

— Connecticut não é tão longe... — falei. — Além do mais, estou tirando minha carteira de habilitação.

Ela me fitou com um olhar cheio de ternura.

— Markikette...

Só pela maneira como ela pronunciou meu apelido, entendi tudo.

— Então você não me quer mais...

— Não é isso, Markie... É a faculdade... É uma nova etapa para mim e quero estar livre. Você... Bom, você ainda está no ensino médio.

Comprimi os lábios para não desatar a chorar.

— Então adeus — falei simplesmente.

Ela segurou minha mão, mas afastei a minha. Ela viu meus olhos brilharem.

— Não vai chorar, não é, Markikette?

Ela me deu um abraço apertado.

— Por quê? Você queria que eu chorasse? — retruquei.

Por muito tempo minha mãe me pediu notícias da “querida Alexandra”. E quando uma de suas amigas lhe dizia que seu filho precisava de reforço escolar, ela se lamentava: “Que pena, a querida Alexandra era ótima. Gary teria gostado muito dela.”

Durante anos, minha mãe repetiu:

— O que aconteceu com a querida Alexandra?

E eu respondia:

— Não sei.

— Nunca mais teve notícias dela?

— Nunca mais.

— Que pena — concluía minha mãe, num tom evidentemente decepcionado.

Por muito tempo ela acreditou que eu nunca mais a tinha visto.

No verão de 1996, quando meu namoro com Alexandra acabou, aconteceu uma coisa um pouco apocalíptica.

Ela me deixou logo antes da minha partida para os Hamptons e, pela primeira vez na vida, fui triste para lá. Ao chegar, constatei que toda a Gangue dos Goldman estava mal-humorada. O ano tinha sido difícil: após a morte de Scott, a rotina tranquila dos meus primos se esfacelara.

Em poucos meses, Hillel e Woody haviam se separado duplamente. Primeiro, em outubro, após a expulsão de Woody de Buckerey. Depois, em janeiro, quando Hillel foi para a escola especial, após um fim de semestre catastrófico. Ele passou a dormir em Oak Park só nos fins de semana.

Eu tinha a impressão de que tudo degringolava. E minhas surpresas não haviam terminado: no dia em que cheguei, meus primos e eu fomos ao *Paraíso na Terra* para cumprimentar os bondosos Clark. Encontramos uma placa de “Vende-se” fincada no gramado da propriedade.

Jane abriu a porta para nós, com uma expressão séria. Na sala, Seth estava numa cadeira de rodas. Tivera uma crise e estava muito debilitado, tendo se tornado um inválido. E a casa, com degraus e escadas, não era mais apropriada para ele. Jane queria vendê-la o mais depressa possível. Sabia que não teria tempo nem energia para continuar cuidando do local e queria deixá-lo em bom estado. Estava disposta a cedê-lo por uma pechincha: era uma oportunidade imperdível. Alguns falavam que era o negócio do século.

A casa já estava na boca de todos os corretores da região quando tio Saul e tia Anita cogitaram comprá-la. Jane Clark, por amizade, lhes deu prioridade. Falávamos sobre isso o tempo todo. Durante todas as refeições perguntávamos a tio Saul se ele avançara em suas reflexões.

— Vocês vão comprar *O Paraíso na Terra*?

— Ainda não sabemos — respondia ele, com um sorriso no canto da boca.

Não saía mais do seu escritório estival montado sob o caramanchão. Dividia-se entre os processos em andamento e os planos financeiros para a casa, alternando as chamadas de seu escritório de Baltimore e os telefonemas ao banco. Os anos passavam, e eu não parava de considerá-lo cada vez mais impressionante.

* * *

Os dias que passamos nos Hamptons pescando e nadando perto do rochedo dos Clark nos fizeram bem. A reunião da Gangue dos Goldman nos livrava do nosso vazio na alma. Oferecemos nossos serviços a Jane Clark, por quem tínhamos grande afeição: ajudávamos nas compras ou descíamos Seth em sua cadeira para que ele pudesse desfrutar da varanda à sombra de um guarda-sol.

Todas as manhãs, Woody saía para correr. Eu quase sempre ia junto. Gostava muito daqueles momentos a sós com ele, quando conversávamos ao longo de todo o trajeto.

Compreendi sua dificuldade em viver afastado de Hillel. Ele ganhara um status de filho único na casa dos Baltimore. Acordava sozinho, pegava o ônibus sozinho e almoçava sozinho. Nostálgico, às vezes ia amargar seu tédio no quarto de Hillel e se deitava em sua cama, onde ficava jogando uma bola de beisebol para cima. Tio Saul o ensinara a dirigir. Rapidamente ele tirara a carteira de habilitação. Às terças-feiras, ficava sozinho com tia Anita durante a tradicional noite de pizza. Faziam o pedido e se

acomodavam em frente à televisão, um do lado do outro no sofá.

Para incentivá-lo no futebol americano, tio Saul assinara canais a cabo para assistir aos jogos do Washington Redskins. Iam todos os três, em família, usando na cabeça o mesmo capacete colorido do time. Tia Anita se sentava entre seus dois homens, que devoravam pipoca e cachorro-quente. Entretanto, apesar dos esforços dos meus tios, Woody voltara a ser um pouco rebelde, e acho que evitava passar muito tempo em casa. No colégio, quando as aulas terminavam ele ia treinar com os outros membros da equipe nas dependências do estádio para estarem em seu melhor nível no momento em que a temporada de futebol começasse no ano seguinte. Tia Anita costumava assistir ao treino. Estava um pouco preocupada com Woody. Sentava-se na arquibancada do estádio e o incentivava. Terminado o treino, esperava-o na saída dos vestiários. Ele finalmente aparecia, de banho tomado, os músculos saltados, magnífico.

— Saul reservou uma mesa no Steak House, que você tanto gosta. Vamos lá? — convidava ela, abraçando-o.

— Não, obrigado. É muito gentil da sua parte, mas vou comer com o time.

— Tudo bem, então divirta-se e tome cuidado na volta. Está com as chaves?

— Estou, obrigado.

— Tem dinheiro?

Ele sorriu.

— Tenho, muito obrigado.

Ele a observava ir até o carro. Seus colegas saíam dos vestiários um a um. Havia sempre alguém para parabenizá-lo com um tapinha amistoso nas costas.

— Ei, cara, sua mãe é simplesmente maravilhosa.

— Cale a boca, Danny, ou arrebento sua cara.

— Calma, eu estava só brincando. Você vai jantar com o time?

— Não, obrigado, tenho outro compromisso. Nós nos vemos amanhã no mesmo horário?

— Beleza. Até amanhã, então.

Ele saía do estádio sozinho e seguia para o estacionamento. Certificava-se de que tia Anita tinha ido embora e só então entrava no carro que tio Saul lhe emprestava e dava partida.

* * *

Eram quarenta e cinco minutos na estrada até chegar a Blueberry Hill. Ele ligou o rádio e colocou no volume mais alto que seus ouvidos aguentavam. Como sempre fazia, pegou uma saída antes do fim da autoestrada para passar numa lanchonete. Fez o pedido direto do carro: dois cheeseburgers, batatas fritas, anéis de cebola, duas Cocas e um donut com sorvete de baunilha para viagem. Depois de servido, voltou para a autoestrada e seguiu na direção da escola de Blueberry.

Para ter certeza de que não seria flagrado, apagou os faróis antes de chegar ao estacionamento deserto da escola. Parou o mais longe possível do primeiro prédio. Como sempre, Hillel já o esperava. Correu até o carro e abriu a porta do carona.

— Até que enfim, cara — disse ele, se acomodando no banco. — Achei que não ia chegar nunca.

— Desculpe, prorrogaram o treino.

— Está se sentindo em forma?

— Ah, sim!

Hillel caiu na gargalhada.

— Você é impossível, Woody. Vai parar na NFL, vai ver só.

Enfiou a mão no saco de papel e pegou um cheeseburger. Apalpou o interior do saco e sorriu.

— Não se esqueceu nem dos anéis de cebola? Você é o máximo! O que eu faria sem você?

Devoraram os lanches.

Em seguida, sem se falarem, porém de comum acordo, saíram do carro e se sentaram no capô. Woody tirou um maço de cigarros do bolso, pegou um e estendeu o maço a Hillel, que se serviu. Os dois pontos incandescentes na noite eram os únicos sinais da presença deles.

— Não acredito que você vai a todos os jogos do Redskins. Papai sempre se negou a assinar os canais a cabo para ver os Bullets!

— Bem, você devia ser muito pequeno na época. Peça agora, quem sabe.

— Não, agora não estou nem aí.

— Ei, arranjei um capacete do time para você. Não vai comer os anéis de cebola?

— Estou sem fome.

— Ah, não faça essa cara, Hill. São só jogos de futebol idiotas. Da próxima vez que você for para lá, iremos todos juntos ao estádio.

— Não, não estou nem aí, já falei.

Depois de fumarem, chegava a hora de se despedirem. Hillel voltaria para o seu quarto como saíra de lá. Pela janela da cozinha, depois, dentro do prédio, se insinuaria discretamente. Antes de se separarem, deram um abraço.

— Cuide-se, cara.

— Você também. Sinto sua falta. A vida não é a mesma sem você.

— Sei disso. Para mim é a mesma coisa. É só um momento de merda, logo estaremos juntos novamente. Nada pode nos separar, Woody, nada.

— Você é para sempre meu irmão, Hill.

— Você também. Cuidado na estrada.

Hillel desapareceu na noite e Woody foi embora. Na estrada de volta para Baltimore, na cabine do carro varrida pelas luzes dos faróis, percebeu que seus bíceps estavam ainda mais saltados, estufando as mangas de seu suéter. Ele treinava feito um louco. Abstraía o resto da sua vida: na verdade, não se interessava pelas aulas, nem pelas garotas, nem em fazer amigos. Dedicava todo o seu tempo e toda a sua energia ao futebol americano. Chegava ao campo uma hora antes do treino para praticar sozinho os chutes e a extensão de seus passes. Corria duas vezes por dia, cinco dias por semana. Onze quilômetros pela manhã e seis à tarde. Às vezes ele saía para correr no meio da madrugada, enquanto tio Saul e tia Anita dormiam.

* * *

Foi só no fim de nossa estada, após quase um mês de reflexão, que tio Saul e tia Anita tiveram de desistir da compra do *Paraíso na Terra*. Mesmo para uma casa daquele padrão, com praia particular, e diante do aumento dos preços dos imóveis na região, o “negócio do século” envolvia muitos milhões de dólares.

Foi a primeira vez que vi meu tio Saul diante de um limite que ele não podia transpor. Apesar de sua excelente situação financeira, não tinha como juntar os seis milhões de dólares para comprar a casa. Mesmo vendendo sua casa de veraneio, teria que pedir um empréstimo considerável, sendo que ainda não terminara de quitar a compra de Buenavista. A isso se acrescentavam as despesas de manutenção do *Paraíso*, amplamente superiores ao que ele gastava até então. Não era razoável e ele preferiu desistir.

Sei tudo isso porque ouvi uma conversa que ele tivera com tia Anita após uma visita do corretor encarregado da venda da casa, ao fim da qual, abraçando-o carinhosamente, tia Anita lhe disse: “Você é um homem sensato e prudente e é por isso que eu te amo. Estamos bem nesta casa. Acima de tudo, somos felizes. Não precisamos de mais nada.”

Quando deixamos os Hamptons, *O Paraíso na Terra* ainda não encontrara um comprador. E nem de longe imaginávamos a surpresa que nos esperava no verão seguinte.

* * *

Durante o ano que passou, sofri demais para superar meu término com Alexandra. Eu não conseguia aceitar que ela não me quisesse e que o ano que passamos juntos não tivesse sido tão importante para ela como fora para mim. Durante vários meses, vaguei por Nova York e pelos locais onde nos amáramos. Eu circulava pelas proximidades do café que tanto frequentáramos, voltava às lojas de música que tínhamos esquadrynhado e ao bar onde ela se apresentava. Nem o proprietário da loja de música nem o gerente do bar a tinham visto mais.

— Lembra-se da garota que tocava violão? — perguntei a cada um deles.

— Lembro, sim — responderam todos —, mas faz tempo que não a vejo.

Montei guarda em frente aos prédios dos pais dela. Não demorei a perceber que nem Patrick nem Gillian moravam mais nos respectivos apartamentos.

Abalado, saí à procura deles. Não encontrei rastro de Gillian. Em contrapartida, descobri que Patrick Neville tivera uma ascensão fulgurante em Nova York. Seu fundo de investimento ia de vento em popa. Eu nunca tinha me tocado de que ele era conhecido no mundo das finanças: escrevera vários livros de economia, e descobri, inclusive, que ele ensinava na universidade de Madison, em Connecticut. Acabei encontrando seu novo endereço: um arranha-céu chique da 65th Avenue, a alguns quarteirões do Central Park, com porteiro, toldo de lona e tapete na calçada.

Fui lá várias vezes, quase sempre nos fins de semana, na esperança de esbarrar com Alexandra na saída do prédio. Mas isso nunca aconteceu.

Contudo, vi seu pai diversas vezes. Certo dia acabei falando com ele quando chegava em casa.

— Marcus? — disse ele. — Que bom ver você! Como vai?

— Estou bem.

— O que está fazendo nesse bairro?

— Eu estava passando por aqui e vi você saindo do táxi.

— Que mundo pequeno.

— Como está Alexandra?

— Bem.

— Ela ainda trabalha com música?

— Não sei. Boa pergunta...

— Ela não voltou mais à loja de música nem ao bar onde cantava.

— Ela não mora mais em Nova York, você sabe.

— Sei, mas ela nunca vem aqui?

— Vem de vez em quando.

— Então por que ela não canta mais no bar? Nem vai à loja de violões? Acho que ela abandonou a música.

Ele deu de ombros.

— Está ocupada com os estudos.

— Esses estudos não vão servir de nada para ela. Alexandra tem a música na alma.

— Olhe, ela passou por um período difícil. Perdeu o irmão... E a mãe dela e eu ainda estamos nos divorciando. Imagino que ela não tenha cabeça para cantarolar.

— Ela não cantarolava, Patrick. A música é seu sonho.

— Talvez ela volte.

Ele apertou educadamente minha mão para se despedir.

— Ela nunca deveria ter ido para a faculdade.

— Ah, é? E para onde deveria ter ido?

— Para Nashville, no Tennessee — respondi de forma direta.

— Para Nashville, no Tennessee? E por quê?

— Porque é a cidade dos verdadeiros músicos. Ela teria se tornado uma estrela. É uma artista incrível e o senhor é incapaz de enxergar isso.

Não sei por que citei Nashville. Talvez porque sonhasse em ir para longe com Alexandra. Por muito tempo sonhei que ela não tinha ido para a Universidade de Madison. Por muito tempo sonhei que no dia em que ela foi a Montclair para terminar comigo, na verdade era para que eu a levasse até Nashville, no Tennessee. Ela buzina, eu saio de casa com a mochila na mão. Ela está ao volante de um velho conversível, usa óculos escuros e, nos lábios, o batom escuro que passa quando está feliz. Pulo dentro do carro sem me dar o trabalho de abrir a porta, ela arranca e partimos. Seguimos para um mundo melhor, o de seus sonhos. Viajamos durante dois dias. Atravessamos Nova Jersey, Pensilvânia, Maryland e Virgínia. Passamos a noite em Roanoke, na Virgínia. No dia seguinte de manhã, chegaremos finalmente ao Tennessee.

No início da primavera de 2012, depois da matéria sobre Alexandra e eu, vieram outras reportagens. Era o assunto do momento, todo mundo falava sobre isso. Com exceção de algumas fotos roubadas, que as revistas vendiam uma para outra, os tabloides não tinham nenhum dado concreto para alimentar as matérias exigidas pelos leitores. Compensaram isso entrevistando ex-colegas de escola atrás de quinze minutos de fama, que aceitavam dar depoimentos sobre nós dois sem qualquer relação com o assunto.

Entrevistaram, por exemplo, Nino Alvarez, um menino bonzinho que foi da minha turma quando eu tinha onze anos. E lhe perguntaram:

— Você já viu Alexandra e Marcus juntos?

— Não — respondera Alvarez solenemente.

E a manchete do jornal foi:

*AMIGO DE MARCUS
AFIRMA NUNCA TÊ-LO VISTO COM ALEXANDRA.*

Vizinhos e paparazzi de domingo começaram a passar em frente à minha casa para tirar fotos. Eu não podia sair para expulsá-los sem ser fotografado e, portanto, ligava o tempo todo para a polícia com o intuito de me livrar deles. Inclusive cheguei a simpatizar com uma equipe inteira de policiais que foi lá em casa num domingo fazer churrasco.

Eu tinha ido a Boca Raton em busca de sossego e nunca arranjava tantos aborrecimentos, inclusive provocados pelos meus amigos, a quem não me atrevia a contar nada dos sentimentos secretos que fervilhavam dentro de mim, com medo de que espalhassem a história. Eu exigia uma intimidade da qual abrisse mão ao ir atrás do sucesso. Afinal de contas, não se pode ter tudo.

* * *

Acabei me acostumando a ir a Coconut Grove, à casa de tio Saul. Era estranho estar lá sem ele. Tinha sido por isso que eu comprara a casa de Boca Raton logo após sua morte. Eu queria ir à Flórida, mas não podia mais passar na casa dele. Não conseguia.

De tanto ir lá, me afeiçoei novamente àquela casa. Reuni coragem e comecei a organizar as caixas de papelão de tio Saul. Não era fácil fazer a triagem, se livrar de determinados objetos. Isso me obrigava a encarar a realidade ainda muito difícil de aceitar: os Baltimore não existiam mais.

Eu sentia saudade de Woody e Hillel. E me dei conta de que Alexandra tinha razão: uma parte de mim achava que eu poderia tê-los salvado. Que eu poderia ter impedido o Drama.

*Hamptons, Nova York.
1997.*

É inegável que o Drama teve origem no último verão que passei com Hillel e Woody nos Hamptons. A maravilhosa infância da Gangue dos Goldman não podia ser eterna: tínhamos dezessete anos, e o ano escolar que vinha pela frente seria o último para nós no colégio. Em seguida, iríamos para a faculdade.

Eu me lembro do dia da minha chegada. Estava a bordo do Jitney, a linha de ônibus que passa nos Hamptons, cujo trajeto eu sabia de cor. Cada curva, cada cidade por onde passava, cada parada me eram familiares. Após três horas e meia de estrada, cheguei à rua principal de East Hampton, onde, impacientes, Hillel e Woody me esperavam. O ônibus ainda não tinha parado, e eles já estavam berrando meu nome, empolgados como nunca, se curvando para me recepcionarem em frente ao ônibus que manobrava. Apoiei o rosto no vidro, e eles fizeram o mesmo, antes de baterem na janela para que eu descesse depressa, como se não pudessem mais esperar.

Eu me lembro tão bem dos dois quanto se estivessem à minha frente. Havíamos crescido. Eles tinham se tornado tão diferentes fisicamente quanto eram próximos amorosamente. Hillel, sempre muito magro, parecendo mais novo do que era, a boca ainda atravancada por um complexo aparelho odontológico. Woody, pelo seu tamanho e físico, parecia muito mais velho do que era: alto, bonito, com músculos definidos e esbanjando saúde.

Saltei do ônibus e nos jogamos nos braços uns dos outros. Durante longos segundos, apertamos cada vez mais forte aquele monte de corpos, músculos, carne e corações que formávamos juntos.

— Esse maldito Marcus Goldman! — exclamou Woody, com os olhos brilhando de alegria.

— A Gangue dos Goldman novamente reunida! — exultou Hillel.

Nós três já tínhamos carteira de habilitação. Eles vieram me buscar com o carro do tio Saul. Woody pegou minha mala e a jogou no bagageiro. Em seguida, entramos no veículo para percorrer a estrada triunfal de nossas últimas férias.

Durante os vinte minutos que durava o trajeto até em casa, eles me contaram vorazmente as promessas do verão, falando alto para encobrir o barulho do vento quente que entrava pelas janelas abertas. Woody, de óculos escuros e cigarro na boca, dirigia; eu estava sentado no banco do carona, e Hillel, no de trás, enfiara a cabeça entre nossos assentos para participar melhor da conversa. Chegamos ao litoral, costeamos o mar, atravessamos East Hampton até o bairro charmoso onde ficava a casa. Woody rangeu os pneus no cascalho e buzinou para anunciar nossa chegada.

Encontrei tio Saul e tia Anita onde os deixara um ano antes: confortavelmente instalados na varanda, lendo. A mesma música clássica vinha da janela aberta da sala. Era como se nunca tivéssemos nos separado, como se East Hampton fosse eterno. Eu me lembro muito bem de quando os reencontrei, e, ao pensar no momento em que os beijei e abracei — o que no fundo era a única prova tangível de que tínhamos realmente nos separado —, me recordei de como amava os abraços deles. Os da minha tia me faziam sentir homem, e os do meu tio me deixavam orgulhoso. E me voltam igualmente à memória todos aqueles cheiros que os acompanhavam: a pele cheirando a sabonete, as roupas com odor da lavanderia da casa de Baltimore, o xampu de tia Anita e o perfume de tio Saul. A cada vez, a vida me iludia um pouco mais e me fazia acreditar que o ciclo de nossos reencontros seria eterno.

Na mesa ao abrigo do alpendre encontrei a pilha habitual dos cadernos literários do *New York Times* que tio Saul ainda não lera, mas que iria analisar numa duvidosa ordem cronológica. Notei também alguns prospectos de diversas universidades. E nosso precioso caderno, no qual anotávamos as previsões para a temporada seguinte, abrangendo todas as modalidades: beisebol, futebol americano, basquete e hóquei. Não nos contentávamos em apenas brincar de profetas de fim de semana decretando quem venceria o Super Bowl ou quem ergueria a taça Stanley. Íamos muito além: vencedores de cada conferência (as equipes da NFL eram agrupadas em duas conferências e os campeões de cada se enfrentavam na final), placares finais, melhores jogadores, melhores marcadores e transferências. Anotávamos nossos nomes e, ao lado, os prognósticos. No ano seguinte, pegávamos o caderno para ver qual de nós tivera

melhor faro. Era uma das tarefas do meu tio: coletar e anotar, ao longo da temporada, os diferentes resultados esportivos e depois compará-los com nossas profecias. Quando um de nós acertava ou chegava perto, ele ficava perplexo e dizia: “Não é possível! Não é possível! Como puderam adivinhar uma coisa dessas?”

Por uma questão fraternal, por volta dos dez ou doze anos tínhamos decidido por uma escolha neutra e aceitável dos times que a Gangue dos Goldman apoiaria oficialmente. A adesão era pautada por nossas afinidades geográficas. No beisebol, as cores do Baltimore Orioles (escolha de Woody e Hillel). No basquete, o Miami Heat (em homenagem aos avós Goldman). No futebol americano, o Dallas Cowboys, e, por fim, no hóquei, o Canadiens de Montréal, provavelmente porque na época em que fizéramos nossas escolhas eles tinham acabado de ganhar a taça Stanley, o que nos convencera.

Nesse ano, por causa do que acontecera com o time de futebol americano de Woody e Hillel, tínhamos decidido que esse esporte não faria mais parte da nossa tabela de previsões. Só o tio Saul comentava sobre a temporada de futebol americano, como se nada tivesse acontecido. Sei que fazia isso por Woody. Queria reconciliá-lo com o futebol.

— Está contente de começar a temporada com seu time, Woody? — perguntou ele.

O garoto apenas dava de ombros.

— Vamos, Woody, além do mais você é um supercraque — incentivou Hillel. — Mamãe disse que, se continuar assim, com certeza vai ganhar uma bolsa para a universidade.

Mais uma vez ele deu de ombros. Tia Anita, que fora buscar chá gelado na cozinha, voltou naquele momento e ouviu o fim da nossa conversa.

— Deixem ele em paz — disse ela, acariciando seu cabelo com ternura e se juntando a nós no banco.

Como acontecia com todas as pessoas da nossa idade que se preparavam para cursar o último ano do colégio, a escolha da universidade era a maior de todas as nossas preocupações. Nos melhores estabelecimentos só ficavam os melhores alunos, e uma parte do nosso futuro dependeria dos resultados escolares.

— Deviam escolher os alunos pelo seu potencial e não por suas aptidões de decorar e repetir totalmente o que cismam em enfiar na nossa cabeça — opinou Hillel subitamente, como se tivesse lido nossos pensamentos.

Woody balançou a mão, como se quisesse expulsar pensamentos ruins, e propôs irmos à praia. Não precisou repetir o convite. Num piscar de olhos já estávamos de sunga, no carro, com o rádio nas alturas, a caminho da prainha que ficava na saída de East Hampton, aonde gostávamos de ir.

A praia era majoritariamente frequentada por jovens da nossa idade. Nossa chegada foi saudada por um grupo de garotas que visivelmente estavam esperando Hillel e Woody. Sobretudo Woody. Onde ele aparecia, havia sempre várias garotas, geralmente muito bonitas ou no mínimo atraentes. Deitadas em toalhas na areia, tomavam banho de sol. Algumas eram bem mais velhas do que nós — sabíamos disso porque elas compravam cerveja legalmente e nos davam —, o que não as impedia de olhar encantadas para Woody.

Fui o primeiro a mergulhar. Corri até uma tábua de madeira, de onde me joguei nas ondas. Woody e Hillel me imitaram logo em seguida. Primeiro Hillel, que sempre tivera o corpo franzino. Depois Woody, esbanjando força e saúde, com o corpo esculpido. Antes de saltar, pisando no trampolim, direcionou seu tórax atlético para o sol, abriu um sorriso magnífico e bradou: “A Gangue dos Goldman está de volta!” Seus músculos se contraíram numa armadura temível, e assisti ao seu salto prodigioso antes que ele desaparecesse no mar.

Sem nunca termos confessado isso, Hillel e eu queríamos ser como Woody. Ele era

um deus do esporte: o melhor atleta que eu já vira. Poderia ter conquistado uma carreira de sucesso em qualquer modalidade: boxeava feito um leão, corria feito uma pantera, se destacava no basquete e venerava o futebol americano. Sua forma física evoluía a cada verão. Ele se tornara impressionante. Eu notara isso através de sua camiseta, ao vê-lo no estacionamento da rodoviária, sentira quando ele me abraçara e reparara no momento em que ele ficou diante de mim, de torso nu na água fria.

Sentados dentro d'água, abraçamos nosso território com o olhar. Estava tão claro que era possível ver, ao longe, a prainha particular do *Paraíso na Terra*.

Hillel me contou que a casa fora finalmente vendida.

— Quem comprou? — perguntei.

— Não faço ideia — respondeu Hillel. — Papai conversou com um dos caras que cuidam da manutenção e ele disse que o dono chega no fim de semana.

— Estou louco para saber quem comprou essa casa — disse Woody. — Era ótimo na época dos Clark. Espero que os novos donos deixem a gente frequentar a praia de vez em quando em troca de uns trabalhos de jardinagem.

— Não se forem uns velhos babacas — falei.

— Vi uma fuinha morta na estrada. Podemos pegá-la e jogar no jardim deles.

Rimos.

Woody pegou uma pedrinha e habilmente a fez ricochetear no mar. Vi seu bíceps se contrair, exibindo um formato redondo impressionante.

— O que você aprontou esse ano? — perguntei, usando as mãos para medir a circunferência dos braços dele. — Você ficou enorme!

— Não faço ideia. Só fiz o que tinha de fazer: treinei duro.

— E os recrutadores das universidades?

— Eles estão interessados. Mas, sabe, Markie, às vezes fico de saco cheio do futebol... A vida era melhor antes, quando estávamos juntos, Hillel e eu. Antes dessa porra da escola especial...

Pelo segundo ano consecutivo, Woody e Hillel estavam separados. Woody jogou mais uma pedrinha ao longe, com desenvoltura. Como se, no fundo, aquelas histórias de universidade não tivessem a mínima importância. Isso era quase verdade: tudo o que queríamos naquele momento era aproveitar nossa juventude, e o apelo dos Hamptons era grande. A cidade era bonita. Aquele era um verão dos mais quentes. Em matéria de clima e astral, provavelmente não houve verão mais belo que o do mês de julho de 1997 para o bom povo americano. Éramos a juventude feliz dos Estados Unidos em paz e em pleno crescimento.

* * *

Naquela noite, depois do jantar, pegamos o carro do tio Saul e nos isolamos no campo. Não havia nuvens no céu, e nos deitamos na grama para contemplar as estrelas. Woody e eu fumávamos, enquanto Hillel engasgava com seu cigarro.

— Pare de fumar, Hill — repetia Woody. — Você me dá pena.

— Marcus, você precisa ver um jogo de Woody — disse Hillel. — É de morrer de rir.

— O que eu faço de tão engraçado? — perguntou Woody, ofendido.

— Você peida na cara dos outros jogadores.

— É a minha técnica. Sou um jogador de ataque.

— De ataque? Precisa ver, Markie, ele é um verdadeiro trator. Derruba os caras do outro time com o ombro. Nem dá tempo de dizer “ufa” e o time já marcou. Eles ganharam quase todos os jogos da temporada.

— Você deveria lutar boxe — sugeri. — Tenho certeza de que poderia se tornar um profissional.

— O quê? Nunca na vida! Boxe? Não quero ficar com o nariz amassado. Que garota vai querer se casar comigo se eu ficar com o focinho arrebitado?

Mas não precisava se preocupar em encontrar uma garota que quisesse se casar com ele. Todas gostavam de Woody. Todas se derretiam por ele.

Hillel ficou sério de repente.

— Esse provavelmente é nosso último verão aqui durante muito tempo. Logo mais estaremos na faculdade e teremos outras preocupações.

— É mesmo — disse Woody, assentindo, com um tom de voz um pouco nostálgico.

* * *

No fim da primeira semana de nossa estada, tomávamos café da manhã na varanda quando tio Saul voltou de uma ida à cidade e comentou ter visto um carro estacionado em frente ao *Paraíso na Terra*. Os novos moradores tinham chegado.

Impulsionados pela curiosidade, Woody, Hillel e eu terminamos de comer nossos cereais e corremos para lá a fim de descobrir quem eram os novos proprietários do lugar e lhes oferecer algumas horas de trabalho de jardinagem em troca do acesso ao trampolim e à praia. Tínhamos vestido nossas camisetas dos jardineiros Goldman (em tamanho maior) para passarmos certa credibilidade. Batemos à porta da casa e, quando se abriu, ficamos sem voz: deparamos com Alexandra.

Hamptons.
Julho de 1997.

Nós a reencontramos nos Hamptons como se nunca houvéssemos nos separado. Depois que o momento de incredulidade passou, ela gritou de entusiasmo.

— A Gangue dos Goldman! — exclamou, nos abraçando um a um. — Não estou acreditando!

Ela me deu um abraço apertado com uma espontaneidade desconcertante e exibiu seu sorriso maravilhoso.

Seu pai, alertado por nossa algazarra, apareceu para nos cumprimentar calorosamente. Avisamos tia Anita e tio Saul, que também vieram saudar os novos donos da casa.

— E essa agora! — disse tio Saul, estalando um beijo no rosto de Patrick. — Foi você quem comprou o *Paraíso*?

* * *

Vi meus dois primos exultarem por desfrutar novamente do convívio de Alexandra. Era possível detectar em seus gestos e em sua animação tudo o que sentiam por ela. Na última vez que a tínhamos visto, na ocasião de sua mudança de Oak Park para Nova York, chorávamos feito madalenas. Porém, para mim, nada mais era como antes.

Tia Anita convidou Alexandra e Patrick para jantarem naquela mesma noite e nós sete nos reunimos sob o caramanchão. Patrick Neville explicou que fazia tempo que sonhava com uma casa na região e que *O Paraíso na Terra* tinha sido uma oportunidade única. Eu não escutava direito a conversa, pois devorava Alexandra com os olhos. Acho que ela evitava meu olhar.

Após a refeição, enquanto meus tios e Patrick Neville bebiam licor à beira da piscina, Alexandra, meus primos e eu saímos para dar uma volta na rua. Já era tarde, mas o calor agradável ainda reinava. Falamos sobre tudo e nada. Alexandra contou sobre sua vida de estudante na Universidade de Madison, em Connecticut. Ela ainda não sabia qual carreira escolheria.

— E a música? — perguntou Woody. — Você continua se dedicando?

— Menos que antes. Não tenho muito tempo...

— Que pena — falei.

Ela exibiu um olhar um pouco triste.

— Sinto muita falta, para dizer a verdade.

Reencontrá-la partiu meu coração. Eu continuava encantado com sua voz, seu rosto, seu sorriso, seu cheiro. No fundo, eu não tinha muita vontade de revê-la. Mas ela era nossa vizinha e não havia muito como evitá-la. Ainda mais porque meus dois primos estavam maravilhados com ela, e de jeito nenhum eu podia contar o que havia acontecido entre nós.

No dia seguinte, ela nos convidou para irmos à sua casa nadar. Mesmo de má vontade, acompanhei Woody e Hillel. O mar estava gelado, e passamos a tarde na beira da piscina, muito maior que a dos Baltimore. Ela deu um jeito de que eu fosse ajudá-la a pegar as bebidas na cozinha e ficamos a sós.

— Markikette, eu queria dizer... que é muito bom ver você de novo. Espero que não esteja constrangido, porque eu não estou. Fico contente em saber que podemos

continuar amigos.

Fiz uma careta. Ninguém tinha falado nada sobre ser amigo.

— Por que nunca mais me deu notícias? — perguntei, num tom revoltado.

— Notícias?

— Passei várias vezes perto da casa do seu pai em Nova York...

— Perto da casa do meu pai? Ora, Marcus, o que você espera de mim?

— Nada.

— Não diga nada. Estou percebendo que você me odeia. Você me odeia porque fui embora?

— Talvez.

Ela suspirou, demonstrando irritação.

— Marcus, você é um garoto incrível. Só que não estamos mais juntos. Fico feliz em ver você de novo, e seus primos também, mas, se para você for muito difícil me ver sem remoer o passado, então acho melhor não nos encontrarmos mais.

Menti e afirmei que não remoia nada, que nossa história era irrelevante para mim e que eu mal me lembrava dela. Peguei algumas latinhas de Dr Pepper e fui atrás dos meus primos. Eu havia reencontrado Alexandra, mas não era mais a mesma Alexandra. A última vez que a vi, ela ainda era minha. E a reencontrara como uma jovem adulta que florescera e que estudava numa renomada universidade, enquanto eu permanecera no meu mundinho de Montclair. Eu sabia que precisava esquecê-la, mas quando a via de maiô na beira da piscina, seu reflexo na água se transformava no seu reflexo no espelho do Waldorf Astoria e as lembranças do nosso passado voltavam a assombrar minha memória.

* * *

Passamos toda a nossa temporada nos Hamptons com os Neville. A casa deles estava sempre com as portas abertas e *O Paraíso*, aquela propriedade sublime, exercia uma atração irresistível sobre nós. Era a primeira vez que eu considerava ultrapassado algum patrimônio dos Baltimore: comparada à casa que Patrick Neville adquirira, a casa de férias dos meus tios parecia a Montclair dos Hamptons.

Patrick Neville decorara os cômodos com muito bom gosto, reformara totalmente a cozinha e instalara uma sauna a vapor no porão. O ladrilho da piscina fora trocado. Mas ele deixara a fonte que me fazia sonhar, e também o caminho de pedra que serpenteava entre os arbustos de hortênsias até a praia de areia branca que o mar azul lambia.

Desde sua mudança para Nova York, Patrick Neville passou a ganhar muito dinheiro com seu fundo de investimento, e esse sucesso perdurava: seu salário e as gratificações haviam acompanhado a ascensão de seu desempenho. Ele tinha literalmente feito fortuna.

Se a beleza do *Paraíso* nos deixava embasbacados, a razão de nossa onipresença se devia acima de tudo aos Neville. A Alexandra, evidentemente, mas também a seu pai, que se afeiçoou a nós. Em Oak Park, ele sempre fora gentil e generoso com a gente. Era um homem muito bom. Mas nos Hamptons nós o descobrimos sob outro ângulo: o do homem carismático, culto, brincalhão. Foi uma surpresa para nós, mas vivíamos procurando sua companhia.

Às vezes, ao abrir a porta de casa, Patrick nos avisava que Alexandra não estava, mas que não demoraria a voltar. Quando isso acontecia, íamos para a cozinha e ele nos oferecia uma cerveja. “Vocês já não são mais tão novinhos”, declarava como se contivesse antecipadamente um eventual protesto. “No fundo, já são homens. É um orgulho conhecer vocês.” Abria uma cerveja de cada vez e ia nos entregando, para depois brindar à nossa saúde.

Compreendi que havia alguma coisa um pouco fora do comum que o

impressionava na Gangue. Ele gostava de conversar com a gente. Certo dia nos perguntou se tínhamos alguma paixão. Berramos prontamente nosso amor pelo esporte e pelas garotas e por tudo o mais que nos passou pela cabeça. Hillel falou sobre política e Patrick ficou ainda mais entusiasmado.

— Também sempre gostei muito de política — comentou Patrick. — Além de história. E de literatura. *Os vasos vazios são os que fazem mais barulho...*

— Shakespeare — identificou Hillel.

— Exatamente — disse Neville, animado. — Como você sabe?

— Esse rapazinho sabe tudo — disse Woody cheio de orgulho. — É um gênio.

Patrick Neville nos encarou, sorrindo, feliz com a nossa presença.

— Vocês são garotos legais — afirmou ele. — Seus pais devem ter muito orgulho.

— Meus pais são uns imbecis — explicou Woody gentilmente.

— São mesmo — confirmou Hillel. — Tanto que eu te empresto os meus.

Neville fez uma expressão engraçada antes de cair na gargalhada.

— Ah, vocês realmente são garotos muito legais! Mais uma cervejinha?

* * *

Não fazíamos mais cerimônia no *Paraíso*. Não satisfeitos em vadiar por lá o dia inteiro, logo começamos a passar as noites também. Não demorei a perceber que a presença de Alexandra no meio da Gangue dos Goldman prejudicava a cumplicidade de Woody, Hillel e eu. Eu sofria muito para manter distância dela: tinha que disfarçar com Woody e Hillel, cujos hormônios estavam em ebulição e, portanto, a devoravam com o olhar. Eu era ciumento demais para deixá-los a sós com ela. Na piscina, eu os espiava. Notava que eles a faziam rir, via Woody agarrá-la com seus braços musculosos para jogá-la na água, reparava nos olhos dela e tentava descobrir se brilhavam mais quando se fixava num dos meus primos.

À medida que os dias passavam, eu ia ficando mais ciumento. Invejava Hillel, seu carisma, seu conhecimento, sua desenvoltura. Eu reparava muito bem em como ela olhava para ele, via claramente como se roçava nele, e aquilo me deixava louco.

Foi a primeira vez que Woody me irritou, logo ele, de quem eu tanto gostava: às vezes sentia ódio dele, quando, pingando de suor, tirava a camiseta e exibia seu corpo esculpido que ela não deixava de olhar e, às vezes, até de elogiar. Eu reparava muito bem em como ela olhava para ele, via claramente como se roçava nele, e aquilo me deixava louco.

Então passei a vigiá-los. Se um deles desaparecia para pegar um utensílio qualquer, eu logo ficava desconfiado. Imaginava encontros secretos e amassos intermináveis. À noite, de volta à casa dos Goldman, onde jantávamos na varanda, tio Saul nos perguntava:

— Tudo bem com vocês, rapazes? Estão muito quietos.

— Tudo bem — respondia um de nós.

— Está tudo bem na casa dos Neville? Tem alguma coisa que eu deveria saber?

— Está tudo bem, só estamos cansados.

O que tio Saul percebia era uma tensão maldissimulada entre os membros da Gangue. Pela primeira vez na vida que levávamos juntos, nós três queríamos alguma coisa que não podíamos dividir.

Durante aquele mês de abril de 2012, enquanto eu organizava um pouco as coisas do tio Saul, as lembranças da Gangue dos Goldman surgiam em minha cabeça. Estava particularmente abafado. Um calor incomum abatia-se sobre a Flórida e os temporais se sucediam.

Foi durante um aguaceiro diluviano que finalmente decidi ligar para Alexandra. Eu estava sentado sob o toldo da entrada, protegido da chuva forte. Peguei o bilhete com o telefone dela, que eu não havia tirado do bolso de trás da minha calça, e disquei lentamente o número.

Ao terceiro toque, ela atendeu.

— Alô?

— É Marcus.

Houve um segundo de silêncio. Eu não sabia se ela estava sem graça ou contente de me ouvir, e quase desliguei. Mas ela acabou dizendo:

— Fico muito feliz que tenha me ligado, Markie.

— Sinto muito pelas fotos e por toda essa confusão. Você ainda está em Los Angeles?

— Estou. E você? Voltou para Nova York? Estou ouvindo um barulho.

— Continuo na Flórida. Você está ouvindo a chuva. Estou na casa do meu tio.

Arrumando as coisas.

— O que aconteceu com seu tio, Marcus?

— O mesmo que aconteceu com todos os Baltimore.

Houve um silêncio um pouco constrangedor.

— Não posso ficar muito tempo ao telefone. Kevin está aqui. Ele não quer mais que a gente se fale.

— Não fizemos nada errado.

— Sim e não, Markie.

Eu gostava quando ela me chamava de Markie. Isso significava que nem tudo estava perdido. E justamente por nem tudo estar perdido é que não estava legal. Ela me disse:

— Consegui passar uma borrracha em nós dois. Recuperei a estabilidade. E agora está tudo confuso de novo... Não faça isso comigo, Markie. Não faça isso comigo, se não acredita em nós dois.

— Nunca deixei de acreditar em nós dois.

Ela não disse nada.

A chuva dobrou de intensidade. Ficamos na linha, sem falar. Eu me deitei no banco da varanda: me imaginei de novo como um adolescente, ao telefone, deitado na minha cama em Montclair, Alexandra na dela em Nova York, começando uma conversa que provavelmente duraria algumas horas.

Hamptons, Nova York.
1997.

Nesse verão, a presença de Patrick Neville teve uma influência inegável na hora de escolhermos a faculdade. Ele falava muito sobre a Universidade de Madison, onde dava aula.

— Para mim, é uma das melhores por causa das perspectivas que oferece aos alunos. Independentemente da carreira que escolherem.

Hillel deu a entender que queria cursar direito.

— Não tem faculdade de direito em Madison — explicou Patrick —, mas eles oferecem um excelente curso preparatório. Assim você vai ter tempo de mudar de opinião no meio do caminho. Depois dos primeiros quatro anos de faculdade, às vezes a gente descobre outra vocação... Perguntem a Alexandra, ela vai dizer que está adorando lá. E, além do mais, seria interessante todos vocês ficarem juntos.

Woody queria jogar futebol americano em nível universitário. Mais uma vez Patrick indicou que Madison era uma boa escolha.

— O Titans de Madison é uma equipe excelente. Vários jogadores do atual campeonato da NFL se formaram lá.

— Sério?

— Sério. A universidade tem um bom programa de esporte e estudo.

Patrick nos contou que também era fã de futebol americano e que jogara na faculdade. Um de seus ex-colegas, com quem ele mantivera contato, era um dos diretores esportivos do New York Giants.

— Nós três adoramos o Giants — confessou Woody. — Você assiste aos jogos?

— Sim, sempre que posso. Inclusive, tive a sorte de visitar os vestiários.

Mal podíamos acreditar.

— Você conheceu os jogadores?

— Conheço bem Danny Kanell — contou ele.

— Não acredito em você — retrucou Woody, num tom desafiador.

Patrick saiu por um instante e voltou com dois porta-retratos com fotos dele e dos jogadores do Giants no gramado do estádio do time em East Rutherford, em Nova Jersey.

Naquela noite, à mesa dos Baltimore, Woody contou ao tio Saul e à tia Anita nossa conversa com Patrick Neville sobre futebol universitário. Torcia para que Patrick pudesse ajudá-lo a conseguir uma bolsa.

Woody queria fazer parte de uma equipe universitária não tanto para financiar seus estudos, mas porque era a porta de entrada para a NFL. Treinava exaustivamente para isso. De manhã, levantava-se antes de todo mundo e corria vários quilômetros. Às vezes eu o acompanhava. Embora ele fosse bem mais pesado do que eu, corria muito mais rápido e distâncias muito maiores. Eu o admirava fazendo flexões e abdominais, erguendo o peso do próprio corpo como se fosse uma pluma. Certa manhã, enquanto trotávamos à beira-mar, me confidenciara que o futebol americano era a coisa mais importante para ele.

— Antes do futebol, eu não era nada. Eu não existia. Depois que comecei a jogar, as pessoas passaram a me conhecer, a me respeitar...

— Não é verdade que você não existia antes do futebol — retruquei.

— Os Baltimore me deram amor. Ou me emprestaram, se preferir. Mas podem retirar o sentimento. Não sou filho deles. Sou só um garoto de quem sentiram pena. Talvez um dia me deem as costas.

— Como pode pensar uma coisa dessas? Você é como um filho para eles.

— O sobrenome Goldman não cabe a mim nem por direito nem por sangue. Eu sou só Woody, o garoto que orbita ao redor de vocês. Preciso construir uma identidade própria e, para isso, só tenho o futebol. Sabe, quando Hillel foi expulso do time de Buckerey, eu também quis abandonar o esporte. Para apoiá-lo. Foi Saul quem me convenceu do contrário. Disse que eu não devia tomar essa decisão de cabeça quente. Ele e Anita encontraram um novo colégio para mim, uma nova equipe. Fui convencido. Hoje me odeio por isso. Tenho a impressão de que não assumi minhas responsabilidades. Foi injusto Hillel pagar pelo estrago.

— Hillel era assistente do treinador. Deveria ter impedido Scott de entrar em campo. Sabia que o garoto tinha problemas de saúde. Era responsabilidade dele como treinador. Vou dizer uma coisa: você não pode se comparar a ele. Hillel gostava muito

de estar em campo com você e de gritar com garotos maiores que ele e ponto final. No seu caso, o futebol é sua vida. Talvez sua carreira.

Ele resmungou.

— Eu me odeio mesmo assim.

— Não tem por quê.

Tio Saul não estava tão convencido quanto a gente sobre a Universidade de Madison. À mesa, depois de Woody mencionar as eventuais oportunidades que teria lá, tio Saul disse:

— Não estou dizendo que não é uma boa faculdade, mas você deve escolher em função do que pretende fazer.

— No que se refere ao futebol americano, em todo caso, é incrível — insistiu Woody.

— Talvez no caso do futebol americano, mas se você for estudar direito, por exemplo, é melhor entrar numa universidade que tenha o curso. É mais lógico. Georgetown, por exemplo, é uma boa faculdade. E ainda é perto de casa.

— Patrick Neville falou que não devemos limitar nossas possibilidades — disse Hillel.

Tio Saul ergueu os olhos para o teto.

— Se Patrick Neville falou...

Às vezes eu tinha a impressão de que tio Saul antipatizava um pouco com Patrick. Eu me lembro de uma noite em que fomos convidados para jantar no *Paraíso*. Patrick tinha caprichado: chamara um chef para cozinhar e garçons para servir. Ao voltarem para casa, tia Anita elogiou a qualidade da comida. Isso desencadeou uma pequena discussão com tio Saul, sem maiores consequências, mas que, naquela hora, me deixou incomodado, pois era a primeira vez que eu via meus tios discutindo.

— Óbvio que estava bom — retorquira tio Saul. — Ele contratou um cozinheiro. Poderia ter feito um churrasco, teria sido mais agradável.

— Ora, Saul, ele é um homem solitário, não gosta de cozinhar. De todo modo, a casa está uma beleza.

— Me engana que eu gosto.

— Não era o que você dizia na época dos Clark...

— Na época dos Clark, a casa era charmosa. Ele redecorou tudo ao estilo *nouveau riche*.

— Você fica irritado porque ele ganha muito dinheiro? — perguntou tia Anita.

— Fico muito feliz por ele.

— Não é a impressão que passa.

— Não gosto de novos-ricos.

— Por acaso também não somos novos-ricos?

— Temos um gosto melhor do que esse cara, sem dúvida.

— Ah, Saul, não seja mesquinho!

— Mesquinho? Fale a verdade, você acha que esse cara tem bom gosto?

— Acho. Gosto de como ele decorou a casa, gosto do estilo de suas roupas. E pare de falar *esse cara*, o nome dele é Patrick.

— O estilo dele é ridículo: quer bancar o garotão descolado, só que fica parecendo mais um coroa que se acha gostoso, com aquela pele esticada. Não se pode dizer que Nova York lhe faz bem.

— Não acho que ele tenha a pele esticada.

— Ah, Anita, o rosto dele parece bunda de neném.

Eu não gostava quando meu tio e minha tia se chamavam pelos nomes. Só faziam isso quando estavam bravos. No resto do tempo usavam palavras carinhosas e apelidos cheios de ternura, que passavam a impressão de que se amavam como se estivessem no início do namoro.

De tanto ouvir Patrick Neville insistir, a ideia de estudar na Universidade de Madison ficou na minha cabeça. Não tanto pela facilidade em si, era mais pela vontade de conviver com Alexandra. Tê-la tão perto de mim me fez perceber como eu era feliz quando ela estava presente. Eu imaginava que estávamos no campus, ela e eu, reatando nossa cumplicidade de antigamente. Reuni coragem para lhe contar meu plano uma semana antes do fim da nossa temporada nos Hamptons. Ao sairmos do *Paraíso*, após passar o dia na beira da piscina, disse aos meus primos que tinha esquecido alguma coisa na casa dos Neville e voltei. Entrei sem bater, com passos decididos, e a encontrei sozinha à beira da piscina.

— Talvez eu vá estudar em Madison — anunciei.

Ela baixou os óculos escuros e me lançou um olhar desaprovador.

— Não faça isso, Marcus.

— Por quê?

— Não faça isso, ponto final. Esqueça essa ideia idiota.

Eu não percebia o que tinha de idiota na minha ideia, mas tive a decência de não responder e fui embora. Eu não entendia por que ela era tão carinhosa com meus primos e tão antipática comigo. Não sabia mais se a amava ou se a odiava.

Nossa estada chegou ao fim na última semana de julho de 1997. Na véspera, fomos ao *Paraíso* nos despedir dos Neville. Alexandra não estava, mas Patrick, sim. Ele nos ofereceu uma cerveja e deixou um cartão de visita com cada um de nós:

— Foi ótimo conhecer vocês melhor! São garotos fantásticos. Se algum de vocês quiser estudar em Madison, entre em contato comigo. Vou apoiar sua candidatura.

No início da noite, logo após o jantar, ela passou na casa de tio Saul e tia Anita. Eu estava sozinho no caramanchão, lendo. Meu coração acelerou assim que a vi.

— Oi, Markikette — disse ela, sentando-se ao meu lado.

— Oi, Alexandra.

— Vocês iam embora sem se despedir?

— Passamos lá não faz muito tempo e você não estava.

Ela sorriu para mim e me fitou com seus olhos verde-acinzentados em formato de amêndoas.

— Eu estava pensando que podíamos sair hoje à noite — sugeriu ela.

Uma forte sensação de euforia me percorreu.

— Podíamos — respondi, mal disfarçando minha empolgação.

Fixei os olhos nos dela. Eu tinha a impressão de que ela ia me contar alguma coisa muito importante. Mas tudo o que ela disse foi:

— Você vai avisar Woody e Hillel ou vamos esperar até amanhã?

Fomos a um bar na rua principal, que tinha um palco onde os músicos da região podiam se apresentar. Bastava dar o nome no balcão e o mestre de cerimônias chamava um participante por vez.

No caminho, Hillel resolveu bancar o senhor-sabe-tudo para impressionar Alexandra. Tinha vestido sua melhor roupa e nos enchia de afirmações e conhecimentos. Minha vontade era lhe dar uns tapas, mas, para minha imensa satisfação, a música do bar abafou sua voz e ele foi obrigado a se calar.

Escutamos a primeira banda. Depois um rapaz foi chamado ao palco e interpretou algumas canções pop ao piano. Em uma mesa atrás de nós, um grupo de três rapazes já um pouco bêbados vaiou a apresentação.

— Um pouco de respeito — exigiu Alexandra.

Em resposta, foi xingada. Woody se virou.

— O que vocês disseram, seus babacas? — rugiu ele.

— Algum problema? — indagou um deles.

Isso foi o suficiente para, apesar das súplicas de Alexandra, Woody se levantar, agarrar o braço de um dos rapazes e torcê-lo abruptamente.

— Querem resolver isso lá fora? — perguntou Woody.

Ele conseguia manter a classe quando brigava. Tinha a postura elegante de um leão.

— Solte ele — ordenou Alexandra, correndo até Woody e empurrando-o com as mãos.

Woody largou o rapaz gemendo de dor e seus três comparsas deram o fora sem reagir. O pianista havia terminado sua última apresentação e os alto-falantes anunciaram o nome do próximo artista.

— Alexandra Neville. Alexandra é aguardada no palco.

Ela ficou imóvel, lívida.

— Qual de vocês três foi imbecil o bastante para fazer isso? — perguntou.

Tinha sido eu.

— Achei que você fosse gostar — falei.

— Achou que eu fosse gostar? Ora, Marcus, perdeu o juízo?

Vi seus olhos se encherem de lágrimas. Ela encarou cada um de nós e explodiu:

— Por que precisavam se comportar feito idiotas? Por que precisavam estragar tudo? Você, Hillel, por que age como um macaco sabichão? É melhor quando é você mesmo. E você, Woody, por que se mete no que não é da sua conta? Acha que não consigo me defender sozinha? Precisava agredir aqueles caras que não fizeram nada contra você? Quanto a você, Marcus, está na hora de parar com essas ideias imbecis. Por que fez isso? Para me humilhar? Se era esse o caso, conseguiu.

Caiu no choro e fugiu do bar. Corri atrás dela e a alcancei na rua. Segurei-a pelo braço e me exaltei:

— Fiz isso porque a Alexandra que eu conheci não teria fugido do bar, teria subido ao palco e conquistado a plateia. Sabe, estou feliz por ter reencontrado você, porque sei que não te amo mais. A garota que eu conheci me fazia sonhar.

Fiz menção de voltar para o bar.

— Desisti da música! — exclamou ela, numa torrente de lágrimas.

— Mas por quê? É sua paixão.

— Porque ninguém acredita em mim.

— Eu acredito em você!

Ela secou os olhos com as costas da mão. Sua voz estava trêmula.

— Esse é o seu problema, Marcus: você sonha. A vida não é um sonho!

— Só temos uma vida, Alexandra! Uma vidinha de nada! Você não tem vontade de aproveitar para realizar seus sonhos em vez de mofar naquela faculdade idiota? Sonhe, sonhe alto! Só os maiores sonhos sobrevivem. Os outros são apagados pela chuva e levados pelo vento.

Ela me encarou pela última vez com seus olhos enormes, parecendo perdida, antes de fugir para a noite. Dei um grito derradeiro, com todas as minhas forças:

— Sei que ainda vou ver você em um palco, Alexandra. Acredito em você!

Foi o eco da noite que me respondeu. Ela tinha desaparecido.

Voltei para o bar, onde encontrei uma súbita agitação. Ouvi gritos: haviam começado uma briga. Os três rapazes tinham voltado acompanhados de outros três amigos para acabarem com Woody. Vi meus dois primos rodeados por seis homens e me precipitei para o meio da confusão, berrando feito um louco:

— A Gangue dos Goldman nunca perde! A Gangue dos Goldman nunca perde!

Lutamos corajosamente. Woody e eu logo demos conta de quatro. Ele tinha uma força tremenda, e eu era um bom boxeador. Os dois outros estavam nocauteando Hillel, então nós pulamos em cima deles e os socamos até que fugissem, deixando seus comparsas gemendo no chão. Sirenes soaram.

— A polícia! A polícia! — berrou alguém.

Tinham avisado à polícia. Fugimos. Corremos desesperados através da noite. Percorremos em disparada os becos de East Hampton, até termos certeza de estarmos

seguros. Ofegantes, curvados para recuperar o fôlego, nos entreolhamos: não tinha sido contra aqueles delinquentes que acabáramos de lutar, mas contra nós mesmos. Sabíamos que os sentimentos que tínhamos por Alexandra nos tornavam irmãos inimigos.

— Precisamos fazer um pacto — declarou Hillel.

Na mesma hora Woody e eu compreendemos do que se tratava.

No segredo da noite, nos demos as mãos e juramos, em nome da Gangue dos Goldman, desistirmos de Alexandra para nunca nos tornarmos rivais.

* * *

Quinze anos mais tarde, o juramento da Gangue dos Goldman ainda ecoava em mim. Após demorados minutos de silêncio, deitado na varanda da casa do meu tio em Coconut Grove, acabei confessando:

— Tínhamos feito um pacto, Alexandra. No nosso último verão nos Hamptons, Woody, Hillel e eu fizemos uma promessa.

— Você vai começar a viver de verdade quando parar de remoer o passado, Marcus.

Houve mais um instante de silêncio. Por fim, ela murmurou:

— E se for um sinal, Marcus? E se nosso reencontro não tiver sido um acaso?

* * *

Tudo começa como termina, e os livros costumam começar pelo fim.

Não sei se o livro da nossa juventude se encerra no momento em que nos formamos no colégio ou exatamente um ano antes, no final de julho de 1997, quando aquelas férias de verão nos Hamptons acabaram depois de testemunharem a amizade selada e as promessas de fidelidade que havíamos feito irem pelos ares, não resistindo aos adultos que nos tornaríamos.

SEGUNDA PARTE

O livro da fraternidade perdida
(1998-2001)

Se você foi à Universidade de Madison, em Connecticut, entre os anos 2000 e 2010, certamente viu o estádio do time de futebol americano, que durante essa década se chamava Estádio Saul Goldman.

Sempre associei a Universidade de Madison à grandeza dos Goldman. Portanto, não entendi por que, no fim de agosto de 2011, meu tio Saul ligou para mim, em Nova York, me pedindo para lhe prestar o que ele considerava um grande favor: queria que eu assistisse à destruição do letreiro com seu nome na fachada do estádio, marcada para o dia seguinte. Isso ocorreu três meses antes da sua morte e seis meses antes do meu reencontro com Alexandra.

Naquele momento, eu ainda não sabia nada sobre a situação do meu tio. Já fazia algum tempo que ele vinha se comportando de um jeito estranho. Mas nem de longe eu desconfiava de que aqueles eram seus últimos meses de vida.

— Por que faz tanta questão que eu veja isso? — perguntei.

— Saindo de Nova York é só uma hora de estrada...

— Mas a questão não é essa, tio Saul. Não entendo por que dá tanta importância a isso.

— Por favor, estou lhe pedindo.

Como eu nunca soube lhe recusar nada, concordei.

Tio Saul organizara tudo, então, quando cheguei, o reitor da universidade me aguardava em posição de sentido no estacionamento do estádio.

— É uma honra recebê-lo, Sr. Goldman — disse ele. — Eu não sabia que Saul era seu tio. Não se preocupe, estávamos à sua espera, como seu tio pediu.

Ele começou a andar solenemente e me acompanhou até a entrada do estádio. Na fachada as letras de aço aparafusadas no cimento proclamavam sua glória:

ESTÁDIO SAUL GOLDMAN

Dentro de uma caçamba fixada num braço articulado, dois funcionários desaparafusaram conscienciosamente cada letra, que se espatifava no chão fazendo um barulho metálico.

*TÁDIO SAUL GOLDMAN
SAUL GOLDMAN
UL GOLDMAN
OLDMAN*

Em seguida, os operários começaram a instalar no muro vazio um letreiro luminoso com o nome de uma empresa que fabricava frango empanado, que assumiria o patrocínio do estádio nos próximos dez anos.

— Pronto — disse o reitor. — Agradeça mais uma vez ao seu tio pela contribuição com a universidade, foi um gesto muito generoso.

— Pode deixar.

O reitor estava quase indo embora, mas eu o contive. Tinha uma pergunta presa na minha garganta.

— Por que ele fez isso? — perguntei.

O reitor se virou.

— Fez o quê?

— Por que meu tio bancou a manutenção do estádio durante dez anos?

— Porque ele foi generoso.

— Não é só isso. Ele é generoso, mas jamais gostou de se promover dessa maneira. O reitor deu de ombros.

— Não faço ideia. Pergunte a ele.

— E quanto ele pagou?

— Isso é confidencial, Sr. Goldman.

— Ah, fale...

Após um período de hesitação, ele respondeu:

— Seis milhões de dólares.

Fiquei perplexo.

— Meu tio pagou seis milhões de dólares para ter o nome no estádio durante dez anos?

— Sim. Claro que o nome dele será incluído na placa dos grandes doadores, na entrada do prédio administrativo. Ele também vai receber gratuitamente a revista da universidade.

Fiquei um tempo observando o letreiro com um frango sorridente sendo fixado na fachada do estádio. Na época, meu tio era um homem relativamente rico, mas, a menos que houvesse tido uma fonte de dinheiro secreta, eu não entendia como ele pudera fazer uma doação de seis milhões de dólares à universidade. De onde tirara esse dinheiro?

Telefonei para ele quando voltei ao estacionamento.

— Pronto, tio Saul, está feito.

— Como foi?

— Eles desaparafusaram as letras e colocaram uma placa no lugar.

— Quem vai financiar o estádio?

— Uma empresa que produz frango empanado.

Eu o ouvi sorrir.

— Viu, Marcus, o ego leva a isso. Um dia seu nome está num estádio, no outro é apagado da superfície da Terra em prol de fatias de frango empanadas.

— Ninguém apagou você da face da Terra, tio Saul. Eram só letras de metal aparafusadas no cimento.

— Você é um sábio, sobrinho. Vai voltar para Nova York agora?

— Vou.

— Obrigado por ter feito isso, Marcus. Era importante para mim.

Fui tomado pela desconfiança. Meu tio, que atualmente era funcionário de um supermercado, dez anos antes pagara seis milhões de dólares para ter o nome num estádio. Tenho certeza de que mesmo naquela época ele não tinha recursos para isso. Era o preço que os Clark pediram pela casa dos Hamptons e ele não tivera dinheiro para comprá-la. Como conseguira essa quantia quatro anos depois? Onde arranjava esse dinheiro?

Entrei de volta no carro e fui embora. Foi a última vez que estive em Madison.

* * *

Treze anos haviam se passado desde que entráramos na faculdade. Era 1998 e, nessa época, Madison, para mim, ressoava como o santuário da glória. Eu cumprira minha promessa a Alexandra de não estudar lá e optara pelo curso de letras de uma pequena universidade em Massachusetts. Mas Hillel e Woody, que foram inteligentes o bastante para não prometerem nada, não tinham resistido à vontade de reconstruir a Gangue dos Goldman em torno de Alexandra, incentivados por Patrick Neville, com quem haviam mantido contato depois das nossas férias nos Hamptons.

Como de praxe, durante as férias de inverno do nosso último ano de colégio, nos

candidatamos para várias instituições, sendo que nós três aplicamos para a Universidade de Burrows, em Massachusetts. Quase nos reunimos lá. Quatro meses mais tarde, perto da Páscoa, eu receberei uma carta informando minha aprovação. Alguns dias depois, meus primos me ligaram para dar a notícia. Gritavam tanto no aparelho que demorei a entender o que falavam. Eles tinham sido aprovados na mesma faculdade que eu. Mais uma vez íamos nos reunir.

Mas meu entusiasmo durou pouco: dois dias depois, meus primos receberam a resposta da Universidade de Madison. Também tinham sido aprovados lá. E graças aos contatos de Patrick Neville, Woody ganharia uma bolsa de estudos e entraria para a equipe do Titans. As portas estavam se abrindo para sua carreira profissional, ainda mais com os contatos de Patrick no New York Giants. Woody aceitou a oferta de Madison e Hillel decidiu acompanhá-lo. Foi assim que, no outono de 1998, enquanto eu trocava Nova Jersey por Massachusetts, um carrinho que vivia dando solavancos, sem placa de Maryland, percorreu pela primeira vez as estradas do estado de Connecticut e margeou a costa Atlântica até a cidadezinha de Madison. O interior do país se enfeitara com as cores do verão indígena: os bordos e sicômoros flamejavam suas folhas vermelhas e amarelas. O carro atravessou Madison pela rua principal decorada com as cores do Titans, que eram o orgulho da cidade e o pesadelo das outras universidades da Liga. Em pouco tempo, os primeiros prédios de tijolos vermelhos surgiram à sua frente.

— Pare o carro aqui! — disse Hillel a Woody.

— Aqui?

— É, aqui! Pare!

Woody obedeceu e parou no acostamento. Os dois saíram e admiraram, pasmos, o campus da universidade diante deles. Entregaram-se, riram de animação e se jogaram nos braços um do outro.

— Universidade de Madison! — exclamaram em uníssono. — Conseguimos, cara! Conseguimos!

Tudo sugeria que a amizade, mais forte que tudo, triunfara novamente e que, após o ano e meio que Hillel passara na escola especial, eles haviam escolhido Madison para se reunirem. A caminho da universidade combinaram de dividir o mesmo quarto, cursar as mesmas matérias, comerem e estudarem juntos. Porém, com o passar dos anos, acabei entendendo que a escolha de Madison fora feita por uma única e cruel razão. E essa razão os encontrou no gramado do campus, na primeira manhã de aula: Alexandra.

— Os Goldman! — exclamou ela, abraçando-os.

— Não esperava nos ver aqui, hein? — disse Hillel, sorrindo.

Ela riu.

— Vocês são bobos demais. Eu sabia muito bem que vinham para cá.

— Sério?

— Meu pai não para de falar de vocês. Viraram a mais nova obsessão dele.

Assim começou nossa vida universitária. E, como sempre, meus primos de Baltimore fizeram bonito.

Hillel deixou crescer uma barba incipiente que lhe caía muito bem: o garotinho magricela, o intelectual desagradável da escola de Oak Tree se transformou num belo rapaz, cheio de vivacidade e carisma, que se vestia bem e era admirado pela sua enorme inteligência e pela língua afiada. Rapidamente notado pelos professores, se tornou indispensável no conselho editorial do jornal da universidade.

Woody, mais viril do que nunca, transbordando força e testosterona, ficou tão lindo quanto um deus grego. Havia deixado o cabelo crescer um pouco e passara a penteá-lo para trás. Tinha um sorriso encantador, dentes brancos brilhantes e um corpo esculpido. Não me admiraria, no ápice de sua carreira de jogador de futebol americano,

vê-lo em imensas propagandas de roupas ou de perfumes que são exibidas em alguns prédios de Manhattan.

Fui com frequência a Madison para assistir aos jogos de Woody, no que ainda se chamava Estádio BurgerShake, um local de trinta mil lugares, sempre lotado, onde eu ouvia dezenas de milhares de espectadores gritando o nome de Woody. A convivência entre os três, era evidente: estavam felizes e, posso confessar aqui, eu tinha ciúmes. Sentia saudade deles. A Gangue dos Goldman passou a ser formada por eles três e Madison era seu território. Meus primos haviam oferecido a Alexandra o terceiro lugar da Gangue dos Goldman, aquele terceiro posto que só anos mais tarde compreendi que não era permanente, no seio daquela Gangue de que eu mesmo fizera parte, de que Scott também fora membro, e que estava recebendo Alexandra de braços abertos.

* * *

No primeiro Dia de Ação de Graças subsequente ao nosso ingresso na universidade, em novembro de 1998, fiquei impressionado com a intimidade deles. Tive a impressão de que, em poucos meses, tudo mudara. Eu ainda sentia a mesma alegria ao encontrá-los, mas aquele orgulho de pertencer aos Baltimore, que, durante a infância, me mobilizava, dessa vez sumira. Até então, meus pais eram superados por tio Saul e tia Anita, e chegara a minha vez de ser humilhado pelos meus primos.

Woody, o viking invencível do estádio, estava se tornando a estrela do futebol americano, uma força irradiante. Hillel, por sua vez, escrevia para o jornal da faculdade e era muito requisitado. Um de seus professores, que era colaborador regular da *New Yorker*, propôs inclusive oferecer um texto de Hillel a essa prestigiosa revista. Eu os observava na magnífica mesa de Ação de Graças, naquela casa luxuosa, admirava sua soberba e podia adivinhar o destino deles: Hillel, o defensor das grandes causas, seria um advogado ainda mais ilustre que o pai, que, aliás, acreditava que o filho fosse ocupar o escritório vizinho, desde já reservado para ele. *Goldman pai e filho, advogados associados*. Woody se juntaria ao time de futebol americano do Baltimore Ravens, que fora fundado dois anos antes e já obtinha resultados excepcionais graças a uma notável campanha de recrutamento de jovens talentos. Tio Saul afirmava que tinha influência nas altas esferas — o que não surpreendeu ninguém —, garantindo que Woody seria levado em consideração. Imaginava-os dali a alguns anos, vizinhos em Oak Park, onde teriam comprado duas mansões magníficas e imponentes.

Minha mãe deve ter notado minha aflição e, quando estávamos prestes a passar para a sobremesa, se sentiu subitamente obrigada a me valorizar, declarando para todo mundo:

— Markie está escrevendo um livro!

Corei e supliquei para minha mãe se calar.

— Um livro sobre o quê? — perguntou tio Saul.

— Um romance — respondeu minha mãe.

— É só um projeto — balbuciei. — Vamos ver no que vai dar.

— Ele já escreveu alguns contos — prosseguiu minha mãe. — Textos excelentes. Dois foram publicados no jornal da universidade.

— Quero muito ler — exigiu tia Anita educadamente.

Minha mãe prometeu enviá-los, e eu a fiz jurar que se calasse. Tive a impressão de que Woody e Hillel estavam rindo. Eu me sentia um idiota com meus dois contos insípidos ao lado deles, que, na minha opinião, haviam se tornado semideuses, um misto de leão e águia, prontos para voar em direção ao sol, enquanto eu ainda era o mesmo adolescente sugestível, a anos-luz da soberba deles.

Naquele ano, tive a impressão de que a qualidade da ceia de Ação de Graças estava superior à dos outros anos. Tio Saul parecia mais jovem. Tia Anita estava mais bonita.

Será que essa era a realidade ou eu estava ocupado demais admirando todos eles para perceber que os Baltimore estavam prestes a se desintegrar? Meu tio, minha tia, meus dois primos: eu acreditava que eles estavam em perpétua ascensão, enquanto estavam em plena queda. Só compreendi isso anos mais tarde. Apesar de tudo o que eu tinha imaginado para eles, quando meus primos voltassem a Baltimore após se formar na faculdade, eles não se tornariam nem a nova excelência dos tribunais nem o astro do Ravens.

Como eu poderia imaginar o que aconteceria com eles?

Enquanto eu estava na universidade em Massachusetts, onde me sentia um pouco isolado, fiquei irritado ao descobrir que, em Madison, como acontecera em Baltimore com Scott, a extensão da Gangue dos Goldman, quando se tratava dos Neville, podia aumentar. Depois de Alexandra, foi a vez de Patrick Neville conseguir um lugar privilegiado naquela formação.

Todas as terças-feiras, Patrick ia à faculdade dar suas aulas semanais. Corria o boato de que era possível adivinhar seu humor ao considerar o meio de transporte que ele escolhera: nos dias de bom humor, chegava dirigindo uma Ferrari preta, na qual atravessava a Nova Inglaterra em plena velocidade. Quando estava contrariado, aparecia num 4x4 Yukon com vidros escuros. Desfrutava de enorme prestígio e os estudantes disputavam sua atenção.

Eles logo estreitaram relações. Toda vez que ia para Madison, Patrick não deixava de encontrar Woody e Hillel.

Nas noites de terça, levava-os junto de Alexandra para jantar em um restaurante da rua principal. Quando tinha tempo, assistia aos treinos do Titans, usando um boné com as cores do time. Comparecia a todos os jogos locais e de vez em quando chegava até a ver as partidas fora de casa, às vezes tendo que viajar horas para isso. Sempre convidava Hillel para acompanhá-los e faziam o trajeto juntos.

Acho que Patrick gostava da companhia de Woody e Hillel porque, sempre que estava com eles, reencontrava um pouco Scott.

* * *

Fazia com eles o que gostaria de ter feito com o filho. A partir do segundo semestre em Madison, terminada a temporada do futebol americano, com frequência os convidava para passar o fim de semana em seu apartamento em Nova York. Impressionados, os dois me contaram do luxo do local: a vista, a jacuzzi na varanda, as televisões em cada cômodo. Logo se sentiram em casa, contemplando as obras de arte, fumando charutos e bebendo uísque.

Nas férias da primavera de 1999, convidou-os para irem aos Hamptons. Na semana seguinte às provas na faculdade, eles foram me visitar em Montclair com uma Ferrari preta que Patrick lhes emprestara. Sugerí que fôssemos jantar em algum lugar, mas, como só havia dois lugares no carro deles, tive que me contentar com o velho Honda Civic da minha mãe, enquanto eles lideravam o caminho com seu possante ruidoso. Durante o jantar, percebi que haviam reformulado ligeiramente seus planos de carreira. Nova York deixara Baltimore para trás, a economia prevalecera sobre o direito.

— É com finanças que devemos trabalhar — disse Hillel. — Se você visse a vida que Patrick leva...

— Almoçamos com o diretor esportivo do Giants — contou Woody. — Fomos até visitar o estádio, em Nova Jersey. Ele disse que ano que vem vai mandar um olheiro me ver jogar.

Eles me mostraram as fotos que tiraram no gramado do Giants Stadium. Eu os imaginava alguns anos mais tarde, no mesmo lugar, comemorando a vitória do Giants no Super Bowl. Woody, o *quarterback* celebridade, e seu quase irmão, Hillel, o novo *golden boy* que Wall Street arrebata.

* * *

No início do nosso segundo ano na faculdade, ocorreu um incidente. Certa noite, quando voltava de carro para o campus pela rodovia 5, cerca de oito quilômetros após atravessar a ponte Lebanon, Woody quase atropelou uma garota que caminhava pelo acostamento da estrada. A noite estava um breu. Ele parou imediatamente e se precipitou para fora do carro.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Ela estava chorando.

— Tudo bem, obrigada — respondeu a garota, secando os olhos.

— É perigoso andar nessa estrada.

— Vou prestar atenção.

— Entre. Posso deixar você em algum lugar — ofereceu Woody.

A menina acabou aceitando. Na luz do interior do carro, Woody achou que a havia reconhecido. Era uma garota bonita, de cabelo curto. Seu rosto lhe era familiar.

— Você estuda em Madison?

— Não.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho. Não estou com vontade de falar.

Ele dirigiu em silêncio e a deixou, como ela pedira, perto de um posto de gasolina deserto na entrada de Madison.

* * *

Ela se chamava Colleen. No dia seguinte, Woody leu o nome dela no crachá quando a encontrou atrás do balcão do posto de gasolina onde a deixara na véspera.

— Eu sabia que já tinha visto você em algum lugar — disse ele. — Quando a deixei aqui, fiz a associação.

— Por favor, não vamos mais falar sobre isso. Você colocou gasolina?

— Enchi o tanque. Bomba número três. E vou levar essas barras de chocolate. Meu nome é Woody.

— Obrigada por ontem, Woody. Por favor, não vamos mais falar sobre isso. Deu vinte e dois dólares.

Ele lhe entregou o dinheiro.

— Está tudo bem com você, Colleen?

— Tudo bem.

Um cliente entrou, e ela aproveitou para pedir que Woody fosse embora.

Ele obedeceu. Ela o desconcertava.

* * *

Colleen era a única funcionária do posto. Passava o dia sozinha ali. Não devia ter mais de vinte e dois anos, só estudara até o ensino médio e já era casada com um sujeito de Madison, um motorista-entregador, que passava vários dias da semana na estrada. Ela exibia um olhar triste. Uma maneira tímida de não olhar nos olhos dos clientes.

O posto de gasolina era seu único horizonte. Provavelmente era por essa razão que ela se dedicava tanto ao serviço. A loja contígua era limpa e estava sempre cheia. Inclusive havia algumas mesas, às quais era possível se sentar para tomar um café ou comer um sanduíche industrializado que Colleen esquentava no micro-ondas. Ao sair, os clientes sempre deixavam uma pequena gorjeta na mesa, que ela enfiava no bolso, sem falar nada com o marido. Nos dias bonitos, ela colocava as mesas e as cadeiras no gramado florido ao lado da loja.

Não havia muitos lugares aonde ir em Madison, e os estudantes se encontravam nos mesmos estabelecimentos. Quando queriam ficar sozinhos, Woody e Hille iam para o

posto.

Abalado pelo seu encontro noturno com Colleen, Woody passou a frequentar mais o posto. Às vezes, passava lá sob o pretexto de comprar chiclete ou um limpador de para-brisa. Em geral, arrastava Hillel junto.

— Por que faz tanta questão de ir lá? — perguntou Hillel, por fim.

— Tem alguma coisa estranha... Eu queria entender.

— Confesse que está caidinho por ela.

— Hill, a garota estava andando pelo acostamento da estrada no meio da noite, chorando.

— Talvez estivesse com um problema no carro...

— Estava assustada. Com medo.

— Medo de quem?

— Não sei.

— Você não pode proteger todo mundo, Wood.

De tanto passarem por lá, acabaram conquistando um pouco da simpatia de Colleen. Perdendo a timidez, ela começou a conversar com eles. Vendia cerveja para eles, embora não tivessem idade. Colleen dizia que não arriscava nada ao vender bebida alcoólica para eles, pois o pai de Luke, seu marido, era o chefe da polícia local. Nas palavras dos meus primos, Luke era uma *avis rara*. Tinha um jeito agressivo e muito antipático. Woody, que às vezes o encontrava no posto de gasolina, não gostava dele. Falava que tinha uma impressão ruim ao vê-lo. Quando Luke estava na cidade, Colleen agia de forma diferente. Quando ele estava viajando, ela parecia mais feliz.

* * *

Também tive a oportunidade de ir ao posto de gasolina durante minhas visitas a Madison. Logo notei que Colleen gostava muito de Woody. Tinha uma maneira especial de observá-lo. Quase nunca sorria, exceto quando conversava com ele. Era um sorriso sem graça, espontâneo, que ela imediatamente se obrigava a reprimir.

A princípio, achei que Woody sentia alguma coisa por Colleen. Mas não demorei a perceber que esse não era o caso. Meus dois primos amavam a mesma garota: Alexandra.

Ela estava no quarto e último ano da faculdade. Logo em seguida iria embora. Eles não paravam de pensar nela. Percebi que a indefectível amizade deles não bastava. O convívio no campus, os programas que faziam juntos e os jogos de futebol americano não os satisfiziam plenamente. Eles queriam mais. Queriam o amor de Alexandra. Tive certeza absoluta disso quando vi a reação dos dois ao descobrirem, depois de revistarem seu quarto num fim de semana em que Patrick Neville os convidou, que ela estava ficando com alguém. Eles me contaram isso no Dia de Ação de Graças e Hillel me mostrou o que encontrara numa gaveta da escrivaninha dela. Uma folha de cartolina na qual ela desenhara um coração vermelho.

— Revistaram o quarto dela? — perguntei, pasmo.

— Sim — respondeu Hillel.

— Vocês enlouqueceram completamente!

Hillel estava furioso com ela.

— Por que ela não nos contou que tinha um namorado?

— E quem disse que ela está saindo com alguém? — retruquei. — Esse desenho pode ser velho.

— Havia duas escovas de dentes no banheiro do seu quarto — observou Woody.

— Vocês também entraram no banheiro dela?

— Não fizemos cerimônia. Eu achava que ela era nossa amiga, e amigos contam tudo.

- Que bom para ela se estiver com alguém — falei.
- Claro, que bom.
- Mas tenho a impressão de que isso irrita vocês...
- Somos amigos, então acho que ela poderia ter nos contado.

* * *

A amizade que legitimava o trio encobria sentimentos muito mais profundos sobre o pacto que tínhamos firmado nos Hamptons.

Durante os meses seguintes, eles ficaram obcecados pelo namorado de Alexandra. Cismaram que queriam saber quem ele era. Quando lhe perguntaram, ela jurou que estava sozinha. Isso os deixou ainda mais enlouquecidos. Seguiam-na pelo campus para espioná-la. Tentavam escutar suas conversas ao telefone usando um velho captador de som de Hillel, que pegaram em Baltimore com esse objetivo. Interrogaram até mesmo Patrick, que nada sabia.

Em maio de 2000, todos nós comparecemos à entrega do diploma de Alexandra.

Depois da cerimônia oficial, aproveitando-se da agitação do momento, Alexandra sumiu discretamente. Não notou que Woody a seguia.

Foi até o prédio dos cursos de ciências, onde eu a esperava. Quando me viu, pulou em meus braços e me beijou demoradamente.

Nesse momento Woody apareceu e exclamou, estarrecido:

— Então é você, Marcus? Você era o namorado dela esse tempo todo?

Nesse dia de maio de 2000, fui obrigado a me explicar para Woody e lhe contar tudo.

Ele foi o único que ficou sabendo do relacionamento maravilhoso que eu tinha com Alexandra.

Nós dois reatamos pouco depois das nossas últimas férias nos Hamptons, no outono. Eu tinha voltado para Montclair um pouco decepcionado com nosso reencontro, percebendo que eu ainda a amava. E algumas semanas mais tarde, na saída do colégio, eu a vi no estacionamento, sentada no capô do seu carro esportivo. Não consegui esconder minha animação.

— O que você está fazendo aqui, Alexandra?

Ela fez uma expressão mal-humorada.

— Fiquei com vontade de ver você...

— Eu achava que você não saía com adolescentes.

— Entre no carro, seu bobo.

— E aonde vamos?

— Ainda não sei.

Aonde fomos? Seguimos a estrada da vida. Depois desse dia, em que me senti no banco do carona do seu carro, não nos largamos e nos apaixonamos ainda mais. Ligávamos o tempo todo um para o outro, trocávamos cartas, ela me mandava presentes. Ela ia a Montclair nos fins de semana, e, às vezes, eu a encontrava em Nova York ou em Madison, pegando emprestado o velho carro da minha mãe, com o som do rádio nas alturas. Tínhamos a bênção de meus pais e de Patrick Neville, que prometeram não contar a ninguém. Achávamos melhor que meus primos não soubessem nada do que acontecia entre nós. Foi assim que quebrei o juramento da Gangue dos Goldman de nunca conquistar Alexandra.

No ano seguinte, quando entrei na faculdade de letras da Universidade de Burrows, apenas uma hora de estrada nos separava. Meu colega de quarto, Jared, deixava o quarto livre nos fins de semana em que ela vinha me visitar. E agi de uma forma que nunca tinha agido com meus primos: menti para eles. Eu mentia para encontrar Alexandra. Dizia que estava em Boston, ou em Montclair, mas estava em Nova York com ela. E quando eles iam a Nova York, para a casa de Patrick Neville, eu estava enroscado nos lençóis dela em Madison.

Isso não me impedia de sentir ciúme, sabendo que eles estavam todos juntos na universidade, e eu invejava a cumplicidade especial que ela tinha com Hillel e Woody. Certo dia, ela acabou me dizendo: “Você está com ciúme dos seus primos, Marcus? Então enlouqueceu completamente! Na verdade, vocês três são completamente loucos.” Ela estava certa. Eu, que não era possessivo, eu, que não temia os rivais, me sentia ameaçado pelos membros da Gangue dos Goldman. Depois, ela fez um comentário odioso, que para mim foi como uma punhalada no coração: “Você ganhou, Markie. Você ganhou, eu sou sua. O que mais você quer? Não vai fazer um escândalo quando saia para comer um hambúrguer com seus primos, vai?”

Fui eu que a recoloquei no caminho da música. Fui eu que a incentivei a correr atrás do seu sonho. Fui eu que a fiz voltar a se apresentar nos bares de Nova York, que a estimulei a continuar a compor em seu quarto no campus de Madison. Após se formar, ela estava decidida a tomar seu destino nas mãos e se preparava para assinar com um produtor nova-iorquino, lançando sua carreira.

Depois que confessei tudo, Woody me prometeu que não contaria nada a Hillel.

Ele não me julgou. Disse simplesmente: “Que sorte você teve de conquistá-la, Markie”, e me deu um tapinha caloroso no ombro.

No começo do nosso terceiro ano na universidade, no outono de 2000, ele passou a se dedicar ao futebol e a Colleen, de quem se aproximou bastante. Estávamos com vinte anos.

Acho que ele sofria muito por causa de Alexandra. Mas nunca comentou nada com Hillel e curou suas mágoas com o esporte. Treinava o tempo todo. Com frequência, corria duas vezes por dia, como fazia na época da escola especial. Tornou-se o astro do Titans. O time acumulava vitórias e suas performances só melhoravam. Foi capa da edição de outono da revista da universidade.

Passava no posto todos os dias para visitar Colleen. Acho que precisava de alguém para ampará-lo. Quando lhe mostrou a revista da universidade, ela disse que estava orgulhosa dele. Mas dois dias depois ele notou marcas em seu pescoço. E sentiu seu sangue ferver.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Vá embora, Woody.

— Colleen, foi Luke quem fez isso? Seu marido bate em você?

Ela suplicou que Woody fosse embora e ele obedeceu. Nos três dias seguintes, quando ele apareceu no posto, ela fez um sinal discreto para que fosse embora. No quarto dia, ela estava esperando por ele do lado de fora. Woody saiu do carro e se aproximou. Ela não disse uma palavra sequer, apenas agarrou sua mão e o levou para a despensa. Lá se jogou em cima dele e o abraçou até sufocá-lo. Em seguida, procurou seus lábios e o beijou.

— Colleen... Você precisa me dizer o que está acontecendo — murmurou Woody.

— Luke... Ele encontrou a revista da universidade numa gaveta do balcão. E isso o deixou louco.

— Ele bateu em você?

— Não foi a primeira vez.

— Filho da puta... Onde ele está?

Ela percebeu que Woody estava disposto a acabar com ele.

— Ele foi para o Maine hoje de manhã. Só vai voltar amanhã à noite. Mas não faça nada, Woody. Estou implorando. Isso só vai piorar a situação.

— Então devo ficar de braços cruzados enquanto você é espancada?

— Vamos encontrar uma solução...

— E enquanto isso?

— Enquanto isso me ame — murmurou ela. — Me ame como nunca fui amada.

Ele a beijou de novo e fizeram amor dentro da despensa. E se sentiu bem com ela.

* * *

Eles aprofundaram a relação durante as ausências de Luke. Metade da semana, quando ele estava em Madison, ela era de Woody. Desde que Luke encontrara a revista, passara a desconfiar. Vigiava-a incessantemente e a controlava ainda mais. Woody não podia se aproximar. Espreitava-a de longe tanto no posto quanto na casa dela.

Quando Luke saía com o caminhão, Colleen estava livre. Ao encerrar seu expediente no posto, ela saía pelos fundos do quintal, encontrava Woody em uma rua paralela e os dois iam embora juntos. Ele a levava para o campus, onde ela não encontraria ninguém conhecido. Lá se sentia protegida.

Certa noite, na cama do quarto que Hillel tinha liberado para eles, enquanto a acariciava após fazerem amor, ele observou as marcas em suas costas.

— Por que não registra queixa? Ele vai acabar matando você.

— O pai dele é o chefe da polícia de Madison e o irmão é o delegado — justificou Colleen. — Não há o que fazer.

— Imagino que Luke seja burro demais para se tornar policial...

— Bem que ele queria. Mas tem a ficha suja por atitudes violentas.

— Por que não processamos ele fora daqui? — sugeriu Woody.

— Porque é a jurisdição de Madison. E, de toda forma, não quero.

— Não sei se consigo ver você sendo maltratada.

— Termine seus estudos, Woody. Depois me leve para bem longe com você.

* * *

Mas eles não puderam continuar assim por muito tempo. Luke, desconfiado, começou a controlar a presença da esposa em casa. Colleen era obrigada a telefonar para ele quando saía do posto, e depois a ligar novamente de casa. Em seguida, ele retornava a ligação, de surpresa, para se certificar de que ela estava lá. Ela fazia de tudo para atender os telefonemas. Pagou caro na noite em que foi à casa da vizinha ajudar a conter um vazamento na cozinha.

Quando Luke viajava e Woody podia encontrar Colleen, ele tinha a impressão de que um tornado se afastava. Mas esses momentos estavam cada vez mais raros.

O irmão começou a passar de vez em quando no posto para verificar quem aparecia por lá. Em seguida, decidiu buscar Colleen para escoltá-la até em casa no fim do expediente. “Só quero ter certeza de que vai chegar sã e salva em casa”, dizia ele. “Hoje em dia nunca se sabe quem anda pelas ruas.”

A situação foi se agravando. Woody observava Colleen a distância. Aproximar-se dela se tornara perigoso. Hillel o acompanhava com frequência. Os dois ficavam de tocaia dentro do carro. Espionavam tanto o posto quanto a casa dela. Às vezes, enquanto Hillel ficava vigiando, Woody se arriscava a entrar e encontrava Colleen rapidamente.

Certa noite, quando o carro deles se aproximou da casa, foram perseguidos por uma viatura policial. Woody parou no acostamento, e o pai de Luke desceu do veículo. Aproximou-se, pediu a identidade dos ocupantes, depois disse a Woody:

— Preste bem atenção, mocinho. Jogue seu futebol americano e cuide da sua vida. Mas não faça merda. Entendeu?

— Como sabe que jogo futebol? — perguntou Woody.

O pai deu um sorriso hipócrita.

— Gosto de saber com quem estou lidando.

Eles foram embora e voltaram para o campus.

— Precisa abrir o olho, Woody — disse Hillel. — Essa história toda está começando a cheirar mal.

— Eu sei. Mas o que quer que eu faça? Que eu me livre do marido dela de uma vez por todas?

Hillel balançou a cabeça, impotente.

— Não quero que aconteça nada com você, Woody. E devo confessar que estou começando a ficar com um pouco de medo.

* * *

Aquele ano foi a primeira vez que não encontrei meus primos no feriado de Ação de Graças. Na antevéspera, eles me avisaram que tinham sido convidados por Patrick Neville para uma festa à qual os jogadores do Giants deviam comparecer. Decidi ir a Baltimore mesmo assim. Como fizera durante toda a minha infância, cheguei lá na véspera do feriado, de trem. Mas para minha imensa decepção, não havia ninguém me esperando na plataforma da estação. Peguei um táxi até Oak Park. Ao chegar à casa dos

Baltimore, vi tia Anita saindo.

— Meu Deus, Markie! — disse ela ao me ver. — Eu tinha esquecido completamente que você chegava hoje à noite.

— Não tem problema. Estou aqui.

— Você sabe que seus primos não estão...

— Sei.

— Sinto muito mesmo, Markie. Estou de plantão no hospital. Preciso ir para lá. Seu tio vai ficar feliz em ver você. Tem comida pronta na geladeira.

Minha tia me abraçou. Nesse momento, senti que alguma coisa havia mudado. Ela parecia cansada, triste. Eu não via mais nela aquele brilho que tantas vezes acelerara meu coração de criança e adolescente.

Entrei na casa. Encontrei tio Saul em frente à televisão. Assim como tia Anita, ele me recebeu com um misto de alegria e tristeza. Subi para deixar minhas coisas em um quarto de hóspedes e me perguntei para que serviam todos aqueles quartos, se estavam sempre vazios. Percorri os longos corredores e entrei nos banheiros espaçosos. Passei sucessivamente pelas três salas, todas apagadas. Nem fogo na lareira, nem televisão ligada, nem livro, nem jornal aberto por um leitor impaciente para retomá-lo. Ao descer, vi tio Saul preparando nosso jantar. Pusera talheres para dois no balcão. Houve um tempo, não tão distante assim, em que, sentados diante daquele mesmo balcão, ele, Hillel, Woody e eu, bufando ruidosamente de impaciência, estendíamos nossos pratos a tia Anita do outro lado que, radiante e sorrindo para sua pequena tropa, cozinhava diretamente numa grande panela de teflon enormes quantidades de panquecas, ovos e bacon de peru.

Jantamos praticamente sem falar nada. Ele não estava com muito apetite. O único assunto que abordou foi o Baltimore Ravens.

— Não quer assistir a um jogo algum dia desses? Tenho ingressos, mas ninguém está interessado. Eles estão fazendo uma temporada impecável, sabe. Já falei que conheço algumas pessoas da diretoria do Ravens?

— Já falou, sim, tio Saul.

— Então você tem que assistir a um jogo alguma vez. Fale com seus primos. Ganho ingressos e tenho acesso aos camarotes e tudo o mais.

Depois do jantar, fui dar uma volta no bairro. Como se os conhecesse, cumprimentei com simpatia os vizinhos que passeavam com seu cão. Ao passar por um segurança em sua viatura, fiz o sinal secreto, ao qual ele respondeu. Mas o gesto foi vão: a época abençoada da nossa infância se perdera para sempre e era impossível recuperá-la: os Goldman-de-Baltimore já pertenciam ao passado.

* * *

Nessa noite em que eu estava em Baltimore e meus primos, em Nova York, Colleen chegou tarde em casa. Saiu do carro e correu até a porta. Girou a maçaneta, mas estava trancada. Ele já tinha ido embora. Ela consultou seu relógio de pulso: eram sete e vinte e dois. Senti vontade de chorar. Abriu a porta com sua chave e entrou na escuridão. Sabia que, quando ele voltasse, a espantaria.

Ela não podia chegar atrasada do posto de combustível. Sabia disso, Luke lhe dissera. Fechava às sete, e às sete e quinze tinha que estar de volta. Quando isso não acontecia, ele saía. Ia a um bar de que gostava e, quando retornava para casa, dava um corretivo nela.

Naquela noite, ela o esperou até as onze horas. Teve vontade de ligar para Woody, mas não queria envolvê-lo. Sabia que aquilo terminaria mal. Nesses momentos, sonhava em fugir. Mas para onde?

Ele entrou em casa e bateu a porta. Ela tremeu. Ele apareceu no vão da porta da sala.

— Desculpe — balbuciou ela imediatamente para aplacar a ira do marido.

— Onde você se enfiou, porra? Hein? Hein? Você termina às sete. Às sete! Por que me deixou mofando feito um panaca? Por acaso acha que sou um imbecil, é isso?

— Desculpe, Luke. Alguns clientes chegam exatamente às sete, na hora de fechar, então me atrasei cinco minutos.

— Você termina às sete, então quero que esteja em casa às sete e quinze! Não é tão complicado assim. Mas você insiste em bancar a esperta.

— Mas, Luke, eu demoro um tempo até fechar tudo...

— Quer parar de choramingar? E vá para o carro.

— Isso não, Luke! — suplicou ela.

Ele apontou um dedo ameaçador em sua direção.

— É melhor obedecer.

Ela saiu e entrou em sua caminhonete. Ele se sentou ao volante e arrancou.

— Desculpe, desculpe, Luke — repetia ela, com um fio de voz. — Não vou me atrasar mais.

Ele não estava mais prestando atenção. Xingava-a de todos os palavrões. Ela chorava. Ele já saíra da cidade de Madison e pegara a rodovia 5, uma reta sem fim. Atravessou a ponte Lebanon e seguiu adiante. Ela suplicava que ele voltasse para casa. Ele riu.

— Ora, não se sente bem comigo?

Então, subitamente, parou no meio do nada.

— Ponto final, todo mundo deve descer — disse ele, num tom que não admitia hesitação.

Ela protestava, em vão:

— Por favor, Luke, isso não.

— Fora! — berrou ele bruscamente.

Quando ele gritava, era sinal de que ela devia obedecer. Saiu do carro e ele partiu no mesmo instante, abandonando-a a doze quilômetros de casa. Era seu castigo: voltar a pé no meio da noite até Madison. Ela se embrenhava pela névoa úmida, e em geral só usava vestidos curtos e malhas justas. Então deixava as trevas absorvê-la.

Na primeira vez, protestara. Quando Luke, gritando até ficar vermelho, lhe ordenara que saísse, ela se rebelara. Dissera que ninguém tratava a própria esposa daquele jeito. Luke saíra do carro.

— Ande, meu anjo, venha cá — dissera ele quase com ternura.

— Para quê?

— Para levar um corretivo. Alguns tapas vão lhe ensinar que, quando dou uma ordem, você deve obedecer.

Ela pedira desculpas imediatamente:

— Sinto muito, eu não queria irritar você... Estou indo, vou fazer tudo como você quer. Desculpe, Luke. Eu não queria deixar você nervoso.

Ela saíra de uma vez do carro e seguira pela estrada, mas não percorrera nem cinco metros quando a voz de Luke a alcançara:

— Será que não entendeu o que eu disse? Não falamos a mesma língua?

— Sim, Luke. Você me falou para dar o fora, então é o que estou fazendo.

— Isso foi antes! Agora as ordens mudaram. O que foi que eu disse, hein?

Aterrorizada, ela começara a chorar.

— Não sei mais, Luke... Desculpe, não entendo mais nada.

— Falei para você vir aqui receber uns tapas. Esqueceu?

Suas pernas bambeavam.

— Desculpe, Luke, aprendi a lição. Prometo não desobedecer mais.

— Venha aqui! — berrara ele, sem se mexer. — Quando digo para você vir até aqui, é para vir até aqui! Por que tem sempre que bancar a esperta, hein?

— Desculpe, Luke, fui uma idiota, não vou repetir isso.

— Venha aqui, porra! Venha aqui ou vou lhe aplicar uma correção em dose dupla.

— Não, Luke, pelo amor de Deus!

— Venha!

Ela se aproximara, aterrorizada, e se posicionara diante dele.

— Vai receber cinco belas bofetadas, concorda?

— Eu...

— Concorda?

— Sim, Luke.

— Quero que você conte.

Colleen se empertigara diante dele, que erguera a mão. Ela fechara os olhos, chorando copiosamente. Ele lhe desferira uma bofetada que a derrubara no chão. Ela gritara.

— Eu disse: conte!

Ela soluçara, de joelhos no cimento úmido.

— Um... — articulara entre um soluço e outro.

— Muito bem. Vamos, de pé!

Colleen se reerguera. Ela se esbofeteara novamente. Ela se curvara, com as mãos no rosto.

— Dois! — gritara ela.

— Muito bem, vamos, volte para a posição.

Ela obedecera, ele segurara sua cabeça bem reta e a estapeara outra vez com toda a força.

— Três!

Ela caíra para trás.

— Vamos, vamos, não fique aí parada, de pé! E não ouvi você contar.

— Quatro — dissera ela, chorando.

— Está vendo? Estamos terminando. Vamos, venha até aqui e fique bem reta.

Ao terminar de espancá-la, ordenou que ela sumisse da sua frente e ela fugiu imediatamente. Caminhara durante mais de uma hora quando chegou à ponte Lebanon. Não era nem metade do caminho até Madison. Tirara os sapatos, que a machucavam e retardavam, e avançara descalça pelo asfalto frio que arrebentava seus pés. De repente, faróis iluminaram a estrada. Um carro se aproximou. O motorista só a viu no último instante e quase a atropelou. Ele parou também. Ela já tinha visto aquele rapaz no posto. Isso foi na noite em que esbarrou com Woody.

Desde então, quando ela chegava atrasada do trabalho, Luke a deixava na estrada deserta e a obrigava a voltar a pé. Naquela noite, quando ela finalmente chegou em casa, Luke tinha trancado a porta por dentro. Ela se deitou no sofazinho que ficava na varanda e dormiu ali, tremendo de frio.

* * *

Woody estava cada vez mais apreensivo. Hillel abriu o jogo comigo. Era o começo de 2001.

— Não sei o que ele viu nessa garota. Mas faz seis meses que só pensa em salvá-la. Estou achando que ele está diferente. Você sabe de alguma coisa?

— Não.

Menti. Eu sabia que, com Colleen, Woody se esforçava para esquecer Alexandra. Queria salvar a si mesmo ao salvá-la. Também compreendi que, ao acompanhá-lo em suas vigias noturnas da casa de Colleen, Hillel não lhe fazia companhia: ele protegia Woody, queria impedi-lo de fazer alguma besteira.

Mas não conseguiu impedir o confronto entre Luke e Woody, em fevereiro, num bar de Madison.

*Madison, Connecticut.
Fevereiro de 2001.*

Woody dirigia pela rua principal de Madison quando notou a caminhonete de Luke parada em frente a um bar. Freou imediatamente e estacionou ao lado. Fazia dez dias que Luke não saía para fazer suas entregas. Dez dias que Woody não via Colleen. Dez dias que ele fora obrigado a observá-la de longe. Certa noite, poucos dias antes, ouvira gritos na casa deles, mas Hillel o impedira de sair do carro e intervir. Estava na hora de dar um basta naquilo.

Ele entrou no bar e deparou com Luke no balcão. Foi direto até ele.

— Olhe só, o nosso jogador de futebol americano! — exclamou Luke, que já estava um pouco bêbado.

— Você deveria tomar cuidado, Luke — disse Woody.

O sujeito tinha uns dez anos a mais que Woody. Era mais forte, mais largo, tinha o rosto raivoso, as mãos calejadas.

— Algum problema, jogador? — perguntou Luke, se levantando.

— Tenho um problema com você. Quero que deixe Colleen em paz.

— Ah, é? Quer me dizer como devo tratar minha mulher?

— Exatamente. Pare de tratá-la. Ela não te ama.

— O que você disse, seu babaca? Dou dois segundos para você cair fora.

— Se tocar nela de novo...

— E daí?

— Mato você.

— Seu babaca! — vociferou Luke, agarrando Woody. — Você não passa de um babaca!

Woody se defendeu e o empurrou, antes de lhe desferir um direto no meio do rosto. Luke reagiu, e os clientes do bar correram até eles para separá-los. Houve um momento de confusão e, logo em seguida, ouviram-se sirenes. O pai e o irmão de Luke irromperam no bar para restabelecer a calma. Prenderam Woody e o forçaram a entrar na viatura policial. Saíram da cidade e o levaram para uma pedreira deserta, onde o espancaram a golpes de cassetete, até ele perder a consciência.

Voltou a si algumas horas depois, com o rosto inchado e um ombro fora do lugar. Arrastou-se até a estrada e esperou um carro passar.

Um motorista parou e o levou para o hospital de Madison. Hillel foi buscá-lo. Os ferimentos eram superficiais, mas ele teria que cuidar do ombro.

— O que aconteceu, Woody? Procurei você a noite inteira.

— Nada.

— Dessa vez você teve sorte, Woody. Se tivesse sido um pouco pior, nunca mais poderia jogar futebol. É isso que você quer? Mandar sua carreira para o espaço?

Colleen também pagou caro pela intromissão de Woody.

Quando ele a reencontrou, uma semana mais tarde no posto, notou seu olho roxo e seu lábio inchado.

— O que você fez, Woody?

— Eu queria proteger você.

— É melhor pararmos de nos ver.

— Mas, Colleen...

— Eu tinha pedido para você ficar longe disso.

— Eu queria proteger você.

— Não podemos mais nos ver. É melhor assim. Vá embora, por favor!

Ele obedeceu.

As férias da primavera começaram algumas semanas mais tarde. Hillel e eu aproveitamos para afastar Woody de Madison e levá-lo para passar dez dias em Buenavista, para que ele se distraísse um pouco.

Essa viagem à Flórida coincidiu com uma grave e súbita piora no estado de saúde do nosso avô Goldman. Ele pegara uma pneumonia, que o deixara muito debilitado. Quando fomos embora da Flórida, ainda estava hospitalizado. Tia Anita dizia que ele não resistiria muito tempo. Ele conseguira sair do hospital e voltar para casa, mas não saía mais da cama. Fomos visitá-lo cedinho todas as manhãs: após a noite de descanso, ele ficava loquaz. Já não tinha mais forças, mas conservava todo o seu entusiasmo. Certo dia, enquanto conversávamos, Woody lhe perguntou:

— Sabe, vovô, para falar a verdade nem sei qual era sua profissão.

O avô deu um sorriso radiante.

— Eu era o presidente da Goldman & Cia.

— O que era isso?

— Uma pequena empresa que fabricava material médico, fundada por mim. Foi a aventura da minha vida: imagine só, a Goldman & Cia. existiu por mais de quarenta anos. Eu gostava de ir ao escritório: ficávamos instalados num belo prédio de tijolos vermelhos que dava para ver da rua, e na fachada estava escrito em enormes letras maiúsculas: *GOLDMAN*. Eu tinha muito orgulho.

— Mas onde era a sede? Em Baltimore?

— Não, no estado de Nova York. Nós morávamos a poucos quilômetros dali, em Secaucus, Nova Jersey.

— O que aconteceu com a Goldman & Cia.? — perguntou Woody.

— Nós a vendemos. Vocês já eram nascidos, mas não devem lembrar. Foi em meados dos anos 1980.

O velho despertara a curiosidade de Woody, que perguntou se existiam fotos da época da Goldman & Cia. Minha avó foi buscar uma caixa de sapatos em que havia as mais diversas fotos amontoadas. A maioria havia sido tirada nos últimos anos: não conhecíamos vários rostos — amigos da Flórida — e tinham alguns retratos do vovô e da vovó juntos. Até que finalmente encontramos uma foto do vovô em frente ao famoso prédio da Goldman & Cia., que contemplamos por bastante tempo. Achamos também algumas fotos de Hillel, Woody e eu adolescentes durante uma estada na Flórida.

— A Gangue dos Goldman — disse subitamente nosso avô, balançando a fotografia e nos fazendo rir.

* * *

Presto aqui homenagem à memória do nosso avô Max Goldman. Ele morreu seis semanas mais tarde. Desses últimos momentos com ele, guardo a lembrança de sua vivacidade e de seu senso de humor, mesmo às portas da última morada.

Não me esqueço da ternura de seu riso. Nem de sua exigência. Nem de seu andar e de sua eterna elegância. Não há cerimônia, entrega de prêmio, encontro importante, que, na hora de dar o nó na gravata, não me faça pensar nele, sempre impecavelmente vestido.

Vá em paz, meu avô tão amado. Saiba que faz falta aqui neste mundo. Fico feliz em acreditar que você me olha lá de cima e acompanha meu percurso com um misto de diversão e emoção. A esta altura já sabe que minha digestão é excelente e que não sofro da síndrome do cólon irritável. Talvez eu deva isso aos quilos de cereal que você me fez engolir na Flórida, sob seu olhar benevolente. Sou grato por tudo o que você me deu. Descanse em paz.

Vovô foi enterrado no dia 30 de maio de 2001, em Secaucus, Nova Jersey, cidade onde fora criado, como minha avó, meu pai e tio Saul. Vários amigos dele da Flórida haviam insistido em fazer a viagem.

Eu estava sentado ao lado dos meus primos. Alexandra também estava lá, na fileira atrás de nós. Coloquei minha mão para trás e ela a segurou discretamente. Apertou-a. Eu me sentia forte ao seu lado.

Sei que mais tarde, nesse dia, Woody lhe disse:

— É bonito como você ama ele.

Ela sorriu.

— E você? — perguntou. — Hillel me falou sobre aquela garota... Colleen?

— Ela é casada. É complicado. Paramos de nos ver.

— Você ama ela?

— Não sei. Sinto carinho por ela. Colleen me faz sentir menos sozinho. Mas ela não é você.

A cerimônia foi a cara do vovô: sóbria e bem-humorada. Meu pai fez um discurso espirituoso, e a alusão aos cereais provocou risadas. Tio Saul falou em seguida e foi mais sério. Começou seu discurso assim: “É a primeira vez que volto a Nova Jersey. Vocês sabem, meu relacionamento com meu pai nem sempre foi essas coisas...”

Essas palavras ressoaram de forma estranha. Não encontrei em suas frases a relação que eu testemunhara durante a grande época dos Baltimore.

Após a cerimônia e o lanche, minha avó quis dar uma volta em Secaucus. Eu nunca tinha estado ali e me ofereci para acompanhá-la. Querendo compreender as referências do tio Saul, aproveitei que estava sozinho com ela no carro para interrogá-la:

— O que o tio Saul quis dizer ainda há pouco?

Olhando pela janela, minha avó fingiu não ouvir.

— Vovó?

— Markie — disse ela —, não é hora para esse tipo de pergunta.

— Aconteceu alguma coisa entre eles? — insisti.

— Markie, dirija e fique quieto, por favor. Vá me aborrecer com essas perguntas num dia como hoje?

— Desculpe, vovô.

Não falei mais. Ela me guiou até sua antiga casa, hipotecada na época em que a situação financeira da Goldman & Cia. começara a oscilar. Em seguida, ela me pediu para levá-la à antiga fábrica Goldman. Eu nunca tinha ido lá, então ela me orientou. Rodamos por uns bons vinte minutos, deixamos Nova Jersey, entramos no estado de Nova York e chegamos a uma zona industrial desativada. Minha avó parou em frente a um prédio abandonado de tijolos vermelhos. Passou o dedo pela fachada:

— Aqui ficava o meu escritório — disse ela, apontando para um buraco na parede, que certamente fora uma janela.

— O que você fazia?

— Toda a contabilidade. Era eu quem administrava as finanças. Seu avô era um vendedor fora de série, mas, para cada dólar que ganhava, gastava dois. Eu segurava as rédeas, tanto na fábrica quanto em casa.

Quando finalmente levei minha avó de volta ao estacionamento do cemitério, os Baltimore já estavam impacientes dentro da grande van com motorista que devia reconduzi-los a Manhattan. Tio Saul reservara quartos no Plaza Hotel para minha avó e todos os Baltimore. Os Montclair, por sua vez, ficaram em Montclair.

No dia seguinte, tio Saul me pediu que passasse em seu hotel para encontrá-lo, e foi o que eu fiz. Ele nos reuniu, Woody, Hillel e eu, num canto sossegado do bar do Plaza e nos comunicou que nosso avô, em suas últimas vontades, determinara que uma de suas poupanças fosse igualmente dividida entre “seus três netos”. Havia vinte mil dólares para cada um de nós.

* * *

Uma semana após o enterro, levei minha avó de volta para a Flórida. Fomos juntos de avião e passei alguns dias em Miami para que ela não ficasse sozinha. Tio Saul deixou seu apartamento em Buenavista à minha disposição.

Minha presença junto à minha avó, em seu lar para idosos, a reconfortou. Ainda me lembro dela no dia em que chegou a Miami, fumando na varanda, contemplando o mar, de olho nas ondas. Na mesa da sua sala minúscula, havia uma caixa de sapatos cheia de fotos velhas. Peguei algumas ao acaso e, como não reconheci nem as pessoas nem os lugares, fiz algumas perguntas. Ela respondeu pela metade, e eu sentia claramente que perturbava sua necessidade de paz. De repente, ela me falou sobre as coisas no guarda-móveis.

— Que guarda-móveis? — perguntei.

— Um guarda-móveis em Aventura. O endereço está no armário de chaves.

— E o que tem lá?

— Todos os álbuns de família. Se quiser ver fotos, é melhor ir até lá. Estão selecionadas, classificadas e com anotações. Faça o que quiser com elas, desde que pare com todas essas perguntas.

Ainda hoje não sei se ela me falou isso para que eu fosse atrás das fotos ou para que eu fosse logo embora. Morrendo de curiosidade, fui até o guarda-móveis, onde, como ela me prometera, encontrei a vida dos Goldman em milhares de fotografias, classificadas e selecionadas em álbuns empoeirados. Abri-os ao acaso, encontrei rostos rejuvenescidos e tudo o que éramos antes. Voltei no tempo e nas épocas, depois me diverti tentando me identificar nas fotos. Eu me vi bebê, vi a casa de Montclair com a pintura ainda fresca. Eu me vi nu numa piscina de plástico no nosso gramado. Vi imagens dos meus primeiros aniversários. Notei casualmente que, em todas as fotos, faltavam os personagens mais importantes. Primeiro pensei num acaso ou num erro de classificação. Passei várias horas percorrendo todos os álbuns e me rendi à evidência: nós estávamos em toda parte, eles não estavam em parte alguma. Os Montclair estavam sempre presentes, enquanto os Baltimore pareciam *persona non grata*. Nenhuma imagem de Hillel pequeno, nem de seu nascimento, nem de seus aniversários. Nenhuma foto do casamento de tio Saul e tia Anita, ao passo que meus pais tinham direito a três álbuns inteiros. Os primeiros retratos de Hillel datavam no máximo de seus cinco anos. Nos arquivos dos meus avós, parecia que, durante muito tempo, os Goldman-de-Baltimore não existiam.

Minha avó Ruth certamente imaginava que eu ia ficar trancado no guarda-móveis para sempre e que ela poderia fumar sossegada. Para seu grande desprazer, surgiu em seu pequeno apartamento com os braços abarrotados de álbuns de família.

— Markie, por que está me enchendo com tudo isso? Se eu soubesse, nunca teria falado sobre o guarda-móveis para você!

— Vovó, onde eles se meteram durante todos aqueles anos?

— Sobre o que está falando, meu querido? Sobre os álbuns?

— Não, sobre os Goldman-de-Baltimore. Antes de Hillel ter cinco anos, não há nenhuma foto dos Goldman-de-Baltimore...

A princípio, ela ficou um pouco irritada e fez um gesto para descartar a possibilidade de uma conversa.

— Ah — disse ela. — O que passou, passou. Melhor assim.

Voltei a pensar no estranho discurso de tio Saul no enterro do vovô.

— Mas, vovó — insisti —, é como se, num dado momento, eles tivessem desaparecido da face da Terra.

Ela deu um sorriso triste.

— Você nem imagina como se expressou bem, Markie. Nunca se perguntou como seu tio foi parar em Baltimore? Durante mais de dez anos, tio Saul e seu avô não se falaram.

As aulas da faculdade já tinham terminado quando, no fim de 2001, depois do enterro do meu avô, Woody voltou a Madison. Morria de saudades de Colleen.

Ela não estava no posto de gasolina. Uma garota que ele não conhecia a substituíra. Ele foi para as proximidades do bairro dela. Notou a caminhonete de Luke em frente à casa: ele estava lá. Encolheu-se dentro do seu carro e esperou. Não viu Colleen. Acabou passando a noite na rua.

Ao amanhecer, Luke saiu de casa. Carregava um saco. Entrou em sua caminhonete e arrancou. Woody o seguiu a uma boa distância. Chegaram aos escritórios da transportadora para a qual Luke trabalhava. Uma hora mais tarde, ele saiu dirigindo uma carreta. Woody teria pelo menos vinte e quatro horas de sossego.

Voltou à casa. Bateu à porta. Nenhuma resposta. Bateu mais uma vez, tentou observar o interior pelas janelas. O local parecia vazio. De repente, ouviu uma voz atrás dele que o fez se sobressaltar.

— Ela não está.

Ele se virou. Era a vizinha.

— Não entendi, senhora.

— Não está procurando a pequena Colleen?

— Sim, senhora.

— Ela não está.

— Sabe para onde ela foi?

A vizinha parecia desolada.

— Para o hospital, meu rapaz.

* * *

Woody correu até o hospital de Madison. Encontrou-a na cama, com o rosto inchado e um aparelho ortopédico no pescoço. Fora severamente espancada. Quando o viu, seus olhos se iluminaram.

— Woody!

— Shiu, fique quieta.

Quis beijá-la, tocá-la, mas teve medo de que pudesse machucá-la.

— Achei que você nunca mais voltaria, Woody.

— Estou aqui agora.

— Desculpe ter te expulsado. Preciso de você.

— Não vou a lugar algum. Estou aqui agora.

* * *

Woody sabia que, se não fizesse nada, Luke acabaria matando a garota. Mas como poderia protegê-la? Pediu ajuda a Hillel, que foi se aconselhar com tio Saul e Patrick Neville. Woody tinha ideias mirabolantes para aniquilar Luke: plantar uma arma e um pouco de maconha em seu carro e chamar a polícia federal. Mas todas as pistas remontariam a ele. Hillel sabia que, para encurralar legalmente Luke, era preciso fazê-lo sair da jurisdição de seu pai. Então teve uma ideia.

1^o de julho de 2001.

Colleen saiu de casa no início da tarde. Colocou sua bolsa no porta-malas e partiu. Uma hora mais tarde, Luke entrou. Encontrou o bilhete que ela deixara para ele na mesa da cozinha.

Fui embora. Quero o divórcio.

Se estiver disposto a conversar com calma, estou na pousada Days Inn na rodovia 38.

Ele ficou louco de raiva. Ela queria conversar? Pois ia ver só. Ele ia fazê-la perder essa vontade. Correu para o carro e dirigiu feito um louco até a pousada. Logo viu o veículo dela estacionado em frente a um quarto. Precipitou-se até lá e bateu à porta.

— Colleen! Abra para mim.

Ela sentiu um frio na barriga.

— Luke, só abro se você estiver calmo.

— Abra essa porta imediatamente.

— Não, Luke.

Ele bateu com toda a força na porta. Colleen não conseguiu reprimir um grito.

Hillel e Woody estavam no quarto ao lado. Hillel pegou o telefone e chamou a polícia. Um telefonista atendeu.

— Tem um sujeito espancando a esposa — explicou Hillel. — Acho que vai matá-la...

Luke continuava do lado de fora, chutando e socando furiosamente a porta. Hillel, após desligar, conferiu o relógio de pulso, esperou passar um minuto e então fez um sinal a Woody, que ligou para o quarto de Colleen. Ela atendeu.

— Está pronta, Colleen?

— Estou.

— Vão ocorrer...

— Eu sei.

— Você é muito corajosa.

— Estou fazendo isso por nós dois.

— Te amo.

— Eu também.

— Agora vá.

Ela desligou. Respirou fundo e então abriu a porta. Luke se jogou em cima dela e começou a surrá-la. Gritos ecoaram no estacionamento da pousada. Woody saiu do quarto, pegou uma faca no bolso e furou o pneu traseiro da caminhonete de Luke, antes de fugir, com um frio na espinha.

Mais socos. E nada da sirene da polícia.

— Pare! — suplicou Colleen aos prantos, se contorcendo no chão em posição fetal para se proteger dos chutes.

Luke a ergueu pelo cabelo, considerando que ela já tivera o que merecia. Arrastou-a para fora do quarto e a obrigou a entrar na caminhonete. Os hóspedes do hotel, alertados pelos gritos, saíram dos quartos, mas não ousaram intervir.

Finalmente, ouviram-se as sirenes. Duas viaturas de polícia chegaram no momento em que Luke arrancava a toda velocidade do estacionamento. Não foi muito longe, retido pelo pneu furado. Foi preso em poucos minutos.

Ao dirigir até a pousada, ele atravessara a fronteira do estado de Nova York. Era lá que ficaria preso, enquanto aguardava julgamento por agressão e sequestro.

Colleen passou um tempo hospedada na casa dos Goldman, em Baltimore. Foi um renascimento para ela. Durante aquele mês de agosto, ela foi com a gente, Hillel, Woody e eu, para a Flórida. Nossa avó precisava de ajuda para arrumar as coisas de vovô.

Não era preciso quatro pessoas para fazer a triagem nos documentos e livros que nosso avô deixou. Então falamos para Woody e Colleen irem aproveitar um tempo juntos sozinhos. Eles alugaram um carro e foram para as Florida Keys.

Hillel e eu passamos uma semana enfiados na papelada deixada pelo nosso avô.

Tínhamos combinado que eu cuidaria dos arquivos e Hillel, dos documentos legais. Como encontrei o testamento do vovô numa gaveta, entreguei-o ao meu primo, sem sequer ler.

Hillel o examinou atentamente. Depois fez uma expressão esquisita.

— Tudo bem? — perguntei. — Você ficou estranho de repente.

— Tudo bem. É o calor. Vou tomar um pouco de ar na sacada.

Reparei quando ele dobrou o documento e saiu do quarto, levando-o consigo.

No início de setembro de 2001, Luke foi condenado a três anos de prisão no estado de Nova York. Foi uma libertação para Colleen, que, ao mesmo tempo, entrou com um pedido de divórcio. Ela podia voltar tranquilamente para Madison.

Esse momento coincidia com o início do nosso quarto e último ano na faculdade. Aquele durante o qual o estádio BurgerShake de Madison se tornou estádio Saul Goldman.

Eu me lembro da cerimônia da mudança de nome, que aconteceu no sábado, 8 de setembro, e à qual assisti. Tio Saul estava radiante. Os melhores alunos da universidade estavam presentes. Uma cortina cobria as letras de metal maciço e, após o discurso do reitor, tio Saul puxou um barbante, que a soltou, revelando a nova identidade do local. Por uma razão que desconheço, a única pessoa ausente nesse dia foi tia Anita.

Alguns dias depois, Nova York sofreu os atentados de 11 de Setembro. Madison, como o restante do país, ficou em choque e foi um pouco o sucesso do Titans que levou os moradores a se afastarem da televisão e retornarem ao estádio.

* * *

Foi o começo de uma temporada excepcional para Woody. Ele estava em sua melhor forma. Naquele momento, nada prenunciava o que iria acontecer. Aquele ano devia ser o da consagração esportiva do Titans. Woody era uma fúria em campo. A temporada mal começara e a equipe de Madison já acabava com as estatísticas e emendava uma vitória atrás da outra, esmagando um a um os adversários. Suas atuações atraíam um público enorme, as partidas eram jogadas com o estádio lotado, e a cidade de Madison lucrava muito com isso: os restaurantes estavam sempre cheios; nas lojas, as camisas com as cores da equipe e as bandeiras eram disputadas. Um vento de loucura soprava na região: tudo indicava que naquele ano o Titans venceria o campeonato universitário.

Colleen estava entre as admiradoras de Woody e passou a se exibir orgulhosamente ao seu lado em Madison. Quando podia, fechava o posto de gasolina um pouco mais cedo e ia assistir aos treinos. Quando ele tinha tempo livre, a ajudava no trabalho. Arrumava o estoque, às vezes cuidava dos carros dos clientes, que diziam: “Se eu soubesse que era um campeão do futebol que encheria meu tanque hoje...”

Woody se tornou não apenas o ídolo de todos os alunos, mas também o queridinho da cidade de Madison, e a lanchonete chegava a oferecer no cardápio um hambúrguer com seu nome: o *Woody*. Era um sanduíche de quatro andares, com pão e carne suficiente para que nem sequer um guloso conseguisse devorá-lo. Quem fosse capaz, não pagava e ainda ganhava de brinde uma foto polaroide, que era imediatamente afixada na parede sob os gritos de comemoração dos outros clientes. E o dono do estabelecimento repetia orgulhosamente comentários sobre o hambúrguer: “Esse *Woody* é como o nosso Woody: ninguém pode com ele.”

Em Baltimore, por ocasião do jantar de Ação de Graças, Woody pediu a aprovação da família para mudar o nome em sua camisa de jogador e estampar “Goldman”. Todo mundo ficou totalmente animado e comovido. Pela primeira vez, ele nos transcendia: graças a ele, não éramos mais Montclair ou Baltimore, éramos Goldman. Finalmente estávamos reunidos sob a mesma bandeira.

Uma semana mais tarde, o *Madison Daily Star*, o jornal da cidade de Madison, publicou uma reportagem sobre os Baltimore, contando a história de Woody, Hillel, tia Anita e tio Saul, com uma foto dos quatro, sorridentes e felizes, segurando a camisa de

Woody com o nome *Goldman* estampado.

* * *

Enquanto todos os olhares estavam voltados para Woody, que se aproximava da glória esportiva, em Baltimore tio Saul e tia Anita mergulhavam lentamente na sombra, sem que ninguém percebesse.

Primeiro, tio Saul perdeu um processo muito importante, no qual trabalhava havia muitos anos. Ele defendera a causa de uma mulher que processava uma empresa de plano de saúde por se recusar a pagar o tratamento médico de seu pai diabético, que acabara falecendo. Tio Saul reivindicava para ela milhões em perdas e danos. O pleito foi rejeitado.

Em seguida, o clima ficou pesado entre ele e tia Anita. A princípio, ela quis saber sobre a enorme quantia que ele doara à Universidade de Madison para que o estádio ganhasse seu nome. Ele insistiu que não era grande coisa, que se entendera com o reitor. Ela não acreditou. O marido estava se comportando de maneira estranha. Afagar o próprio ego não era algo típico dele. Ela sabia que Saul era generoso, sempre solícito com os outros. Servia sopa para os pobres, nunca passava por um morador de rua sem dar alguma coisa. Mas nunca comentava sobre o assunto. Nunca se gabava. Era modesto, humilde, e por isso ela o amava. Quem era aquele homem que de repente quis ter seu nome num estádio de futebol?

Tia Anita começou a fazer o que nunca fizera em toda a sua vida em comum com o marido: revistou a escrivaninha dele, fuçou seus processos, leu sua correspondência e seus e-mails. Precisava descobrir a verdade. Como não encontrou nada em casa, aproveitou quando ele estava no tribunal para passar em seu escritório e se trancou ali sob um pretexto qualquer. Encontrou seus arquivos de contabilidade pessoal e, por fim, descobriu a verdade: tio Saul prometera seis milhões de dólares à Universidade de Madison. A princípio, ela não acreditou. Teve que reler os documentos várias vezes. Como seu marido pudera fazer algo do tipo? Por quê? E, sobretudo, com que dinheiro? O que ele estava escondendo dela? Anita teve a impressão de estar vivendo um pesadelo. Esperou o marido aparecer no escritório para exigir uma explicação, mas ele reagiu à sua descoberta com uma tranquilidade exagerada:

— Você não deve bisbilhotar minhas coisas. Principalmente aqui. São questões de sigilo profissional.

— Não tente desconversar, Saul. Seis milhões de dólares! Você prometeu seis milhões de dólares? De onde tirou todo esse dinheiro?

— Isso não é da sua conta!

— Você é meu marido, Saul! Como não é da minha conta?

— Você não entenderia.

— Fale, Saul, estou implorando. Onde arranjou todo esse dinheiro? O que está escondendo de mim? Por acaso você tem alguma ligação com o crime organizado?

Ele caiu na gargalhada.

— De onde tirou isso? Agora me deixe sozinho, por favor. Já é tarde e ainda tenho que trabalhar.

* * *

Não percebi nada do que estava acontecendo. Quando eu não estava na faculdade, ficava com Alexandra. Eu era extremamente feliz ao seu lado. Ela me conhecia melhor do que ninguém, me compreendia melhor do que ninguém. Era capaz de ler meus pensamentos, adivinhar o que eu ia dizer antes de abrir a boca.

Já fazia um ano que ela se formara na universidade e tentava entrar no mundo da

música, mas sua carreira não deslanchava. Eu não gostava muito do produtor com quem ela passara a trabalhar. Eu achava que ele estava mais preocupado em promover a imagem dela do que a música. Ele afirmava que as coisas estavam correlacionadas, mas eu não concordava. Ainda mais considerando o talento de Alexandra. Tentei lhe dizer isso, tentei forçá-la a escutar a si mesma antes de qualquer coisa. Suas composições eram excelentes: seu produtor, em vez de ajudá-la a ir em frente, perdia tempo freando sua criatividade para encaixá-la num molde pré-fabricado, supostamente do agrado da maioria. Estrutura: introdução, estrofe, refrão, segunda estrofe, refrão, transição, pré-refrão, refrão final. O primeiro refrão durava um minuto. Os produtores cometiam com a música o mesmo sacrilégio que cometiam com livros e filmes: eles a pasteurizavam.

Às vezes ela era derrotada pelo desânimo. Repetia que não chegaria a lugar algum. Que era melhor desistir. Eu tentava animá-la: saía da faculdade e ia passar a noite em Nova York. Em geral, eu a encontrava triste, confinada no quarto. Eu a incentivava a mudar, a pegar seu violão, e a levava para tocar no palco de um bar. Todas as vezes era a mesma coisa: ela arrebatava o público. Os aplausos entusiasmados no encerramento da sua apresentação melhoravam seu humor. Ela saía radiante do palco. Íamos jantar. E ela estava novamente feliz. Voltava a ser aquela tagarela que eu tanto amava. Deixara a tristeza de lado.

O mundo nos pertencia.

* * *

Eu viajava quase todos os fins de semana para Madison com o intuito de ver Woody jogar. Nas arquibancadas do estádio Saul Goldman, eu me juntava ao grupo de torcedores privilegiados: tio Saul, tia Anita, Patrick Neville, Hillel, Alexandra e Colleen.

Após aquela série de vitórias, começou a circular um boato: os olheiros das maiores equipes da NFL vinham observando Woody nas últimas semanas. Patrick revelou que representantes do Giants apareceriam. Tio Saul garantiu que os executivos do Ravens acompanhavam atentamente o Titans. Nas noites de jogo, da arquibancada do estádio Saul Goldman, Hillel tentava identificar os olheiros e depois corria até o vestiário para informar Woody.

— Woody, vi pelo menos um! — exclamou ele certa noite. — Estava fazendo anotações, pendurado no celular. Eu o segui até o estacionamento... o carro tinha placa de Massachusetts. Você sabe o que isso quer dizer, não é?

— O New England Patriots? — perguntou Woody, sem se atrever a acreditar.

— O New England Patriots, cara! — exultou Hillel.

Sob a comemoração dos outros jogadores, que trocavam de roupa, eles se abraçaram.

Em duas ocasiões, ao fim de uma partida vitoriosa, tio Saul e tia Anita foram diretamente abordados por olheiros de equipes renomadas. Na noite em que o Titans atropelou o Cleveland Cougars — a outra equipe invicta do campeonato naquela temporada e que fora campeã no ano anterior —, Patrick Neville foi atrás de Woody no vestiário junto do olheiro do New England Patriots, notado semanas antes por Hillel. O homem entregou seu cartão a Woody e lhe disse:

— Mocinho, o Patriots ficaria muito feliz de contar com você em nossas linhas.

— Ai, meu Deus! Obrigado, senhor — respondeu Woody. — Não sei o que dizer. Preciso falar com Hillel.

— Hillel é seu agente? — perguntou o olheiro.

— Não, Hillel é meu amigo. Na verdade, não tenho um agente.

— Posso ser seu agente — ofereceu Patrick espontaneamente. — Sempre sonhei em fazer isso.

— Mas é claro — respondeu Woody. — Você faria isso?

— Óbvio que sim.

— Então vou deixar você negociar com meu agente — disse Woody, sorrindo. O olheiro apertou calorosamente a mão dele.

— Boa sorte, rapaz. Tudo o que você precisa fazer é ganhar esse campeonato. Nós nos vemos na NFL.

Naquela noite, contrariando seus hábitos, Hillel e Woody não comemoraram a vitória com o restante da equipe. Trancados em seu quarto com Patrick, que estava levando muito a sério seu novo papel de agente, discutiram as possibilidades que surgiam para Woody.

— Temos que tentar assinar uma opção antes do fim do ano — disse Patrick. — Se for campeão, isso não vai ser nada difícil para você.

— Na sua opinião, estamos falando de uma primeira oferta de quanto? — perguntou Hillel.

— Depende. Mas no mês passado o Patriots ofereceu sete milhões de dólares a um jogador universitário.

— Sete milhões de dólares? — balbuciou Woody.

— Sete milhões de dólares — repetiu Patrick. — E, acredite em mim, garoto, você não vale menos. E se não for esse ano, será ano que vem. Sua carreira não me preocupa.

Depois que Patrick foi embora, Woody e Hillel ficaram acordados a noite toda. Deitados na cama, com os olhos arregalados, estavam zonzos com o possível valor do contrato.

— O que você vai fazer com toda essa grana? — perguntou Hillel.

— Vamos dividir. Metade para você, metade para mim.

Hillel sorriu.

— Por que você faria isso?

— Porque você é como se fosse meu irmão, e irmãos dividem tudo.

* * *

No começo de dezembro de 2001, quando tinham acabado de chegar às semifinais do campeonato, o Titans foi submetido a um controle antidoping pela Liga de Futebol Americano.

Uma semana mais tarde, Woody não apareceu na aula de economia depois do treino de manhã. Hillel tentou em vão falar com ele pelo celular. Decidiu ir até o estádio, mas, enquanto atravessava o campus, viu o Chevrolet Yukon preto de Patrick Neville estacionando em frente ao prédio da administração. Hillel entendeu que alguma coisa acontecera. Correu até Patrick.

— O que houve, Patrick?

— Woody não lhe contou?

— O que ele deveria ter me contado?

— Ele foi pego no teste antidoping.

— O quê?

— Esse imbecil se dopou.

— Patrick, isso é impossível!

Hillel seguiu Patrick até a sala do reitor. Lá dentro, além deste último, estava Woody, prostrado numa cadeira e, em frente a ele, um representante da Liga Universitária de Futebol Americano.

Ao ver Patrick entrar, Woody se levantou da cadeira com uma expressão de súplica.

— Não estou entendendo, Patrick! — exclamou ele. — Juro que não tomei nada!

— O que está acontecendo? — interrogou Patrick.

O reitor apresentou Patrick ao representante da Liga como sendo o agente de

Woody, depois lhe pediu para resumir a situação.

— O teste de Woodrow deu positivo para pentazocina. A prova e as contraprovas deram resultados idênticos. Isso é muito sério. A pentazocina é um derivado da morfina, uma substância estritamente proibida pela Liga.

— Mas eu não tomei nada! — gritou Woody. — Juro! Por que eu faria uma coisa dessas?

— Woody, pare com esse teatro, por favor! — exigiu o representante. — Sua performance era boa demais para ser verdadeira.

— Peguei um resfriado recentemente e o médico me passou algumas vitaminas. Tomei o que ele receitou. Por que eu teria tomado essa merda?

— Porque você se lesionou.

Houve um breve silêncio.

— Quem lhe contou isso? — perguntou Woody.

— O médico do time. Você teve uma tendinite no braço. E rompeu um ligamento do ombro.

— Eu me envolvi numa briga na primavera passada. Fui espancado por policiais! Mas isso tem pelo menos oito meses!

— Pode me poupar das suas mentiras, Woody — interrompeu o homem.

— É verdade, juro!

— Ah, é? Você não foi vítima de um excesso de treinos durante o verão? Tenho um relatório do médico do time afirmando que, depois de dores incessantes, ele pediu uma ressonância do seu braço que revelou uma tendinite relativamente grave, o que ocorreu, segundo ele, devido a um excesso de esforços repetitivos.

Woody se sentiu acuado. Seus olhos ficaram marejados.

— É verdade, o médico queria que eu desse um tempo — explicou ele. — Mas eu me sentia em condições de jogar. Conheço meu corpo! Eu ia me tratar depois do campeonato. Acha que eu teria feito a estupidez de me dopar logo antes das semifinais?

— Acho — respondeu o representante da Liga. — Porque você estava muito mal para jogar sem um anestésico. Acho que você tomou Talacen para poder jogar. Todo mundo sabe que é um medicamento eficaz e os vestígios desaparecem rapidamente do sangue. Acho que você sabia perfeitamente disso e pensou que se interrompesse um pouco as doses antes da final do campeonato não encontraríamos nada no teste antidoping. Por acaso estou enganado?

Houve um longo silêncio.

— Woody, você tomou essa merda? — perguntou Patrick, por fim.

— Não! Juro! O médico deve ter se enganado quando fiquei doente!

— O médico não receitou Talacen para você, Woodrow — respondeu o representante. — Nós verificamos. Eram vitaminas.

— Então foi o farmacêutico ao pegar os comprimidos!

— Chega, Woodrow! — ordenou o reitor. — Você desonrou esta universidade.

Pegou na estante um porta-retratos com a capa da revista da faculdade que estampava o rosto de Woody e a jogou no lixo.

Patrick Neville se virou para o reitor.

— O que vai acontecer agora?

— Vamos conversar. Mas você entende que é uma situação extremamente séria. Para esse tipo de caso, o regulamento da Liga prevê a suspensão do jogador; e o regulamento de Madison, a expulsão da universidade.

— Você já assinou com o New England Patriots? — perguntou o representante.

— Não.

— Melhor assim, porque se houvesse assinado eles poderiam exigir uma indenização por dano à sua imagem. — Após um silêncio opressivo, o representante prosseguiu: — Sr. Neville, conversei bastante com o reitor. Isso pode manchar não só

a reputação de Madison, mas também a do campeonato. Todo mundo assistiu às proezas de Woody. Se o público souber que ele se dopou, todos nós sofreremos um imenso prejuízo e queremos evitar a todo custo uma situação dessas. Mas não podemos fechar os olhos...

— O que sugere, então?

— Um acordo aceitável para todos. Diga que Woody se machucou. Sofreu uma lesão grave que vai obrigá-lo a parar de jogar. Em troca, a Liga não levará a investigação adiante e a reputação de Madison continuará intacta. Isso significa que o conselho de disciplina da universidade não terá que se debruçar sobre o caso de Woodrow e ele poderá terminar seus estudos aqui.

— Lesionado por quanto tempo?

— Para sempre.

— Se ele não jogar mais, nenhum clube da NFL vai querê-lo.

— Sr. Neville, acho que não compreendeu a gravidade da situação. Se vocês recusarem, abriremos um processo disciplinar e todo mundo vai saber. Em caso de processo disciplinar, Woody será expulso do time e certamente da universidade também. Vocês poderiam recorrer, mas perderiam, porque os testes são categóricos. Estou oferecendo a oportunidade de enterrar toda essa história agora. Uma mão lava a outra. A reputação do Titans é salva e Woody termina o curso.

— Mas a carreira dele no futebol americano estará encerrada — disse Patrick.

— Sim. Se esse acordo lhe parecer aceitável, dou vinte e quatro horas para você convocar uma entrevista coletiva e anunciar que Woody sofreu uma lesão no treino e nunca mais jogará futebol americano.

O representante saiu da sala. Woody apoiou a cabeça nas mãos, mudo de aflição. Patrick e Hillel se isolaram.

— Patrick — disse Hillel —, deve haver alguma coisa que a gente possa fazer! Que história maluca!

— Hillel, ele nunca deveria ter tomado Talacen.

— Mas ele nunca tomou essa merda!

— Hillel, duvido que o farmacêutico tenha se enganado na hora de lhe dar as vitaminas. E as lesões foram constatadas.

— Então vamos admitir que ele tomou Talacen, afinal não passa de um anestésico!

— É um produto proibido pela Liga.

— Podemos entrar com recurso!

— Você ouviu: ele vai perder. Sei disso e você também. Ele só tem uma chance para salvar seu lugar na faculdade. Se entrar com recurso, o caso do doping se tornará público. Ele vai perder tudo: a universidade vai expulsá-lo e nenhuma outra aceitará matriculá-lo. Ele é um garoto muito talentoso, precisa terminar os estudos. Pelo menos, com esse acordo, ele se salva.

Nesse instante, Woody saiu da sala e parou diante de Hillel e Patrick. Enxugando as lágrimas com o dorso do braço, disse:

— Não vamos entrar com recurso. Não quero que isso seja divulgado. Não quero que Saul e Anita saibam de nada. Eu ficaria muito envergonhado se eles soubessem a verdade. Uso Goldman na camisa. Não vou mais manchar esse nome.

Patrick convocou uma entrevista coletiva para o dia seguinte.

Senhoras e senhores, fui encarregado de lhes comunicar sobre uma fatalidade para a Universidade de Madison e a equipe do Titans. Nosso promissor capitão, Woodrow Finn, se lesionou gravemente durante um treino individual na sala de musculação. Ele rompeu os ligamentos do ombro e do braço e provavelmente não poderá mais jogar futebol americano. Um novo capitão será nomeado para o seu lugar. Desejamos a Woody uma pronta recuperação e

nossos melhores votos para a reestruturação de sua carreira.

A pedido de Woody, guardamos segredo. Além de Patrick Neville, os únicos que ficaram sabendo a verdade sobre o fim de sua carreira no futebol americano foram Hillel, Alexandra, Colleen e eu.

No dia da entrevista coletiva, tia Anita e tio Saul correram para Madison, onde ficaram durante alguns dias. Ignorando as verdadeiras razões da aposentadoria precoce de Woody, cismaram que precisavam cuidar dele. “Vamos reerguê-lo”, prometeu tio Saul. Woody argumentava que sentia muitas dores para voltar a jogar algum dia. Tia Anita insistiu para que fizessem radiografias, as quais revelaram lesões graves: os ligamentos do braço e do ombro estavam terrivelmente comprometidos, e uma ressonância magnética apontou inclusive para o início de um rompimento.

— Woody, meu anjo, como você conseguiu jogar nesse estado? — perguntou tia Anita, espantada.

— Por isso não jogo mais.

— Não sou especialista — disse ela —, vou pedir conselhos aos meus colegas no Hospital Johns Hopkins. Mas não acho que é irreversível. Temos que acreditar nisso, Woody!

— Não acredito mais. Perdi a vontade.

— O que está acontecendo, querido? — perguntou tio Saul, inquieto. — Você parece muito deprimido. Mesmo que tenha de parar por alguns meses, ainda temos a esperança de que algum clube te contrate.

* * *

Embora tenha confessado que sua lesão ocorreu durante um treino no verão, Woody jurou para nós que nunca havia tomado Talacen. Porém, os resultados das radiografias indicavam que ele não teria condições de jogar sem anestésico. Para ele, a única explicação possível era que o médico da equipe teria misturado as substâncias ao receitar as vitaminas para curar sua gripe.

— A história dele não se sustenta — falei a Alexandra. — Mal consegue segurar um garfo à mesa. Fico me perguntando se ele não tomou Talacen por conta própria.

— Por que mentiria para a gente?

— Talvez porque não assuma.

Ela fez uma careta.

— Duvido.

— Claro que você duvida! Aceita tudo o que ele fala! Não para de mimá-lo!

— Por acaso está com ciúmes dele, Markie?

Imediatamente me arrependi do que acabara de dizer.

— Não, de jeito nenhum — respondi, num tom inseguro.

— Markikette, juro que no dia em que perder sete milhões de dólares e uma carreira de jogador profissional por causa de um médico maluco que confundiu os remédios você terá direito a uma atenção pelo menos tão grande quanto a que estou dedicando a Woody.

* * *

Woody nunca terminou seus estudos.

Durante as férias de inverno, depois da sua expulsão do Titans, Hillel e eu tentamos animá-lo um pouco, sem muito sucesso. Na volta às aulas, deprimido, ele foi para Madison e não conseguiu transpor os limites do campus. Parou o carro assim que surgiram os primeiros prédios.

— O que está fazendo? — perguntou Hillel, que estava no carro com ele.
— Não consigo...
— Não consegue o quê?
— Tudo isso... — murmurou, indicando com a mão o estádio Saul Goldman que surgia diante dele.

Saiu do carro.

— Vá na frente — disse ele a Hillel. — Já vou. Preciso caminhar um pouco.

Hillel obedeceu, sem entender direito. Woody não apareceu. Ele precisava de amor e ternura. Andou até o posto de gasolina e procurou refúgio com Colleen. Não se separou mais dela. Acomodou-se em sua casa e ocupou seus dias trabalhando com ela no posto. Ela passou a ser a razão de sua presença em Madison. Se não fosse ela, teria fugido para bem longe.

Hillel ia visitá-lo todos os dias. Levava um resumo das aulas e tentava fazer com que Woody não abandonasse tudo tão perto do seu objetivo.

— Woody, faltam poucos meses para você terminar a faculdade. Não desperdice essa chance...

— Não tenho mais ânimo, Hill. Não acredito mais em mim. Não acredito mais em nada.

— Woody... você se dopou?

— Não, Hillel. Juro. É por isso que não quero mais voltar para aquela universidade de mentirosos. Não quero mais nada deles. Eles me destruíram.

* * *

Algumas semanas mais tarde, na quinta-feira, 14 de fevereiro de 2002, Woody decidiu ir pela última vez à faculdade para pegar suas coisas no quarto que dividira com Hillel.

Colleen emprestou seu carro e, assim que anoiteceu, ele foi até o campus. Tentara encontrar Hillel, mas não conseguira. Sem dúvida, estava estudando na biblioteca.

Bateu à porta do seu antigo quarto. Nenhuma resposta. Ele ainda tinha a chave: pegou-a no bolso, girou-a na fechadura e abriu. Estava vazio.

De repente se sentiu nostálgico. Ele se sentou em sua cama e contemplou o quarto. Depois fechou os olhos por um instante: se imaginou mais uma vez no campus, num dia de sol forte, passeando com Hillel e Alexandra, atraindo os olhares de todos. Após o momento de devaneio, abriu a grande mochila que trouxera e começou a guardar seus pertences, alguns livros, porta-retratos, um abajur de que ele gostava e que trouxera de Oak Park, seus tênis de corrida. Em seguida, abriu o armário, onde ficavam suas roupas e as de Hillel. As três prateleiras de cima eram as suas. Ele as esvaziou. Depois recuou alguns passos e observou o armário aberto, sentindo uma enorme tristeza: era a primeira vez que deixava Hillel por vontade própria.

De tanto olhar, ficou com a impressão de ter notado algo no fundo da última prateleira, que pertencia a Hillel. Aproximou-se e notou um saco de papel escondido atrás das pilhas de roupas. Sem saber direito por quê, resolveu conferir o que era. Alguma coisa chamou sua atenção. Afastou as roupas, pegou o saco e o abriu. Ficou pálido e de repente estremeceu.

Tio Saul só fora duas vezes à casa dos meus pais em Montclair. Eu sei porque durante muito tempo minha mãe se queixou de que ele nunca pusera os pés lá em casa. Às vezes eu a ouvia se exaltar com meu pai sobre isso, principalmente quando era preciso organizar as festas de família.

— Ora, Nathan, seu irmão nunca colocou os pés aqui! Você não acha isso estranho? Ele nem faz ideia de como é a nossa casa.

— Mostrei algumas fotos para ele — retrucava meu pai.

— Não banque o idiota comigo, por favor!

— Deborah, você sabe por que ele não vem.

— Sei, e isso me deixa ainda mais irritada! Vocês são realmente insuportáveis com essas briguinhas de família idiotas!

Por muito tempo eu não soube a que minha mãe se referia. Já tinha tentado participar da conversa:

— Por que o tio Saul não quer vir aqui?

— Isso não tem importância — respondia minha mãe todas as vezes. — É besteira.

* * *

A primeira vez foi em junho de 2001, por ocasião da morte do vovô. Quando minha avó telefonara para comunicar seu falecimento, ele viera espontaneamente à nossa casa.

A segunda vez foi na quinta-feira, 14 de fevereiro de 2002, depois que tia Anita se separou dele.

* * *

Nesse dia, cheguei a Montclair no fim da tarde. Era Dia dos Namorados e eu saíra da aula na faculdade e pegara a estrada para Nova York, onde passaria a noite com Alexandra. Como fazia tempo que eu não via meus pais, fiz um desvio por Montclair para dar um beijo neles e conversar um pouco.

Quando cheguei, vi o carro do meu tio estacionado em nossa rua. Corri para casa, mas minha mãe me interceptou na entrada.

— O que o tio Saul está fazendo aqui? — perguntei, inquieto.

— Markie, querido, não entre na cozinha.

— Mas, afinal, o que está havendo?

— É a tia Anita...

— O que tem a *tia Anita*?

— Ela largou seu tio. Foi embora.

— Foi embora? Como assim, *foi embora*?

Eu quis telefonar para Hillel, mas minha mãe me dissadiu.

— Não meta Hillel nisso por enquanto — disse ela.

— Mas o que aconteceu?

— Vou explicar tudo, Markie, prometo. Seu tio vai passar o fim de semana aqui, no seu quarto, se você deixar.

Quis dar um beijo nele, mas, quando estava prestes a entrar na cozinha, pelo vão da porta eu o vi chorando. O grande, o imenso, o todo-poderoso Saul Goldman em lágrimas.

— Talvez você devesse encontrar Alexandra — murmurou gentilmente minha mãe.

— Acho que seu tio precisa de um pouco de sossego.

Não fui embora, eu fugi. Não deixei Montclair porque minha mãe me aconselhara, mas porque, naquele dia, eu tinha visto meu tio chorar. Ele era como Sansão, que havia sido tão forte, mas bastara cortar seu cabelo.

Fui encontrar Alexandra, a mulher da minha vida, com quem tudo andava melhor. Como eu sabia que ela detestava a cafonice do Dia dos Namorados, programei uma noite sem jantar de cinco pratos nem rosas vermelhas. Fui buscá-la no estúdio, onde ela estava gravando uma nova demo, e depois nos trancamos num quarto do Waldorf Astoria para ver filmes, fazer amor e sobreviver graças ao serviço de quarto. Em seus braços, eu estava protegido do que estava prestes a acontecer.

* * *

Nessa mesma noite de 14 de fevereiro de 2002, Woody esperou, sentado na cama, Hillel voltar ao quarto. Já passava das dez horas quando ele chegou.

— Porra, Woody, você me dá medo! — disse Hillel, sobressaltando-se ao abrir a porta. Woody não respondeu nada. Limitou-se a encará-lo. — Woody? Está tudo bem?

O rapaz apontou para o saco de papel ao seu lado.

— Por quê?

— Woody... Eu...

Woody se levantou num pulo e agarrou Hillel pela gola do casaco. Imprensou-o brutalmente na parede.

— Por quê? — repetiu, aos berros.

Hillel o encarou e o desafiou.

— Bata em mim, Woody. É tudo o que você sabe fazer mesmo...

Woody moveu o punho e o manteve parado no ar por bastante tempo, com os dentes cerrados, o corpo tremendo. Depois gritou de raiva e fugiu. Correu até o estacionamento e entrou no carro de Colleen. Arrancou intempestivamente. Precisava desabafar com alguém de confiança, e a única pessoa que passou pela sua cabeça foi Patrick Neville. Seguiu em direção a Manhattan. Tentou falar com ele, mas seu celular estava desligado.

Eram onze da noite quando chegou diante do edifício de Patrick Neville. Estacionou o carro na calçada do lado oposto, atravessou a rua sem prestar atenção e entrou no prédio. O porteiro da noite o deteve.

— Preciso ir ao apartamento de Patrick Neville. É urgente.

— O Sr. Neville está esperando você?

— Interfone para ele! Interfone, caramba!

O porteiro interfonou para o apartamento de Patrick Neville.

— Boa noite, senhor, desculpe incomodá-lo, mas há um cavalheiro...

— Woody — disse ele.

— ... Sr. Woody... Muito bem.

* * *

O porteiro desligou e indicou o elevador para Woody. Ao chegar ao vigésimo terceiro andar, ele correu até a porta dos Neville. Patrick, que o vira chegar pelo olho mágico, abriu antes que ele tocasse a campainha.

— Woody, o que está acontecendo?

— Preciso falar com você.

Ele percebeu certa hesitação no olhar de Patrick.

— Devo estar atrapalhando...

— Não, de forma alguma — respondeu Patrick.

Woody parecia transtornado, ele não podia deixá-lo daquele jeito. Fez o garoto entrar e o levou para a sala. Ao passar, Woody notou uma mesa arrumada para o Dia dos Namorados, com velas, um grande buquê de rosas, champanhe num balde e duas taças cheias e intactas.

— Desculpe, Patrick, eu não sabia que você tinha visita. Já estou de saída.

— Não antes de me contar o que está acontecendo. Sente-se.

— Mas eu interrompi seu...

— Não se preocupe — disse Patrick. — Fez bem em vir. Vou pegar alguma coisa para você beber e depois vai me contar tudo.

— Eu queria um café.

Patrick foi até a cozinha, deixando Woody sozinho na sala. Olhando à sua volta, o garoto notou subitamente um casaco feminino e uma bolsa deixados em uma poltrona. A namorada de Patrick, pensou Woody. Ela devia ter ido se esconder num dos quartos. Ele não sabia que Patrick estava com alguém. Contudo, de repente teve a impressão de que reconhecia aquele casaco. Perturbado, ficou de pé e se aproximou. Viu uma carteira na bolsa, que pegou e abriu. Puxou um cartão de crédito qualquer e sentiu vontade de vomitar. Não era possível. Ela, não. Quis se certificar e correu em direção aos quartos. Naquele instante Patrick saiu da cozinha.

— Aonde você vai, Woody? Espere!

Largou a bandeja com duas xícaras de café e foi atrás dele. Mas Woody já estava no pequeno corredor e abria atabalhoadamente as portas dos cômodos. E quem encontrou no quarto de Patrick? Tia Anita.

— Woody? — exclamou ela.

Ele ficou mudo, aterrado. Patrick se aproximou dele.

— Não é o que você está pensando — disse. — Vamos explicar tudo.

Woody o empurrou para abrir caminho e fugiu. Tia Anita saiu correndo atrás dele.

— Woody! — gritou. — Woody! Eu imploro, pare!

Para não ter que esperar o elevador, ele desceu pela escada. Tia Anita pegou o elevador. Quando ele chegou ao térreo, ela já o esperava. Tentou abraçá-lo.

— Woody, meu anjo, espere!

Ele se desvencilhou dela.

— Trate de me deixar em paz! Você não passa de uma puta! — Continuou fugindo e depois gritou: — Vou contar para o tio Saul!

Ela correu atrás dele.

— Woody, eu imploro!

Ele passou pelo portão do prédio, voou em direção à calçada, atravessou a rua sem olhar e alcançou seu carro. Queria fugir para bem longe. Tia Anita se precipitou atrás dele sem ver a caminhonete que vinha a toda velocidade e que a acertou em cheio.

TERCEIRA PARTE

O livro dos Goldman (1960-1989)

Passei todo o mês de abril colocando a casa do meu tio em ordem. No início, eu apenas organizara alguns documentos ao acaso, depois comecei uma arrumação mais meticulosa.

Todas as manhãs, eu deixava meu paraíso de Boca Raton para atravessar a selva de Miami até chegar às ruas tranquilas de Coconut Grove. Toda vez que eu parava em frente à casa, tinha a impressão de que ele estava ali, que me esperava na varanda como fizera durante tanto tempo. Mas logo eu deparava com a realidade da porta trancada, que era preciso abrir, e da casa, que, apesar da presença regular de uma faxineira, cheirava a mofo.

Comecei pelo mais fácil: suas roupas, toalhas de banho e utensílios de cozinha, que coloquei em caixas de papelão e doei para instituições de caridade.

Depois parti para os móveis, o que foi mais complicado: poltronas, vasos, cómodas, me dei conta de que tudo me evocava alguma coisa dele. Meu tio não guardara nenhuma lembrança de Oak Park, mas eu recriara as minhas recordações daqueles cinco anos em que passei tanto tempo com ele naquela casa.

Por fim, peguei as fotos e os objetos pessoais. Dentro dos armários encontrei caixas cheias de retratos da família. Mergulhei naquelas fotos como se mergulhasse na piscina do tempo, reencontrando com certa felicidade os Goldman-de-Baltimore que não existiam mais. Porém, quanto mais os contemplava, mais perguntas eu tinha.

* * *

De tempos em tempos, eu fazia uma pausa e ligava para Alexandra. Era raro ela atender. Quando o fazia, ficávamos em silêncio. Mas assim que ela atendia, eu lhe dizia simplesmente:

— Oi, Alexandra.

— Oi, Markie.

Depois mais nada. Eu achava que tínhamos tanto a dizer um para o outro que nem sequer sabíamos por onde começar. Durante sete longos anos, havíamos nos falado todos os dias, sem exceção. Quantas noites passamos ao telefone! Quantas vezes, quando eu a levava para jantar fora, tínhamos sido os últimos à mesa, sempre conversando, enquanto os garçons varriam o salão e se preparavam para fechar as portas! Após tanto tempo de saudade mútua, por onde devíamos começar a contar nossas histórias? Pelo silêncio. Um silêncio poderoso, quase mágico. Um silêncio que aplacara as feridas da morte de Scott. Em Coconut Grove, eu me sentava na varanda, ou sob o alpendre, e imaginava Alexandra em sua sala em Beverly Hills, diante de imensas sacadas envidraçadas com vista para Los Angeles.

Certo dia, acabei quebrando o gelo.

— Eu queria estar com você — falei.

— Por quê?

— Porque amo muito seu cachorro.

Ouvi sua gargalhada.

— Imbecil.

Sei que ela sorria quando dizia essa palavra. Como fizera durante tanto tempo sempre que eu bancava o idiota com ela.

— Como está o Duke? — perguntei.

— Está bem.

- Sinto saudade.
- Ele também sente de você.
- Talvez eu pudesse revê-lo.
- Talvez, Markie.

Pensei que, enquanto ela dissesse *Markie*, havia esperança. Depois eu a ouvi fungar. Ela não disse mais nada. Entendi que estava chorando. Eu me odiei por fazê-la sofrer tanto, mas não podia desistir dela.

Subitamente, ouvi um chiado no aparelho, uma porta se abrindo. Depois uma voz masculina: Kevin. Ela desligou no mesmo instante.

* * *

A primeira vez que tivemos uma conversa de verdade foi cerca de uma semana mais tarde, após eu ter encontrado, na casa de tio Saul, o artigo do *Madison Daily Star* dedicado a Woody com uma foto dele rodeado por Hillel, tio Saul e tia Anita.

Mandeí uma mensagem de texto para ela:

Tenho uma pergunta importante para lhe fazer sobre os anos em Madison.

Ela me ligou algumas horas depois. Estava no carro, e desconfieí que tinha saído de casa para conversar com mais tranquilidade.

— Você queria me fazer uma pergunta — disse ela.

— Sim. Queria saber por que me proibiu de ir para Madison, e não fez a mesma coisa com Woody e Hillel?

— É essa a pergunta importante, Marcus?

Eu não gostava quando ela dizia Marcus.

— É.

— Afinal, Marcus, como eu poderia saber que tinha sido por minha causa que eles foram estudar em Madison? É verdade que adorei quando vi os dois chegarem ao campus. Desde o nosso encontro nos Hamptons, eu sentia um carinho muito especial por eles. Havia um sentimento bem forte entre nós três e, quando eu não estava na aula, passava a maior parte do tempo com eles. Só depois descobri a rivalidade dos dois.

— Rivalidade?

— Você sabe muito bem, Markie. Surgiu uma rivalidade entre eles. Era inevitável. Eu me lembro do rigor dos treinos a que Woody se submetia em Madison. Quando ele não estava em aula, estava no campo de futebol. E quando não ia para lá, saía para correr dezoito quilômetros na floresta em volta do campus. Eu me lembro de ter perguntado a ele um dia: “No fundo, Woody, por que você faz tudo isso?” Ele me respondeu: “Para ser o melhor.” Demorei muito tempo para entender o que ele queria dizer com isso: não queria ser o melhor no futebol, queria ser o melhor aos olhos dos seus tios.

— Melhor do que quem?

— Hillel.

Ela me contou histórias sobre a rivalidade dos dois que eu nunca soube. Por exemplo, o dia em que Hillel convidara Alexandra para assistir, com Woody e ele, ao show de uma banda que adorávamos e que estava em turnê pela região. Na noite do show, quando ela foi encontrá-los, só viu Hillel. Ele alegou que Woody tinha ficado preso no treino e os dois acabaram passando a noite juntos. Ao esbarrar em Woody no dia seguinte, ela lhe dissera:

— Que pena você ter perdido o show ontem. Foi o máximo.

— Que show? — perguntou ele.

— Hillel não te chamou?

— Não. Sobre o que você está falando?

Alguns dias depois, no refeitório da faculdade, Hillel se sentara ao lado de Alexandra com sua bandeja e de repente lhe perguntara:

— Fale a verdade, Alex, se você tivesse que escolher um namorado e só restassem Woody e eu, quem escolheria?

— Que pergunta estranha! — respondera ela. — Nenhum dos dois. Não se deve sair com amigos. Isso estraga tudo. Eu preferia terminar solteirona.

— Mas e Woody? Você não gosta dele?

— Claro que gosto de Woody. Por que está me perguntando isso?

— Gosta pouco ou muito?

— Aonde você quer chegar com isso, Hillel?

Depois foi a vez de Woody perguntar, um dia em que ele e Alexandra estavam na biblioteca:

— O que você acha de Hillel?

— Acho ele ótimo. Por quê?

— Sente alguma coisa por ele?

— Ei, por que está perguntando isso?

— Por nada. É que vocês parecem muito próximos.

Era como se eles descobrissem a noção de preferência. Eles que, juntos, haviam sido tão semelhantes e inseparáveis, percebiam que no relacionamento que mantinham com os outros não podiam se apresentar como uma coisa única, pois efetivamente eram dois indivíduos diferentes. Alexandra me contou que eles decidiram experimentar esse princípio de *preferência* tentando saber de qual dos dois Patrick Neville gostava mais. Quem teria um momento privilegiado com ele? Quando iam jantar juntos, ao lado de quem ele se sentaria? Quem iria impressioná-lo mais?

Segundo Alexandra, Patrick tinha uma preferência por Hillel. O garoto o impressionava por sua inteligência, pela rapidez de suas reflexões. Patrick pedia com frequência a opinião dele sobre os negócios em andamento, economia, política, a crise no Oriente Médio e várias outras coisas. Quando Hillel falava, Patrick escutava. Era evidente que gostava muito de Woody, mas não era o mesmo nível de relação que tinha com Hillel, por quem sentia uma verdadeira admiração.

Por ocasião de um jogo do Titans contra a Universidade de Nova York, Patrick convidou Woody para ir à sua casa no domingo. Passaram a tarde juntos, conversando e bebendo uísque. Woody evitou contar o episódio para Hillel. Alexandra se deu conta disso ao cometer uma gafe durante uma conversa banal.

— Ah, é? Woody estava na sua casa no domingo? — perguntou Hillel.

— Você não sabia?

Hillel ficou profundamente irritado.

— Não estou acreditando que ele me passou a perna assim!

Alexandra logo tentou acalmar os ânimos.

— Será que isso é mesmo tão dramático assim? — questionou ela.

Ele lhe lançou um olhar irônico, como se ela fosse uma grande imbecil.

— É, sim. Como você não pensou em me avisar?

— Mas avisá-lo de quê? — Ela se irritou. — Parece que flagrei sua namorada te traindo e não avisei.

— Eu achava que a gente não escondia nada um do outro — confessou ele, fechando a cara.

— Escute, Hillel, pare de drama, está bem? Não sou responsável pelo que Woody e você dizem ou não. Não é da minha conta. E, além do mais, você também me levou a um show sem convidá-lo.

— Não foi a mesma coisa.

— Ah, não? E por quê?

— Porque...

— Ah, Hillel, me poupe das suas briguinhas com Woody, por favor.

Mas Hillel não deixou isso de lado. Decidiu que, se Woody podia encontrar Patrick às escondidas, ele tinha o direito de fazer o mesmo. Certa tarde, quando Alexandra estava com Woody no refeitório, viram pela sacada envidraçada Patrick e Hillel saírem juntos do prédio da administração. Trocaram um aperto de mão caloroso e Patrick seguiu para o estacionamento.

— Por que meu pai estava aqui hoje? — perguntou Alexandra a Hillel depois que ele se juntou aos dois no refeitório. — Vocês pareciam muito imersos na conversa.

— Pois é, tínhamos marcado de nos encontrar.

— Ah, eu não sabia.

— Você não sabe tudo.

— Um encontro para quê?

— Para falar sobre sexta-feira.

— O que tem sexta-feira?

— Nada. É confidencial.

Naquele dia, Alexandra sentiu muita pena de Woody: seu olhar inocente e triste a deixava de coração partido. Ficou irritada com Hillel, pois odiava sua influência sobre Woody. Ele era o preferido de Patrick, vencera. O que mais queria? Ela. E com exclusividade, mas isso ela ainda não compreendia.

Doze anos mais tarde, ao telefone comigo, Alexandra me contou:

— Esses poucos episódios, pelo menos durante o ano que passei ao lado deles em Madison, não tiveram maiores consequências. O vínculo especial dos dois sempre acabava prevalecendo. Aconteceu algo depois, mas não sei o quê. Acho que teve alguma relação com a morte do seu avô...

— Como assim?

— Hillel descobriu alguma coisa sobre Woody que o deixou terrivelmente magoado. Não sei o que foi. Só lembro que durante o verão, depois da morte do seu avô, vocês foram à Flórida para ajudar sua avó e na volta ele me ligou. Dizia ter sido traído. Nunca quis me explicar sobre o que estava falando.

* * *

Ao voltar a Boca Raton após ter passado o dia esvaziando sem pressa a casa de Coconut Grove das recordações atulhadas que permaneciam ali, eu encontrava Leo, que reclamava de não me ver mais.

Certa noite, ao aparecer com cervejas e seu tabuleiro em minha varanda, ele disse:

— Sua história está cada vez melhor. Você vem para cá supostamente para escrever um livro, mas, com exceção de reencontrar uma ex-namorada, roubar um cachorro e fazer faxina na casa do seu finado tio, não vejo você avançar muito.

— Não se iluda, Leo.

— Quando realmente começar a escrever, me avise. Eu adoraria ver você “trabalhar”.

Ele notou que na mesa à minha frente havia alguns álbuns de fotos. Eu trouxera os velhos álbuns da minha avó, dos quais os Baltimore haviam sido excluídos, e acrescentara alguns retratos que tinha encontrado na casa de tio Saul.

— O que você está fazendo, Marcus? — perguntou Leo, intrigado.

— Estou consertando, Leo. Consertando.

Flórida.

Janeiro de 2011. Sete anos após o Drama.

Minha avó convidava com frequência tio Saul para jantar. Quando eu estava na casa dele, ia junto.

Naquela noite, ela fizera reserva num restaurante especializado em peixes ao norte de Miami e deixara uma mensagem na caixa postal de tio Saul para dar conselhos de moda. “Vamos a um restaurante chique, Saul, então faça um esforço, por favor.” Antes de sair, tio Saul, que colocara um paletó — o único que tinha —, me perguntou:

— Como estou?

— Você está perfeito.

Não foi essa a opinião de vovó. Chegamos na hora, mas, como ela estava adiantada, considerou que estávamos atrasados.

— Seja como for, Saul, você está sistematicamente atrasado. Como Markie estava com você, pensei que deviam ter ficado presos num engarrafamento.

— Desculpe, mamãe.

— E, além do mais, olhe só para você. Poderia pelo menos ter colocado um paletó e uma camisa que combinassem.

— Markie disse que estava bom.

— É verdade — confirmei.

Ela deu de ombros.

— Se Markie acha que está bom, então está bom. Ele é a estrela. De toda forma, Saul, você poderia se cuidar. Antigamente andava elegante.

— Isso foi antes.

— Ah, acabei de falar com os Montclair pelo telefone. Nathan gostaria de nos receber no próximo verão. Acho que isso poderia clarear suas ideias. Disse que as passagens de avião são por conta dele.

— Não, mãe. Não tenho vontade. Já falei.

— Você está sempre dizendo não. Um verdadeiro cabeça-dura. Nathan é sensível como eu, já você sempre quis seguir o que tinha na cabeça. Igual ao seu pai! Por isso vocês tinham tanta dificuldade em se entender.

— Não tem nada a ver — protestou tio Saul.

— Tem tudo a ver. Se vocês dois tivessem sido menos cabeças-duras, as coisas teriam sido diferentes.

Eles discutiram brevemente. Em seguida, pedimos nossos pratos e comemos quase em silêncio. Quando terminamos, vovó saiu da mesa, sob o pretexto de que precisava ir ao banheiro, mas foi pagar a conta sem constranger o filho. Na hora de ir embora, ao abraçar tio Saul, enfiou uma nota de cinquenta dólares em seu bolso. Ela entrou num táxi, o manobrista trouxe meu Range Rover e retornamos.

Normalmente, como fez naquela noite, tio Saul me pedia para darmos uma volta de carro para espalhar. Não me dava direções precisas, mas eu sabia o que ele esperava de mim. Eu seguia pela Collins Avenue, passava em frente aos prédios à beira-mar. Às vezes ia até West Hollywood e Fort Lauderdale. Outras vezes, bifurcava para Aventura e Country Club Drive e passava diante dos prédios dos gloriosos tempos dos Baltimore. Por fim, ele pedia: “Vamos para casa, Markie.” Eu nunca soube se esses passeios de carro eram momentos de nostalgia ou tentativas de fuga. Eu achava que ele ia me pedir para bifurcar, pegar a rodovia I-95, a que leva até Baltimore, e retornar a Oak Park.

Enquanto rodávamos sem destino por Miami, perguntei ao tio Saul: “O que aconteceu entre você e vovô para que ficassem sem se falar por doze anos?”

Há uma foto que reina na mesa de cabeceira da minha avó desde sempre. Foi tirada em Nova Jersey, em meados dos anos 1960. Nela estão os três homens de sua vida. Em primeiro plano, meu pai e tio Saul adolescentes. Atrás deles, meu avô, Max Goldman, orgulhoso, altivo, muito diferente da imagem que eu sempre tivera dele, do homem pálido, abatido pela idade e conformado com sua vida tranquila de aposentado na Flórida. Em segundo plano, a bela casa branca onde eles moravam, na Graham Avenue, 1603, em Secaucus.

No bairro onde viviam, nenhuma família era mais respeitada que a deles. Eram os Goldman-de-Nova-Jersey. Viviam seus melhores anos.

À frente da família, Max Goldman. Um porte de ator e ternos feitos sob medida. Sempre com um cigarro no canto da boca. Um homem leal, honesto, rigoroso nos negócios, cuja palavra valia qualquer contrato. Um marido carinhoso, um pai solícito, um patrão adorado pelos funcionários. Um homem respeitado. Afável, carismático, era capaz de vender qualquer coisa a qualquer um. O Grande Goldman às vezes ensinava a arte da venda aos corretores e Testemunhas de Jeová que tocavam sua campainha. Levava-os para a cozinha e dava alguns conselhos teóricos, em seguida os acompanhava em sua ronda para exercícios práticos.

Partindo do zero, primeiro vendeu aspiradores de pó, depois carros, antes de se especializar em equipamentos médicos e se estabelecer por conta própria. Alguns anos mais tarde, à frente da Goldman & Cia., com cinquenta funcionários, é um dos principais fornecedores de suprimentos médicos da região, o que lhe proporciona um padrão de vida confortável. Sua mulher, Ruth Goldman, é uma mãe de família respeitada e admirada por todos. E ainda carrega nos ombros o peso de administrar toda a contabilidade da empresa. É uma mulher amável, determinada e de grande caráter. Os que precisam de sua ajuda nunca encontram a porta fechada.

Depois de alguns anos, durante as férias escolares, Max Goldman contou com a ajuda dos dois filhos para gerenciar a Goldman & Cia. Não que ele precisasse de fato, mas quis despertar o interesse deles, na esperança de que tomassem as rédeas da empresa e a fizessem prosperar ainda mais. Seus dois meninos eram seu maior orgulho. Educados, inteligentes, amantes do esporte, gentis; ainda não tinham completado dezessete anos, mas ele sentia que já eram homens. Reuniu-os em seu escritório, expôs suas ideias e sua estratégia e, em seguida, pediu a opinião deles. Meu pai se interessava bastante pelas maquinarias, achava que era preciso desenvolver tecnologias, criar ligas de metal mais leves. Queria ser engenheiro. Meu tio Saul estava mais inclinado à reflexão: gostava de projetar a expansão estratégica da empresa.

Max Goldman estava extasiado: seus filhos eram complementares. Nada de rivais: muito pelo contrário, cada um tinha um respectivo talento para os negócios. Nas noites de verão, gostava de passear com os filhos pelo bairro. Eles nunca recusavam. Andavam, conversavam e, no meio do caminho, sentavam-se num banco. Quando tinha certeza de que ninguém estava olhando, Max Goldman estendia seu maço de cigarros aos dois. Tratava-os como homens. “Não digam nada à sua mãe.” Às vezes ficavam mais de uma hora no banco: reformulavam o mundo e perdiam a noção do tempo. Max Goldman falava sobre o futuro e imaginava os filhos conquistando o país. Passou o braço ao redor de seus ombros e lhes disse: “Vamos abrir uma sede na outra Costa e caminhões com as cores dos Goldman vão atravessar o país.”

Porém, Max Goldman não sabia que seus dois filhos, quando conversavam entre si, sonhavam ainda mais longe: seu pai queria abrir duas fábricas? Eles imaginavam dez.

Viam o mundo através de uma lente de aumento. Imaginavam-se morando no mesmo bairro, em casas próximas, e, nas noites de verão, passeariam juntos. Comprariam uma casa de verão à beira de um lago e lá passariam as férias com suas respectivas famílias. No bairro, seriam conhecidos como os irmãos Goldman. Tinham apenas um ano de diferença e mostravam o mesmo gosto pela excelência. Era raro ver um sem o outro. Dividiam tudo e, no sábado à noite, saíam juntos. Iam a Nova York e frequentavam a First Avenue. Sempre era possível encontrá-los no Schmulka Bernstein, o primeiro restaurante chinês *cashier* de Nova York. Ali, em cima das cadeiras, com um chapéu chinês na cabeça, escreviam as mais belas páginas de sua juventude e viviam suas mais belas proezas.

* * *

Décadas se passaram. Tudo mudou.

Vocês não vão encontrar mais os prédios da empresa da família. Ou pelo menos não como eram. Uma parte veio abaixo e a outra, abandonada, não passa de ruínas, depois que o projeto imobiliário que devia surgir no lugar foi embargado por uma associação de moradores. A Goldman & Cia. foi comprada em 1985 pela Hayendras, uma empresa de tecnologia.

Tampouco vão deparar com os pontos de encontro da juventude deles. Schmulka Bernstein não existe mais. Em seu lugar, na First Avenue, hoje em dia fica uma lanchonete da moda que serve um excelente queijo-quento. O único vestígio do passado é um velho retrato perto da entrada, que mostra como fora aquele lugar. Nele, vemos de pé nas cadeiras dois adolescentes bem parecidos e usando chapéus chineses.

Se minha avó Ruth não houvesse me falado, eu nunca teria imaginado que um dia meu pai e tio Saul tivessem tanta cumplicidade. As cenas de que eu tinha sido testemunha em Baltimore, por ocasião do Dia de Ação de Graças ou durante as férias de inverno na Flórida, me pareciam a anos-luz das histórias da infância deles. Tudo que eu detectara entre os dois resumia-se às suas diferenças.

Eu me lembro bem dos nossos programas de família em Miami. Meu pai e tio Saul combinavam antes o restaurante aonde íamos jantar, em geral escolhendo entre uma lista de alguns que se equivaliam e que adorávamos. No fim do jantar, apesar dos protestos do meu avô, a conta era dividida em partes iguais pelo meu pai e tio Saul, em nome de uma fraternidade totalmente simétrica. Mas, em algumas ocasiões, cerca de uma vez a cada estação, tio Saul nos levava a um restaurante de padrão mais alto. Anunciava antecipadamente “estou convidando”, o que indicava à assembleia dos Goldman, um pouco impressionada, que era um restaurante fora do alcance financeiro dos meus pais. Em geral, todo mundo se animava: Hillel, Woody e eu adorávamos conhecer um lugar novo. Meus avós, por sua vez, ficavam extasiados diante de tudo, fosse a variedade do cardápio, a beleza do saleiro, a qualidade da louça, o tecido dos guardanapos, o sabonete dos banheiros ou a limpeza dos mictórios automáticos. Só meus pais reclamavam. Antes de ir para o restaurante, eu ouvia minha mãe resmungar: “Não tenho o que vestir, não imaginei que fosse usar trajes de gala. Estamos de férias, não no circo! Poxa, Nathan, você poderia pelo menos falar alguma coisa.” Depois do jantar, ao sair do restaurante, meus pais ficavam no rastro da procissão dos Goldman, e minha mãe lastimava a comida que não valia o preço e o serviço obsequioso.

Eu não entendia por que ela tratava tio Saul daquela maneira, em vez de reconhecer sua generosidade. Certa vez ouvi inclusive minha mãe usar termos particularmente nocivos para falar dele. Nessa época, comentavam sobre demissões na empresa onde meu pai trabalhava. Eu não fazia ideia, mas meus pais quase tinham desistido das férias na Flórida para guardar o dinheiro em caso de um baque financeiro, antes de acabar decidindo mantê-las. Nesses momentos, eu odiava tio Saul porque ele humilhava meus

pais. Ostentava seu maldito dinheiro, diminuindo-os até não passarem de dois vermes lamurientos, que precisavam se fantasiar para sair e aceitar um prato de comida que não tinham recursos para pagar. Ao mesmo tempo eu reparava no olhar transbordante de felicidade dos meus avós. Nos dias que sucediam a esses programas, eu ouvia meu avô contar a quem quisesse ouvir como seu filho, o Grande Saul, o rei da tribo dos Baltimore, era bem-sucedido na vida. “Esse restaurante”, dizia ele, “se tivessem visto! Vinho francês como vocês nunca beberam, uma carne que desmancha na boca. Garçons superatenciosos! Nem sequer dá tempo de respirar e a taça já está cheia de novo.”

No Dia de Ação de Graças, tio Saul dava passagens de avião de primeira classe para meus avós irem a Baltimore. Eles se alegravam com o conforto dos assentos, com a excelência do serviço a bordo, com as refeições servidas em porcelana de verdade e com o fato de poderem embarcar antes de todo mundo. “Embarque prioritário!”, exclamava meu avô, triunfante, ao nos contar suas façanhas de viajante. “E não por sermos velhos e impotentes, mas porque, graças a Saul, somos clientes importantes!”

Durante toda a vida vi meus avós reconhecerem o triunfo do meu tio. Suas escolhas eram perfeitas e sua palavra, verdadeira. Eu reparava que amavam tia Anita como se fosse filha deles, que veneravam os Baltimore. Como eu poderia imaginar que houvera um período de doze anos durante o qual meu avô e meu tio haviam ficado sem se falar?

Também me lembro das temporadas que passávamos com a família na Flórida, antes de Buenavista, na época em que todos nós ficávamos no apartamento dos meus avós. Era comum nossos aviões aterrissarem quase ao mesmo tempo e chegarmos juntos ao apartamento. Meus avós, ao abrirem a porta, sempre beijavam primeiro tio Saul. Depois nos diziam: “Ponham as malas no chão, queridos. Crianças, vocês vão dormir na sala; Nathan e Deborah, no quarto de televisão; Saul e Anita, no quarto de hóspedes.” Todos os anos eles anunciavam a distribuição das camas como se fosse uma grande loteria, mas todo ano era a mesma coisa: tio Saul e tia Anita herdavam o quarto de hóspedes superconfortável, com cama de casal e banheiro, e meus pais eram relegados ao sofá-cama do cubículo onde meus avós viam televisão. Esse cômodo representava duas desonras para mim. A primeira, porque tinha sido secretamente rebatizado de “inhaca” pela Gangue dos Goldman, por causa do cheiro rançoso que persistia ali (meus avós nunca ligavam o ar-condicionado). Todo ano, ao chegarem, Hillel e Woody, que acreditavam no autêntico acaso da loteria das camas, tremiam diante da possibilidade de dormirem lá. E no momento em que meu avô anunciava os quartos eu percebia que eles davam as mãos e imploravam aos céus, dizendo: “Piedade, a ‘inhaca’, não! Piedade, a ‘inhaca’, não!” Mas o que eles nunca entenderam era que a “inhaca” consistia no suplício dos meus pais: eram sempre eles os condenados a ter que dormir lá.

A segunda desonra não tinha relação com o cômodo em si, mas com o fato de não ter um banheiro perto. O que, para meus pais, em caso de uma necessidade noturna, implicava atravessar a sala, onde nós, a Gangue dos Goldman, dormíamos. Minha mãe, vaidosa e elegante, jamais apareceria à minha frente sem estar arrumada. Eu me lembro de que, por ocasião de nossos cafés da manhã de domingo, meu pai e eu a esperávamos por bastante tempo à mesa. Eu perguntava onde ela estava e meu pai respondia com um imutável “está se arrumando”. Na Flórida, no meio da noite, eu a pressentia atravessando a sala para ir ao banheiro, usando uma camisola horrível e amassada, com o cabelo despenteado. Eu achava aquela cena humilhante. Certa noite, ao passar por nós, uma aba de sua camisola se levantou e vimos suas nádegas. Nós três fingíamos dormir e sei que Hillel e Woody a viram porque, assim que ela se trancou no banheiro, após terem se certificado de que eu estava dormindo — o que não era o caso —, eles riram e zombaram dela. Por muito tempo senti ódio da minha mãe por ter aparecido nua e, outra vez, ter somado mais uma vergonha para os Montclair, que dormiam na “inhaca” e andavam por aí se exibindo durante a noite, enquanto tio Saul e

tia Anita, ao saírem de sua suíte, estavam sempre de banho tomado e arrumados.

Na Flórida, também fui testemunha oculta de reiterados atritos entre meus pais e tio Saul. Certo dia, considerando que estava sozinho na sala, ouvi meu pai dizer num tom ríspido a tio Saul:

— Você não me contou que comprou passagens de primeira classe para papai e mamãe. É o tipo de decisão que devemos tomar juntos. Quanto te devo? Vou fazer um cheque.

— Claro que não, esqueça isso.

— Não, quero pagar minha parte.

— Sério, não se preocupe. Não faz diferença para mim.

Não faz diferença para mim. Só anos mais tarde entendi que meus avós nunca conseguiriam sobreviver com o magro salário que meu avô recebia desde a falência da Goldman & Cia. e que eles só se mantinham na Flórida graças à generosidade do tio Saul.

A cada volta do feriado de Ação de Graças, eu ouvia minha mãe desfiar suas censuras contra o tio Saul.

— Claro que ele pode impressionar quanto quiser com passagens de primeira classe para os seus pais. Nós é que não temos recursos, e ele deveria se dar conta disso!

— Ele recusou meu cheque e pagou tudo — dizia meu pai, defendendo-o.

— Isso é o de menos! Bom... enfim...

Eu não gostava desses retornos a Montclair. Não gostava de ouvir minha mãe falar mal dos Baltimore. Não gostava de ouvi-la denegrindo-os, criticando sua casa inacreditável, seu estilo de vida, seus carros sempre novos, e vê-la odiando tudo o que me fascinava. Por muito tempo achei que minha mãe sentia inveja da própria família. Isso foi antes que eu compreendesse o sentido do que um dia ela falou para o meu pai e que eu só entenderia anos mais tarde. Não esqueci aquela volta de Baltimore, quando ela disse: “Mas não se dá conta de que, no fundo, tudo o que ele tem é graças a você?”

Naquele mês de abril de 2012, enquanto eu arrumava a casa do meu tio, derrubei em mim mesmo o café que eu estava tomando. Para limitar os estragos, tirei a camiseta e enfiei a parte manchada debaixo d'água. Depois coloquei-a para secar na varanda, ficando sem camisa. Essa cena me fez lembrar de tio Saul colocando sua roupa para secar num arame esticado nos fundos da casa. Ainda me lembro de como ele tirava a roupa limpa da máquina de lavar e a colocava numa bacia de plástico, para levá-la para fora em seguida. E um aroma agradável de amaciante emanava. Depois que suas roupas secavam, ele mesmo as passava, desajeitadamente.

Quando se instalou em Coconut Grove, ele ainda dispunha de recursos financeiros consideráveis. Tinha uma faxineira, Fernanda, que ia três vezes por semana, limpava a casa e a alegrava com flores viçosas e *pots-pourris*, preparava comida e cuidava da roupa.

Anos depois, quando perdeu tudo, foi obrigado a despedi-la. Insisti para que ele a mantivesse, que eu pagaria seu salário, mas tio Saul recusara. Para forçar a barra, adiantei seis meses de salário a Fernanda, mas quando ela chegou para trabalhar, ele a expulsou, se recusando a abrir a porta.

— Não tenho mais recursos para lhe pagar — explicara ele através da porta.

— Mas foi o Sr. Marcus quem me mandou aqui. Ele já me pagou. Se não me deixar trabalhar, é como se eu estivesse roubando de seu sobrinho. E você não quer que eu roube de seu sobrinho, não é mesmo?

— Não tenho nada a ver com essas combinações de vocês. Eu me viro muito bem sozinho.

Ela me telefonara aos prantos da varanda da casa do meu tio. Eu lhe dissera para guardar os seis meses de salário enquanto não arranjava um novo emprego.

Após a partida de Fernanda, adquiri o hábito de toda semana levar a roupa suja à lavanderia. Eu suplicara que tio Saul me deixasse levar a dele também, mas ele era orgulhoso demais para aceitar o que quer que fosse. Também fazia a própria faxina sem ajuda. Quando eu passava em sua casa, ele esperava que eu fosse embora para pôr as mãos à obra. Ao voltar de uma corrida, eu o encontrei limpando o chão, suando copiosamente.

— É agradável ter uma casa limpa — comentou ele, sorrindo.

Um dia eu lhe disse:

— Fico incomodado por você não me deixar ajudar.

Ele estava limpando os vidros com um pano e interrompeu o que fazia.

— O que te incomoda é o fato de não me ajudar ou de me ver fazendo faxina? Acha isso indigno de mim? Ninguém é grã-fino demais para lavar o próprio banheiro.

Ele acertava na mosca. E entendi que tinha razão. Eu admirava da mesma forma o tio Saul milionário e o tio Saul que empacotava compras no supermercado: não era questão de riqueza, e sim de dignidade. A força e a beleza do meu tio estavam em sua extraordinária dignidade, que o tornava superior aos outros. E ninguém podia tirar isso dele. Pelo contrário, essa característica aumentava com o tempo. Contudo, ao vê-lo lavar o piso, eu não podia deixar de me lembrar da época dos Goldman-de-Baltimore: todos os dias desfilava pela sua casa de Oak Park um exército de funcionários responsáveis pela manutenção. Havia Maria, empregada em tempo integral e presente na casa dos Baltimore desde que éramos crianças; Skunk, o jardineiro; o pessoal da piscina; os que podavam as árvores (muito altas para Skunk); os da manutenção do telhado; uma senhora filipina boazinha que trazia as irmãs como extras para servirem à

mesa por ocasião do feriado de Ação de Graças ou dos grandes jantares.

Desse povo das sombras que fazia reluzir o palácio dos Baltimore, Maria era de quem eu mais gostava. Era superatenciosa comigo e, no dia do meu aniversário, me dava uma caixa de chocolate. Eu a chamava de Mágica. Durante o tempo que eu passava lá, ela desaparecia com as minhas roupas sujas amontoadas no quarto de hóspedes e as deixava na minha cama na mesma noite, lavadas e passadas. Eu ficava absolutamente admirado com tanta eficiência. Em Montclair, era minha mãe quem lavava e passava. Fazia essa tarefa no sábado ou no domingo (quando não trabalhava), o que significava que eu precisava esperar uma semana para encontrar as roupas limpas de novo. Isso me levava a escolher meticulosamente meus trajes em função dos eventos da semana seguinte, para não ser pego desprevenido caso o suéter que eu quisesse vestir em tal dia para impressionar as meninas não tivesse reaparecido no meu armário.

Mesmo nos meus anos de universitário, quando eu ia à casa dos Baltimore para o Dia de Ação de Graças, Maria dava um jeito de pegar toda a minha roupa suja e deixá-la limpa na minha cama. Após o Drama, que aconteceu na véspera do Dia de Ação de Graças de 2004, tio Saul não voltou mais a Oak Park. Mas ela continuou indo até lá, comprovando sua lealdade.

Flórida.

Primavera de 2011.

No dia seguinte ao nosso jantar com a vovó, ao voltar de uma longa corrida, encontrei justamente tio Saul passando o aspirador.

Na véspera, no carro, ele não fizera nada além de aflorar as lembranças de sua juventude, aproveitando para ficar quieto quando nos aproximamos de sua casa.

— Ontem você não terminou de falar sobre você e vovó.

— Não há muito mais o que falar. De toda forma, o que passou, passou.

Desligou o aspirador, enrolou novamente o tubo e o guardou num armário, como se tudo aquilo não tivesse importância. Por fim, se virou para mim e emitiu estas palavras estarrecedoras:

— Sabe, Marcus, seus avós sempre preferiram seu pai a mim.

— O quê? Mas que história é essa? Eles sempre foram totalmente impressionados com você.

— Impressionados, talvez. Mas isso não significa que não preferiam seu pai.

— Como pode pensar uma coisa dessas?

— Porque é a verdade. Antes da faculdade, seu pai e eu éramos muito próximos.

Nossa relação se complicou quando seu avô recusou que eu fizesse medicina.

— Você queria ser médico?

— Eu queria. Mas seu avô, não. Dizia que isso não seria útil para a empresa da família. Seu pai, por outro lado, queria ser engenheiro, o que estava nos planos do seu avô. Ele me mandou para uma universidade de segunda categoria, com uma anuidade barata, e investiu o que tinha para seu pai estudar numa instituição renomada. Os estudos dele foram de alto nível. Seu avô o nomeou diretor da empresa. Eu, que era o mais velho, não passava de um subordinado. Tudo o que consegui fazer depois foi tentar impressionar seus avós para esquecer que sempre fui considerado inferior em comparação ao seu pai.

— Mas o que aconteceu? — perguntei.

Ele deu de ombros, pegou um pano de chão e um detergente e foi limpar os vidros da cozinha.

Como tio Saul não parecia muito inclinado a conversar, decidi abordar o assunto com a minha avó. Sua versão era ligeiramente diferente da que o meu tio contara.

— Seu avô queria que Saul e seu pai dirigissem a empresa juntos — explicou ela. — Ele achava que seu pai saberia enfrentar os desafios técnicos, enquanto seu tio tinha uma alma de líder. Mas isso foi antes da briga entre seu avô e Saul.

— Tio Saul me disse que queria estudar medicina, mas vovô se opôs.

— Seu avô achava que medicina era perda de tempo e dinheiro.

Minha avó sugeriu que fôssemos para a varanda, para que ela pudesse fumar. Nós nos sentamos em cadeiras de plástico e observei seus dedos tortos brincarem com o cigarro, depois levá-lo à boca, acendê-lo e tragá-lo lentamente, antes de continuar:

— Você entende, Markie, a Goldman & Cia. era o xodó do seu avô. Ele havia batalhado muito para chegar aonde estava e tinha ideias precisas sobre a estratégia a ser adotada. Era um homem com uma cabeça bem aberta, mas, às vezes, inflexível sobre certos assuntos.

No fim dos anos 1960, quando tio Saul quis estudar medicina, ele ficara chocado com a incompreensão do pai. “Todos esses anos de estudo para fazer o quê? Sua função na empresa é levá-la a novos desafios. Você precisa aprender estratégia, comércio, contabilidade. Esse tipo de coisa. Mas medicina, ah, que ideia extravagante!” Tio Saul não teve escolha senão obedecer, então começou a cursar administração numa pequena universidade em Maryland. Tudo mudou quando ele descobriu que seus pais estavam mandando o irmão estudar na Universidade Stanford. Considerou isso a preferência de um irmão sobre o outro e ficou profundamente magoado. Durante as reuniões de família, claro que as pessoas ficavam muito mais impressionadas com meu pai, orgulhoso aluno de uma universidade prestigiosa, do que com meu tio e seus estudos de segunda categoria. Tio Saul quis mostrar do que era capaz. Estabelecera uma excelente relação com um de seus professores, que o ajudou a preparar um plano de expansão para a Goldman & Cia. Certo dia, Saul chegou em casa com uma pasta imponente, que pretendia apresentar detalhadamente ao pai.

— Tenho ideias para que a empresa cresça ainda mais — explicou tio Saul ao meu avô, que lhe lançou um olhar desconfiado.

— Por que crescer e não torná-la duradoura? Vocês são dessa geração que não passou pela guerra e acha que tudo está ganho.

— O professor Hendricks disse que...

— Quem é professor Hendricks?

— Meu professor de administração na faculdade. Ele disse que devemos ver a empresa apenas de duas maneiras: quero devorar ou ser devorado?

— Pois bem, seu professor está errado. É querendo crescer a todo custo que se afunda.

— Mas ao ser muito prudente, não se cresce, e a empresa acaba sendo esmagada por outra mais forte.

— Seu professor já abriu alguma empresa? — perguntou meu avô.

— Não que eu saiba — respondeu tio Saul, baixando a cabeça.

— Pois eu, sim! E minha empresa vai muito bem. Seu professor é especialista em equipamentos médicos?

— Não, mas...

— Esses professores universitários estão sempre teorizando. Quer dizer que um professor que nunca abriu uma empresa e não entende nada de material médico quer me ensinar a gerenciar a Goldman & Cia.?

— Não, de forma alguma — retrucou tio Saul. — Só tivemos algumas ideias.

— Ideias? Que tipo de ideias?

— Para vender nossos aparelhos fora da região de Nova Jersey.
— Mas já podemos entregar em qualquer lugar.
— E temos clientes?
— Não efetivamente. Mas faz tempo que cogitamos a possibilidade de abrir uma sede na Costa Oeste.

— Justamente, você diz isso desde que éramos crianças, mas não avançou nada.
— Roma não foi construída em um dia, Saul!
— O professor Hendricks acha que o único jeito de expandir é abrir sedes em outros estados. Assim sempre haverá uma sede e um depósito de material em condições de formar relações de confiança com os clientes e atender rapidamente às necessidades deles.

Meu avô torceu o nariz.

— E com que dinheiro fundamos essas sedes?
— É preciso abrir o capital aos investidores. Poderíamos ter um escritório em Nova York com alguém que...
— Ah, um escritório em Nova York? O que está havendo? Secaucus, em Nova Jersey, não é suficientemente chique para você?

— Não é isso, mas...

— Chega, Saul! Não quero ouvir mais uma palavra sobre essas imbecilidades! Afinal de contas, sou ou não o presidente da minha empresa?

Passaram-se dois anos em que tio Saul não falou mais com o pai sobre suas ideias de expansão para a Goldman & Cia. Mas comentou sobre direitos civis. O professor Hendricks era um homem de esquerda, militante dos direitos civis. E tio Saul participou de algumas manifestações. No mesmo período, começou a namorar sua filha, Anita Hendricks. Quando voltava a Secaucus, falava em “causas a defender” e “ações a promover”. Começou a viajar pelo país para acompanhar o professor Hendricks e Anita nos protestos. Esse novo engajamento irritou profundamente meu avô. Foi o que desencadeou a briga que os levaria a ficar doze anos sem se falar.

* * *

Foi numa noite de abril de 1973, durante as férias de primavera que tio Saul passou na casa dos pais em Secaucus. Era quase meia-noite e, andando de um lado para outro na sala, meu avô esperava tio Saul. Largava e tornava a pegar um exemplar da *Time* em cima da mesa.

Minha avó estava no quarto, no andar de cima. Suplicara várias vezes que meu avô fosse se deitar, mas ele não lhe dera ouvidos. Queria explicações do filho. Minha avó acabou dormindo. Até que os gritos dos dois a acordaram. Ela ouviu a voz abafada do meu avô atravessar o assoalho.

— Saul, caramba, Saul! Tem noção do que acabou de fazer?
— Não é o que você está pensando, pai.
— Eu penso o que vejo e estou vendo você metido num monte de idiotices!
— Idiotices? E você, pai, tem consciência do que não está fazendo ao se recusar a protestar?

A origem da fúria do meu avô consistia na foto de capa da *Time*: uma manifestação realizada em Washington na semana anterior. Nela, viam-se distintamente tio Saul, tia Anita e seu pai na frente, com os punhos erguidos. Meu avô tinha medo de que tudo aquilo acabasse mal.

— Olhe, Saul! Olhe só! — gritou, jogando a revista na cara do filho. — Sabe o que vejo nessa foto? Problemas! Uma montanha de problemas! O que pretende, afinal? Colocar o FBI atrás de você? E a empresa, por acaso pensou nela? Sabe o que o FBI vai fazer se achar que você é perigoso? Vai destruir sua vida e a nossa. Vão mandar a Receita

Federal afundar a empresa! É isso o que você quer?

— Não acha que está exagerando, pai? Estamos nos manifestando por um mundo mais justo, não vejo mal nisso.

— Suas manifestações não servem para nada, Saul! Ora, abra um pouco os olhos! Isso vai terminar mal, é tudo o que você vai conseguir. Vai acabar sendo morto!

— Morto por quem? Pela polícia? Pelo governo? Viva o estado de direito!

— Saul, desde que você começou a andar com esse professor Hendricks, e principalmente com a filha dele, ficou obcecado com essa história de direitos civis...

— Ela tem um nome e se chama Anita.

— Anita, muito bem. Não quero mais que se encontre com ela.

— Mas, pai, por quê?

— Porque ela é uma péssima influência para você. Depois que começou a sair com ela, você se mete em situações absurdas! Não para de percorrer a Costa para ir a essas passeatas. Vai ser um papelão se perder as provas porque se distraiu preparando panfletos e cartazes em vez de estudar. Preocupe-se com o seu futuro, pelo amor de Deus! Seu futuro é aqui na empresa.

— Meu futuro é com ela.

— Não diga besteira. O pai dela fez uma lavagem cerebral em você! Como explica o fato de ter se tornado de repente o grande defensor dos direitos civis? O que aconteceu?

— O pai dela não tem nada a ver com isso!

Minha avó ouvia o tom de voz se elevar cada vez mais, porém não ousava descer. Achava que uma conversa franca poderia fazer bem aos dois. Mas a discussão só piorou.

— Não entendo por que você não é capaz de confiar em mim, pai. Por que se sente na obrigação de controlar tudo sempre?

— Saul, você está enlouquecendo de vez! Não é capaz de considerar que faço isso simplesmente porque me preocupo com você?

— Se preocupa? Sério? Com o que você se preocupa? Com sua sucessão na fábrica?

— Fico preocupado com você metido até o pescoço nessa história de direitos civis... Pode desaparecer um dia!

— Desaparecer? Mas é justamente isso o que eu vou fazer! Estou cansado de ouvir suas burrices! Você quer comandar tudo! Mandar em tudo!

— Não fale nesse tom comigo, Saul!

— De qualquer jeito, você só se interessa por Nathan. Só tem consideração por ele.

— Pelo menos Nathan não tem essas ideias malucas que vão nos afundar!

— Malucas? Só quero trabalhar pelo bem da empresa, mas você nunca quer me escutar! Vai ser sempre só um vendedor de aspiradores de pó!

— O que foi que você disse? — gritou meu avô.

— Você ouviu muito bem! Não quero ter mais nada a ver com a sua empresa ridícula! Fico melhor longe de você! Fui!

— Saul, você passou dos limites! Preste atenção: se passar por essa porta, não vale mais a pena voltar!

— Não se preocupe, vou dar o fora e nunca mais colocarei os pés nessa merda de Nova Jersey!

Minha avó se apressou para fora do quarto e voou escada abaixo, mas já era tarde demais: tio Saul batera a porta da casa e já entrara no carro. Ela saiu descalça, suplicou que o filho não fosse embora, mas ele arrancou. Correu atrás do carro por alguns metros, depois entendeu que ele não pararia. Havia definitivamente ido embora.

Tio Saul cumpriu sua promessa. Enquanto meu avô esteve vivo, ele não voltou mais a Nova Jersey. Só colocou de novo os pés lá na ocasião de sua morte, em maio de 2001. Minha avó, entre uma tragada e outra de cigarro, tendo atrás de si nuvens de gaiotas sobrevoando o mar, me contou que no dia em que ela ligou para o tio Saul e o

avisou sobre a morte do vovô, ele não teve a reação de ir para a Flórida, mas de correr para a Nova Jersey familiar, da qual se autoexilara durante todos aqueles anos.

De tanto me ver sair de Boca Raton todas as manhãs, Leo, curioso para saber o que eu estava fazendo, começou a ir comigo a Coconut Grove. Não me ajudou em nada. Tudo o que lhe interessava era minha companhia. Ele se acomodava na varanda, à sombra da mangueira, e repetia: “Ah, como é gostoso aqui, Marcus.” Eu adorava sua presença.

Os cômodos iam se esvaziando aos poucos.

Às vezes eu voltava para minha casa com uma caixa de objetos que queria guardar. Leo bisbilhotava e me perguntava:

— Ora, Marcus, o que vai fazer com essas velharias? Você tem uma casa magnífica e vai transformá-la num brechó.

— São só algumas lembranças, Leo.

— As lembranças ficam na cabeça. O resto não passa de entulho.

* * *

Só interrompi a metódica arrumação dos pertences do meu tio poucos dias antes de ir a Nova York. Eu tinha quase terminado tudo em Coconut Grove quando meu agente me telefonou: conseguira uma participação minha num concorrido talk show. A gravação estava marcada para aquela semana.

— Não tenho tempo — respondi. — Aliás, se eles sugeriram isso a poucos dias da gravação, é porque tiveram uma desistência e precisaram de alguém para tapar o buraco.

— Ou então porque você tem um agente fantástico que deu um jeito para que as coisas se desenrolassem assim.

— O que quer dizer com isso?

— Eles gravam dois quadros do programa, um depois do outro. Você é o convidado do primeiro e Alexandra Neville, do segundo. Os camarins de vocês serão um ao lado do outro.

— Ah — falei —, será que ela está sabendo?

— Acho que não. Então, topa?

— Ela vai estar sozinha?

— Olhe, Marcus, eu sou seu agente, não sua mãe. Topa ou não?

— Topo — afirmei.

* * *

Peguei um voo para Nova York no dia seguinte. No momento de ir para o aeroporto, Leo fez uma cena para mim:

— Nunca vi ninguém tão preguiçoso! Faz três meses que você está supostamente escrevendo um livro, mas é sempre *mañana, mañana, mañana!*

— É um compromisso de poucos dias.

— Mas quando vai realmente começar esse maldito livro?

— Muito em breve, Leo. Prometo a você.

— Marcus, tenho a impressão de que está zombando de mim. Você não fica angustiado, nunca sofreu com a crise da página em branco, por acaso?

— Não.

— Você me contaria?

— Claro.

— Jura?

— Juro.

Cheguei a Nova York na véspera da gravação do programa. Eu estava muito nervoso. Passei a tarde inteira andando em círculos pelo meu apartamento.

No dia seguinte, após experimentar uma quantidade imensurável de ternos, fui relativamente cedo para o estúdio, na Broadway. Fui levado até o meu camarim, e, ao passar pelo corredor, vi o nome dela estampado na porta ao lado da minha.

— Por acaso Alexandra já chegou? — perguntei displicentemente ao segurança que me acompanhava.

Ele respondeu que não.

Então me isolei em meu camarim. Eu não conseguia ficar parado. Ela ia chegar, e aí? Eu bateria à sua porta? E depois? E se ela tivesse vindo com Kevin? Que cara eu faria? Estava me achando um idiota. Queria fugir. Mas já era tarde demais. Eu me deitei no sofá e escutei atentamente os sons que vinham do corredor. Até que de repente ouvi sua voz. Meu coração começou a palpar. Houve o barulho de uma porta se abrindo e se fechando, depois mais nada. De repente senti meu celular vibrar. Ela tinha acabado de me mandar uma mensagem.

Você está no camarim ao lado???

Respondi simplesmente:

Sim.

Ouvi o barulho de uma porta se abrindo e se fechando, depois uma batida abafada na minha. Fui abrir. Era ela.

— Markie?

— Surpresa!

— Você sabia que íamos gravar no mesmo dia?

— Não — menti.

Dei um passo para trás: ela entrou e fechou a porta. Em seguida, se jogou espontaneamente em meu pescoço e me abraçou com força. Demos um longo abraço. Eu tinha vontade de beijá-la, mas não queria correr o risco de estragar tudo. Então me limitei a segurar seu rosto entre as mãos e fixar meus olhos nos seus, que brilhavam intensamente.

— O que vai fazer hoje à noite? — perguntou ela de forma espontânea.

— Não tenho nada marcado... Poderíamos...

— Sim — disse ela.

Sorrimos.

Precisávamos de um lugar aonde ir. Seu hotel estava cercado de jornalistas, e um local público era impensável. Então a convidei para ir à minha casa. Havia um estacionamento no subsolo, de onde era possível entrar diretamente no prédio. Ninguém a veria. Ela aceitou.

Nunca imaginei que algum dia Alexandra fosse ao meu apartamento. No entanto, fora pensando nela que eu o havia comprado com o dinheiro do meu primeiro romance. Eu queria um apartamento no West Village, para ela. E quando o corretor me levou para visitá-lo, me apaixonei à primeira vista porque sabia que ela gostaria. E acertei: ela adorou. No momento em que as portas do elevador se abriram diretamente para a entrada, ela não conseguiu conter um grito de entusiasmo.

— Ai, meu Deus, Markie, é exatamente o tipo de apartamento que eu amo!

Fiquei muito orgulhoso. Mais ainda quando nos instalamos na varanda ampla e florida.

— É você quem cuida das plantas? — perguntou ela.

— Claro. Esqueceu que sou um jardineiro formado?

Ela riu e passou um instante admirando as desconhecidas flores de uma hortênsia branca. Em seguida, foi se acomodar num sofá aconchegante. Abriu uma garrafa de vinho. Estávamos bem.

— Como vai Duke?

— Vai bem. Não somos obrigados a falar sobre o meu cachorro, sabe, Marcus?

— Sei disso. Então como vai você?

— Tudo indo. É bom estar em Nova York. Sempre me sinto bem quando estou aqui.

— Por que se mudou para a Califórnia?

— Porque é melhor para mim, Markie. Eu não queria correr o risco de encontrar você em cada esquina. Mas já faz algum tempo que penso em comprar um apartamento por aqui.

— Será sempre bem-vinda aqui — falei.

E imediatamente me arrependi das minhas palavras. Ela deu um sorriso um pouco triste.

— Acho que Kevin não vai querer ser seu vizinho.

— Então você continua com Kevin?

— Claro que sim, Marcus. Estamos juntos há quatro anos.

— Se ele fosse o cara certo, vocês já estariam casados...

— Deixe disso, Markie. Não faça uma cena. Talvez seja melhor eu ir embora...

Senti ódio de mim mesmo por ter dito coisas tão idiotas.

— Desculpe, Alex... Será que podemos recomeçar a noite do zero?

— Tudo bem.

Após essas palavras, ela se levantou e saiu da varanda. Não entendi suas intenções e fui atrás dela. Eu a vi seguir para a porta, abri-la e ir embora. Por um breve instante fiquei pasmo, então a campainha tocou. Corri para abrir.

— Oi, Markie — disse Alexandra. — Desculpe, estou um pouco atrasada.

— Não se preocupe, está tudo em ordem. Acabei de abrir uma garrafa de vinho na varanda. Inclusive já servi uma taça para você.

— Obrigada. Que apartamento incrível! Então é aqui que você mora?

— É, sim.

Demos alguns passos em direção à varanda e apoiei a mão em seu ombro nu. Ela se virou e nos encaramos nos olhos, em silêncio. Aquela atração sublime pairava entre nós dois. Aproximei meus lábios dos seus e ela não recuou. Ao contrário, segurou minha cabeça entre as mãos e me beijou.

Flórida.
Primavera de 2011.

De uma hora para outra, meu tio mudou de comportamento comigo. A princípio, parecia distante. A partir de março de 2011, começou a sair regularmente com Faith, a gerente do Whole Foods.

Antes de saber a verdade, achei que eles estavam tendo um caso. Com frequência ela ia buscá-lo em casa e saíam juntos. Ficavam fora por bastante tempo. Às vezes o dia inteiro. Tio Saul não me esclarecia aonde iam, e eu não queria fazer perguntas. Ele voltava quase sempre de mau humor de suas escapadas, e eu me perguntava o que afinal estava acontecendo entre os dois.

Logo tive a desagradável impressão de que algo mudara. Por alguma razão que eu ignorava, Coconut Grove não era mais aquele oásis de tranquilidade que eu conhecera. Em casa, observei que tio Saul perdia a paciência com facilidade, o que não era do seu feitio.

Nem no supermercado as coisas eram como antes. Sycomorus, que tivera sua participação em *Cante!* rejeitada, estava deprimido desde que recebera a carta da produção comunicando seu fracasso. Certo dia, tentando melhorar seu astral, eu lhe disse:

— Isso é só o início. Você precisa lutar pelos seus sonhos, Syc.

— É muito cansativo. Los Angeles está lotada de atores e cantores que querem vencer. Tenho a impressão de que nunca vou conseguir.

— Descubra o que torna você diferente.

Ele deu de ombros.

— No fundo, tudo o que eu quero é ser famoso.

— Você quer ser cantor ou quer ser famoso? — perguntei.

— Quero ser um cantor famoso.

— E se pudesse ser só um dos dois?

— Então eu queria ser conhecido.

— Por quê?

— É bom ser famoso. Não é?

— A celebridade é só uma roupa, Sycomorus. Uma roupa no fim se torna muito justa, muito usada ou acaba sendo roubada de você. O que conta, acima de tudo, é o que você é quando está nu.

O clima era lúgubre. Quando eu ia encontrar tio Saul durante seu intervalo de descanso no banco em frente à loja, ele estava taciturno e pensativo. Passei a ir ao Whole Foods um dia sim, um dia não, e depois uma vez a três dias. No fundo, Faith era a única pessoa que fazia tio Saul sorrir. Ele lhe dedicava inúmeras gentilezas: lhe dava flores, levava mangas de seu quintal, inclusive a convidou para jantar em sua casa. Para recebê-la, pôs uma gravata, o que eu não o via fazer havia anos. Eu me lembro de que em Baltimore ele tinha uma coleção impressionante de gravatas, que desaparecera após Coconut Grove.

Fiquei um pouco desestabilizado com a intromissão de Faith na dupla que eu formava com meu tio. Inclusive, acabei me perguntando se eu estava com ciúmes dela, sendo que deveria ter me alegrado porque meu tio encontrara alguém para distraí-lo de sua vida monótona. Cheguei a desconfiar das razões das temporadas que eu passava na Flórida. Eu estava ali por amor ao meu tio ou para lhe mostrar que seu sobrinho de

Montclair o ultrapassara?

Certo domingo, enquanto ele lia na sala e eu me preparava para dar uma volta em Miami a fim de deixá-lo namorar em paz, perguntei:

— Não vai encontrar Faith hoje?

— Não.

Não comentei mais nada.

— Markie — disse ele, por fim —, não é o que você está pensando.

— Não estou pensando nada.

* * *

Quando, pela primeira vez, ele colocou uma barreira entre nós dois, achei que era por causa de todas as perguntas que eu fazia e o irritavam. Isso aconteceu certa noite, depois do jantar, enquanto passeávamos sossegadamente pelas ruas tranquilas de Coconut Grove, como costumávamos fazer. Eu lhe disse:

— Vovô me contou sobre sua briga com vovô. Foi por causa disso que você veio para Baltimore?

— Minha universidade era filiada à de Baltimore. Eu me matriculei no curso de direito. Achei que era uma boa formação. Depois passei no exame da ordem de Maryland e comecei a trabalhar em Baltimore. É as coisas passaram a dar certo para mim como advogado.

— E você não encontrou mais o vovô?

— Não por mais de doze anos. Mas sua avó veio me visitar várias vezes.

* * *

Tio Saul me contou como, durante anos, uma vez por mês, vovó Ruth saía em segredo de Nova Jersey para ir a Baltimore passar o dia e almoçar com ele.

Em 1974, fazia um ano que tio Saul e vovó haviam deixado de se falar.

— Como vai, querido? — perguntou vovó.

— Vou bem. O curso de direito é ótimo.

— Então vai ser advogado?

— É, acho que sim.

— Isso poderia ser útil para a empresa...

— Mamãe, não vamos falar sobre isso, por favor.

— Como vai Anita?

— Bem. Queria nos encontrar, mas tem prova amanhã e precisa estudar.

— Gosto muito dela, você sabe...

— Eu sei, mamãe.

— Seu pai também.

— Pare. Não vamos falar sobre ele, por favor.

* * *

Em 1977, fazia quatro anos que tio Saul e meu avô haviam deixado de se falar. Tio Saul terminava sua especialização e se preparava para trabalhar como advogado no tribunal. Instalara-se com tia Anita num pequeno apartamento no subúrbio de Baltimore.

— Você é feliz aqui? — perguntou minha avó.

— Sou.

— E você, Anita, está bem?

— Estou, sim, Sra. Goldman, obrigada. Terminei minha residência em medicina.

— Ela já recebeu uma oferta de emprego do Hospital Johns Hopkins — disse tio

Saul cheio de orgulho. — Falaram que a querem de qualquer jeito.

— Ah, Anita, isso é ótimo! Estou muito orgulhosa de você.

— Como vão as coisas em Secaucus? — indagou Anita.

— Saul faz muita falta ao pai.

— Faça falta? — perguntou tio Saul, irritado. — Foi ele quem me colocou para fora.

— Ele colocou você para fora ou você foi embora? Converse com ele, Saul. Façam as pazes, por favor.

Ele deu de ombros e mudou de assunto:

— Como está a empresa?

— Está bem. Seu irmão tem cada vez mais responsabilidades.

* * *

Em 1978, fazia cinco anos que tio Saul e meu avô haviam deixado de se falar. Tio Saul estava saindo do escritório de advocacia onde trabalhava para abrir o próprio. Anita e ele se mudaram para um pequeno condomínio em um bairro residencial de classe média.

— Seu irmão se tornou diretor da Goldman & Cia. — disse minha avó.

— Bom para ele. Foi o que papai sempre quis, de toda forma. Nathan sempre foi o preferido dele.

— Não diga besteira, Saul. Não é tarde para voltar... Seu pai ficaria muito...

Ele a interrompeu:

— Chega, mamãe. Vamos falar sobre outra coisa, por favor.

— Seu irmão vai se casar.

— Eu sei. Ele me disse.

— Pelo menos vocês dois mantêm contato. Vai ao casamento dele, não é?

— Não, mamãe.

* * *

Em 1979, fazia seis anos que tio Saul e meu avô haviam deixado de se falar.

— Seu irmão e a esposa estão esperando um filho.

Saul sorriu e se virou para Anita, sentada ao seu lado.

— Mãe, Anita está grávida...

— Ah, Saul, meu querido!

* * *

Em 1980, fazia sete anos que tio Saul e vovô haviam deixado de se falar. Com poucos meses de intervalo, Hillel e eu nascemos.

— Veja, é seu sobrinho Marcus — disse minha avó, pegando uma foto na bolsa.

— Nathan e Deborah vêm aqui na próxima semana. Vamos finalmente conhecer esse rapazinho. Estou feliz.

— Você vai conhecer seu primo Marcus — disse Anita a Hillel, que dormia no carrinho. — Você tem um filho agora, Saul, está na hora de colocar um ponto final nessa história com seu pai.

* * *

Em 1984, fazia mais de dez anos que tio Saul e meu avô haviam deixado de se falar.

— O que está comendo, Hillel?

— Batata frita, vovó.

— Você é o garoto mais bonitinho que eu conheço.

— Como vai o papai? — perguntou Saul.
— Não está muito bem. A empresa vai mal. Seu pai está arrasado, disse que estão afundando.

* * *

Em 1985, fazia doze anos que tio Saul e meu avô haviam deixado de se falar. A Goldman & Cia. estava à beira da falência. Meu pai preparara um plano de resgate que consistia em vender a empresa. Precisava de ajuda para concretizá-lo e foi até Baltimore procurar seu irmão mais velho, que havia se tornado um advogado especializado em fusões e aquisições.

Vinte e cinco anos mais tarde, enquanto passeávamos por Coconut Grove, tio Saul me contou como, certa noite de maio de 1985, todos os três se encontraram no prédio de tijolos vermelhos da Goldman & Cia., no estado de Nova York. A fábrica estava deserta e imersa na penumbra. Apenas o escritório do meu avô estava aceso, e a luz esquadrinhava seus livros-razão. Meu pai empurrou a porta e disse, baixinho:

— Papai, trouxe uma pessoa para nos ajudar.

Quando meu avô viu tio Saul na soleira da porta, desatou a chorar, se jogou nos braços dele e o abraçou bruscamente. Passaram os dias seguintes no escritório da empresa aprimorando o plano de resgate. Durante esse período, tio Saul não saiu do estado de Nova York, indo e voltando do hotel para a empresa, sem atravessar a fronteira de Nova Jersey nem voltar à casa de sua infância.

* * *

Terminado o relato de tio Saul, voltamos para casa em silêncio. Meu tio pegou duas garrafas d'água na geladeira e bebemos no balcão da cozinha.

— Marcus — disse ele —, acho que eu queria que você me deixasse sozinho um pouco.

Não entendi de imediato.

— Agora, você quer dizer?

— Quero que volte para Nova York. Gosto muito da sua companhia, não me entenda mal. Mas preciso ficar um pouco sozinho.

— Está bravo comigo?

— Não, de jeito nenhum. Só quero ficar um pouco sozinho.

— Vou embora amanhã.

— Obrigado.

Bem cedo na manhã seguinte, coloquei a mala no bagageiro do carro, dei um beijo em meu tio e voltei para Nova York.

* * *

A maneira como tio Saul me expulsou de sua casa me deixou encucado. Aproveitei para retornar a Nova York e passar um tempo com meus pais. Certo dia de junho de 2011, levei minha mãe para almoçar no restaurante de Montclair onde ela gostava de ir e conversamos sobre os Baltimore. Ficamos numa mesa na varanda, fazia um dia magnífico, e minha mãe disse de repente:

— Markie, sobre o próximo Dia de Ação de Graças...

— Ainda faltam cinco meses, mãe. Não é um pouco cedo para falar sobre isso?

— Eu sei, mas seu pai e eu gostaríamos muito de estar com você nesse dia. Faz muito tempo que não nos reunimos para comemorar o Dia de Ação de Graças...

— Não comemoro mais o Dia de Ação de Graças, mãe...

— Ah, Markie, fico mal quando ouço você dizer essas coisas! Precisa viver mais no presente e menos no passado.

— Sinto saudade dos Goldman-de-Baltimore, mãe...

Ela sorriu.

— Fazia tempo que eu não ouvia a expressão *Goldman-de-Baltimore*. Também sinto saudade deles.

— Mãe, não leve a mal minha pergunta, mas você sentia inveja deles?

— Eu tinha você, meu querido, o que mais poderia me faltar?

— Eu estava pensando naquelas férias em Miami, na casa do vovô e da vovó, quando tio Saul ficava com o quarto e papai e você eram obrigados a dormir no sofá.

Ela caiu na gargalhada.

— Seu pai e eu nunca nos incomodamos em dormir na sala de televisão. Como você sabe, foi seu tio quem comprou o apartamento dos seus avós, e achávamos perfeitamente normal que ele dormisse no quarto mais confortável. Todas as vezes, antes de ir, seu pai ligava para o seu avô recomendando que nos deixasse com a sala de televisão e colocasse Saul e Anita no quarto de hóspedes. E seu avô sempre respondia que Saul já telefonara pedindo que ele parasse de fazer o irmão dormir na sala de televisão e o deixasse com o quarto menos confortável. Seu pai e seu tio acabavam tirando na sorte. Eu me lembro de uma vez que os Baltimore haviam chegado antes de nós à Flórida e Saul e Anita já tinham se acomodado na sala de televisão. Ao contrário do que você pensa, nem sempre éramos seu pai e eu que dormíamos lá.

— Sabe, cansei de me perguntar se também poderíamos ter nos tornado os Baltimore...

— Somos os Montclair. E será sempre assim. Por que mudar? As pessoas são diferentes, Markie, e talvez a felicidade seja isto: vivermos em paz com o que somos.

— Você tem razão, mãe.

Achei que o assunto estava encerrado. Falamos sobre outras coisas, e, após terminar o almoço, fui deixar minha mãe em casa. Quando estávamos chegando, ela me pediu:

— Estacione um pouco, Markie, por favor.

Obedeci.

— Está tudo bem, mãe?

Ela me encarou como nunca fizera.

— Poderíamos, sim, ter sido os Baltimore, Markie.

— O que você quer dizer?

— Marcus, tem uma coisa que você não sabe. Quando você era bem pequeno, seu avô foi obrigado a vender a empresa, que estava indo mal...

— Eu sei disso.

— O que você não sabe é que, naquele momento, seu pai cometeu um erro pelo qual se culpou durante muito tempo...

— Acho que não estou entendendo, mãe...

— Markie, em 1985, quando a empresa foi vendida, seu pai não seguiu os conselhos de Saul. Ele perdeu a oportunidade de ganhar muito dinheiro.

Por bastante tempo, acreditei que a barreira entre os Montclair e os Baltimore se formara por causa dos imprevistos da vida. Na realidade, surgira numa única noite, ou quase isso.

Obedecendo à estratégia elaborada pelo meu pai e por tio Saul, a Goldman & Cia. foi vendida em outubro de 1985 à Hayendras Inc., uma empresa importante com sede no estado de Nova York.

Na véspera da venda, meu pai, tio Saul, vovô e vovó estavam em Suffern, onde ficava a sede da Hayendras. Meu pai e meus avós tinham ido juntos, de carro, de Nova Jersey, e tio Saul pegara um voo até o Aeroporto LaGuardia, depois alugara um carro.

Haviam reservado três quartos num Holiday Inn e passaram o dia inteiro numa sala de reuniões à disposição deles, relendo atentamente os contratos e se certificando de que tudo correspondia ao que fora combinado. Já era de madrugada quando terminaram e, por iniciativa do meu avô, foram jantar num restaurante no bairro. À mesa, meu avô olhou para os dois filhos e agarrou um braço de cada um.

— Vocês se lembram — disse ele — das horas que nós três passamos naquele banco nos imaginando comandando a empresa?

— Você inclusive nos deixava fumar — disse meu pai, achando graça.

— Pois bem, aqui estamos, meus filhos. Esperei muito tempo por esse momento. Pela primeira vez, vamos presidir juntos o destino da Goldman & Cia.

— Pela primeira e última vez — corrigiu tio Saul.

— Talvez, mas pelo menos isso finalmente aconteceu. Então nada de ficar triste esta noite: vamos brindar! Ao momento que alcançamos!

Ergueram suas taças de vinho e fizeram um brinde. Meu avô ainda perguntou:

— Tem certeza de que é uma boa ideia, Saul?

— Essa venda para a Hayendras? Sim, é a melhor opção. O preço de compra não é muito alto, mas é isso ou a falência. E, além do mais, a Hayendras vai crescer, o potencial está aí, eles saberão expandir a empresa. E os antigos funcionários serão contratados pela Hayendras... Não era isso que você queria também?

— Sim, claro, Saul. Não quero ninguém desempregado.

— Calculei que, descontados os impostos, você vai ficar com dois milhões de dólares — explicou ainda tio Saul.

— Eu sei — disse meu avô. — Quanto a isso, sua mãe, seu irmão e eu conversamos e decidimos que a empresa pertence a nós quatro. Eu a fundei na esperança de que algum dia meus dois filhos estivessem no comando, e é este o caso hoje à noite. Vocês realizaram meu desejo e sou eternamente grato. O dinheiro da venda será dividido em três partes iguais. Um terço para sua mãe e para mim, e um terço para cada um de vocês.

Houve um silêncio.

— Não posso aceitar — disse tio Saul, por fim, comovido por estar novamente integrado à família. — Não quero essa cota, não mereço.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — perguntou meu avô.

— Papai, em função do que aconteceu, eu...

— Vamos esquecer tudo isso, está bem?

— Deixe o passado para trás, Saul — insistiu meu pai. — É graças a você que hoje nossos funcionários, eu inclusive, não ficaram desempregados e que papai vai poder financiar a aposentadoria.

— É verdade, Saul. Graças à sua ajuda, sua mãe e eu poderemos nos mudar para um lugar ensolarado, talvez na Flórida. Como sempre sonhamos.

— Quanto a mim, vou me mudar para Montclair para ficar mais perto dos nossos novos escritórios — continuou meu pai. — Encontramos uma casa maravilhosa e vou

poder financiar um empréstimo com a minha parte da venda. É uma casa bonita, num bairro agradável, exatamente como eu queria.

Vovô segurou a mão da esposa, sorriu para os dois filhos e pegou na pasta os documentos do cartório.

— Mandei redigir os documentos que regularizam nossa sociedade na empresa — disse ele. — O produto da venda será dividido em três partes iguais, ou seja, 666.666,66 dólares para cada um.

— Mais de meio milhão de dólares — disse meu pai, sorrindo.

* * *

Na madrugada seguinte, meus avós e meu pai acordaram com uma ligação do tio Saul, que telefonou para seus quartos pedindo que o encontrassem o mais rápido possível no salão do café da manhã. Precisava falar com eles com toda a urgência.

— Um amigo meu me ligou de madrugada — explicou tio Saul, muito animado, entre um gole e outro de café. — Ele é corretor em Wall Street. Disse que a Hayendras é uma empresa ainda pouco conhecida, mas que vai crescer além do que eu imaginava. Parece que, segundo alguns boatos, pode entrar na Bolsa ainda este ano. Vocês têm ideia do que isso significa?

— Acho que não estou entendendo muito bem — respondeu minha avó pragmaticamente.

— Isso significa que, se a Hayendras entrar na Bolsa, o valor da empresa vai explodir. É inevitável! Uma empresa que faz isso se valoriza. Pensei bastante e acho que deveríamos negociar a venda da Goldman & Cia. em troca da participação em ações da empresa, em vez de dinheiro vivo.

— E isso muda o quê? — indagou meu avô.

— Isso muda que no dia em que a Hayendras entrar na Bolsa, as ações irão se valorizar e nossa participação vai aumentar. Nossos seiscentos mil dólares poderiam valer mais. Olhem, fiz uma proposta de alteração contratual. O que acham?

Ele distribuiu sua minuta de contrato, mas meu avô torceu o nariz.

— Saul, você quer que, em troca da Goldman & Cia., eu não receba dinheiro, mas um pedaço de papel dizendo que tenho algumas ações de uma empresa que nem sequer conheço?

— Exatamente. Um exemplo: vamos imaginar que hoje a Hayendras valha mil dólares. Digamos que você tenha um por cento, sua parte então vale dez dólares. Mas se a Hayendras entrar na Bolsa e todo mundo quiser investir na empresa, seu valor vai subir vertiginosamente. Vamos imaginar que o valor da Hayendras suba de repente para dez mil dólares. Sua parte passa a valer cem dólares! Nosso dinheiro pode supervalorizar!

— Sabemos como funciona a Bolsa — disse minha avó. — Mas acho que seu pai quer saber como vamos pagar o supermercado e a luz. Dinheiro teórico não paga as contas no fim do mês. E, além do mais, se a Hayendras não entrar na Bolsa ou ninguém se interessar pela empresa, as ações vão degingolar e nosso dinheiro perderá o valor.

— Esse é mesmo um risco...

— Não, não — afirmou minha avó. — Queremos dinheiro vivo, seu pai e eu não podemos correr o risco de perder tudo. Estamos jogando com nossa aposentadoria.

— Mas meu amigo me disse que é o investimento do século — insistiu Saul.

— Não é, não — encerrou meu avô.

— E você? — perguntou tio Saul ao meu pai.

— Também prefiro dinheiro vivo. Não acredito muito na mágica da Bolsa, é arriscado demais. Além disso, se eu quiser comprar essa casa em Montclair...

Meu avô notou a decepção no olhar de tio Saul.

— Escute, Saul — ponderou —, se acredita mesmo nessas histórias de Bolsa, nada impede que você peça sua parte em ações.

E foi o que tio Saul fez. Um ano depois, a Hayendras fazia uma entrada espetacular na Bolsa. Pelo que minha mãe me explicou certo dia, o valor das ações foi multiplicado por quinze. Em poucas horas, os 666.666,66 dólares do tio Saul haviam se transformado em 9.999.999,99. Tio Saul acabara de embolsar dez milhões de dólares, que ele receberia meses depois ao vender sua parte. Foi o ano em que ele comprou Oak Park.

Meu pai, após visitar a fantástica mansão do irmão, se convenceu dos benefícios da Bolsa. No início de 1988, um memorando interno redigido por Dominic Pernell, o presidente da Hayendras, se gabando da saúde econômica da empresa e incitando os funcionários a comprar ações, acabou por persuadi-lo. Juntou o que lhe restava da sua parte da venda da Goldman & Cia. e induziu meu avô a fazer o mesmo.

— Nós também deveríamos comprar ações da Hayendras! — insisti meu pai ao telefone.

— Você acha?

— Pai, veja o que isso rendeu a Saul: milhões! Milhões de dólares!

— Deveríamos ter escutado seu irmão quando vendemos a empresa.

— Ainda há tempo, pai!

Meu pai juntou setecentos mil dólares: todas as suas economias e as de vovô. Todo o tesouro de guerra deles. Converteu o dinheiro em ações da Hayendras, que também deviam, segundo seus cálculos, rapidamente torná-los milionários. Uma semana mais tarde, recebeu uma ligação preocupada do tio Saul.

— Acabei de falar com papai e ele me contou que você investiu o dinheiro dele.

— Ah, relaxe, Saul! Fiz um investimento igual ao seu. Para ele e para mim. Qual é o problema?

— Você comprou que tipo de ações?

— Ações da Hayendras, é claro.

— O quê? Quanto?

— Não é da sua conta.

— Quanto? Preciso saber quanto!

— Setecentos mil dólares.

— O quê? Mas você enlouqueceu? É quase todo o dinheiro de vocês!

— E qual é o problema?

— Como assim, *qual é o problema?* É um risco enorme!

— Ué, Saul, no momento de vender a empresa você nos aconselhou a receber tudo em ações. Convertemos tudo agora. Não vejo diferença.

— Na época era diferente. Se der errado, papai perde toda a aposentadoria dele! Vai viver de quê?

— Não se preocupe, Saul. Pelo menos uma vez, me deixe agir sozinho.

No dia seguinte a essa conversa, para a imensa surpresa do meu pai, tio Saul apareceu em seu escritório na sede da Hayendras.

— Saul, o que está fazendo aqui?

— Preciso falar com você.

— Por que não me ligou?

— Eu não podia falar por telefone, é muito arriscado.

— Falar o quê?

— Venha, vamos dar uma volta.

Eles foram para o parque contíguo ao prédio e se isolaram.

— A empresa está indo mal — disse tio Saul ao meu pai.

— Como pode dizer isso? Estou a par da situação econômica da Hayendras: é ótima,

fique sabendo. O presidente Dominic Pernell fez um comunicado e nos recomendou comprar ações. A cotação acabou de subir, aliás.

— Claro que a cotação subiu, todos os funcionários correram para comprar.

— O que está tentando me dizer, Saul?

— Venda suas ações.

— O quê? Jamais!

— Preste muita atenção: sei do que estou falando. A Hayendras está muito mal, os números são dramáticos. Pernell não devia ter aconselhado a compra de ações. Você precisa se livrar das suas imediatamente.

— Que palhaçada é essa, afinal, Saul? Não acredito em uma só palavra do que está dizendo.

— Acha que eu teria vindo de Baltimore se não fosse algo tão sério assim?

— Você está chateado porque vendeu suas ações e não consegue mais recuperá-las? É isso? Quer que eu venda para você comprar de novo?

— Não, quero que você venda para se livrar delas.

— Que tal me deixar respirar um pouco, Saul? Você salvou a empresa do papai, garantiu a aposentadoria dele, arranhou um trabalho para todos os funcionários: ele te adora, você é o filho pródigo! Sempre foi o preferido do papai, de qualquer forma. E, como se isso não bastasse, ainda tirou a sorte grande!

— Mas eu aconselhei que vocês recebessem em ações na época!

— Não está satisfeito com sua carreira de advogado, sua mansão e seus carros? Quer mais? O próprio presidente nos disse para comprar, e todo mundo fez isso! Todos os funcionários compraram! Qual é o seu problema? Você fica irritado com a possibilidade de que eu também possa ganhar dinheiro?

— O quê? Mas afinal por que se recusa a me escutar?

— Você sempre quis me humilhar. Principalmente na frente do papai. Quando éramos crianças, no banco ele só falava com você! Saul isso, Saul aquilo!

— Não sabe do que está falando.

— Você precisou desaparecer para que ele olhasse para mim. E tem mais: quando você estava na geladeira, o número de vezes que ele deu a entender que a empresa seria melhor dirigida se você tivesse assumido o cargo...

— Você está delirando, Nathan. Se estou aqui, é para lhe dizer que a Hayendras vai mal, os números são ruins e, assim que tudo vier à tona, o preço da ação vai despencar.

Meu pai parou de repente.

— Como sabe isso? — perguntou.

— Sei e pronto. Estou suplicando, acredite em mim. Sei por uma fonte segura. Não posso dizer mais nada. Venda tudo e, preste bem atenção, não comente com ninguém. Com ninguém, está ouvindo? Estou cometendo um delito grave ao lhe dar essa informação. Se alguém souber que te avisei, terei sérios problemas e você e papai também. Já vai ser difícil vender todo esse montante sem despertar suspeitas. É melhor negociar em etapas. Corra!

Meu pai se negou a escutar a voz da razão. Ele parecia ter ficado deslumbrado com a vida que seu irmão levava em Baltimore e reivindicava sua parte. Sei que tio Saul fez tudo o que era possível, chegou a ir até a Flórida para encontrar meu avô e lhe pedir que convencesse o filho a vender as ações.

Então meu avô ligou para o meu pai.

— Nathan, seu irmão veio falar comigo. Ele disse que devemos vender nossas ações de qualquer maneira. Talvez devêssemos escutá-lo...

— Não, papai, confie em mim pelo menos uma vez, por favor!

— Ele disse que nos ajudaria a fazer um investimento melhor, em outras ações, que darão lucro. Confesso que estou um pouco preocupado...

— Ele que vá cuidar da própria vida! Por que não confia em mim? Fique sabendo

que também consigo fazer as coisas direito!

Acho que meu pai estava colocando o próprio orgulho em jogo. Tomara uma decisão e queria que a respeitassem. Não arredou de sua posição. Se era por convicção ou para desafiar o irmão, ninguém jamais saberá. Meu avô não forçou mais a barra, sem dúvida para não fazê-lo sofrer.

* * *

Enquanto minha mãe, dentro do meu carro, continuava sua história, me lembrei de um episódio da infância. Eu estava com sete anos. Corri da sala para a cozinha, gritando: “Mamãe! Mamãe! Tio Saul está na televisão!” Era seu primeiro processo midiático, o início de sua glória. Nas imagens, ao seu lado, seu cliente, Dominic Pernell. Eu me lembro de que durante várias semanas contei cheio de orgulho a quem quisesse ouvir que tio Saul e o patrão do meu pai estavam nos jornais. O que eu não sabia era que Dominic Pernell tinha sido detido pela SEC, a agência americana de fiscalização do mercado financeiro, após ter fraudado as contas da Hayendras para convencer seus funcionários de um resultado espetacular e lhes vender por impulso milhões de dólares das próprias ações. Ele foi condenado por um tribunal de Nova York a quarenta e três anos de prisão. Nos dias seguintes à sua detenção, a ação da Hayendras despencou completamente e seu valor foi dividido por quinze. A empresa foi comprada por uma ninharia por uma importante firma alemã, que ainda existe. Os setecentos mil dólares do meu pai e do meu avô passaram a valer meros 46.666,66 dólares.

Baltimore se tornou a punição do meu pai. A casa, os carros, os Hamptons, as férias em Whistler, a suntuosidade do jantar de Ação de Graças, o apartamento em Buenavista, a segurança privada de Oak Park que nos considerava intrusos: tudo servia para lembrá-lo de que, ali onde seu irmão vencera, ele fracassara.

* * *

Nesse dia de junho de 2011, após conversar com minha mãe, liguei para o tio Saul. Ele pareceu contente em me ouvir.

— Almocei com a minha mãe — comentei. — Ela me falou sobre a venda da empresa para a Hayendras e de como papai perdeu as próprias economias e as do vovô.

— Assim que eu soube que seu pai tinha comprado essas ações, tentei convencê-lo a revendê-las. Depois ele me criticou por não ter explicado mais claramente a situação. Mas você precisa entender que naquele momento Dominic Pernell já sofrera o baque de uma investigação da SEC, me contratara para defendê-lo, eu sabia que ele tinha mentido para os funcionários e vendido suas ações para eles. Eu não podia revelar isso ao seu pai: conheço seu senso de justiça, e ele teria avisado aos outros funcionários. Milhares como ele investiram muito dinheiro nas ações da própria empresa. Mas se isso fosse divulgado, se a SEC soubesse que eu tinha dado informações ao seu pai, era prisão certa para o seu avô, para o seu pai e para mim. Eu só podia implorar que ele vendesse, mas não quis me escutar.

— Vovô ficou com raiva do papai?

— Não faço ideia. Ele sempre disse que não. Depois disso, houve uma onda de demissões na Hayendras, só que felizmente seu pai conseguiu manter o emprego. Mas seu avô tinha perdido todo o dinheiro da aposentadoria. Então após esse dia eu passei a ajudá-lo.

— Você ajudou o vovô por causa da briga? Para ser perdoado?

— Não, eu ajudei porque ele era meu pai. Porque não tinha mais um dólar furado. E porque eu conseguira meu dinheiro graças a ele. Não sei o que sua avó lhe contou sobre a briga, mas a verdade é que foi uma confusão terrível, e fui idiota e orgulhoso demais

para resolver as coisas. Essa é uma característica comum que tenho com seu pai: esses momentos em que não queremos ouvir a voz da razão e dos quais nos arrependemos pelo resto da vida.

— Vovó me disse que teve a ver com seu engajamento na causa dos direitos civis.

— Nunca fui engajado de verdade nessa causa.

— Mas e a foto na capa da revista?

— Só participei de uma manifestação para agradar ao pai de Anita, que era um ativista engajado. Sua tia e eu fomos parar na frente com ele e, por falta de sorte, tiraram aquela foto. Foi só isso.

— Como assim? Não estou entendendo. Vovó disse que você viajava o tempo todo.

— Ela não conhece toda a história.

— Mas então o que você fazia? E o que fez vovô acreditar que você estava tão envolvido na defesa dos direitos civis? Afinal de contas, vocês ficaram doze anos sem se falar!

Tio Saul estava prestes a me revelar o segredo, mas fomos interrompidos pela campainha de casa. Ele largou o telefone por um instante para poder ouvir: era a voz de uma mulher.

— Markie — disse ele, voltando para a linha —, preciso me despedir, querido.

— É Faith?

— É.

— Você está saindo com ela?

— Não.

— Se for esse o caso, pode me dizer. Você tem o direito de sair com alguém.

— Não tenho nada com ela, Markie. Nem com ela, nem com ninguém. Simplesmente porque não tenho vontade. Só amei sua tia e a amarei para sempre.

Eu me sentia outra pessoa quando voltei a Boca Raton, depois de dois dias em Nova York. Era início de maio de 2012.

— O que está havendo com você, cara? — perguntou Leo ao me ver. — Parece diferente.

— Alexandra e eu nos beijamos. Na minha casa, em Nova York.

Ele fez uma expressão de nojo.

— Acho que tudo isso vai ajudar no avanço do seu romance.

— Anime-se, Leo.

Ele sorriu para mim.

— Fico feliz por você, Marcus. Gosto muito de você. É um cara do bem. Se eu tivesse uma filha, faria de tudo para que ela se casasse com você. Merece ser feliz.

* * *

Uma semana depois da minha noite com Alexandra em Nova York, eu não recebera nenhuma notícia dela. Tentei ligar duas vezes, sem sucesso.

Sem notícias, procurei na internet. Na página oficial do Facebook de Kevin, descobri que eles tinham viajado para Cabo San Lucas. Vi fotos dela à beira de uma piscina, com uma flor no cabelo. Ele tinha a indecência de exibir sua vida particular para todos. Em seguida as fotos haviam sido reproduzidas pelos tabloides. Lia-se: Kevin Legendre acaba com os rumores ao publicar fotos de suas férias com Alexandra Neville no México.

Fiquei profundamente magoado. Por que ela me beijou se ia viajar com ele depois? Por fim, foi meu agente quem me contou sobre o boato.

— Está sabendo, Marcus? Parece que o relacionamento de Kevin e Alexandra não anda bem.

— Vi as fotos deles em Cabo San Lucas e pareciam muito felizes.

— Você viu as fotos deles em Cabo San Lucas e só. Aparentemente, Kevin queria ficar sozinho com Alexandra e propôs essa viagem. Faz algum tempo que as coisas não estão bem entre eles, pelo menos é o que dizem. Ela não teria gostado nem um pouco do fato de que ele divulgou fotos dos dois nas redes sociais. Parece que voltou na mesma hora para Los Angeles.

Eu não tinha como verificar se o que meu agente dizia era verdade. Continuei sem notícias nos dias seguintes. Terminei de esvaziar a casa do meu tio. A transportadora foi buscar os últimos móveis. Era estranho ver o interior da casa completamente deserto.

— O que você vai fazer com essa casa agora? — perguntou Leo, dando uma olhada nos cômodos.

— Acho que vou vender.

— Sério?

— Sério. Você me falou que as recordações estão na cabeça. E acho que tem razão.

QUARTA PARTE

O livro do Drama (2002-2004)

Baltimore.
18 de fevereiro de 2002.

Enterramos tia Anita quatro dias depois do acidente, no cemitério de Forrest Lane. Havia muita gente. Muitos rostos que eu não conhecia.

Na primeira fila, tio Saul, com o semblante cansado, e Hillel, pálido e em choque. Parecia um fantasma, os olhos lívidos, o nó da gravata frouxo. Eu falava com ele, mas era como se não me ouvisse. Eu o tocava, mas era como se ele não sentisse. Como se estivesse anestesiado.

Sem conseguir acreditar, vi o caixão descer até o fundo da cova. Eu tinha a sensação de que aquilo não era real. Que não era minha tia Anita, minha tia tão amada, que estava naquele caixão de madeira sobre o qual jogávamos terra. Eu esperava vê-la se juntar a nós. Queria que ela me abraçasse como fazia quando eu era criança e a encontrava na plataforma da estação de Baltimore, onde ela me dizia: “Você é meu sobrinho preferido.” Então eu corava de felicidade.

Tia Anita morrera instantaneamente. A caminhonete que a atropelara não tinha parado. Ninguém vira nada. Pelo menos não o suficiente para ajudar a polícia, que não tinha qualquer pista. Após o impacto, Woody corra até ela: tentara reanimá-la, mas minha tia já partira. Quando percebeu que ela estava morta, ele começou a gritar, abraçando-a. Patrick ficara perplexo na calçada.

* * *

Patrick e Alexandra não estavam entre as pessoas que rodeavam a sepultura. Patrick devido ao que acabara de acontecer diante de sua casa, e Alexandra para evitar um escândalo com a presença de um membro da família Neville no enterro.

Woody, por sua vez, nos observava de longe, escondido atrás de uma árvore. A princípio, achei que ele não viera. Eu tentara em vão falar com ele durante a manhã inteira: seu celular estava desligado. No fim da cerimônia, notei sua silhueta. Mesmo de longe, eu o teria reconhecido. Todos os convidados seguiram para o estacionamento: havia um lanche marcado na casa de Oak Park. Andei discretamente em direção aos fundos do cemitério. Woody viu que eu me aproximava e fugiu. Então saí correndo. Ele acelerou, então eu disparei por entre os túmulos, com os sapatos escorregando na lama. Eu me aproximei dele, quis agarrar seu braço, mas perdi o equilíbrio e o arrastei comigo. Nós dois caímos no chão e rolamos no gramado barrento e molhado.

Ele se debateu. Embora fosse infinitamente mais forte do que eu, consegui me sentar em cima dele e o agarrei pela gola do paletó.

— Porra, Woody! — berrei. — Pare com essa babaquice! Onde você se enfiou? Faz três dias que não recebo notícias suas. Você não atende mais o telefone! Achei que tinha morrido!

— Seria melhor se eu tivesse morrido, Marcus.

— Como pode dizer uma idiotice dessas?

— Porque eu a matei!

— Você não a matou! Foi um acidente.

— Deixe-me em paz, Marcus, por favor!

— O que aconteceu naquela noite, Woody? O que você tinha ido fazer na casa de Patrick?

— Eu precisava falar com alguém. E só tinha ele para conversar. Quando cheguei ao seu apartamento, percebi que ele tinha um encontro de Dia dos Namorados. Havia flores, champanhe. Ele insistiu para que eu ficasse um pouco. Imaginei que sua convidada havia se escondido em um quarto até que eu fosse embora. No começo, quase achei graça naquilo. Em seguida, vi o casaco dela numa poltrona da sala. A convidada era tia Anita.

Eu não estava acreditando. Então o boato que corria em Oak Park era verdade. Tinha sido por ele que tia Anita largara o tio Saul.

— Mas o que aconteceu para você aparecer na casa de Patrick às onze da noite? Tenho a impressão de que você não está me contando tudo.

— Eu tinha discutido com Hillel. Quase saímos no tapa.

Eu não conseguia imaginar Woody e Hillel discutindo, muito menos saindo no tapa.

— Discutiram sobre o quê? — perguntei.

— Nada, Marcus. Agora me deixe em paz. Quero ficar sozinho.

— Não, não vou deixar você sozinho. Por que não me ligou? Por que disse que só podia conversar com Patrick? Você sabe que pode contar sempre comigo.

— Contar com você? Ah, é? Faz muito tempo que isso mudou, Marcus. Tínhamos feito uma promessa nos Hamptons, lembra? Não podíamos ter nada com Alexandra. Ao trair esse juramento, você traiu a todos nós, Marcus. Você preferiu uma garota em vez da Gangue. Aposto que naquela noite você estava transando com ela. Sempre que transa com ela, sempre que toca nela, você está traindo a gente, Marcus.

Tentei me forçar a agir como se não estivesse ouvindo nada daquilo.

— Não vou abandonar você, Woody.

Ele decidiu se livrar de mim. Com um gesto rápido, apertou minha glote com os dedos, interrompendo minha respiração. Então acabei cedendo: ele se desvencilhou da minha chave de braço e se levantou, me deixando tossindo no chão.

— Pode me esquecer, Marcus. Não devo existir mais.

E fugiu, correndo. Fui atrás dele de novo, mas só tive tempo de vê-lo entrar num carro com uma placa de Connecticut, que desapareceu rapidamente. Era Colleen ao volante.

* * *

Fui até a casa dos Baltimore e estacionei onde deu. A rua estava lotada com os carros das visitas. Eu não tinha vontade de entrar. Em primeiro lugar, por não estar apresentável, encharcado de suor e com o terno cheio de lama. Mas, acima de tudo, não tinha nenhuma vontade de ver tio Saul e Hillel desesperadamente sozinhos, cercados por todas aquelas pessoas condescendentes, repetindo, com a boca ainda cheia de amanteigados, frases prontas (“Só o tempo...”, “Ela vai fazer falta...”, “Que tragédia...”), antes de correr para a travessa de docinhos com medo de que acabassem.

Fiquei um tempo no carro observando a rua tranquila, remoendo as lembranças, quando apareceu uma Ferrari preta com placa do estado de Nova York: Patrick Neville tivera a audácia de vir. Estacionou no meio-fio do lado oposto e permaneceu dentro do carro por um instante, sem me ver. Acabei saindo do carro e, furioso, fui tirar satisfação. Ao me ver chegar, ele saiu. Estava com uma aparência horrível.

— Marcus — disse ele —, que bom ver alguém que...

Não permiti que terminasse a frase.

— Dê o fora daqui! — ordenei.

— Marcus, espere...

— Dê o fora!

— Marcus, você não sabe o que aconteceu. Me deixe explicar...

— Fora daqui! — berrei. — Fora, você não tem nada para fazer aqui!

Os convidados, alertados pelo barulho, saíram da casa dos Baltimore. Vi minha mãe e tio Saul correrem em nossa direção. Pouco depois, um pequeno grupo de curiosos se precipitou para fora, com os copos na mão, nos olhando fixamente para não perder a cena do sobrinho dando um corretivo no amante da tia. Ao deparar com o olhar desaprovador da minha mãe e os olhos impotentes do meu tio, senti uma vergonha fora do comum. Patrick tentou se explicar diante de todos:

— Não é o que vocês estão pensando! — repetia ele.

Mas apenas recebeu olhares cheios de desprezo. Então entrou no carro e foi embora.

Todo mundo voltou para a casa, e eu fiz o mesmo. Na escada da entrada, de onde assistira à cena, Hillel, o fantasma, me encarou e disse:

— Você deveria ter quebrado a cara dele.

Fiquei na cozinha, sentado no balcão. Maria, ao meu lado, chorava, arrumando bandejas de frios, enquanto as irmãs filipinas iam e vinham com a louça limpa. A casa nunca me parecera tão vazia.

* * *

Depois do enterro, meus pais continuaram em Baltimore por mais dois dias e só então voltaram para Montclair. Como eu estava sem cabeça para retornar à universidade, fiquei mais alguns dias por lá.

Eu falava com Alexandra todas as noites. Com medo de ser flagrado por Hillel, dei a desculpa de que precisava fazer compras e peguei o carro de tio Saul. Comprei um café no drive-thru de um Dunkin Donuts ao mesmo tempo próximo e suficientemente longe para não ser visto. Parei no estacionamento, inclinei o encosto do banco e liguei para Alexandra.

Só a voz dela curava minhas feridas. Eu me sentia mais forte e mais poderoso quando falava com ela.

— Eu queria muito estar ao seu lado, Markie.

— Eu sei.

— Como estão Hillel e seu tio?

— Não tão mal. Você esteve com seu pai? Ele comentou sobre o incidente?

— Ele entendeu perfeitamente, não se preocupe, Markie. Todo mundo fica com os nervos à flor da pele num momento como esse.

— Ele não podia transar com alguém que não fosse minha tia?

— Ele falou que eram apenas amigos, Markie.

— Woody me disse que havia uma mesa arrumada para comemorar o Dia dos Namorados.

— Anita queria ter uma conversa séria com ele. Sobre o seu tio... Até quando você vai ficar em Baltimore? Estou com saudade...

— Não sei. Pelo menos até o fim da semana. Também estou com saudade.

Uma estranha calma reinava na casa. O fantasma de tia Anita vagava entre nós. A irre realidade da situação superava a tristeza. Maria se atarefava inutilmente. Eu a ouvia ficar irritada consigo mesma ("A Sra. Goldman tinha mandado limpar as cortinas", "A Sra. Goldman ficaria decepcionada com você"). Já Hillel ficara completamente mudo. Passava a maior parte do tempo no quarto, no parapeito da janela. Consegui forçá-lo a me acompanhar numa breve caminhada até o Dairy Shack. Pedimos um milk-shake, que tomamos ali mesmo. Depois voltamos para a casa dos Baltimore. Ao chegar a Willowick Road, Hillel me disse:

— Tudo isso, em parte, é culpa minha.

— Tudo isso o quê? — perguntei.

— A morte da minha mãe.

— Não diga uma coisa dessas... Foi um acidente. A porra de um acidente.

Ele continuou:

— Tudo isso é culpa da Gangue dos Goldman.

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo.

— Sabe de uma coisa? Acho que a gente devia tentar se apoiar. Woody também não está bem.

— Tanto faz...

— Encontrei com ele no cemitério um dia desses. Ele contou que vocês tinham discutido naquela noite...

Hillel me encarou bem nos olhos.

— Acha que é o momento de falar sobre isso?

Tive vontade de responder que sim, mas eu não conseguia sequer sustentar seu olhar. Retomamos nossa caminhada em um silêncio absoluto.

* * *

Naquela noite, tio Saul, Hillel e eu jantamos o frango assado que Maria havia preparado. Não pronunciamos uma só palavra durante toda a refeição. Por fim, Hillel disse:

— Vou embora amanhã. Vou voltar para Madison.

Tio Saul assentiu. Percebi que os Goldman-de-Baltimore estavam caminhando para a desintegração. Dois meses antes, Hillel e Woody curtiam a época áurea da Universidade de Madison, e tia Anita e tio Saul formavam um casal feliz e bem-sucedido. Agora tia Anita estava morta, Woody, perdido, e Hillel, preso em seu silêncio. Quanto ao meu tio Saul, aquele foi o início de uma nova vida para ele em Oak Park. Resolveu assumir o papel do viúvo perfeito: corajoso, resignado e forte.

Fiquei em Baltimore ainda por uma semana e assisti ao espetáculo diário dos vizinhos que passavam para lhe trazer comida e solidariedade. Eles desfilavam pela casa dos Baltimore. Davam fortes abraços em tio Saul, trocavam olhares comovidos e demorados apertos de mão. Por outro lado, eu flagrava conversas no supermercado, na tinturaria, no Dairy Shack: os rumores fervilhavam. Ele era o corno, o humilhado. Aquele cuja esposa fora morta ao fugir da casa do amante após ser flagrada na noite do Dia dos Namorados pelo quase filho adotivo. Todo mundo parecia conhecer os mais ínfimos detalhes sobre a morte de tia Anita. Todo mundo sabia. Ouvi inclusive comentários indisfarçados:

“Ele bem que procurou por isso.”

“Onde há fumaça há fogo.”

“Nós o vimos com aquela mulher no restaurante.”

Então descobri que havia uma mulher na história. Uma tal de Cassandra, do clube de tênis de Oak Park.

* * *

Acabei indo ao clube de tênis. Não precisei procurar por muito tempo: na recepção havia um quadro com os retratos e os nomes dos professores de tênis e um era de uma atraente mulher chamada Cassandra Davis. Só precisei agir feito um idiota simpático com uma das secretárias para descobrir que, por um grande acaso, ela dera aulas particulares para o meu tio e que, por um acaso ainda maior, estava doente naquele dia. Mas consegui o endereço e decidi ir à casa dela.

Cassandra, como eu desconfiava, não estava doente. Quando entendeu que eu era sobrinho de Saul Goldman, bateu a porta do seu apartamento na minha cara. Como insisti para que abrisse de novo, ela gritou pela fresta:

— O que você quer comigo?

— Eu só queria entender o que aconteceu com a minha família.

— Se Saul quiser, pode te contar.

— Você é amante dele?

— Não. Só saímos para jantar juntos uma vez. E nada aconteceu. Mas agora que a esposa dele morreu, sou considerada a puta de plantão.

Cada vez eu entendia menos o que se passava. O fato era que Saul não estava me contando tudo. Eu não sabia o que acontecera entre Woody e Hillel e ignorava o que ocorrera entre tio Saul e tia Anita. Acabei indo embora de Baltimore uma semana depois do enterro de tia Anita, sem respostas para as minhas perguntas. Na manhã da minha partida, tio Saul me acompanhou até o carro.

— Você vai ficar bem? — perguntei, dando-lhe um abraço.

— Vou, sim.

Afrouxei o abraço, mas em seguida ele me segurou pelos ombros e disse:

— Fiz uma coisa errada, Markie. Por isso sua tia se foi.

* * *

Após sair de Oak Park, deixando atrás de mim tio Saul e Maria como últimos hóspedes da casa dos meus mais belos sonhos de infância, me demorei no cemitério de Forrest Lane. Não sei se viera atrás da presença de tia Anita ou se esperava esbarrar com Woody.

Em seguida, peguei a estrada para Montclair. Ao chegar à minha rua, me senti bem. O castelo dos Baltimore desmoronara, enquanto a casa dos Montclair, pequena, porém sólida, resistira orgulhosamente de pé.

Liguei para Alexandra para avisar que tinha chegado. Uma hora mais tarde, ela estava na casa dos meus pais. Tocou a campainha e eu abri. Foi um alívio tão grande vê-la que, extravasando todas as emoções reprimidas dos dias anteriores, comecei a chorar.

— Markie... — disse Alexandra, me abraçando. — Sinto muito mesmo, Markie.

Nova York.
Verão de 2011.

Os acontecimentos relacionados à morte de tia Anita encontraram nova ressonância nove anos após os fatos, em agosto de 2011, quando tio Saul me ligou para pedir que eu fosse assistir à destruição de seu nome no estádio da Universidade de Madison.

Retornei a Nova York depois que ele me expulsara de sua casa, em junho. Fazia cinco anos que ele morava em Coconut Grove, e seria a primeira vez que eu não iria visitá-lo na Flórida. Foi nesse momento que tive a ideia de comprar uma casa lá: se eu me sentia bem na Flórida, precisava ter um cantinho meu ali. Eu podia ter uma casa para escrever em paz, longe da agitação de Nova York e perto do meu tio. Até então eu partira do princípio de que minhas visitas lhe agradavam, mas imaginei que ele também devia precisar de um espaço para levar sua vida, sem o sobrinho em seu pé. Era compreensível.

O estranho era a escassez de notícias dele. Isso não era do seu feitio. Eu sempre tivera uma relação próxima com ele, a morte de tia Anita e o Drama nos haviam aproximado ainda mais. Fazia cinco anos que eu ia regularmente para a Costa Leste arrancá-lo da solidão. Por que ele cortara os laços de repente? Não se passava nem um dia sequer sem que eu me perguntasse se fizera alguma coisa errada. Estaria ligado a Faith, a gerente do supermercado, com quem eu suspeitava que ele tinha um caso? Será que ele se sentia constrangido por isso? Considerava-se infiel? Fazia nove anos que sua esposa falecera, ele tinha o direito de sair com alguém.

Só saí desse silêncio dois meses mais tarde para pedir que eu fosse ao estádio de Madison. Após perceber que Madison estava no centro da mecânica que destroçara os Baltimore, liguei para ele no dia seguinte. Madison era o veneno.

— Tio Saul, o que aconteceu em Madison durante esses anos? — perguntei ao telefone. — Por que você bancou a manutenção do estádio durante dez anos?

— Porque eu queria meu nome por cima.

— Mas por quê? Isso não combina com você.

— Por que está me fazendo todas essas perguntas? Por acaso vai finalmente escrever um livro sobre mim?

— Talvez.

Ele caiu na gargalhada.

— No fundo, quando Hillel e Woody foram para Madison, foi o início do fim. Começando pelo fim do meu casamento. Como você sabe, sua tia e eu nos amávamos muito.

Ele me contou por alto como, quando era um Goldman-de-Nova-Jersey, conheceria tia Anita, ao lado de quem se tornou um Goldman-de-Baltimore. Relembrou as origens do encontro deles, quando fora estudar na Universidade de Maryland, no fim dos anos 1960. O pai de tia Anita, o professor Hendricks, ensinava economia lá e tio Saul era seu aluno.

Os dois se entendiam particularmente bem e, quando tio Saul lhe pediu ajuda para um projeto, o professor Hendricks aceitou de bom grado.

O nome de Saul estava sempre presente nas conversas na casa dos Hendricks, de forma que certo dia a Sra. Hendricks, mãe de Anita, acabou perguntando:

— Afinal, quem é esse Saul que monopoliza nossas conversas? Assim vou ficar com ciúme...

— Meu aluno Saul Goldman, querida. Um judeu de Nova Jersey. O pai dele é dono de uma empresa de equipamentos médicos. Gosto muito desse rapaz, ele vai longe.

A Sra. Hendricks exigiu que Saul fosse convidado para jantar na casa deles, o que aconteceu na semana seguinte. Anita logo se encantou com o charme daquele rapaz amável e elegante.

Os sentimentos de Anita foram compartilhados. Saul, que em geral não se intimidava, ficava sem jeito quando a via. Acabou chamando-a para sair uma, duas vezes. Foi novamente convidado para jantar na casa dos Hendricks. Anita ficava admirada com a impressão que Saul causava em seu pai. Já tinha notado que ele olhava para Saul daquela maneira inconfundível que reservava a quem respeitava imensamente. Saul começou a frequentar a casa nos fins de semana, para trabalhar em seu projeto, que, ele explicara, tinha como objetivo alavancar a empresa do pai.

* * *

A primeira vez que se beijaram foi num dia de chuva. Enquanto a levava para casa de carro, um dilúvio desabou sobre eles. Então Saul estacionou um pouco antes da casa dos Hendricks. A carroceria era fustigada pela chuva torrencial, então Saul sugeriu que esperassem um pouco. “Acho que não vai durar”, declarou num tom de especialista. Alguns minutos mais tarde, a chuva piorou. A água que escorria pelo para-brisa e pelos vidros deixava-os invisíveis. Saul aproximou a mão, ela a segurou e eles se beijaram.

A partir desse dia, se beijaram pelo menos uma vez todos os dias durante trinta e cinco anos.

* * *

Em paralelo ao seu curso de medicina, Anita trabalhava como vendedora na Delfino, uma loja de gravatas bastante renomada em Washington. Seu chefe era um casca-grossa. Às vezes tio Saul ia cumprimentá-la, dando uma passada rápida para não ser impoportuno, e fazendo isso só quando não havia cliente na loja. Mas o chefe dela não poupava comentários desdenhosos, dizendo-lhe: “Não pago você para namorar, Anita.”

Em consequência disso, para irritá-lo, tio Saul começou a comprar gravatas para legitimar sua presença. Ele entrava, fingia não conhecer Anita, dizendo-lhe “Bom dia, senhorita”, e pedia para experimentar alguns modelos. Às vezes, decidia rapidamente e comprava uma gravata. Mas em geral demorava. Experimentava, experimentava de novo, refazia os nós três vezes, pedia desculpas a Anita por ser tão lento, e ela precisava morder os lábios para não rir. Todo esse circo enlouquecia seu chefe, mas ele não se atrevia a dizer nada, afinal não queria arriscar perder uma venda.

Anita suplicava para que Saul parasse: ele não tinha muito dinheiro e acabava gastando tudo em gravatas inúteis. Ele, ao contrário, lhe dizia que nunca fizera tão bom uso de seu dinheiro. Ia guardar aquelas gravatas pelo resto da vida. E, anos mais tarde, em sua mansão de Baltimore, quando tia Anita sugeria que Saul se livrasse daquelas velhas gravatas, ele ficava ofendido, garantindo que cada uma delas era uma recordação especial.

* * *

Quando Saul considerou que seu plano de revitalização da Goldman & Cia estava suficientemente bom, decidiu mostrá-lo ao pai. Na véspera de ir a Nova Jersey, ensaiou sua apresentação com Anita para ter certeza de que tudo seria perfeito. Porém, no dia seguinte, Max Goldman não quis ouvir falar sobre nenhuma expansão da empresa. Saul foi ignorado e ficou muito ressentido. De volta a Maryland, nem sequer ousou

contar ao pai de Anita que fora rechaçado.

* * *

O professor Hendricks era superengajado na causa dos direitos civis. Saul, por mais que não fosse um ativista, era sensível à causa. Acompanhou-o eventualmente a uma reunião e a uma manifestação, sobretudo porque considerara uma maneira de lhe agradecer pela ajuda em seu projeto. Mas logo descobriu outro interesse naquilo.

Naquela época, soprava no país um vento de contestação: as manifestações contra a guerra, a segregação e o governo ocorriam por toda parte. Estudantes de todas as universidades organizavam excursões em ônibus de um estado a outro para aumentarem o número de manifestantes, e Saul, que não tinha um dólar sequer para financiar as ideias de expansão da Goldman & Cia. que seu pai se recusava a apoiar, encontrou nessas manifestações a oportunidade de viajar de graça para prospectar os mercados em nome da empresa da família.

Seu raio de ação se expandiu no ritmo dos movimentos dos protestos. Motins da Universidade de Kent, greves universitárias contra Nixon. Ele planejava cuidadosamente as viagens e, nas cidades onde ocorreriam as manifestações, marcava reuniões com donos de hospitais, atacadistas, transportadores. Assim que chegavam ao local, ele desaparecia no meio da confusão da multidão. Abotoava a camisa, arrumava o terno, tirando os broches antiguerra, dava o nó na gravata e ia para suas reuniões. Apresentava-se como diretor de desenvolvimento da Goldman & Cia., pequena empresa de equipamentos médicos de Nova Jersey. Tentava entender quais eram as necessidades nas diferentes regiões, quais eram as expectativas e as reclamações dos hospitais e dos médicos, em que brecha a Goldman & Cia. poderia investir. Era na rapidez da entrega? Na qualidade do material? No serviço de manutenção? Era preciso criar um depósito em cada cidade? Em cada estado? Informava-se sobre os aluguéis, os salários, as convenções sociais dos funcionários. De volta ao seu quartinho no campus da Universidade de Maryland, juntava suas anotações numa grande pasta e registrava as mais diversas alternativas num mapa do país preso na parede. Só tinha uma ideia na cabeça: preparar, ponto a ponto, um projeto de expansão para a empresa do pai, do qual ele pudesse se orgulhar. Seria seu momento de glória: superaria seu irmão, o engenheiro respeitado. Seria ele quem garantiria a estabilidade dos Goldman.

Às vezes Anita o acompanhava nas viagens. Principalmente quando o pai dela participava da manifestação. Ela ficava com o pai durante toda a passeata e o distraía, dando a entender que Saul estava logo atrás ou com os organizadores, à frente da manifestação. Eles se encontravam no ônibus no fim do dia e o professor Hendricks perguntava:

- Onde você estava, Saul? Não te vi hoje.
- Essa multidão, professor Hendricks, essa multidão...

* * *

O ano de 1972 marcou o auge de seu ativismo. Ele abraçava todas as causas: Watergate, a igualdade das mulheres, o Projeto Honeywell contra as minas antipessoais. Pouco importava, contanto que tio Saul tivesse um bom álibi para continuar com suas prospecções. Num fim de semana, eles estavam numa manifestação em Atlanta, no seguinte, participavam de uma reunião do comitê dos direitos dos negros e, na outra semana, de uma passeata em Washington. Saul estava conseguindo firmar relações de parceria duradouras com hospitais universitários de primeira linha.

Os pais de Saul sabiam que o filho vivia zanzando, mas acreditavam totalmente na versão oficial que afirmava que ele era um ativista engajado na causa dos direitos civis.

Como poderiam imaginar a realidade?

* * *

Na primavera de 1973, tio Saul estava prestes a revelar ao pai o extraordinário trabalho que realizara para a empresa: havia parcerias prontas a serem assinadas, potenciais colaboradores de confiança, listas de depósitos a serem alugados. E então houve aquela manifestação em Atlanta, da qual o professor Hendricks era um dos organizadores. Daquela vez, Saul e Anita permaneceram com ele na primeira fila durante toda a passeata. Isso não teria maiores consequências se a foto deles não tivesse sido capa da *Time*. Por causa dessa imagem, Max Goldman tivera uma discussão terrível com o filho. Depois disso, ficaram doze anos sem se falar. Bastava ter explicado ao meu avô, mas Saul fora incapaz de engolir seu orgulho.

* * *

Ao telefone, interrompi tio Saul para perguntar:

— Então você nunca foi um ativista?

— Nunca, Marcus. Eu só estava tentando expandir a Goldman & Cia. para impressionar meu pai. Isso era tudo o que eu queria: que ele tivesse orgulho de mim. Eu me senti totalmente rejeitado. Ele me magoou. Queria comandar tudo à sua maneira. Veja aonde isso nos levou.

* * *

Após a discussão, tio Saul decidiu dar um novo rumo à sua vida. Enquanto Anita cursava medicina, ele resolveu fazer direito.

Depois se casaram. Max Goldman não foi à cerimônia.

Saul começou a trabalhar como advogado no estado de Maryland. Anita fora contratada como médica patologista no Hospital Johns Hopkins, então eles se instalaram em Baltimore. Saul estudara direito comercial e logo se tornou um próspero advogado. Paralelamente, fez investimentos que se mostraram muito lucrativos.

* * *

Foram muito felizes juntos. Iam ao cinema toda semana e descansavam aos domingos. Quando Anita estava de folga, passava de surpresa no escritório dele para irem almoçar. Se, ao chegar, ela visse pelo vidro de sua sala que ele estava muito ocupado, preso numa reunião ou estudando um processo, ela ia ao Stella, um restaurante italiano que ficava ali perto. Pedia uma massa e um tiramisù para viagem e deixava com a secretária de Saul junto de um bilhete: “Um anjo passou por aqui.”

Ao longo dos anos, o Stella se tornou o restaurante preferido dos dois em Baltimore. Estreitaram relações com o dono, Nicola, a quem tio Saul prestava consultoria jurídica de vez em quando. Claro que Woody, Hillel e eu também conhecemos bem o Stella, aonde tio Saul e tia Anita nos levavam com frequência.

Durante os anos seguintes à sua mudança para Baltimore, a única nuvem que pairava sobre a felicidade deles era o fato de não terem filhos. Não havia explicação: os médicos consultados declararam os dois em perfeitas condições de saúde.

Anita finalmente engravidou após sete anos de casamento, e foi assim que Hillel entrou em nossas vidas. Será que aquela espera tinha sido um capricho da natureza ou não passara de uma pegadinha da vida, que dera um jeito para que Hillel e eu nascêssemos com apenas alguns meses de diferença?

Perguntei ao meu tio ao telefone:

- Qual é a relação entre o que você está me contando e Madison?
- As crianças, Marcus. As crianças.

Fevereiro a maio de 2002.

Durante os três meses que sucederam à morte de tia Anita, Hillel e eu terminamos a faculdade.

Woody, por sua vez, desistira definitivamente dos estudos. Sufocado pela culpa, encontrou consolo com Colleen, em Madison, que teve toda a paciência do mundo com ele. Durante o dia, Woody a ajudava no posto de gasolina; à noite, fazia um bico num restaurante chinês para ganhar um pouco mais de dinheiro. Com exceção das idas ao supermercado, entocava-se nesses dois lugares. Não queria esbarrar com Hillel. Eles não se falavam mais.

Com o diploma no bolso, eu decidira me dedicar ao meu primeiro romance. Era para mim o início de um período ao mesmo tempo trágico e maravilhoso, que desembocaria em 2006: ano da publicação de *G de Goldstein*, meu primeiro livro, ano da consagração do filho de Montclair, o veranista dos Hamptons, o novo queridinho da literatura americana.

Se algum dia você visitar meus pais em Montclair, com certeza minha mãe lhe mostrará “o cômodo”. Faz anos que ela o mantém intacto. No entanto, já supliquei várias vezes que o usasse para um propósito melhor, mas ela não quer nem saber. E ainda o chama de o *museu de Markie*. Se você for à casa deles, ela vai levá-lo para visitar esse quarto. Empurrará a porta e dirá: “Olhe, foi aqui que Marcus escreveu.” Eu certamente não teria pensado em me instalar mais uma vez na casa dos meus pais para escrever se minha mãe não tivesse feito a surpresa de reformar o quarto de hóspedes.

— Feche os olhos e me siga, Markie — dissera ela no dia em que voltei da faculdade.

Eu obedecera e me deixara guiar até o centro do quarto. Meu pai estava tão animado quanto ela.

— Não abra os olhos ainda — ordenara ela, ao perceber que eu mexia as pálpebras.

Eu ri. Por fim, ela permitira:

— Pronto, pode olhar!

Eu ficara sem palavras. O quarto de hóspedes, secretamente rebatizado sob meus cuidados como um quarto-bazar, por ter, ao longo do tempo, acumulado objetos que ninguém sabia se devia guardar ou jogar fora, havia sido transformado. Meus pais haviam desentulhado e reformado o local: cortinas novas, carpete novo e, numa das paredes, uma grande estante. De frente para a janela estava a escrivaninha que vovô usara durante a época em que comandara a própria empresa e que passara um tempo mofando num depósito.

— Bem-vindo ao seu escritório — dissera minha mãe, me dando um beijo em seguida. — Aqui você vai ficar bem para escrever.

Foi nesse escritório que redigi o romance sobre meus primos, *G de Goldstein*, o livro do destino perdido deles, que eu só finalizei após o Drama. Por muito tempo

afirmei que a redação do meu primeiro romance levou quatro anos. Mas basta reparar na cronologia para perceber que houve um buraco de dois anos, que me permite não ter de explicar o que fiz do verão de 2002 até o dia do Drama, em 24 de novembro de 2004.

Outono de 2002.

Após a morte de Anita, foi Alexandra quem me salvou.

Ela foi meu equilíbrio, minha balança, meu porto seguro na vida. Enquanto eu terminava meus estudos, fazia dois anos que ela não avançava com seu produtor. Alexandra me perguntou o que devia fazer, e afirmei que, na minha opinião, havia duas cidades propícias para lançar uma carreira musical: Nova York e Nashville, no Tennessee.

— Mas não conheço ninguém em Nashville.

— Nem eu — respondi.

— Então vamos para lá!

E seguimos juntos para Nashville.

Certa manhã ela veio me buscar na casa dos meus pais em Montclair. Tocou a campainha, e minha mãe abriu a porta, radiante.

— Alexandra!

— Bom dia, Sra. Goldman.

— Então, chegou o dia da grande partida?

— Sim, Sra. Goldman. Estou muito feliz que Markie vai me acompanhar.

* * *

Acho que meus pais ficaram felizes com a minha ida. Desde sempre os Baltimore haviam ocupado um lugar considerável na minha vida, então talvez fosse hora de me afastar.

Minha mãe achava que era uma loucura de juventude. Que aquilo duraria no máximo dois meses e voltaríamos estressados com a experiência. Nem de longe imaginava o que iria acontecer no Tennessee.

No carro, assim que saímos de Nova Jersey, Alexandra me perguntou:

— Não está muito triste por não poder aproveitar seu novo escritório, Markie?

— A hora do romance vai chegar. E, além do mais, não vou passar a vida inteira em Montclair.

Ela sorriu.

— E o que você vai ser? Um Baltimore?

— Acho que só quero me tornar Marcus Goldman.

* * *

Para mim, foi o início de uma vida mágica, que duraria dois anos e alçaria Alexandra à glória. Também foi o início de uma vida a dois sem igual: Alexandra recebia uma pequena quantia mensal graças a uma aplicação feita pelo pai. E eu tinha o dinheiro que herdara do vovô. Alugamos um pequeno apartamento, que foi nosso primeiro lar, onde ela compunha, e eu, à mesa da cozinha, escrevia os primeiros esboços de um romance.

Não fizemos nenhuma pergunta: não era cedo demais para juntar os trapos? Seríamos capazes de suportar juntos as provações do lançamento de uma carreira artística? Era uma aposta arriscada e poderia dar errado. Mas nossa cumplicidade transcendeu tudo. Era como se nada pudesse nos atingir.

Claro que estávamos um pouco apertados, mas sonhávamos nos instalar algum dia num grande apartamento do West Village, com uma varanda cheia de flores. Ela, uma cantora famosa; eu, um escritor de sucesso.

* * *

Eu a incentivei a esquecer os dois anos que passou com aquele produtor nova-iorquino: ela devia fazer o que gostava. Nada mais importava.

Ela compôs várias canções novas muito boas. Percebi que recuperara seu estilo. Sugerir que fizesse novos arranjos para algumas composições antigas. Enquanto isso, ela testava a reação do público ao se apresentar sempre que possível nos palcos de livre acesso dos bares de Nashville. Havia um em especial, o Nightingale, sobre o qual diziam que era muito frequentado por produtores em busca de novos talentos. Era onde ela ia cantar toda semana, na esperança de ser notada.

* * *

Nossas jornadas eram longas. À noite, exaustos depois de percorrer os bares, íamos a uma lanchonete que adorávamos, aberta dia e noite, e nos jogávamos num banquinho. Estávamos esgotados, famintos, mas felizes. Pedíamos hambúrgueres enormes e, saciados, permanecíamos mais um pouco ali. Estávamos bem. Ela me pedia:

— Conte, Markie, conte como será um dia...

Então eu profetizava o que nos tornaríamos.

Profetizava o sucesso da sua música, as turnês com lotação esgotada, estádios cheios, milhares de pessoas que foram até lá só para ouvi-la. Eu a descrevia como se pudesse vê-la no palco e ouvir o entusiasmo do público.

Depois eu falava sobre nós dois. De Nova York, onde moraríamos, e da Flórida, onde teríamos uma casa de férias. Ela me perguntava: “Por que a Flórida?” Eu respondia: “Porque vai ser ótimo.”

Em geral, era bem tarde e havia poucos clientes na lanchonete. Alexandra pegava o violão, se recostava em mim e começava a cantar. Eu fechava os olhos. E me sentia bem.

* * *

No outono, arranjamos um estúdio que nos fez um bom preço, e ela gravou uma demo.

Era preciso divulgá-la.

Percorremos as gravadoras da cidade. Ela se apresentava timidamente na recepção, com um envelope na mão, dentro do qual colocara um CD independente, com o melhor de sua produção. A funcionária a olhava com certo constrangimento, e ela acabava dizendo:

— Bom dia, meu nome é Alexandra Neville, estou procurando uma gravadora e...

— Você tem uma demo? — perguntava a recepcionista, entre um movimento e outro dos maxilares que permitia entrever um chiclete.

— Hum... tenho. Aqui está.

Estendia seu valioso envelope à funcionária, que o colocava numa bacia de plástico atrás dela, já lotada de outros CDs.

— Só isso? — perguntava Alexandra.

— Só isso — respondia a recepcionista num tom bastante desagradável.

— Vai me dar um retorno?

— Se a demo for boa, sim, sem dúvida.

— Mas como posso ter certeza de que vai escutar?
— Olhe, querida, na vida a gente nunca tem certeza de nada.
Então Alexandra saía decepcionada do prédio e entrava no carro, onde eu a esperava.
— Eles disseram que, se gostarem, darão um retorno — explicava ela.
Durante vários meses, ninguém ligou.

* * *

Com exceção dos meus pais, ninguém sabia de fato o que eu fazia. Oficialmente, eu estava no escritório de Montclair escrevendo meu primeiro romance.

Mas não havia ninguém para verificar.

A única outra pessoa que sabia a verdade era Patrick Neville, por intermédio de Alexandra. Mas eu não conseguia reatar com ele. Era o homem que roubara minha tia de mim.

A única sombra na minha relação com Alexandra. Eu não queria vê-lo: morria de medo de partir para cima dele. Era melhor ficar afastado. Às vezes Alexandra dizia:

— Sabe, sobre o meu pai...

— Não vamos tocar nesse assunto. É preciso deixar o tempo passar.

Ela não insistia.

* * *

No fundo, a única pessoa de quem eu queria esconder a verdade sobre Alexandra e eu era Hillel. Eu me enfiava numa mentira da qual não conseguia mais sair.

Eu mantinha um contato muito irregular com ele, não era mais como antes. Era como se, com a morte de tia Anita, nossa relação tivesse se rompido. Mas isso não estava ligado apenas à morte da mãe dele, havia outra coisa que não entendi de imediato.

Hillel se tornara um cara sério. Assistia às aulas na faculdade de direito e se limitava a isso. Perdera sua magia. E perdera seu alter ego. Rompera os laços com Woody.

Woody reconstruía a vida em Madison. Eu ligava para ele de vez em quando, mas não tinha nada para me contar. Entendi o mal que acometia os dois quando certo dia ele me falou ao telefone: “Nada de especial. O posto, o trabalho no restaurante. O de sempre, você sabe.” Abriam mão do sonho: haviam se deixado devorar por uma forma de renúncia à vida. Tinham entrado na linha.

Eles haviam defendido os oprimidos, criado a própria empresa de jardinagem, sonhado com o futebol americano e a amizade eterna. Era isto que unia a Gangue dos Goldman: éramos sonhadores de primeira categoria. Era isso que nos tornava únicos. Mas, no momento, de nós três eu era o último correndo atrás de um sonho. O sonho original. Por que minha ambição era ser um escritor famoso e não simplesmente um escritor? Por causa dos Baltimore. Eles tinham sido meus modelos e se tornaram meus rivais. Minha única aspiração era superá-los.

* * *

Naquele ano de 2002, meus pais e eu fomos a Oak Park comemorar o Dia de Ação de Graças. Apenas Hillel e tio Saul estavam presentes, e eles só beliscaram o jantar preparado por Maria.

Não era mais como antes.

Não consegui dormir naquela noite. Já eram duas da manhã quando desci até a cozinha para pegar uma garrafa d’água. E vi a luz acesa no escritório do tio Saul. Fui verificar e o encontrei sentado numa poltrona de leitura, contemplando um retrato dele com tia Anita.

Ele notou minha presença e acenei timidamente, constrangido por interromper seus pensamentos.

— Não está dormindo, Marcus?

— Não. Não consegui pegar no sono, tio Saul.

— Tem alguma coisa preocupando você?

— O que aconteceu com tia Anita? Por que ela deixou você?

— Isso não importa.

Ele se recusava a abordar o assunto. Pela primeira vez, entre os Baltimore e eu, uma barreira intransponível havia sido erguida: a dos segredos.

Nova York.

Agosto de 2011.

Quem era aquele tio que eu não reconhecia mais? Por que me expulsara de sua casa?

Sua voz me pareceu severa ao telefone.

Eu amava a Flórida porque ela devolvera meu tio Saul para mim. Entre a morte de tia Anita, em 2002, e o Drama, em 2004, ele tinha motivos de sobra para entrar numa profunda depressão. Mas sua mudança para Coconut Grove em 2006 o modificara. Meu tio Saul da Flórida voltara a ser meu tio tão amado. E durante cinco anos eu ficara feliz por tê-lo reencontrado.

Porém, mais uma vez eu sentia que nossa relação estava ameaçada. Ele voltara a ser o tio que escondia algo de mim. Guardava um segredo, mas qual? Será que tinha alguma relação com o estádio de Madison? Como insisti ao telefone, ele perguntou:

— Quer saber por que financiei a manutenção do estádio de Madison?

— Eu gostaria muito.

— Por causa de Patrick Neville.

— Patrick Neville? O que ele tem a ver com tudo isso?

Nunca suspeitei que a ida de Woody e Hillel para a faculdade fosse ter tanta influência na vida de tio Saul e tia Anita. Durante anos, eles tinham sido o núcleo existencial da vida dos Baltimore. Tudo havia sido construído à volta deles: as despesas escolares, as férias, as aulas extracurriculares. A rotina da família girava em torno do cotidiano deles. Os treinos de futebol americano, os programas, os aborrecimentos na escola. Durante anos, tio Saul e tia Anita viveram para os meninos e por intermédio deles.

Mas a roda da vida gira: aos trinta anos, tio Saul e tia Anita tinham a vida pela frente. Tiveram Hillel, compraram uma casa imensa. E então vinte anos passaram depressa. Num piscar de olhos, Hillel, o filho tão esperado, já estava na idade de ir para a faculdade.

Num dia de 1998, em Oak Park, dentro do carro que tio Saul tinha acabado de lhes dar de presente, Hillel e Woody seguiram para a universidade. E após vinte anos de plenitude, a casa ficou subitamente vazia.

Não houve mais escola, nem dever de casa, nem treinos de futebol americano, nem prazos. Restou apenas uma casa tão deserta que as vozes ecoavam pelas paredes. Não havia mais barulho nem alma.

Tia Anita se esforça para cozinhar para o marido. Apesar de seus horários apertados no hospital, encontra tempo para preparar pratos caprichados e complexos. Contudo, uma vez à mesa, eles comem em silêncio. Antes a conversa fluía, espontânea: Hillel, Woody, a escola, os deveres, o futebol americano. Até que o silêncio absoluto passou a imperar.

Eles recebem amigos, fazem trabalho voluntário: a presença de outras pessoas evita o tédio. As conversas fluem com mais facilidade. Porém, dentro do carro na volta não há

assunto. Falam de fulano, de sicrano. Mas nunca sobre eles mesmos. Estiveram tão ocupados com os filhos que não se deram conta de que não tinham mais nada a dizer um ao outro.

Então se fecham no silêncio. Só recuperam o ânimo quando encontram Woody e Hillel. Ir visitá-los na universidade os distrai. Vê-los passar alguns dias em casa os enche de alegria. A movimentação ressurgiu, a casa se anima, é preciso fazer compras para quatro pessoas. Em seguida, eles vão embora e o silêncio retoma seu lugar.

* * *

Não foi só a casa dos Baltimore que gradualmente perdeu sua ressonância após a saída de Hillel e Woody, mas também todo o ciclo da vida de tia Anita e tio Saul. Tudo havia mudado. Eles se esforçaram para agir como antes: Hamptons, Buenavista, Whistler. Mas sem Hillel e Woody aqueles lugares de felicidade se tornaram lugares de tédio.

Para piorar as coisas, a universidade passou a monopolizar Hillel e Woody. Tio Saul e tia Anita tiveram a impressão de perdê-los. Eles tinham o futebol americano, o jornal universitário, as aulas. Sobrava cada vez menos tempo para os pais. Quando finalmente se encontravam, em geral só falavam sobre Patrick Neville.

E esse foi um golpe terrível para o meu tio.

Ele começou a se sentir menos importante, menos indispensável. Ele, o chefe de família, o conselheiro, o guia, o sábio, o todo-poderoso, estava perdendo espaço. Sobre Hillel e Woody pairava a sombra de Patrick Neville. No deserto de Oak Park, aos poucos tio Saul se sentia descartado por Woody e Hillel, em prol de Patrick.

* * *

Quando Hillel e Woody voltavam para Baltimore, contavam como Patrick era maravilhoso e, quando meus tios iam a Madison para assistir aos jogos do Titans, percebiam claramente que havia algo especial entre Patrick e seus dois filhos. Meus primos tinham encontrado um novo exemplo para seguir, mais bonito, mais poderoso, mais rico.

Sempre que falavam sobre Patrick, tio Saul resmungava: “O que há de tão maravilhoso nesse tal de Neville?” Em Madison, Patrick sentia-se em casa. Se Woody e Hillel precisassem de ajuda, era a Patrick que recorriam. E quando surgiam questões sobre a carreira no futebol, também era Patrick que convinha interrogar. “Por que eles chamam sempre o Patrick?”, resmungava tio Saul, irritado. “Não importamos mais para eles? Não somos suficientemente bons? O que esse maldito Neville-de-Nova-York tem que eu não tenho?”

* * *

Passam um, dois anos. Tio Saul degradingola. Sua existência de Baltimore não lhe basta mais. Ele quer ser admirado novamente. Não pensa mais em tia Anita, só pensa nele mesmo. Os dois passam alguns dias juntos em Buenavista. Mas não é a mesma coisa. Sente falta dos filhos que o amam, sente falta do sobrinho Marcus, que fica encantado com o luxo do seu apartamento.

Tia Anita diz que está feliz por ficar a sós com ele, por finalmente ter tempo para os dois. Mas essa tranquilidade não satisfaz tio Saul. Ela acaba dizendo:

— Estou ficando entediada, Saul. Diga que me ama de novo. Diga o que me dizia trinta anos atrás.

— Minha querida, se está entediada, vamos comprar um cachorro.

Ele não nota a inquietude da esposa: os espelhos lhe mostram com clareza que ela

envelheceu. Faz mil perguntas a si mesma: será que ele a despreza porque está obcecado por Patrick Neville ou porque ela não o atrai mais? Em Madison, tia Anita vê aquelas garotas de vinte anos com um corpo e seios empinados e percebe que ele as deseja. Vai inclusive consultar um cirurgião plástico, suplicar por ajuda. Que levante seus seios, estique suas rugas, enrijeça seus glúteos.

Ela está infeliz. Seu marido se sente abandonado e com isso a abandona também. Gostaria de suplicar que ele não desviasse o olhar dela porque os dois envelheceram. Que dissesse que eles não estão perdidos. Que o amasse como antes, ao menos pela última vez. Que a desejasse. Que a possuísse, como fazia antes. Como fizera em seu quartinho na Universidade de Maryland, como fizera em Buenavista, como fizera nos Hamptons, como fizera na noite de seu casamento. Como fizera para ter Hillel, como fizera numa estradinha campestre no banco do velho Oldsmobile, como fizera inúmeras vezes durante as noites quentes na varanda de Baltimore.

Porém, Saul não tem mais tempo para ela. Não quer consertar as coisas, não quer trazer o passado de volta. Quer um renascimento. Assim que possível, sai de casa para correr.

— Você nunca correu, Saul — comenta tia Anita.

— Agora corro.

Ao meio-dia, não quer mais os pratos que ela traz do Stella. Não quer mais massa nem pizza, e sim saladas sem molho e frutas. Coloca halteres no quarto de hóspedes, um espelho em pé. Passa a fazer exercícios sem parar. Emagrece, se preocupa com o visual, troca de perfume, compra roupas novas. Seus clientes o prendem até tarde da noite. Ela fica à sua espera.

“Desculpe, tenho um jantar.” “Sinto muito, mas tenho uma viagem de negócios aqui, uma viagem de negócios acolá.” “As companhias marítimas nunca precisaram tanto do meu serviço.” De repente, fica exaltado.

Ela quer agradá-lo e faz tudo para isso. Coloca um vestido e prepara um jantar à luz de velas para ele: no momento em que o marido passar pela porta, ela vai se jogar em seu pescoço para beijá-lo. Espera tempo suficiente para entender que ele não vai aparecer. Por fim, ele liga e balbucia uma desculpa.

Quer agradá-lo e faz tudo para isso. Vai à academia, troca todo o guarda-roupa. Compra lingerie de renda e lhe propõe as mesmas brincadeiras de antes, de se despir diante dele. Saul responde: “Hoje à noite, não, mas obrigado.” E a larga assim: nua.

Quem é ela? Uma mulher que envelheceu.

Ela quer agradá-lo e faz tudo para isso. Porém, ele não olha mais para ela.

Ele volta a ser o Saul de trinta anos atrás: dança, cantarola, é engraçado.

Ele volta a ser o Saul que ela tanto amou. Contudo, não é mais ela quem ele ama.

Ele ama uma tal de Cassandra, que lhe dá aulas de tênis em Oak Park. É bonita, tem metade da sua idade. No entanto, o que mais seduz tio Saul é o brilho dos olhos dela quando ele fala. Ela olha para ele como Hillel e Woody faziam antigamente. Ele consegue impressionar Cassandra: conta a sacada genial que teve na Bolsa, o caso Dominic Pernell e suas façanhas judiciais.

Tia Anita encontra mensagens de Cassandra, vê a mulher visitando tio Saul em seu escritório com potes de salada e legumes orgânicos. Certa noite, ele sai de casa para “jantar com clientes”. Quando finalmente volta, tia Anita está esperando por ele e sente o perfume em sua pele. Então afirma:

— Quero me separar, Saul.

— Separar? Por quê?

— Porque você está me enganando.

— Não é verdade.

— E Cassandra, então?

— Não é você quem eu engano quando estou com ela. É a minha tristeza.

Ninguém suspeitou de como tio Saul sofreu com a afeição de Woody e Hillel por Patrick Neville durante os anos em Madison.

Quando tio Saul e tia Anita iam assistir a um jogo do Titans em Madison, sentiam como se fossem estranhos. Assim que chegavam ao estádio, Hillel já estava acomodado ao lado de Patrick numa fileira onde não havia mais lugares livres. Então eles se instalavam logo atrás. Após as vitórias, encontravam Woody na saída do vestiário: tio Saul irradiava orgulho e alegria, mas seus cumprimentos não tinham o mesmo peso dos de Patrick Neville. Suas opiniões não carregavam o mesmo peso que as dele. Quando tio Saul lhe dava um conselho tático, Woody respondia: “Talvez você tenha razão. Vou perguntar o que Patrick acha.” Após os jogos, tio Saul e tia Anita convidavam Woody e Hillel para jantarem juntos. Quase sempre declinavam, alegando que iam sair com o restante da equipe. “Claro, divirtam-se!”, dizia tio Saul. Certo dia, após uma partida, tio Saul foi jantar com tia Anita num restaurante de Madison. Quando estavam prestes a entrar, ele parou e deu meia-volta.

— O que está havendo? — perguntou tia Anita.

— Nada — respondeu tio Saul. — Perdi a fome.

Formou uma barreira diante da mulher e tentou convencê-la a não entrar. Ela percebeu que alguma coisa estava acontecendo e, ao olhar pelo vidro do restaurante, deparou com Woody, Hillel e Patrick confraternizando numa mesa.

Certo dia, Woody e Hillel chegam a Baltimore numa Ferrari preta de Patrick. Tio Saul, desconcertado, exclama:

— O que houve? O carro que comprei para vocês não é bom o suficiente?

Ele tem a impressão de que foi ultrapassado por Patrick Neville. Só se fala sobre sua carreira, seu sucesso, seu apartamento extraordinário em Nova York, seu salário extravagante. Passam os fins de semana na casa dele. Patrick se torna o melhor amigo de seus dois meninos.

E quanto mais vão assistir aos jogos do Titans, quanto mais Woody ganha, mais tio Saul se sente abandonado. É com Patrick que Woody fala sobre suas oportunidades e seus planos de carreira. É com Patrick que ele quer jantar após os jogos. “Ora, foi graças a nós que ele não largou o futebol”, resmunga tio Saul, infeliz, quando fica sozinho com a esposa no carro.

Eles acabam indo participar dos jantares pós-jogo. Quando Patrick Neville se prepara para pagar sorrateiramente a conta, Saul fica furioso. “O que ele acha? Que não tenho dinheiro para convidar? Quem ele pensa que é?”

Meu tio Saul tinha sido derrotado.

Voava em primeira classe? Patrick Neville voava em um jatinho particular.

O carro de Patrick valia um ano do salário de Saul. Seus banheiros eram do tamanho dos quartos de Saul, seus quartos, do tamanho da sala de Saul, e sua sala, do tamanho da casa de Saul.

Ao telefone, escuto tio Saul. Por fim, digo:

— Você está enganado. Eles sempre amaram e admiraram muito você. Woody era muito grato pelo que você tinha feito por ele. Dizia que, sem você, teria acabado na rua. Foi ele quem pediu para estampar o nome Goldman na camisa.

— Não é uma questão de estar enganado ou não, Marcus. É um sentimento. Ninguém pode controlar ou racionalizar isso. Um sentimento. Eu tinha inveja, não me sentia à altura. Patrick era um Neville-de-Nova-York, nós éramos apenas os Goldman-de-Baltimore.

— Então você pagou seis milhões de dólares para ter seu nome no estádio de Madison — falei.

— Sim. Para que meu nome fosse exibido em letras enormes na entrada do campus. Para que todo mundo me visse. E para juntar essa quantia fiz uma grande besteira. E se tudo o que aconteceu tiver sido culpa minha? E se meu trabalho no supermercado não passar, no fundo, de uma punição pelos meus pecados?

2003-2004.

No início de 2003, numa noite em que se apresentava no palco do Nightingale, Alexandra conheceu alguém que iria mudar sua vida. Quando terminou seu número, ela se juntou a mim na plateia. Aplaudi, lhe dei um beijo e estava prestes a pegar um copo para ela quando um homem nos abordou.

— Adorei! — falou para Alexandra. — Você tem um talento inacreditável!

— Obrigada.

— Quem compôs essas músicas?

— Fui eu mesma.

Ele lhe estendeu a mão.

— Meu nome é Eric Tanner. Sou produtor e estou procurando um artista para lançar pelo meu selo. Você é a pessoa que estou esperando faz tempo.

Eric tinha uma maneira doce e sincera de falar, muito diferente dos falastrões que eu conhecera até então. Mas ele só ouvira Alexandra por vinte minutos e já tinha inúmeras ideias. Concluí que ou era um picareta ou um louco.

Ele nos deu seu cartão, e, ao conferir seus dados, tivemos todos os motivos para desconfiar dele. De fato tinha uma empresa registrada em seu nome, mas o endereço era o de sua casa no subúrbio de Nashville e ele ainda não produzira nenhum artista. Alexandra decidiu não telefonar. Foi ele quem veio nos procurar. Voltou todas as noites ao Nightingale até nos encontrar de novo. Insistiu em nos oferecer um drinque e nos acomodamos em uma mesa sossegada.

Ele disparou um monólogo de uns vinte minutos, listando tudo o que o comovera em Alexandra e por que apostava que ela se tornaria uma grande estrela.

Ele nos explicou que antes trabalhava como produtor numa grande gravadora e que acabara de pedir demissão. Fundar o próprio selo era o sonho da sua vida, mas ele precisava de um artista à altura de suas ambições, e Alexandra era a estrela que ele esperava fazer tempo. A força de seu discurso, seu carisma e seu entusiasmo convenceram Alexandra. Quando ele terminou, ela pediu para conversar comigo por um instante e me chamou em particular. Reparei que seus olhos brilhavam de alegria.

— É ele, Markie. É o cara certo. No fundo, eu sinto. É ele. O que você acha?

— Siga o seu instinto. Se acredita nele, deve ir em frente.

Ela sorriu. Voltou a se sentar e disse a Eric:

— Combinado. Vou fazer esse disco com você.

Assinaram uma minuta de contrato num pedaço de papel.

* * *

Foi o início de uma aventura extraordinária. Eric nos acolheu. Era casado e pai de dois filhos, e jantamos inúmeras vezes na casa dele durante a produção do primeiro álbum de Alexandra.

Montamos uma banda, promovendo audições com os músicos da região num estúdio que Eric pegara emprestado.

Em seguida, começamos o longo processo de gravação, que demorou alguns meses. Alexandra e Eric escolheram as doze faixas que estariam no álbum e trabalharam os arranjos. Depois se concentraram na parte do estúdio.

Em outubro de 2003, cerca de um ano e meio após termos nos mudado para

Nashville, o primeiro disco de Alexandra finalmente estava pronto.

Ainda faltava encontrar um jeito de torná-la conhecida. Para esse tipo de situação, havia apenas um caminho: pegar um carro e percorrer o país para uma turnê nas rádios.

E foi o que Alexandra e eu fizemos.

Atravessamos o país de ponta a ponta, de norte a sul, de leste a oeste, de cidade em cidade, distribuindo o disco nas estações de rádio e, sobretudo, persuadindo os radialistas a divulgarem as músicas dela.

Todos os dias era um recomeço. Nova cidade, novas pessoas a conquistar. Dormíamos em pousadas baratas, onde Alexandra conseguia aliciar os funcionários e usar a cozinha para preparar biscoitos e um bolo para os executivos da rádio. Também escrevia à mão longas cartas para agradecer pela atenção deles. Nunca parava. Dedicava tardes a isso, às vezes noites. Eu bocejava na bancada da cozinha ou no canto da mesa ao seu lado. Durante o dia, eu dirigia e ela dormia no banco do carona. Quando chegávamos à estação de rádio que visitaríamos naquele dia, ela distribuía seus discos, cartas e biscoitos. Conquistava as estações de rádio com sua presença jovial e instigante.

Na estrada, escutávamos atentamente as rádios. A cada música, torcíamos, com o coração a mil, para ser dela. Mas nada.

Então, num dia de abril, após entrarmos no carro, liguei o rádio e, subitamente, ouvimos. Uma rádio estava tocando sua música. Coloquei o volume no máximo e a vi começar a chorar. Lágrimas de alegria escorriam por seu rosto. Ela me abraçou e demos um longo beijo. Alexandra afirmou que tudo aquilo era graças a mim.

Fazia quase seis anos que estávamos juntos, seis anos que éramos felizes. Eu achava que nada podia nos separar. A não ser a Gangue dos Goldman.

* * *

Foi Alexandra quem reuniu novamente a Gangue.

Ela ainda mantinha contato regular com Woody e Hillel. Num dia de primavera de 2004, me disse: “Você precisa conversar com Hillel, ele tem que saber sobre nós dois. É seu amigo e meu também. E amigos não mentem assim.”

Ela tinha razão, e foi o que eu fiz.

No início de maio, fui a Baltimore. Contei tudo a ele. Quando terminei de falar, ele sorriu para mim e se jogou em meus braços.

— Estou muito contente por você, Markie.

Fiquei surpreso com sua reação.

— Sério? — perguntei. — Não está irritado?

— Nem um pouco.

— Mas tínhamos feito aquele pacto, nos Hamptons...

— Sempre admirei você — disse ele.

— Que história é essa?

— A verdade. Sempre achei você mais bonito, mais inteligente, mais talentoso. O jeito como as garotas olham para você, como minha mãe falava de você após as temporadas que você passava em nossa casa. Ela me dizia: “Siga o exemplo de Markie.” Sempre admirei você, Markie. E, além do mais, seus pais são incríveis. Veja só, sua mãe montou um escritório para que você se tornasse escritor. Já meu pai me enche o saco desde sempre para que eu me torne advogado como ele. E é o que estou fazendo. Para agradar ao meu pai. Como sempre fiz. Mas você é um cara excepcional, Marcus. A prova é que nem se dá conta disso.

Sorri. Eu estava muito comovido.

— Queria que reencontrássemos Woody — falei. — Queria retomar a Gangue.

— Eu também.

* * *

O reencontro da Gangue, que aconteceu no Dairy Shack de Oak Park, me fez ter uma ideia melhor da união dos meus primos e eu. Um ano bastara para aplacar o sofrimento e as censuras e dar lugar àquela amizade fraternal, poderosa e inalterável, que unia nós três. Nada era capaz de destruí-la.

Nós nos sentamos em volta de uma mesa e bebericamos milk-shakes, como fazíamos na infância. Estávamos Hillel, Woody e Colleen, Alexandra e eu.

Notei que, no fundo, Woody era feliz com Colleen em Madison. Ela o reconfortara, curara suas feridas, o reconstruíra. Ele conseguira superar a morte de tia Anita.

Como que para exorcizar a má sorte, depois do Dairy Shack fomos ao cemitério de Forrest Lane. Alexandra e Colleen se mantiveram um pouco afastadas. Woody, Hillel e eu nos sentamos diante da lápide.

Havíamos nos tornado homens.

A foto de nós três não era como eu a imaginara dez anos antes.

Eles não haviam se tornado aqueles indivíduos superiores com os quais eu sonhara. Não haviam se tornado um grande jogador de futebol americano e um advogado célebre. Não haviam se tornado tão extraordinários quanto eu desejara. Mas eram meus primos, e eu os amava mais que tudo.

Em Oak Park, na mansão de Willowick Road, meu tio Saul não era mais o mesmo que eu conhecera. Estava mais solitário, mais triste. Porém, pelo menos eu também o reencontrara.

Cheguei a me perguntar se, quando criança, fora eu que sonhara no lugar deles. Se, no fundo, eu os percebia de uma forma diferente do que eles eram na realidade. Será que de fato tinham sido aquelas criaturas fora do comum que eu tanto admirara? E se tudo aquilo não tivesse passado de uma criação da minha mente? E se, desde sempre, eu mesmo fosse meu Baltimore?

* * *

Passamos a tarde e a noite juntos na casa dos Baltimore, que era grande o suficiente para nos acolher. Tio Saul estava nas nuvens ao nos ver reunidos ali.

Devia ser meia-noite e estávamos na varanda à beira da piscina. Fazia muito calor. Contemplávamos as estrelas. Tio Saul se juntou a nós. “Crianças”, disse ele, “eu estava pensando que podíamos nos encontrar aqui no feriado de Ação de Graças.”

Que felicidade ouvi-lo falar daquele jeito! Senti um arrepio de alegria quando o escutei dizer “crianças”. Fechei os olhos e visualizei nós três, doze anos antes.

Sua sugestão foi aprovada por unanimidade. Ficamos muito animados só de imaginar a mesa de Ação de Graças. Torcíamos para os meses passarem depressa.

* * *

Mas não haveria feriado de Ação de Graças naquele ano.

Dois meses depois, no início de julho de 2004, Luke, o marido de Colleen, saiu da prisão.

Ele cumprira sua pena.

Madison, Connecticut.
Julho de 2004.

O rumor se espalhou no instante em que ele pôs os pés na cidade. Luke estava de volta.

Certa manhã apareceu com seu ar triunfal, se exibindo nas varandas dos bares de Madison. “Sou um regenerado”, dizia ele, gargalhando para quem quisesse ouvir. “Não maltrato mais ninguém.” E dava uma risada idiota.

Ficou na casa do irmão, que era a referência para seu acompanhante judiciário. Graças aos contatos que tinha em Madison, logo arranhou um emprego numa loja de ferramentas. No restante do tempo era visto circulando pela cidade. Dizia sentir saudades de Madison.

Colleen ficou aterrorizada ao saber que Luke fora libertado. Não podia mais passear pela cidade sem correr o risco de esbarrar com ele. Woody também tinha medo, mas não queria demonstrar e tentava tranquilizá-la. “Calma, Colleen, a gente sabia que mais cedo ou mais tarde ele ia sair. De qualquer forma, está proibido de se aproximar de você, senão volta para a cadeia. Não se deixe impressionar por ele. Isso é tudo o que ele quer.”

E se esforçaram para viver normalmente. Mas a onipresença de Luke logo os obrigou a evitar lugares públicos. Inclusive, iam fazer compras numa cidade próxima.

O inferno estava apenas começando.

Primeiramente, Luke recuperou a casa.

O divórcio dos dois havia saído durante o encarceramento de Luke, e ele contestava a divisão de bens. Comprara a casa com suas economias e decidiu contestar a decisão do tribunal, que a concedera à sua ex-mulher.

Contratou um advogado que obteve uma liminar. A decisão de outorga foi suspensa à espera de outro julgamento. E, até lá, a casa voltava às mãos de seu proprietário original: Luke.

Woody e Colleen tiveram que se mudar. Tio Saul dera o nome de um advogado de New Canaan, que lhes prestou assistência. Ele afirmou que era tudo uma questão de tempo, que antes do fim do verão recuperariam a casa.

Enquanto isso, alugaram uma casinha nada confortável na entrada de Madison. “É só por um tempo”, prometeu Woody a Colleen. “Logo mais vamos nos livrar dele.”

* * *

Colleen não estava tranquila.

Luke pegara de volta sua caminhonete, que ficara na casa do irmão. Sempre que ela a via passar, sentia um frio na espinha.

— O que devemos fazer? — perguntou a Woody.

— Nada. Não vamos nos intimidar.

Colleen tinha a impressão de ver a caminhonete em toda parte. Em frente à casa deles. No estacionamento do supermercado aonde passaram a ir. Certa manhã, notou quando ele parou em frente ao posto de gasolina. Chamou a polícia. Mas quando o irmão de Luke chegou em sua viatura policial, a caminhonete já tinha desaparecido.

Ela andava com os nervos à flor da pele. Woody trabalhava todas as noites como lavador de pratos, e Colleen ficava em casa sozinha, apreensiva. O tempo todo olhava pela janela, espreitando a rua, e não ia de um cômodo a outro sem uma faca de cozinha

na mão.

Certa noite, precisou comprar gelo. A princípio, nem se atreveu a pensar em sair. Depois achou que estava sendo boba. Não podia permitir que fosse aterrorizada daquela maneira.

Poderia comprar gelo em qualquer esquina, mas, para evitar correr o risco de esbarrar com ele, foi ao supermercado da cidade vizinha. No caminho de volta, um dos pneus do carro furou. Era muito azar. Estava numa estrada deserta e teria que trocar o pneu sozinha.

Posicionou o macaco e ergueu o carro. Porém, quando quis desatarraxar a roda com a ajuda da cruz, não conseguiu. Os parafusos estavam apertados demais.

Esperou algum carro passar. Pouco depois viu faróis irrompendo na escuridão. Fez um sinal com a mão e o carro parou. Colleen se aproximou e imediatamente reconheceu a caminhonete de Luke. Esboçou um movimento de recuo.

— O que foi? — perguntou ele pela janela baixada. — Não quer minha ajuda?

— Não, obrigada.

— Tudo bem. Não vou forçar você a nada. Mas vou esperar um pouco, caso não passe ninguém.

Ficou parado no acostamento. Passaram-se dez minutos. Ninguém.

— Está bem — disse Colleen, por fim. — Me ajude, por favor.

Sorrindo, Luke saiu da caminhonete.

— Vai ser um prazer ajudar você. Paguei minha dívida, sabe. Cumpri minha pena. Sou outro homem.

— Não acredito em você, Luke.

Ele trocou o pneu do carro de Colleen.

— Obrigada, Luke.

— De nada.

— Luke, deixei algumas coisas em casa. Preciso delas. Eu queria buscá-las, se você estiver de acordo.

Ele fez uma careta e pareceu refletir.

— Quer saber, Colleen? Acho que vou ficar com as suas coisas. Gosto muito de cheirar suas roupas de vez em quando. Isso me lembra dos bons e velhos tempos. Lembra quando eu te largava no meio do nada e você tinha que voltar a pé?

— Não tenho medo de você, Luke.

— Pois deveria, Colleen. Deveria!

Ele se emperdigou diante dela, de forma ameaçadora. Ela correu para dentro do carro e fugiu.

Foi até o restaurante onde Woody trabalhava.

— Você não deve sair de casa à noite — disse ele.

— Eu sei. Só queria comprar uma coisa.

No dia seguinte, Woody foi até uma loja de armas e comprou um revólver.

* * *

Estávamos longe de Madison e das ameaças de Luke.

Em Baltimore, Hillel e tio Saul levavam uma vida sossegada.

Aos poucos, as músicas de Alexandra começaram a se difundir pelo país. Todos falavam dela, e foi convidada para abrir o show de diversas bandas importantes que estavam em turnê. Era uma apresentação atrás da outra, e ela interpretava suas composições em versões acústicas.

Eu a acompanhei em vários shows. Até que chegou o momento de retornar a Montclair. Meu escritório me esperava e, como a carreira de Alexandra estava engatilhada, chegara a hora de me concentrar no meu primeiro romance, sendo que eu

nem sequer decidira o tema.

* * *

Nos dias seguintes, Colleen achou que tinha visto a caminhonete de Luke seguindo-a.

Recebia telefonemas estranhos no posto de gasolina. Sentia-se espionada.

Certo dia, ela abriu o posto e se escondeu na despensa. Não podia mais viver daquele jeito. Woody foi obrigado a resgatá-la. Carregava a pistola no cinto. Tinham que fugir para longe de Luke antes que aquilo piorasse.

— Vamos embora amanhã — disse ele a Colleen. — Para Baltimore. Hillel e Saul vão nos ajudar.

— Amanhã, não. Quero pegar minhas coisas de volta. Estão na casa.

— Faremos isso amanhã à noite. Depois saímos em retirada. Para sempre.

* * *

Woody sabia que toda noite Luke ia para um dos bares da rua principal.

No dia seguinte, como combinara com Colleen, eles estacionaram na rua, longe o suficiente para não serem vistos, e aguardaram Luke sair.

Por volta das nove da noite, viram Luke sair da casa, entrar na caminhonete e partir. Quando ele desapareceu no fim da rua, Woody saiu do carro.

— Rápido! — ordenou a Colleen.

Ela tentou abrir a porta com a chave, mas não conseguiu: ele tinha trocado as fechaduras.

Woody a pegou pela mão e a arrastou para os fundos da casa. Encontrou uma janela aberta, entrou e abriu a porta dos fundos para Colleen.

— Onde estão suas coisas?

— No porão.

— Vá depressa — disse Woody. — Tem algo seu em outro lugar?

— Dê uma olhada no armário do quarto.

Woody se apressou e pegou alguns vestidos.

* * *

O irmão de Luke passou pela rua e reduziu a velocidade diante da casa. Pela janela do quarto que dava para a rua, notou a presença de Woody. Então acelerou imediatamente em direção ao bar.

* * *

Woody colocou os vestidos num saco e chamou Colleen.

— Terminou?

Ela não respondeu. Ele desceu ao subsolo. Ela pegara todos os seus pertences.

— Não pode levar tudo — disse Woody. — Pegue só o básico.

Colleen assentiu. Começou a dobrar as roupas.

— Enfie tudo num saco! — ordenou Woody. — Não podemos demorar aqui.

* * *

O irmão de Luke entrou no bar e o encontrou no balcão. Murmurou ao seu ouvido:

— Aquele imbecil do Woodrow Finn está na sua casa. Acho que foi buscar as coisas de Colleen. Imaginei que você gostaria de cuidar pessoalmente do assunto.

De repente os olhos de Luke dardejaram fúria. Ele apoiou a mão no ombro do irmão em agradecimento e saiu do bar.

* * *

— Pronto, agora vamos!

Woody intimou Colleen, que terminava de encher um segundo saco de roupas. Ela se levantou e pegou os sacos. Um deles rasgou e tudo caiu no chão.

— Deixe para lá! — disse Woody.

Subiram correndo a escada do subsolo. Nesse instante, Luke, que chegava feito um furacão, se precipitou para dentro de casa, dando de cara com Woody e Colleen, que estavam prestes a sair pela porta dos fundos.

— Corra! — gritou Woody para Colleen, se jogando em cima de Luke, que desferiu um soco e uma cotovelada, fazendo Woody desabar no chão.

Luke passou a chutar a barriga dele sem piedade. Colleen se virou. Estava na soleira da porta: não podia abandonar Woody. Pegou uma faca na bancada da cozinha e ameaçou o ex-marido.

— Pare, Luke!

— Senão o quê? — zombou Luke. — Vai me matar?

Deu um passo à frente, e Colleen não se mexeu. Com um movimento rápido, segurou o braço dela e o torceu. Ela largou a faca e gritou de dor. Ele a agarrou pelo cabelo e bateu sua cabeça na parede.

Woody tentou se levantar, mas Luke pegou um abajur, arrancou o fio e o jogou na cara dele. Depois uma mesinha, com a qual continuou a espancá-lo.

Voltou-se para Colleen, puxou-a pela blusa e começou a dar uma surra nela.

— Vou acabar com a sua vontade de se fazer de boba comigo! — gritou.

Enquanto a espancava, estava de olho em Woody. Este, porém, reunindo suas últimas forças, conseguiu se levantar depressa e se precipitou na direção de Luke, desferindo-lhe um soco de surpresa. Luke alcançou Woody e quis jogá-lo numa mesinha de centro, mas Woody se agarrou a ele e os dois caíram no chão. Lutaram ferozmente, até que Luke envolveu o pescoço de Woody e o esganou.

Woody ficou sem ar. Notou Colleen logo atrás, caída no chão, se esvaindo em sangue. Não tinha escolha. Ao conseguir erguer um pouco as costas, alcançou o revólver preso no elástico da calça. Encostou o cano na barriga de Luke e apertou o gatilho.

Ouviu-se uma detonação.

Julho de 2004.

Na noite da morte de Luke, Madison não dormiu.

Os moradores se aglomeraram ao longo dos cordões de isolamento da polícia numa tentativa de acompanhar o espetáculo. A rua era varrida pelas luzes das sirenes das viaturas policiais. Agentes da divisão de homicídios da polícia estadual de Connecticut foram despachados de New Canaan para assumirem a investigação.

Woody foi detido e transferido para a delegacia da polícia estadual de New Canaan. O telefonema ao qual ele tinha direito foi para o tio Saul.

Já meu tio ligou para um colega que era advogado em New Canaan e logo em seguida pegou a estrada com Hillel. Chegaram à uma da manhã e puderam conversar com Woody. Ele sofrera ferimentos leves e recebera os devidos cuidados na delegacia. Colleen, por sua vez, fora transferida para o hospital. Estava gravemente ferida.

Woody, zozzo, contou em detalhes o que acontecera na casa de Luke.

— Eu não tinha escolha — explicou Woody. — Ele ia matar nós dois.

— Não se preocupe — disse tio Saul, tranquilizando-o. — É um caso de legítima defesa. Vamos tirar você daqui logo.

* * *

Tio Saul e Hillel passaram a noite num hotel em New Canaan. Woody devia se apresentar ao juiz no dia seguinte. Diante das circunstâncias, foi liberado depois que Saul pagou a fiança de cem mil dólares. Seu julgamento foi marcado para 15 de outubro.

* * *

Hillel me informou do ocorrido, e seguiu imediatamente para Connecticut. Woody fora proibido de sair do estado. Mas não podia ficar em Madison depois do que acontecera.

Hillel e eu encontramos uma pousada sossegada numa cidade próxima, onde Colleen pôde se juntar a ele depois que saiu do hospital.

* * *

Os dois meses e meio que nos separavam do julgamento de Woody passaram depressa.

Hillel e eu nos revezamos ao seu lado para lhe fazer companhia. Não podíamos deixá-lo sozinho. Felizmente também havia Colleen para lhe dar apoio. Ela antecipava suas necessidades. Velava por ele. Era sua boia de salvação.

Mas a única pessoa que exercia alguma influência sobre ele era Alexandra. Percebi isso quando ela foi visitá-lo em Connecticut.

Com a gente, Woody costumava ficar em silêncio. Respondia educadamente às perguntas que fazíamos e se esforçava para ser agradável. Quando queria ficar sozinho, saía para correr. Mas com Alexandra ele falava. Ele era diferente.

Então percebi que a amava. Assim como eu, desde sempre, desde que a havíamos conhecido em 1994, ele a amava. Apaixonadamente. Ela causava nele o mesmo efeito que em mim. Eles tinham as mesmas conversas intermináveis. Em mais de uma ocasião ficaram na varandinha de madeira da casa conversando por horas a fio.

Eu contornava a casa e me sentava no chão, na grama, num ângulo em que eles não conseguiam me ver. E os escutava. Ele desabafava com Alexandra. Abria-se com ela como nunca fizera com a gente.

— Não é como no caso da tia Anita — explicou ele. — Não estou ressentido por causa de Luke. Não estou triste, não tenho remorsos.

— Era legítima defesa, Woody — disse Alexandra.

Ele não parecia convencido.

— No fundo, sempre fui violento. Desde pequeno, tudo o que sei fazer é bater nas pessoas. Foi assim que conheci os Baltimore, porque eu brigava. E é assim que vou deixá-los.

— Por que deixá-los? Por que está dizendo isso?

— Acho que vou ser condenado. Acho que é o fim.

— Não diga uma coisa dessas, Woody. — Ela agarrava seu rosto, fixava os olhos nos dele e dizia: — Woodrow Finn, eu proíbo você de falar uma coisa dessas.

Eu sentia ciúme desses momentos de intimidade que espionava. Ela conversava com ele da mesma forma que fazia comigo. Com a mesma ternura. A mim também, quando queria fazer uma censura discreta, me chamava pelo nome e sobrenome. Dizia: “Marcus Goldman, pare de bancar o imbecil.” Era sua maneira de fingir estar zangada.

As vezes ficava brava de verdade. Tinha fúrias soberbas. Raras, porém imponentes. Ficou furiosa comigo quando descobriu que eu espionava os momentos que ela passava com Woody e, como se não bastasse, ainda sentia ciúme.

Após me flagrar, como não queria fazer uma cena dentro de casa, comunicou a Woody e Colleen: “Marcus e eu vamos ao supermercado.” Entramos no carro que Alexandra alugara e ela dirigiu até ficarmos fora de vista. Então parou e começou a gritar: “Você enlouqueceu de vez, Marcus? Está com ciúme de Woody?”

Tive a péssima ideia de querer protestar. De dizer que ela dedicava muita atenção a ele e que o chamava pelo nome e sobrenome. “Marcus, Woody matou um homem. Você entende o que isso significa? Ele vai ser julgado. Acho que está precisando de amigos. E você não está sendo um amigo ao alimentar ressentimentos idiotas com relação aos seus primos!”

Ela tinha razão.

* * *

Woody era o único a achar que iria para a prisão. Tio Saul, que tinha ido várias vezes a Connecticut preparar a defesa, estava convencido do contrário.

Só quando teve acesso ao teor da acusação se deu conta de que a situação era mais grave do que imaginava.

A promotoria não acatou a presunção de legítima defesa. Pelo contrário, considerou que Woody invadira ilegalmente a casa de Luke e ainda por cima armado. Era possível supor que Luke havia agido em legítima defesa ao querer dominar Woody. O Ministério Público, portanto, acusava Woody de homicídio. Quanto a Colleen, ela corria o risco de ser indiciada por cumplicidade. Uma investigação penal também seria aberta.

Um vento de pânico soprou pela casa de Connecticut, até então tranquila. Colleen afirmava que não suportaria ir para a prisão. “Não se preocupe”, repetia Woody. “Não precisa ter medo. Vou proteger você assim como me protegeu após a morte de tia Anita.”

Só entendemos o que ele queria dizer com isso quando o julgamento começou. Sem avisar tio Saul e seu advogado, Woody acusou a si mesmo de ter induzido Colleen a acompanhá-lo à casa de Luke. Afirmou que ela quis dissuadi-lo, mas, como ainda assim ele invadira a casa, ela o seguira para tirá-lo de lá. Então Luke chegara e atacara os

dois.

Durante o recesso, o advogado de Woody chamou a atenção dele.

— Enlouqueceu, Woody? O que deu em você para se acusar assim? De que adianta defender você se está sabotando a si mesmo?

— Não quero que Colleen vá para a prisão!

— Então me deixe trabalhar e ninguém vai para a prisão.

Com base nos depoimentos dos moradores de Madison, o advogado de Woody apresentou provas do calvário que Luke impunha a Colleen. O promotor, contudo, insistiu que não havia sido Colleen quem matara Luke, e a questão dos maus-tratos do antigo casal não podia ser considerada para determinar se Woody agira em legítima defesa. Para a acusação, Woody não abriu fogo para conter um ataque, como supunha o princípio da legítima defesa. Entrara na casa de Luke com uma arma. Desde o início, tinha a intenção de acabar com ele.

O julgamento virou um pesadelo. Após dois dias de debates, não restava mais dúvida de que Woody seria condenado. Para evitar uma punição pesada demais, tio Saul sugeriu fazer um acordo com a acusação. Woody admitiria a culpa em troca de uma redução na pena. Durante a reunião a portas fechadas para firmar o acordo, o promotor se mostrou inflexível.

— Não aceito menos de cinco anos de prisão — declarou. — Woodrow esperou por Luke na casa dele e o abateu.

— O senhor sabe que isso não é verdade — retrucou o advogado de Woody.

— Cinco anos de prisão — repetiu o promotor. — Sabe que estou sendo generoso. Ele poderia facilmente pegar dez ou quinze.

Tio Saul, Woody e seu advogado tiveram uma longa conversa em seguida. Um lampejo de pânico brilhava nos olhos de Woody: ele não queria ir para a prisão.

— Saul — disse ao meu tio —, você se dá conta de que, se eu disser sim, eles vão colocar as algemas em mim no mesmo segundo e me enclausurar durante cinco anos?

— Mas se você se recusar corre o risco de passar boa parte da vida na cadeia. Daqui a cinco anos você ainda nem estará com trinta anos. Terá tempo de reconstruir sua vida.

Woody estava arrasado: desde o começo pressentira o que o aguardava, mas só então se tornou bem real.

— Saul, peça para não me prenderem imediatamente — suplicou Woody. — Peça para me darem mais alguns dias de liberdade. Quero me apresentar na penitenciária como um homem livre. Não quero ser preso feito um cachorro daqui a quinze minutos e jogado no fundo de um camburão.

O advogado encaminhou o pleito ao promotor, que aceitou o acordo. E Woody foi condenado a cinco anos de reclusão sem encarceramento imediato, devendo se apresentar uma semana mais tarde, no dia 25 de outubro, na penitenciária estadual de Cheshire, em Connecticut.

Baltimore, Maryland.
24 de outubro de 2004.

Amanhã, Woody começa a cumprir sua pena. Ele vai passar os próximos cinco anos na prisão.

Na estrada que me leva do aeroporto de Baltimore a Oak Park, bairro de sua infância onde vou encontrá-lo para seu último dia de liberdade, já o imagino se apresentando diante dos portões da imponente penitenciária de Cheshire, no estado de Connecticut. Imagino-o passando pelo portão, sendo despido, revistado. Imagino-o vestindo o uniforme dos presos e sendo escoltado até a cela. Já escuto as portas batendo às suas costas. Ele avança, acompanhado por dois carcereiros, levando nos braços um cobertor e lençóis. Passa no meio dos outros prisioneiros, que o observam.

Amanhã, Woody começa a cumprir sua pena.

* * *

Alexandra veio comigo. Está no banco do carona, sem desviar os olhos de mim. Sabe muito bem que estou imerso em meus pensamentos. Passa a mão na minha nuca e acaricia meu cabelo com ternura.

Reduzo a velocidade ao chegar a Oak Park. Percorro o bairro onde fomos tão felizes, Woody, Hillel e eu. Passamos pelos seguranças e faço o sinal secreto. Depois pego a Willowick Road e chego à casa dos Baltimore. Woody e Hillel, meus dois primos, meus dois irmãos, estão sentados nos degraus da casa. Hillel está com uma foto nas mãos e eles a contemplam. É o retrato que nós quatro tiramos no dia da partida de Alexandra, nove anos antes. Hillel nos vê chegar e protege a foto, colocando-a entre as páginas de um livro ao seu lado. Os dois se levantam e se aproximam. Nós quatro damos um longo abraço.

Estamos a um mês do Drama, mas ainda não sabemos disso.

* * *

Woody estava proibido de colocar os pés em Baltimore. Enquanto esperava para se apresentar na penitenciária, a justiça o obrigava a permanecer no estado de Connecticut. Mas ele achava que, se não podia passar seu último dia de liberdade onde bem entendesse, era como se já estivesse na prisão.

Para evitar a fiscalização, preferiu não ir de avião. Hillel foi buscá-lo de carro em Connecticut e eles viajaram de madrugada. Passaram uma última noite em claro juntos, viram o nascer do sol e comeram um farto café da manhã com panquecas regadas de xarope de bordo, ovos mexidos e batatas. Em seguida, no decorrer da manhã, Hillel o acompanharia até a penitenciária.

* * *

Era apenas o início daquela jornada. Fazia um dia lindo. O outono colorira Oak Park de vermelho e amarelo.

Passamos a manhã nos degraus da casa, aproveitando o dia ameno. Tio Saul nos trouxe cafés e donuts. Ao meio-dia, foi comprar hambúrgueres num dos restaurantes

preferidos de Hillel. Comemos do lado de fora, nós cinco.

Woody parecia sereno. Falávamos sobre tudo, menos a prisão. Alexandra contou que a turnê pelas rádios continuava rendendo frutos: suas músicas tocavam cada vez mais e seu disco estava vendendo bem. Milhares de cópias já haviam sido comercializadas. Toda semana ela subia uma posição nas paradas.

“Eu me lembro de você dez anos atrás”, disse Hillel, sorrindo. “Você cantando e tocando no quarto...” Depois pegou o livro e puxou o retrato. Todos nós rimos ao recordar nossos anos de juventude.

* * *

Depois do almoço, Hillel, Woody e eu fomos passear por Oak Park. Para nos deixar a sós, Alexandra deu a desculpa de que iria ajudar tio Saul a jogar as embalagens dos hambúrgueres fora.

Perambulamos pelas ruas tranquilas. Uma equipe de jardineiros varria as folhas secas das aleias e isso nos lembrou da época de Skunk.

— A Gangue dos Goldman era o máximo — disse Woody.

— Ainda é — respondi. — Nada terminou. A Gangue é eterna.

— A prisão muda tudo.

— Não diga isso. Iremos sempre visitar você. Tio Saul garantiu que você vai conseguir a redução da pena. Logo mais vai sair e nós estaremos aqui.

Hillel assentiu.

Contornamos a quadra e logo estávamos de volta à casa dos Baltimore. Nós nos sentamos mais uma vez nos degraus. E, inesperadamente, Woody me contou que se separara de Colleen. Não queria forçá-la a enfrentar cinco anos de locutório. No fundo, eu achava que, se ele tinha feito aquilo, era porque não a amava de verdade. Ficara menos sozinho com ela, mas nunca a amara como amava Alexandra. Então me senti na obrigação de abordar o assunto.

— Desculpe ter traído vocês ficando com Alexandra — falei.

— Você não traiu ninguém — garantiu Hillel.

— A Gangue dos Goldman é eterna — acrescentou Woody.

— Quando você sair, Woody, nós três vamos fazer uma viagem juntos. Uma longa viagem. Poderíamos inclusive alugar uma casa nos Hamptons e passar o verão lá. Todo verão poderíamos alugar uma casa juntos.

Woody sorriu com tristeza.

— Marcus, preciso te contar uma coisa.

Fomos interrompidos por tio Saul, que abriu a porta.

— Ah, vocês estão aí! — disse ele. — Pensei em fazer um churrasco hoje à noite. O que acham? Vou sair para fazer compras.

Resolvemos acompanhar tio Saul, e Woody murmurou ao meu ouvido que mais tarde conversaria comigo.

Todos nós fomos ao supermercado de Oak Park. Foi um momento de alegria que nos lembrou da época em que fazíamos compras com tia Anita e ela nos deixava encher o carrinho com todos os produtos que nos apeteciam.

Mais tarde, na varanda dos Baltimore, ajudei tio Saul a preparar o churrasco para deixar Woody e Alexandra um pouco a sós. Eu sabia que era importante para ele. Os dois saíram para dar uma volta. Acho que Woody queria se despedir da quadra de basquete de Oak Park. Hillel se juntou a eles. Então me dei conta de que, no fundo, eles eram a Gangue de Madison. A Gangue dos Goldman era formada por nós três.

* * *

Era uma da manhã quando nos despedimos.

Tínhamos passado uma noite quase normal demais. Nem parecia real o que ia acontecer em poucas horas.

Foi Hillel quem deu o sinal de partida. Afinal, tinham quatro horas de estrada pela frente. Nós nos abraçamos. Apertei Woody bem forte. Acho que foi nesse momento que tivemos noção da realidade. Em seguida, nos despedimos de tio Saul, deixando-o na escada da entrada de casa, nos degraus onde havíamos passado o dia. Ele chorava.

Alexandra e eu entramos no nosso carro alugado e seguimos o de Hillel até os limites de Oak Park. Então eles viraram à direita, na direção da autoestrada I-95, e nós à esquerda, rumo ao centro da cidade, onde havíamos feito reserva num hotel. Claro que tio Saul nos convidara para dormir em Oak Park. Mas aquela noite não devia ser como as outras. Era a noite em que eu perdia Woody por cinco longos anos.

No carro, tentei imaginar Alexandra, Hillel e eu nos próximos cinco anos. Eu me perguntava o que seria de nós até 25 de outubro de 2009.

* * *

No dia seguinte, Alexandra e eu pegamos um voo bem cedo para Nashville, no Tennessee. Tínhamos uma reunião importante com Eric Tanner, seu agente, naquele mesmo dia.

Eu queria falar mais uma vez com Woody antes que ele entrasse na penitenciária de Cheshire. Mas não consegui encontrá-lo. Seu celular estava desligado e o de Hillel também. Passei o dia tentando. Em vão. Então tive um mau pressentimento. Liguei para a casa dos Baltimore e ninguém atendeu. Acabei telefonando para o celular do tio Saul, mas ele estava com clientes e não podia falar comigo. Pedi que retornasse a ligação assim que possível, o que ele só fez na tarde do dia seguinte.

— Marcus? É o tio Saul.

— Bom dia, tio Saul. Como vai...

Ele não me deixou falar.

— Preste atenção, Marcus: preciso que venha imediatamente a Baltimore. Não me faça perguntas. Aconteceu uma coisa grave.

Ele desligou. A princípio, supus que a ligação tivesse caído e retornei imediatamente, mas ele não atendeu. Como insisti, ele acabou me atendendo e repetiu de forma sucinta:

— Venha para Baltimore.

E desligou novamente.

26 de outubro de 2004.

Woody não se apresentou na penitenciária.

Foi o que tio Saul me explicou quando cheguei à casa dele depois de ter pegado o primeiro voo para Baltimore.

Tio Saul estava em pânico, uma pilha de nervos. Eu nunca o tinha visto daquele jeito.

— Como assim, *não se apresentou*? — perguntei.

— Ele está em fuga, Marcus. Woody é um fugitivo.

— E Hillel?

— Está com ele. Desapareceu também. Foi embora com vocês anteontem à noite e não voltou mais.

Tio Saul me contou que havia desconfiado de um problema no dia anterior, quando, assim como eu, constataria que Hillel e Woody estavam inacessíveis. Um agente da U.S. Marshals, encarregado de dar suporte à polícia estadual nas buscas de fugitivos, fora de manhã à casa de Oak Park. Passara um bom tempo interrogando tio Saul.

— Por acaso você sabe onde Woodrow pode estar? — perguntara o agente.

— Não. Por que eu saberia?

— Porque ele estava aqui na véspera do dia em que teria que se apresentar na penitenciária. Foi visto por vizinhos. E eles são categóricos. Woodrow não tinha permissão para sair de Connecticut. O senhor é advogado, deveria saber disso.

Tio Saul percebeu que a U.S. Marshals estava bem avançada em seu inquérito.

— Escute, vou ser sincero com o senhor. Sim, Woody estava aqui na véspera do dia em que deveria ir para a prisão. Ele cresceu nesta casa e queria passar aqui o último dia antes de mofar por cinco anos na cadeia. Nada de mais. Mas não sei onde ele está agora.

— Quem estava com ele? — indagara o agente.

— Amigos. Não sei direito. Não quis me meter muito.

— Seu filho Hillel estava junto. Os vizinhos também o identificaram. Onde está seu filho, Sr. Goldman?

— Na faculdade, imagino.

— Ele não mora aqui?

— Oficialmente, sim. Mas, na realidade, nunca está aqui. Vive enfurnado na casa das namoradas. E eu trabalho muito, saio de manhã e volto à noite. A propósito, eu estava de saída para o escritório.

— Sr. Goldman, por acaso me diria se soubesse de alguma coisa?

— Mas é claro.

— Porque acabaremos encontrando Woodrow. Em geral, as pessoas não escapam de nós. E se eu descobrisse que o senhor o ajudou de uma maneira ou de outra, isso o tornaria cúmplice. Aqui está meu cartão. Assim que encontrar Hillel, peça para ele me ligar.

Tio Saul não recebera nenhuma notícia de Hillel ao longo do dia.

— Acha que ele está com Woody? — perguntei.

— Tudo indica que sim. Eu não podia falar isso com você ao telefone. Pode ser que a minha linha esteja grampeada. Não comente com ninguém, Marcus. E, principalmente, não se comunique comigo pelo celular. Acho que Hillel foi ajudar Woody a se esconder em algum lugar e vai voltar. Precisamos ganhar tempo com os investigadores. Se Hillel voltar esta noite, basta dizer que passou o dia na faculdade. Pode ser que os

policiais interroguem você. Fale a verdade, não se meta em confusão. Mas evite mencionar Hillel, na medida do possível.

— O que posso fazer, tio Saul?

— Nada. É, por favor, fique fora disso. Volte para casa. Não comente com ninguém.

— E se Woody entrar em contato comigo?

— Ele não vai fazer isso. Não vai correr o risco de envolver você.

* * *

A mil e seiscentos quilômetros de Baltimore, Woody e Hillel passaram pela cidade de Des Moines, em Iowa.

Durante nossa última noite, eles já sabiam que não iriam para a penitenciária de Cheshire. Woody não tolerava a ideia da prisão.

Tinham dormido em pousadas na beira da estrada. Pagavam tudo em espécie.

O plano de fuga deles consistia em atravessar o país até o Canadá, passando pelos estados de Wyoming e Montana. Depois seguiriam para Alberta e percorreriam toda a Colúmbia Britânica até Yukon. Então se instalariam numa casa modesta. Reconstruiriam suas vidas. Ninguém iria procurá-los por lá. Num saco, em geral sob os cuidados de Woody, tinham duzentos mil dólares em espécie.

* * *

Ao voltar a Nashville no dia seguinte, contei a Alexandra tudo o que acontecera. E passei as instruções de tio Saul. Não comentar com ninguém sobre o assunto e, entre nós, nunca ao telefone.

Fiquei na dúvida se deveria ir atrás deles. Mas ela me dissuadiu:

— Woody não está perdido, Markie. Ele fugiu. O que ele quer é justamente que não o encontrem.

29 de outubro de 2004.

Hillel não aparecera.

A U.S. Marshals voltou para interrogar tio Saul.

— Onde está seu filho, Sr. Goldman?

— Não sei.

— Ele não foi visto na faculdade nos últimos dias.

— Ele é maior de idade, faz o que quer.

— Uma semana atrás sacou tudo o que tinha na poupança. De onde vem tanto dinheiro, aliás?

— Faz dois anos que a mãe dele morreu. Era sua parte da herança.

— Então seu filho desapareceu com um monte de dinheiro ao mesmo tempo que o amigo procurado. Acho que percebe aonde quero chegar.

— Claro, inspetor. Meu filho faz o que quer do seu tempo e dinheiro. Estamos num país livre, certo?

* * *

Hillel e Woody estavam a trinta quilômetros de Cody, em Wyoming. Tinham encontrado um hotelzinho onde podiam pagar as diárias em espécie e o dono não fazia perguntas. Não sabiam como atravessar a fronteira para o Canadá sem correr o risco de

serem pegos. Pelo menos no hotel estavam protegidos.

Havia uma quitinete no quarto. Podiam cozinhar sem ter que sair. Fizeram um estoque de massas e arroz, produtos fáceis de guardar e não perecíveis.

Pensavam em Yukon. Era o que os fazia resistir. Imaginavam uma casa de toras de madeira à beira de um lago. Natureza selvagem em volta. Ganhariam a vida indo a Whitehorse de vez em quando, prestando pequenos serviços às pessoas, como haviam feito na época dos Jardineiros Goldman.

* * *

Eu pensava neles sem parar. Perguntava-me onde estavam. Olhava para o céu e refletia que certamente estavam olhando para o mesmo céu. Mas de onde? E por que não haviam me revelado suas intenções?

16 de novembro de 2004.

Fazia três semanas que eles estavam em fuga.

Hillel, acusado de colaborar com um fugitivo, também passou a ser procurado pela U.S. Marshals. Mas os dois tinham uma vantagem: as buscas não eram muito intensas. A polícia federal tinha criminosos muito mais importantes para perseguir, e os recursos investidos para encontrar os dois rapazes eram limitados. Em casos como esse, a pessoa em fuga sempre acabava sendo capturada durante uma fiscalização ou cometia algum delito por falta de dinheiro. Não era o caso de Hillel e Woody. Eles não saíam do quarto. Tinham muito dinheiro.

“Enquanto não dermos as caras por aí, tudo bem”, dizia Hillel a Woody.

Mas eles não aguentariam permanecer enclausurados por muito mais tempo. Era como uma prisão. Precisavam tentar atravessar a fronteira, ou pelo menos mudar de hotel para respirarem um pouco.

* * *

Dois dias depois, seguiram em direção a Montana.

As paisagens eram de tirar o fôlego. Um aperitivo para Yukon.

Em Bozeman, em Montana, conheceram um homem num bar de motoqueiros, que afirmou ser capaz de arranjar documentos falsos por vinte mil dólares. Era uma quantia alta, mas eles aceitaram. Documentos falsos de qualidade eram a garantia da invisibilidade e, portanto, da sobrevivência dos dois.

O homem os levou a um galpão próximo, para tirarem as fotos de identidade. Hillel e Woody foram de carro, seguindo a moto dele. Mas era uma emboscada: ao desembarcarem, foram cercados por um grupo de motoqueiros armados. Sob a mira de revólveres, foram revistados e entregaram o saco de dinheiro.

19 de novembro de 2004.

Ficaram com apenas mil dólares, que Hillel escondeu no bolso interno do casaco. Passaram a primeira noite no carro, numa área de descanso.

No dia seguinte, seguiram para o Norte. O plano deles fora por água abaixo. Sem dinheiro, não iriam a lugar algum. A gasolina consumia o pouco que lhes restava. Woody dizia que estava disposto a assaltar. Mas foi dissuadido por Hillel. Precisavam

arranjar um emprego. Em qualquer lugar. Só não podiam ser notados.

* * *

Passaram a noite de 20 para 21 de novembro num estacionamento em Montana. Por volta das três da manhã, acordaram com alguém batendo no vidro e uma luz ofuscante. Era um policial.

Hillel ordenou que Woody mantivesse a calma.

— Vocês não podem passar a noite no estacionamento.

— Desculpe, seu guarda, já estamos indo — respondeu Hillel.

— Fiquem no veículo. Eu gostaria de conferir sua carteira de habilitação e o documento de identidade do seu acompanhante.

Hillel notou o pânico invadir os olhos de Woody. Mas sussurrou para que o amigo obedecesse. Entregou os documentos ao policial, que foi até a viatura para proceder com as verificações.

— O que vamos fazer? — perguntou Woody.

— Vou arrancar e sumimos daqui.

— Em cinco minutos toda a polícia estadual estará atrás de nós. Não vai dar certo.

— O que sugere, então?

Sem responder nada, Woody abriu a porta e saiu.

Hillel ouviu o policial gritar:

— Volte para o carro! Volte imediatamente para o carro!

De repente Woody sacou um revólver e disparou. A princípio uma vez só, depois repetiu. As balas se alojaram no para-brisa. O policial pulou para trás da viatura para se proteger e sacou a própria arma, mas Woody já o alcançara e atirou. A primeira bala atingiu seu tórax.

Woody desferiu ainda mais quatro tiros. Em seguida correu até o carro. Hillel estava atônito, tapando os ouvidos com as mãos.

— Arranque! — gritou Woody. — Arranque!

Hillel obedeceu e o carro saiu cantando pneu.

* * *

Rodaram por um tempo sem passar por ninguém. Então bifurcaram numa estradinha florestal e só pararam quando tiveram certeza de que não podiam ser vistos entre as árvores.

Hillel saiu do carro.

— Você está completamente louco? — gritou. — O que você fez, meu Deus? O que você fez?

— Era ele ou nós, Hill! Ele ou nós!

— Matamos um homem, Woody! Matamos um homem!

— Já é o meu segundo — respondeu Woody, num tom quase cínico. — O que estava pensando, Hillel? Que aproveitaríamos a liberdade e teríamos uma bela vida? Sou um fugitivo, porra.

— Eu nem sabia que você tinha um revólver.

— Você teria me confiscado, se soubesse.

— Exatamente. Passe isso para cá agora.

— Nunca. Imagine se pegam você com...

— Passe para cá! Vou me livrar disso. Passe para cá, Woody, ou nossos caminhos se separam aqui!

Após hesitar por um tempo, Woody lhe entregou a arma. Hillel desapareceu entre as árvores. Havia um rio mais abaixo e Woody ouviu Hillel se livrando da arma. Ele

voltou ao carro, pálido.

— O que foi? — perguntou Woody.

— Nossos documentos... estão com o policial.

Woody apoiou o rosto nas mãos. No calor do momento, se esquecera completamente de pegá-los de volta.

— Temos que deixar o carro aqui — disse Hillel. — O policial também estava com os documentos do carro. Temos que ir a pé.

21 de novembro de 2004.

Foram as primeiras notícias.

Dessa vez, a U.S. Marshals foi encontrar tio Saul no escritório dele.

— Um policial foi morto na noite passada por Woodrow Finn num estacionamento de Montana durante uma fiscalização de rotina. A câmera na viatura gravou tudo. Ele estava num carro em seu nome.

Mostrou-lhe uma imagem extraída da gravação do vídeo.

— É o carro que Hillel usa — disse tio Saul.

— O carro é seu — retificou o agente.

— Como eu poderia estar em Montana na noite passada?

— Não estou insinuando que estava com Woody, Sr. Goldman. O motorista do carro era o seu filho Hillel. A habilitação dele foi encontrada no local. Agora ele é cúmplice do assassinato de um membro das forças de segurança.

Tio Saul ficou pálido e tapou o rosto com as mãos.

— O que espera de mim? — perguntou.

— Sua colaboração irrestrita. Se lhe mandarem qualquer sinal, deve me avisar. Caso contrário, serei obrigado a detê-lo por acobertar furtivos e assassinos. E o senhor sabe que temos provas.

22 de novembro de 2004.

Após abandonarem o carro, eles foram andando até um hotel. Pagaram em espécie e deram um extra para que o proprietário não exigisse seus documentos de identidade. Haviam tomado banho e descansado. Por cinquenta dólares, um homem os levou de carro até o Terminal Rodoviário de Bozeman. Eles tinham comprado passagens de Greyhound para Casper, em Wyoming.

— O que vamos fazer depois? — perguntou Woody a Hillel.

— Iremos para Denver e pegaremos um ônibus para Baltimore.

— E o que faremos em Baltimore?

— Vamos pedir ajuda ao meu pai. Podemos nos esconder em Oak Park por alguns dias.

— Mas os vizinhos vão nos ver.

— Não sairemos de casa. Ninguém vai pensar que estamos lá. Depois meu pai pode levar a gente para algum canto. Canadá ou México. Ele vai dar um jeito. Vai arranjar dinheiro. É a única pessoa que pode nos ajudar.

— Tenho medo de ser preso, Hillel. Tenho medo do que vai acontecer comigo. Será que vão me executar?

— Não se preocupe. Fique tranquilo. Não vai acontecer nada com a gente.

Após dois dias de viagem, chegaram à rodoviária de Baltimore em 24 de novembro. Era véspera do Dia de Ação de Graças. O dia do Drama.

24 de novembro de 2004.
O dia do Drama.

Na rodoviária de Baltimore, aonde chegaram no fim da manhã, foram de transporte público até Oak Park.

Tinham comprado dois bonés, que mantinham enfiados na cabeça, mas era uma precaução inútil. Àquela hora, as ruas estavam desertas. As crianças estavam na escola, os adultos, no trabalho.

Apertaram o passo na Willowick Road. Logo avistaram a casa. O batimento cardíaco deles acelerou. Estavam quase lá. Uma vez dentro de casa, estariam a salvo.

Finalmente chegaram. Hillel tinha a chave. Abriu a porta e os dois entraram. O alarme estava acionado, e Hillel digitou a senha na tela. Tio Saul não estava. Fora ao escritório, como todos os dias.

* * *

Na rua, escondido dentro do carro, o agente da U.S. Marshals tinha acabado de ver Woody e Hillel entrarem em casa, então pegou o rádio e pediu reforços.

* * *

Estavam famintos, portanto foram direto para a cozinha.

Fizeram sanduíches de peito de peru, queijo e maionese, que devoraram. Sentiam-se aliviados por estarem de volta em casa. Os dois dias viajando de ônibus os deixaram exaustos. Tinham vontade de tomar banho e descansar.

Subiram quando terminaram de almoçar. Pararam diante do quarto de Hillel. Observaram as velhas imagens nas paredes. Na escrivaninha infantil havia uma foto deles no comitê de apoio a Clinton durante as eleições de 1992.

Sorriram. Woody saiu do quarto, percorreu o corredor e entrou no quarto de tio Saul e tia Anita. Hillel espiou pela janela. Levou um susto: policiais encapuzados e com coletes à prova de balas se posicionavam no jardim. Eles tinham sido pegos. Tinham sido pegos como ratos numa ratoeira.

Woody continuava na soleira da porta do quarto dos pais. Não notou nada, pois estava de costas para Hillel, que se aproximou lentamente dele.

— Não se vire, Woody.

Ele obedeceu e não se mexeu.

— Estão aqui, não é?

— Sim. A polícia está em toda parte.

— Não quero ser preso, Hill. Quero ficar aqui para sempre.

— Eu sei, Woody. Também quero ficar aqui para sempre.

— Você se lembra da escola de Oak Tree?

— Claro, Woody.

— O que eu teria sido sem você, Hillel? Obrigado, você deu sentido à minha vida. Hillel estava chorando.

— Obrigado a você, Woody. Desculpe por tudo.

— Faz muito tempo que te perdoei, Hillel. Te amo para sempre.

— Te amo para sempre, Woody.

Hillel tirou do bolso o revólver de Woody, do qual não se livrara. Tinha sido uma pedra que ele jogara no rio.

Posicionou o cano atrás da cabeça de Woody.

Fechou os olhos.

Ouviu-se um estrondo terrível no térreo. A unidade de intervenção da polícia acabara de arrombar a porta de entrada.

Hillel deu o primeiro tiro. Woody desmoronou no chão.

Ouviram-se gritos lá embaixo. Os policiais recuaram ao acharem que eram os alvos.

Hillel se deitou na cama dos pais. Afundou o rosto nos travesseiros, se aninhou nos lençóis e reencontrou todos os cheiros de sua infância. Reviu seus pais naquela cama, era uma manhã de domingo. Woody e ele entravam estrepitosamente, carregando nos braços as bandejas de café da manhã, aprontando uma surpresa. Acomodavam-se na cama com eles, dividiam as panquecas que dera tanto trabalho para serem feitas. Riam. Pela janela aberta, o sol entrava e os banhava com uma luz quente. O mundo lhes pertencia.

Ele encostou a arma na têmpora.

Tudo termina como tudo começa.

Apertou o gatilho.

E estava tudo terminado.

QUINTA PARTE

O livro da redenção (2004-2012)

O mês de junho de 2012 foi quente e abafado na Flórida.

Minha principal ocupação consistiu em arranjar um comprador para a casa de tio Saul. Eu precisava me livrar dela. Mas não queria vender para qualquer um.

Eu não tivera notícias de Alexandra e isso me perturbava. Tínhamos nos beijado no meu apartamento em Nova York, mas em seguida ela viajara para Cabo San Lucas para dar uma chance a Kevin. Segundo os rumores que haviam chegado aos meus ouvidos, sua viagem ao México tinha sido um desastre completo, mas eu queria ouvir isso da sua boca.

Ela finalmente me ligou para avisar que ia passar o verão em Londres. Uma viagem marcada havia muito tempo. Ela estava trabalhando em seu novo CD, que teria uma parte gravada num prestigioso estúdio da capital britânica.

Eu esperava que Alexandra sugerisse nos encontrarmos antes que ela fosse, mas não tinha tempo.

— Por que está me ligando se é para dizer que está indo embora? — perguntei.

— Não falei que estou indo embora. Falei para onde vou.

Dei uma resposta idiota:

— E por quê?

— Porque é o que os amigos fazem. Eles se mantêm informados.

— Bem, se você quer saber o que estou fazendo, estou vendendo a casa do meu tio.

Ela mostrou certa condescendência na voz que me irritou:

— Acho que é uma boa ideia — disse ela.

* * *

Nos dias seguintes, um corretor trouxe possíveis compradores que me agradaram. Um jovem e simpático casal, que prometia cuidar da casa com todo o carinho e enchê-la de crianças e vida. Assinamos o contrato na própria casa, com a presença do tabelião. Isso era importante para mim. Entreguei as chaves para eles e desejei boa sorte. Eu me libertara de tudo. Não me restava mais nada dos Goldman-de-Baltimore.

Entrei no carro e voltei para Boca Raton. Ao chegar em casa, encontrei o caderno de Leo diante da minha porta, o famoso *Caderno nº1*. Folhiei-o. Estava em branco. Levei-o comigo e me senti à escrivania.

Peguei uma caneta e deixei-a deslizar pelo papel do caderno aberto à minha frente. Assim começou *O livro dos Baltimore*.

Baltimore, Maryland.
Dezembro de 2004.

Quinze dias após o Drama, recebemos autorização para recolher os corpos de Woody e Hillel e enterrá-los.

Foram sepultados no mesmo dia, um ao lado do outro, no cemitério de Forrest Lane. O sol de inverno estava radiante, como se a natureza tivesse vindo cumprimentá-los. A cerimônia foi realizada na mais estrita intimidade: fiz um discurso diante de Artie Crawford, meus pais, Alexandra e tio Saul, que segurava uma rosa branca em cada mão. Atrás das lentes escuras de seus óculos, eu via escorrer lágrimas sem fim.

Depois do enterro, fomos almoçar no restaurante do Marriott, onde todos nós estávamos hospedados. Era estranho não ficar em Oak Park, mas tio Saul não estava preparado para voltar para casa. Seu quarto era contíguo ao meu e, após a refeição, ele nos avisou que ia subir para tirar um cochilo. Levantou-se da mesa, e eu o vi vasculhar o bolso para se certificar de que estava com sua chave magnética. Eu o acompanhei com o olhar, notei sua camisa rasgada, sua barba por fazer, que ele deixaria crescer definitivamente, seus passos cansados.

Ele nos dissera: “Vou descansar no meu quarto”, mas, ao ver as portas do elevador se fecharem atrás dele, tive vontade de gritar que seu quarto não era lá, que ficava quinze quilômetros ao norte, no bairro de Oak Park, em Willowick Road, numa casa esplêndida, luxuosa e confortável em Baltimore. Uma casa tomada pelas cantorias alegres de três meninos unidos pela solene promessa da Gangue dos Goldman e que se amavam como irmãos. Ele nos dissera: “Vou descansar no meu quarto”, mas seu quarto ficava quinhentos quilômetros ao norte, numa casa maravilhosa nos Hamptons, palco de nossos momentos de felicidade. Ele nos dissera: “Vou descansar no meu quarto”, mas seu quarto ficava mil e quinhentos quilômetros ao sul, no vigésimo sexto andar de Buenavista, onde a mesa do almoço era arrumada para cinco pessoas, eles quatro mais eu.

Ele não tinha o direito de dizer que aquele cômodo com carpete empoeirado e colchão mole do sétimo andar do Marriott de Baltimore era seu quarto. Eu não podia tolerar, não podia aceitar que um Goldman-de-Baltimore dormisse no mesmo hotel que os Goldman-de-Montclair. Eu pedi licença, me levantei da mesa e peguei o carro alugado para dar uma volta pelo bairro. Alexandra me acompanhou.

Fui até Oak Park. Passei por uma patrulha e fiz o sinal secreto da nossa tribo. Depois parei em frente à casa dos Baltimore. Sai do carro e passei um instante em contemplação diante da casa. Alexandra me abraçou. Eu lhe disse: “Agora só tenho você.” Ela me apertou com força.

Em seguida demos uma volta em Oak Park. Passei perto da escola de Oak Tree, revii a quadra de basquete, que não mudara. Então retornamos ao Marriott.

Alexandra não parecia bem. Ela estava profundamente triste, mas eu sentia que não era só isso. Perguntei o que estava acontecendo e ela se limitou a me dizer que tinha relação com a perda de Hillel e Woody. Percebi nitidamente que ela não havia me revelado tudo.

* * *

Meus pais ainda ficaram dois dias ali antes de seguirem viagem de volta a Montclair.

Não podiam mais faltar ao trabalho. Convidaram tio Saul para passar alguns dias em Montclair, mas ele não quis. Assim como eu tinha feito após a morte de tia Anita, decidi ficar um pouco em Baltimore. Levei meus pais ao aeroporto, e lá minha mãe me deu um beijo e disse: “Que bom que vai ficar com seu tio. Estou orgulhosa de você.”

Uma semana depois, Alexandra retornou a Nashville. Disse que queria ficar ao meu lado, porém achei mais útil e importante que ela desse sequência ao trabalho de divulgação do seu disco. Fora convidada por vários programas de televisão em grandes canais locais e ainda tinha muitos desafios pela frente.

* * *

Fiquei em Baltimore até as férias de inverno. Vi meu tio Saul se desestabilizar aos poucos, o que foi difícil de suportar. Permanecia enclausurado no quarto, prostrado na cama, com a televisão de fundo sonoro para preencher o silêncio.

Quanto a mim, passava meus dias entre Oak Park e Forrest Lane, caçando lembranças com a rede de borboletas da minha memória.

Certa tarde, quando estava no centro da cidade, decidi passar de surpresa no escritório de advocacia. Pensei em verificar se havia alguma correspondência para o tio Saul. Isso o ocuparia e arejaria suas ideias. Eu já conhecia a recepcionista, que fez uma expressão estranha ao me ver. A princípio achei que era por causa do Drama. Pedi para ir até o escritório do tio Saul. Ela me deixou aguardando e foi chamar um dos sócios. Achei seu comportamento muito estranho e não lhe obedeci: seguí direto para a sala do tio Saul e empurrei a porta, pensando que o local estaria vazio, mas tive uma grande surpresa ao encontrar um desconhecido ocupando o lugar do meu tio.

— Quem é o senhor? — perguntei.

— Richard Philipps, advogado — respondeu o homem num tom seco. — Posso saber quem é o senhor?

— O senhor está na sala do meu tio Saul Goldman. Sou sobrinho dele.

— Saul Goldman? Mas faz meses que ele não trabalha aqui.

— Que história é essa...?

— Ele foi mandado embora.

— O quê? Isso é impossível. Ele fundou esse escritório!

— A maioria dos acionistas exigiu a saída dele. A vida é assim, os velhos elefantes morrem e os leões devoram seu cadáver.

Apontei um dedo ameaçador para ele.

— O senhor está na sala do meu tio. Saia!

Nesse momento a recepcionista apareceu com Edwin Silverstein, o sócio mais antigo do escritório e um dos melhores amigos do tio Saul.

— Edwin, o que está havendo? — perguntei.

— Venha, Marcus, preciso conversar com você.

Philipps riu. Então exclamei, louco de raiva:

— Foi esse imbecil que pegou o lugar do meu tio?

Philipps parou de rir.

— Quer ser educado, por favor? Não peguei o lugar de ninguém. Como eu disse, os velhos elefantes morrem e...

Não teve tempo de terminar a frase, porque eu pulei em cima dele e o agarrei pela gola dizendo:

— Quando os leões se aproximam dos velhos elefantes, os jovens elefantes vêm protegê-los!

Edwin me implorou para soltar Philipps e eu obedeci.

— Esse cara é louco! — berrou Philipps. — Vou processar você! Vou processar você! Há testemunhas!

O andar inteiro correu para ver o que estava acontecendo. Baguncei a escrivaninha com o braço e joguei no chão tudo o que havia ali, inclusive o notebook, e depois saí da sala com cara de quem estava disposto a matar alguém. Todo mundo recuou para me dar passagem, e segui para o elevador.

— Marcus! — exclamou Edwin, passando com dificuldade pela fileira de curiosos para me alcançar. — Espere!

As portas do elevador se abriram, eu entrei e ele foi junto.

— Marcus, desculpe. Achei que Saul tivesse lhe contado o que aconteceu.

— Não.

Ele me levou até a cafeteria do escritório, onde me ofereceu um café. Nós nos debruçamos sobre uma mesinha alta, sem cadeiras, e ele me explicou em tom de confiança:

— Seu tio cometeu um delito grave. Ele fraudou algumas contas do escritório e falsificou notas fiscais para desviar dinheiro.

— Por que ele faria uma coisa dessas?

— Não sei.

— Quando isso aconteceu?

— Faz mais ou menos um ano que descobrimos a fraude. Mas era uma armação bem-feita. Ele passou anos desviando dinheiro. Levamos vários meses para identificá-lo. Ele aceitou devolver parte da quantia e desistimos de entrar com um processo. Mas os outros sócios do escritório exigiram a cabeça do seu tio e foi o que conseguiram.

— Mas foi ele quem fundou esse escritório!

— Eu sei, Marcus. Fiz o que pude. Tentei de tudo. Todo mundo estava contra ele.

— Não, Edwin, você não fez de tudo! — exclamei, exaltado. — Deveria ter batido a porta na cara dos outros com ele, partido para outro projeto! Não deveria ter deixado isso acontecer!

— Desculpe, Marcus.

— Não, é muito fácil pedir desculpas enquanto está tranquilamente acomodado em sua poltrona de couro, com aquele imbecil do Philipps no lugar do meu tio.

Fui embora, remoendo minha raiva. Voltei ao Marriott, bati à porta do quarto do tio Saul. Ele a abriu para mim.

— Você foi escorraçado do escritório? — exclamei.

Ele baixou a cabeça e se sentou na cama.

— Como você sabe?

— Passei lá. Fui ver se havia alguma correspondência para você e descobri que colocaram aquele imbecil na sua sala. Edwin foi obrigado a me dizer tudo. Quando você pretendia me contar?

— Eu estava com vergonha. Sempre tive vergonha.

— Mas o que aconteceu? Por que desviou esse dinheiro?

— Não posso falar. Eu me meti numa situação calamitosa.

Eu estava à beira das lágrimas. Ele percebeu e me abraçou.

— Ah, Markie...

Não consegui segurar o choro. Eu queria sair dali.

* * *

Durante a época das festas de fim de ano, Alexandra me presenteou com dez dias de férias num hotel dos sonhos nas Bahamas. Usou o dinheiro que ganhara com seu CD para arejar minhas ideias.

Um pouco de descanso longe de tudo também seria bom para ela. Eu a encontrei devastada pelos acontecimentos. Passamos o primeiro dia na praia. Era a primeira vez que ficávamos juntos e em paz desde muito tempo, mas eu sentia uma tensão estranha

entre nós. O que estava acontecendo? Eu ainda tinha a impressão de que ela estava me escondendo alguma coisa.

À noite, antes do jantar, tomamos um drinque no bar do hotel e a pressionei. Eu queria saber. Por fim, ela me disse:

— Não posso contar.

Fiquei irritado.

— Chega desses segredinhos. Será que alguém poderia ser sincero comigo uma vez na vida?

— Markie, eu...

— Alexandra, quero saber o que você está escondendo de mim...

De repente ela começou a chorar no meio do bar. Senti que fui grosseiro, então tentei consertar e disse num tom de voz mais suave:

— Alexandra, meu anjo, o que está havendo?

Torrentes de lágrimas marcavam suas bochechas.

— Não posso mais esconder a verdade de você, Marcus! Não posso mais guardar isso para mim!

Fui invadido por um mau pressentimento.

— O que está havendo, Alex?

Ela tentou se recuperar e me fitou nos olhos.

— Eu sabia o que seus primos iam fazer. Eu sabia que eles iam fugir. Woody nunca teve a intenção de se apresentar na penitenciária.

— O quê? Você sabia? Mas quando eles lhe disseram isso?

— Naquela noite. Você estava preparando o churrasco com seu tio e eu fui dar uma volta com os dois. Eles me falaram tudo. Prometi não contar nada.

Perguntei, perplexo:

— Você sabia desde o início e não me disse nada?

— Markie, eu...

Eu me levantei da cadeira.

— Você não me avisou sobre o que eles iam fazer? Deixou que eles fossem embora e não me falou nada? Mas quem é você, Alexandra?

Todos os clientes do bar nos observavam.

— Acalme-se, Markie! — suplicou ela.

— Me acalmar? Mas por que eu me acalmaria? Quando penso na sua farsa durante as três semanas de fuga deles...

— Mas eu estava realmente preocupada! O que você acha?

Eu tremia, tomado pela fúria.

— Acho que terminou, Alexandra.

— O quê? Markie, não!

— Você me traiu. Acho que não consigo te perdoar.

— Não faça isso comigo, Marcus!

Dei as costas para ela e saí do bar. Todo mundo nos encarava. Ela me seguiu e tentou segurar meu braço, mas me desvencilhei e gritei:

— Me deixe em paz! ME DEIXE EM PAZ, JÁ DISSE!

Atravessei correndo o saguão do hotel e saí.

— Marcus — gritou ela, chorando de desespero —, não faça isso comigo!

Havia um táxi esperando em frente ao hotel. Eu me enfiei dentro dele e tranquei a porta. Ela se precipitou, tentou abri-la, bateu no vidro. Deixando tudo para trás, ordenei que o motorista seguisse para o aeroporto.

Ela correu atrás do carro, batendo mais uma vez no vidro, berrando e chorando.

— Não faça isso comigo, Marcus! — suplicou. — Não faça isso comigo!

O táxi acelerou e ela teve que desistir. Joguei meu celular pela janela e gritei, extravasando minha raiva, berrando meu ódio, berrando meu asco por aquela vida

injusta que roubara de mim as pessoas que eu mais prezava no mundo.

No aeroporto de Nassau, comprei uma passagem para o primeiro voo com destino a Nova York. Eu queria sumir de vez. No entanto, já sentia falta dela. Quem diria que eu ficaria sem vê-la durante longos oito anos...

* * *

Eu me recordo com frequência daquela cena. De quando abandonei Alexandra. Naquele junho quente de 2012, sozinho em meu escritório de Boca Raton, revisitando os meandros de nossa juventude, eu pensava nela em Londres. Eu só tinha uma vontade: encontrá-la. Contudo, me bastava lembrá-la em lágrimas, perseguindo meu táxi, para me dissuadir de qualquer atitude. Será que eu tinha o direito de ressurgir em sua vida depois de oito anos e virá-la de cabeça para baixo?

Alguém bateu à porta do escritório. Eu me sobressaltei. Era Leo.

— Desculpe, Marcus. Tomei a liberdade de entrar. Não vejo mais você e estava começando a ficar preocupado. Está tudo bem?

Ergui o caderno no qual escrevia e dei um sorriso amistososo.

— Tudo bem, Leo. Obrigado pelo caderno.

— Ele é seu de direito. Você é o escritor, Marcus. Um livro é muito mais trabalhoso do que eu pensava. Devo lhe pedir desculpas.

— Não se preocupe.

— Você parece um pouco triste, Marcus.

— É saudade de Alexandra.

Janeiro de 2005.

Nas semanas seguintes ao meu rompimento com Alexandra, passei a maior parte do tempo em Baltimore. Não era tanto para visitar tio Saul, e sim para me esconder dela. Eu tinha passado uma borracha em nós dois, trocara o número do celular. Eu não queria que ela viesse a Montclair.

Na minha cabeça a cena da partida de Oak Park se repetia incessantemente, quando o carro de Hillel e Woody bifurcou na direção da autoestrada. Eles entravam na clandestinidade. Se eu soubesse do plano de fuga deles, teria dissuadido os dois. Teria feito Woody raciocinar. O que eram cinco anos? Muita coisa e nada ao mesmo tempo. Ele não teria sequer trinta anos quando saísse. Teria a vida pela frente. Além disso, com bom comportamento, poderia inclusive se beneficiar de uma redução de pena. Poderia usar esses anos para terminar seus estudos por correspondência. Eu o teria convencido de que tínhamos a vida pela frente.

* * *

Depois da morte deles, tudo pareceu desmoronar. A começar pela vida de tio Saul. A má fase dele só estava no início.

A história de sua expulsão do escritório de advocacia começava a se espalhar. Rumores diziam que a verdadeira razão de sua saída era um considerável desvio de verbas. O conselho de disciplina da ordem dos advogados de Maryland abriu uma sindicância, estimando que o comportamento de tio Saul, se comprovado, infringia a ética da profissão.

Em sua defesa, tio Saul foi assessorado por Edwin Silverstein. Eu o encontrava com frequência no Marriott. Certa noite, ele me levou para jantar num restaurante vietnamita do bairro.

— O que posso fazer pelo meu tio? — perguntei.

Ele me respondeu:

— Honestamente, não muito. Sabe, Marcus, você é corajoso. Nem todo mundo é assim. Você é mesmo um ótimo rapaz. Seu tio tem sorte por ter você ao seu lado...

— Eu queria fazer mais.

— Já fez o bastante. Saul me disse que você queria ser escritor.

— É verdade.

— Acho que você não vai conseguir se concentrar aqui. Deveria pensar mais em si mesmo e não ficar muito tempo em Baltimore. Deveria escrever seu livro.

Edwin tinha razão. Estava na hora de iniciar o projeto que eu tanto estimava. Foi durante aquele mês de janeiro, retornando de uma viagem a Baltimore, que comecei meu primeiro romance. Eu tinha entendido que, para trazer de volta os meus primos, eu precisava contar sobre a vida deles.

* * *

Tive a ideia num posto da autoestrada I-95, em alguma parte da Pensilvânia. Eu estava tomando um café, relendo minhas anotações, e os vi entrar. Impossível. No entanto, eram eles mesmos. Brincavam, felizes, e, ao me verem, pularam em cima de mim.

— Marcus — disse Hillel, me abraçando —, eu sabia que aquele era o seu carro!

Woody se juntou ao nosso abraço, nos envolvendo com seus braços enormes.

— Vocês não são reais — falei. — Estão mortos! Vocês são dois idiotas mortos que me deixaram sozinho neste mundo de merda!

— Ah, Markikette, não faça essa cara! — comentou Hillel, brincalhão, bagunçando meu cabelo.

— Venha! — disse Woody, com um sorriso reconfortante. — Venha com a gente!

— Aonde vocês vão?

— Ao Paraíso dos Justos.

— Não posso ir com vocês.

— Por quê?

— Tenho que ir para Montclair.

— Então encontraremos você lá.

Eu não tinha certeza de que havia entendido direito. Eles me abraçaram e foram embora. Antes de saírem pela porta, chamei-os:

— Hillel! Woody! Por acaso foi culpa minha?

— Não, claro que não! — responderam como se fossem um só homem.

E eles cumpriram com a palavra. Reencontrei meus primos adorados em Montclair, no escritório projetado pela minha mãe. Mal eu me sentava à mesa de trabalho, eles surgiam à minha frente. Apareciam da forma como eu sempre os conhecera: barulhentos, magníficos, transbordando de ternura.

— Adoro o seu escritório — disse Hillel, jogado na minha poltrona.

— Adoro a casa dos seus pais — continuou Woody. — Por que nunca viemos aqui?

— Não sei. É verdade... Deveriam ter vindo.

Percorremos Montclair e mostrei meu bairro para eles. Acharam tudo bonito. Nosso trio novamente reunido me deixava exultante. Depois voltamos para o meu escritório e retomei o curso da minha história.

Tudo era interrompido quando meu pai abria a porta do quarto.

— Marcus, são duas da manhã... Você ainda está trabalhando? — perguntava ele.

Os dois fugiam pelas frestas do assoalho feito ratinhos assustados.

— É, já vou dormir.

— Eu não queria atrapalhar. Vi a luz acesa e... Está tudo bem?

— Está, sim.

— Achei que tinha escutado vozes...

— Deve ter sido a música.

— Pode ser.

Ele vinha me dar um beijo.

— Boa noite, filho. Estou orgulhoso de você.

— Obrigado, pai. Boa noite para você também.

Ele saía, fechando a porta. Mas meus primos haviam ido embora. Tinham desaparecido. Eram os desaparecidos.

* * *

Entre janeiro e novembro de 2005, fiquei no escritório de Montclair escrevendo sem parar. E todos os fins de semana eu ia a Baltimore encontrar tio Saul.

Eu era o único Goldman que o visitava regularmente. Minha avó dizia que não tinha forças. Meus pais fizeram a viagem algumas vezes, mas acho que tinham dificuldade para aceitar a situação. E depois era preciso aguentar tio Saul, um fantasma de si próprio, que se recusava a sair do perímetro do hotel Marriott de Baltimore, onde morava.

Para piorar as coisas, em fevereiro, por decisão do conselho de disciplina, tio Saul foi expulso da ordem dos advogados de Maryland. O Grande Saul Goldman nunca mais

seria advogado.

* * *

Eu ia encontrá-lo sem esperar nada em troca. Nem sequer avisava que estava indo. Saía de Montclair e dirigia até o Marriott. De tanto ir lá, eu tinha a impressão de conhecer aquele hotel como se fosse minha casa. Os funcionários me chamavam pelo primeiro nome, e eu entrava na cozinha para pedir o que queria. Ao chegar, ia para o sétimo andar, batia à porta do quarto do meu tio e ele abria, desfigurado, com a camisa amassada e a televisão servindo de fundo sonoro. Ele me cumprimentava como se eu estivesse chegando da rua ao lado. Eu não ficava ofendido. Por fim, ele me abraçava.

— Markie — murmurava ele —, meu querido Markie! Que prazer ver você!

— Está tudo bem, tio Saul?

Eu costumava lhe fazer essa pergunta na esperança de que ele recuperasse sua aparência de alguém invencível, risse dos contratempos como soubera fazer na época de nossa juventude perdida e me respondesse que estava tudo bem, mas ele balançava a cabeça e dizia:

— É um pesadelo, Marcus. Um pesadelo.

Sentava-se na cama e interfonava para a recepção.

— Vai ficar quanto tempo aqui? — perguntava ele.

— O tempo que você quiser.

Eu ouvia um funcionário responder no outro lado da linha e tio Saul dizia:

— Meu sobrinho está aqui, precisamos de outro quarto, por favor. — Depois se virava para mim e declarava: — Só o fim de semana. Precisa avançar com o seu livro, isso é o que importa.

* * *

Eu não entendia por que ele não voltava para casa.

Então, no começo do verão, saí um dia para dar uma volta em Oak Park, procurando inspiração para o meu livro, e fiquei horrorizado ao deparar com um caminhão de mudanças em frente à casa dos Baltimore. Uma nova família estava se mudando para lá. Vi o marido supervisionando dois fortões que carregavam um painel de madeira.

— Estão alugando? — perguntei.

— Comprei — respondeu ele.

Voltei imediatamente ao Marriott.

— Você vendeu a casa de Oak Park?

Meu tio me fitou com tristeza.

— Não vendi nada, Markie.

— Mas tem uma família se mudando para lá e dizendo que comprou a casa.

Ele explicou:

— Não vendi nada. O banco me confiscou.

Fiquei perplexo.

— E os móveis?

— Eu me livrei de tudo, Markie.

Ele aproveitou para me avisar que estava vendendo a casa nos Hamptons para ter uma reserva e que também ia se desfazer do apartamento de Buenavista, para poder levar uma vida nova e ter uma casa nova em outro lugar.

— Vai sair de Baltimore?

— Não tenho mais nada para fazer aqui.

Da grandeza dos Goldman-de-Baltimore, do que eles haviam sido, logo não restaria

mais nada. Minha única defesa da vida era o meu livro.

*Graças aos livros,
tudo estava apagado,
tudo estava esquecido.
Tudo estava perdoado.
Tudo estava redimido.*

No meu escritório de Montclair, eu podia reviver eternamente a felicidade dos Baltimore, a ponto de não querer mais sair dali. E, se eu precisasse me ausentar, ficava ansioso para reencontrá-los ao voltar.

E, quando eu retornava ao Marriott, em Baltimore, eu falava sobre o livro que estava escrevendo para desviar a atenção de tio Saul da televisão. Ele se interessava bastante, não falava em outra coisa, queria saber sobre o andamento do processo e se poderia ler um trecho em breve.

— Seu romance é sobre o quê? — questionava ele.

— É a história de três primos.

— Os três primos Goldman?

— Os três primos Goldstein — eu corrigia.

Nos livros, os que não existem mais se reencontram e se abraçam.

* * *

Passei dez meses curando as feridas deixadas pelos meus primos e reescrevendo nossa história. Terminei o romance dos primos Goldstein na véspera do Dia de Ação de Graças de 2005, ou seja, exatamente um ano após o Drama.

Na cena final do livro dos Goldstein, Hillel e Woody iam de carro de Montreal para Baltimore. Paravam em Nova Jersey para me buscar e seguíamos juntos pela estrada. Em Baltimore, numa magnífica casa iluminada, o casal inabalável formado por tio Saul e tia Anita aguardava nosso retorno.

Durante o verão de 2012, graças à magia do romance, eu os reencontrava como sete anos antes.

Certa noite, por volta das duas da manhã, sem conseguir pegar no sono, fui para a varanda. Por mais que fosse de madrugada, fazia um calor tropical e me senti melhor do lado de fora, embalado pelo canto dos grilos. Abri o caderno e escrevi o nome dela. Foi o suficiente para que surgisse à minha frente.

— Tia Anita — murmurei.

Ela sorriu para mim e passou carinhosamente a mão em meu rosto.

— Você continua bonito, Markie.

Eu me levantei e a abracei.

— Faz tanto tempo... — falei. — Você me faz uma falta terrível.

— Você também, meu anjo.

— Escrevi um livro sobre vocês. Um livro sobre os Baltimore.

— Eu sei, Markie. Vim dizer para você parar de se torturar com o passado. Primeiro o livro dos seus primos, agora o livro dos Baltimore. Está na hora de escrever o livro da sua vida. Você não é responsável por nada, não poderia ter feito nada. Quanto ao culpado, se existir um, do caos de nossas vidas, somos apenas nós, Marcus. Apenas nós. Cada um é responsável pela própria vida. Somos responsáveis pelo que nos tornamos. Marcus, meu sobrinho querido, nada disso, está ouvindo, nada disso é culpa sua. E nada é culpa de Alexandra. Você precisa deixar os fantasmas partirem.

Ela ficou de pé.

— Aonde vai? — perguntei.

— Não posso ficar.

— Por quê?

— Seu tio está me esperando.

— Como ele está?

Ela sorriu.

— Ótimo. Disse que sempre soube que você escreveria um livro sobre ele.

Ela sorriu novamente, acenou e desapareceu na escuridão.

O sucesso retumbante do meu livro, que foi publicado em 2006, me devolveu meus dois primos. Estavam em toda parte: nas livrarias, nas mãos dos leitores, nos ônibus, metrô, aviões. Eles me acompanharam fielmente pelo país durante toda a turnê que sucedeu o lançamento do romance.

Embora eu não tivesse mais contato com Alexandra, eu a via inúmeras vezes sem que ela soubesse. A carreira recebera um impulso espetacular. Em 2005, seu primeiro CD continuara subindo de posição, alcançando em dezembro um milhão e meio de cópias vendidas, e seu hit terminara no topo das paradas musicais americanas. Ela se tornara uma celebridade. O ano da publicação do meu livro foi o do lançamento do segundo CD de Alexandra. Era o triunfo absoluto dela. O público e a crítica estavam conquistados.

Eu nunca deixara de amá-la. Nunca deixara de admirá-la. Costumava assistir a seus shows. Encolhido na penumbra da plateia, anônimo entre milhares de outros espectadores, meus lábios se moviam com os dela para entoar as letras de músicas que eu sabia de cor, a maioria composta no nosso pequeno apartamento de Nashville. Eu não sabia se ela ainda morava lá. Com certeza não. Devia ter se mudado para o subúrbio abastado de Nashville, pois na época admirávamos juntos as casas de lá e nos perguntávamos em qual moraríamos um dia.

Se eu estava arrependido? Certamente. E não era pouco. Quando ela estava no palco, eu fechava os olhos para não ouvir nada além do som da sua voz, e, na minha cabeça, voltava anos antes. Estávamos no campus da Universidade de Madison e ela me puxava pela mão. Eu perguntava:

- Tem certeza de que ninguém vai nos ver?
- Claro que não! Venha, estou falando!
- E Woody e Hillel?
- Estão em Nova York, na casa do meu pai. Não se preocupe.

Ela abria a porta do seu quarto e me empurrava para dentro. O pôster estava lá, na parede. Como em Nova York. Louvado seja Tupac, nosso eterno alcoviteiro. Eu a jogava na cama e ela caía na gargalhada. Nós nos embolávamos e, agarrando meu rosto com as mãos, ela murmurava:

- Eu te amo, Markikette Goldman.
- Eu te amo, Alexandra Neville.

* * *

Naquele ano de 2006, tio Saul tinha acabado de se mudar para a casa de Coconut Grove, comprada graças à venda do apartamento de Buenavista, e eu passara a ir com frequência a Miami.

Tio Saul vivia com bastante conforto com o dinheiro da venda da casa nos Hamptons, que ele convertera em ações altamente lucrativas. Para se ocupar, participava de diversos clubes de leitura, assistia a todas as conferências em uma livraria próxima e cuidava de suas mangueiras e abacateiros.

Mas isso não ia durar muito tempo. Assim como para várias pessoas, a tranquilidade financeira do meu tio chegou ao fim em outubro de 2008, quando a economia mundial foi abalada pelo que ficou conhecido como Crise dos Subprimes. Os mercados despencaram. Os bancos de investimento e os fundos especulativos desmoronaram um atrás do outro, perdendo o dinheiro de todos os clientes. De um

dia para outro, pessoas até então ricas passaram a não ter mais nada. Foi o caso do meu tio Saul. Em 1^o de outubro de 2008, sua carteira de ações estava avaliada em seis milhões de dólares, o valor da venda de sua casa nos Hamptons. No fim do mesmo mês, não valia mais de sessenta mil.

Fiquei sabendo disso ao lhe fazer uma visita no início de novembro, durante o feriado do Dia de Ação de Graças, que nem ele nem eu comemorávamos mais. Ele ficara sem opção. Vendera seu carro e pegara um velho Honda Civic em fim de carreira. Contava cada um de seus dólares. Quis até vender a casa de Coconut Grove, porém não valia mais nada.

— Paguei setecentos mil dólares — disse ele ao corretor que viera avaliar a casa.

— Um mês atrás o senhor teria vendido com lucro — respondera o homem. — Mas hoje acabou. O mercado imobiliário virou pó.

Ofereci ajuda a tio Saul. Eu sabia que minha avó e meus pais haviam feito a mesma coisa. Mas ele não tinha a intenção nem de ficar se lamentando nem de ser derrotado pela vida. E me dei conta de que era por essa razão que eu o admirava: não por sua situação financeira ou social, mas por ser um excelente batalhador. Ele precisava ganhar a vida e procurou um emprego qualquer.

Arranjou um trabalho de garçom num restaurante da moda em South Beach. Era um trabalho pesado e fisicamente difícil para ele, mas estava disposto a superar tudo. Com exceção das humilhações que sofria por causa de seu chefe, que gritava o tempo todo com ele: “Você é lento demais, Saul!”, “Ande logo, os clientes estão esperando!” Certa vez, com pressa, ele quebrou um prato e teve o salário descontado. Uma noite, esgotaram sua paciência e ele pediu demissão na mesma hora, jogou o avental no chão e saiu do restaurante. Vagou pela passarela de pedestres do Lincoln Road Mall e acabou se sentando num banco, aos prantos. Ninguém lhe deu atenção, apenas um rapaz negro grandalhão que passava cantarolando e se comoveu com sua tristeza. “Meu nome é Sycomorus”, disse o homem. “As coisas não parecem muito boas para o senhor...” Sycomorus, que trabalhava no Whole Foods de Coral Gables, falou com Faith sobre tio Saul e ela lhe arranhou um emprego como o caixa do supermercado.

Na tranquilidade de Boca Raton, meu novo livro avançava à medida que as semanas passavam.

Naquele verão de 2012, eu teria convocado espiritualmente os Baltimore para reviver nosso passado ou para falar de Alexandra?

Leo continuava acompanhando a evolução do meu trabalho. Deixei que ele lesse minhas páginas conforme o trabalho progredia. No começo de agosto, ele me perguntou:

— Por que este livro, Marcus? Seu primeiro romance já não foi sobre os seus primos?

— Este é diferente — expliquei. — É o livro dos Baltimore.

— Talvez seja outro livro, mas, no fundo, nada mudou para você — disse Leo.

— Como assim?

— Alexandra.

— Ah, misericórdia! Não se meta nisso!

— Quer minha opinião?

— Não.

— Vou dar mesmo assim. Se os Baltimore ainda estivessem neste mundo, Marcus, eles lhe diriam que está na hora de ser feliz. Que não é tarde demais. Vá encontrá-la, peça perdão. Retomem a vida que tinham juntos. Não passe a vida inteira esperando! Não passe a vida inteira assistindo aos shows dela e se perguntando o que você poderia ter se tornado! Ligue para ela. Fale com ela. No fundo, você sabe que é tudo o que ela quer.

— É tarde demais.

— Não é tarde demais, Marcus! — insistiu Leo. — Nunca é tarde demais.

— Continuo achando que, se Alexandra tivesse me contado o que meus primos planejavam, eles ainda estariam aqui hoje. Eu os teria impedido. Eles estariam vivos. Não sei se algum dia vou conseguir perdô-la.

— Se eles não estivessem mortos — disse Leo num tom grave —, você nunca teria se tornado escritor. Eles tinham que ir para que você pudesse se realizar.

Ele saiu, me deixando sozinho com minhas reflexões. Fechei o caderno. À minha frente estava aquele retrato de nós quatro, que nunca me abandonava.

Peguei o telefone e liguei para ela.

* * *

Era fim do dia em Londres. Pela maneira como ela atendeu, tive a impressão de que meu telefonema lhe agradou.

— Quer dizer que precisou desse tempo todo para me ligar — disse ela.

Ouvi um barulho ao fundo.

— Estou atrapalhando? — perguntei. — Posso ligar mais tarde, se preferir.

— Não, de jeito nenhum. Estou no Hyde Park. Venho todos os dias aqui depois do estúdio. Tem um pequeno café à beira do lago, um lugar tranquilo.

— Como vai o CD?

— Está indo bem. Estou feliz com o resultado. E o seu livro?

— Vai bem. É um livro sobre nós. Sobre os meus primos. Sobre o que aconteceu.

— E como termina o seu livro?

— Não sei. Ainda não cheguei ao fim.

Houve um silêncio, e então ela falou:

— As coisas não aconteceram como você imagina, Marcus. Não trai você. Eu quis protegê-lo.

E foi assim que ela me contou o que acontecera na noite de 24 de outubro de 2004, a última de Woody em liberdade.

* * *

Naquela noite, ela saíra para dar uma volta em Oak Park com Hillel e Woody, enquanto tio Saul e eu preparávamos o churrasco.

— Alex — disse Woody —, tem uma coisa que você precisa saber. Não vou para a prisão amanhã. Resolvi fugir.

— O quê? Você enlouqueceu, Woody!

— Pelo contrário. Está tudo planejado. Uma vida nova me espera em Yukon.

— Em Yukon? No Canadá?

— Sim. Provavelmente essa é a última vez que nos vemos, Alex.

Ela começou a chorar.

— Não faça isso, eu imploro!

— Não tenho escolha — disse Woody.

— Claro que tem! Pode cumprir sua pena. Cinco anos passam depressa. Você vai sair antes de completar trinta anos!

— Não tenho coragem para enfrentar a prisão. Talvez eu não seja tão durão como as pessoas sempre acharam.

Ela se virou para Hillel e implorou:

— Convença ele a desistir, Hillel.

Hillel olhou para baixo.

— Também vou, Alexandra. Vou com Woody.

Ela ficou perplexa.

— Mas vocês enlouqueceram de vez?

— Cometi um crime muito mais grave que o de Woody — disse Hillel. — Destruí minha família.

— Destruí sua família? — repetiu Alexandra, sem entender mais nada.

— Se Woody chegou a esse ponto, se minha mãe está morta, a culpa é toda minha. Está na hora de pagar por isso. Vou levar Woody até o Canadá. É minha forma de pedir perdão a ele.

— Mas perdão pelo quê? Não estou entendendo nada do que estão tentando me dizer.

— Tudo o que estamos tentando lhe dizer, Alex, é adeus. Queremos falar que te amamos. Nós te amamos como você nunca poderá nos amar. Talvez esta também seja a razão pela qual estamos indo embora.

Ela estava chorando.

— Não façam isso, eu imploro!

— Nossa decisão está tomada — disse Hillel. — Nosso destino está selado.

Ela secou os olhos.

— Prometam que vão pensar melhor hoje à noite. Você não vai nem sequer cumprir os cinco anos de reclusão, Woody! Não estrague tudo...

— Já pensamos — respondeu Woody.

Os dois pareciam determinados.

— Marcus sabe? — perguntou Alexandra, por fim.

— Não — disse Woody. — Quis falar com ele antes, mas fomos interrompidos por Saul. Vou conversar com ele daqui a pouco.

— Não, por favor. Não diga nada. Imploro a vocês dois, não contem nada para ele!

— Mas é Marcus, não podemos esconder dele!
— É o último favor que peço a vocês. Em nome da nossa amizade. Não contem ao seu primo.

* * *

A história de Alexandra mexeu comigo. Eu sempre acreditara que Woody e Hillel a haviam escolhido como confidente exclusiva e escondido voluntariamente o plano de mim. Eu sempre acreditara que, ao compartilhar seu último segredo com ela, eles haviam me descartado da Gangue dos Goldman. Mas eles tiveram a intenção de me contar, e Alexandra os impedira.

— Por que convenceu os dois a não me contarem nada? — perguntei. — Eu teria impedido a fuga e salvado eles!

— Você não conseguiria impedi-los, Markie. Nada nem ninguém seria capaz de convencê-los a desistir. Vi nos olhos deles, e foi por isso que supliquei para não te contarem nada. Você teria ido com eles, Marcus. Sei disso. Você não teria abandonado a Gangue dos Goldman. Teria ido atrás deles, entrado na clandestinidade, no fim acabaria se matando. Assim como eles. Ao suplicar que eles não contassem, eu estava suplicando que poupassem você. Eu sabia que você iria com eles, Markie. E eu não queria perdê-lo. Eu não iria suportar. Quis te salvar. Mas te perdi mesmo assim.

Após um momento de silêncio, murmurei:

— O que Hillel fez de tão grave para ir com Woody? Para achar que devia essa reparação a ele?

— Não sei. Esse é o tipo de pergunta que você deve fazer ao meu pai.

— Ao seu pai?

— Ele não é o sujeito que você acha que é. E tenho a impressão de que sabe muita coisa, por mais que nunca tenha se mostrado disposto a me contar.

— Seu pai se intrometeu na minha família. Ele humilhou meu tio enquanto tentava impressionar Woody e Hillel a todo custo.

— Ao contrário do que você pensa, meu pai nunca precisou impressionar Woody e Hillel para existir.

— E a Ferrari? E as viagens? E os fins de semana em Nova York? — retruquei.

— Eu pedi que ele fizesse tudo isso — respondeu Alexandra. — Meu pai gostava muito de Woody e Hillel, é verdade. Quem não gostava deles? Mas se fez tanta coisa pelos dois, foi para nos proteger, a você e a mim. Para nos dar a liberdade de viver nosso relacionamento em paz. Meu pai sabia que, ao emprestar o carro, eles sairiam para se divertir e não se preocupariam com a gente. A mesma coisa valia para quando meu pai os levava para assistir aos jogos do Giants ou os convidava para ir à casa dele. Você fazia tanta questão de que seus primos não soubessem de nós dois... Meu pai, Marcus, fez de tudo para proteger o seu segredo. Nunca competiu com Saul. A competição que seu tio teve foi contra ele mesmo. Tudo o que meu pai fez foi manter seus primos longe de nós. E era isso o que você queria.

Fiquei perplexo.

Ela continuou:

— Faz duas semanas que me separei de Kevin, Marcus. Por sua causa. Ele veio aqui sem me avisar. Queria me fazer uma surpresa. Quando bateu à porta do meu quarto no hotel, no início achei que era você. Não sei por quê. E fiquei muito decepcionada quando vi no olho mágico. Então percebi que devia ser honesta e me separar dele. Kevin merece encontrar alguém que o ame de verdade. Quanto a você, Marcus, não posso mais continuar esperando. Você é um cara incrível, com quem passei os anos mais bonitos da minha vida, e foi graças a você que me tornei o que sou. Mas de tanto remoer o passado, você não se dá conta do que para mim estava claro desde sempre.

- O quê, afinal?
- Os Goldman-de-Montclair eram os melhores.

* * *

No dia seguinte à minha conversa com Alexandra, peguei o primeiro voo para Nova York. Eu precisava falar com Patrick Neville.

Cheguei ao prédio ainda de manhã. Mas ele já saíra para trabalhar. O porteiro me autorizou a esperar e passei o dia inteiro no sofá do hall, só saindo dali para comer alguma coisa ou ir ao banheiro. Eram seis da tarde quando ele finalmente chegou. Eu me levantei. Ele me encarou por um instante, depois deu um sorriso bondoso e falou:

— Faz tempo que estou esperando por você.

Ele me fez subir até o seu apartamento e preparou um café. Nós nos acomodamos na cozinha. Era estranho estar ali: era a primeira vez que eu voltava desde a morte de tia Anita.

— Peço desculpas, Patrick.

— Pelo quê?

— Pela cena que fiz depois do enterro da minha tia.

— Ih, já faz muito tempo que esqueci. Marcus, antes de qualquer coisa, você precisa saber que nunca tive nada com a sua tia.

— Então o que aconteceu naquela noite em que ela foi para a sua casa? E por que ela estava lá?

— Ela tinha acabado de deixar o seu tio.

— Isso eu sei.

— Mas não sabe o motivo. Se ela foi me procurar aquela noite, foi para me pedir ajuda. Ela queria que eu ajudasse Woody e Saul.

— Woody e Saul?

— Alguns meses antes, Woody tinha sido expulso da equipe de futebol americano de Madison.

— Sim, eu lembro.

— A versão oficial era que uma ruptura nos ligamentos o impedia de jogar. Seus tios foram imediatamente para Madison. Woody não queria contar nada a eles, mas eu disse a verdade. Expliquei que o teste de Woody dera positivo para Talacen. Se sua tia foi me procurar em Nova York naquele 14 de fevereiro de 2002, foi porque tinha acabado de fazer duas descobertas que a deixaram atordoada.

E então, dez anos após os acontecimentos, Patrick finalmente me revelou o que acontecera naquele Dia dos Namorados.

* * *

Tia Anita pedira folga no hospital para que pudesse preparar uma noite romântica para o marido e ela. No início da tarde, saiu para fazer compras no supermercado de Oak Park. E aproveitou para passar na farmácia.

O gerente, que ela conhecia bem, após atendê-la, pediu a receita que ele esperava havia meses.

— Que receita?

— A receita do Talacen — respondeu o farmacêutico. — Seu filho pegou várias caixas durante o outono. Disse que a senhora traria a receita.

— Meu filho? Hillel?

— É, Hillel. Como conheço bem a senhora, aceitei. Para lhe fazer um favor. Em geral, nunca faço assim. Preciso da receita, Dra. Goldman.

Ela se sentiu desfalecer. Prometeu que voltaria com a receita antes do fim do dia e foi

para casa. Sentia vontade de vomitar, acreditou que fosse um pesadelo. Será que Hillel comprara Talacen a pedido de Woody? Ou fizera o amigo ingerir sem saber?

O telefone tocou. Ela atendeu. Era o banco. Para falar sobre o pagamento da hipoteca da casa de Oak Park. Anita respondeu que era engano: a hipoteca fora quitada havia muito tempo. Mas a pessoa na linha prosseguiu: “Sra. Goldman, a senhora contraiu uma nova hipoteca em agosto. Seu marido me entregou documentos assinados pela senhora. A casa foi hipotecada por seis milhões de dólares.”

Tio Saul patrocinara o estádio pegando um empréstimo de seis milhões de dólares. A casa de Oak Park fora sacrificada para curar seu ego ferido.

Ela entrou em pânico. Vasculhou o escritório do marido e todos os seus pertences. Na bolsa esportiva que ele usava quando ia jogar tênis, encontrou documentos de contabilidade que nunca vira.

Telefonou na mesma hora para o tio Saul. Tiveram uma discussão acalorada. Ela disse que não o suportava mais, que estava se separando dele. Entrou no carro, levando os documentos de contabilidade, e seguiu sem destino. Acabou ligando para Patrick Neville e pedindo sua ajuda. Estava tão aflita que ele sugeriu que ela fosse para Nova York.

Naquela noite, Patrick tinha marcado um jantar íntimo com uma garota do trabalho de quem ele gostava. Mas desmarcou. Quando tia Anita viu o champagne na mesa, se arrependeu de importunar Patrick na noite do Dia dos Namorados. Ele insistiu para que ela ficasse. “Você não vai a lugar algum”, afirmou ele. “Nunca vi você tão abalada. Conte o que está acontecendo.”

Ela revelou tudo: o Talacen e a hipoteca. Se tinha sido Hillel que dopara Woody à sua revelia, ela queria que Patrick intervisse junto à universidade para reabilitar Woody. Ainda tinha esperanças de salvar a carreira dele. Também queria que Patrick desse um jeito de romper o contrato que ligava Saul à universidade, recuperar o que desse do dinheiro e salvar sua casa.

Em seguida, lhe mostrou os documentos que trouxera. Patrick os observou atentamente: aquilo parecia contabilidade maquiada.

— Parece que Saul está desviando dinheiro do escritório para uma de suas contas pessoais. Depois ele disfarça adulterando os totais das faturas de seus clientes.

— Mas por que ele faria uma coisa dessas?

— Para liquidar um empréstimo grandioso, que talvez ele tenha dificuldade para pagar.

Então Patrick convidou Anita para jantar. Disse que ela podia ficar na casa dele o tempo que quisesse. E subitamente, o interfone tocou: era o porteiro. Woody estava lá, querendo subir. Patrick pediu que Anita se escondesse em um dos quartos. Woody chegou ao apartamento.

Já sabemos o que ocorreu em seguida.

* * *

Quando Patrick terminou de falar, fiquei bastante tempo sem palavras, completamente zozno. E minhas surpresas não tinham terminado. Então Patrick me contou que conversara com Hillel sobre o Talacen. Fora encontrá-lo em Madison e o forçara a abrir o jogo.

Hillel explicara que, na noite de 14 de fevereiro, Woody e ele tiveram uma discussão horrível. Woody encontrara o que sobrara do Talacen escondido no fundo do armário. Hillel nem se dera o trabalho de se livrar daquilo.

— Você dopou Woody sem que ele soubesse? — perguntou Patrick, desesperado.

— Eu queria que ele fosse expulso do time de futebol americano. Pesquisei sobre os produtos proibidos e o Talacen era o mais simples de conseguir. Só tive que misturar

os comprimidos com as proteínas e os suplementos alimentares que Woody tomava.

— Mas por que você fez uma coisa dessas?

— Eu estava morrendo de ciúme.

— Ciúme de Woody?

— Ele era o preferido dos meus pais. Isso era evidente. Recebia toda a atenção. Percebi isso quando nos separamos e eu tive que ir para a escola especial. Meus pais me afastaram de Baltimore. Mas mantiveram Woody por perto. Papai o ensinou a dirigir, o incentivou a jogar futebol americano, o levava para assistir aos jogos do Redskins. E eu, durante esse tempo, onde estava? A uma hora de carro, preso naquela escola de merda! Depois de roubar meus pais, ele roubou meu nome. Na faculdade, decidi ser chamado de Goldman. Teve a bênção dos meus pais para estampar o nome na camisa. Passou a ser o Grande Goldman, campeão de futebol. Ele nos devia tudo, fomos nós que o tiramos da rua. Desde sempre, quando perguntavam quem ele era, Woody respondia: sou amigo de Hillel Goldman. Eu era a referência dele. Mas na faculdade, quando ouviam meu nome, diziam: “Goldman? Como Woody, o jogador da equipe de futebol americano?” Eu não queria mais vê-lo jogar, não queria mais ouvir seu nome de falso-Goldman. Decidi agir no fim do verão seguinte à morte do meu avô. Enquanto eu arrumava as coisas do vovô, encontrei o testamento dele. Meu pai nos dissera que, de acordo com suas últimas vontades, Woody, Marcus e eu dividiríamos sessenta mil dólares. Era mentira. Woody não aparecia no testamento do meu avô. Mas meu pai, para não magoar Woody, seu queridinho, decidiu incluí-lo à força. Woody estava ganhando muito espaço, então eu precisava fazer alguma coisa.

* * *

Foi um choque terrível.

Hillel tinha destruído a carreira de Woody. Foi por causa dele que após a briga que tiveram Woody fora à casa de Patrick Neville naquela noite de 14 de fevereiro, quando deparou com tia Anita e provocou sua morte.

Quanto ao meu tio Saul, após o Drama ele ficara tempo demais no Marriott de Baltimore, não porque não quisesse retornar à casa de Oak Park, e sim porque ela não lhe pertencia mais. Naquele momento, desempregado havia meses, sem dinheiro, não conseguira pagar a hipoteca. Por isso o banco confiscou sua casa.

Então perguntei a Patrick:

— Por que você não falou nada?

— Para não magoar ainda mais o seu tio. Woody e Hillel sabiam a verdade sobre o Talacen. Para que inserir seu tio nisso? E havia necessidade de revelar a Hillel que o pai dele desviara dinheiro e hipotecara a casa para patrocinar o estádio de Madison? Ao seu tio, só restava a dignidade. Tentei protegê-la. Sempre gostei da sua família, Marcus. Só quis o bem de vocês.

*Coconut Grove, Flórida.
Setembro de 2011.*

Cerca de três semanas depois que fui assistir à destruição do nome do meu tio no estádio, ele me ligou. Sua voz estava debilitada. Disse simplesmente: “Marcus, não estou me sentindo bem. Você precisa vir.” Entendi que era urgente e reservei uma passagem no próximo voo para Miami.

Cheguei no início da noite a Coconut Grove. Um calor incessante assolava a Flórida. Em frente à casa do meu tio, encontrei Faith sentada nos degraus da varanda. Acho que estava me esperando. Pela maneira como me abraçou para me cumprimentar, compreendi que alguma coisa grave estava acontecendo. Entrei na casa. Encontrei-o no quarto, afundado na cama. Ao me ver, seu rosto se iluminou. Contudo, parecia fraco e muito magro.

— Marcus — disse ele —, estou muito feliz em ver você.

— O que aconteceu, tio Saul?

O tio mal-humorado dos últimos meses, o tio que me expulsara de sua casa, era um tio doente. No começo da primavera, ele tinha sido diagnosticado com câncer de pâncreas, e, naquele momento, já sabiam que era incurável.

— Tentei me tratar, Markie. Faith me ajudou muito. Quando ela vinha me buscar em casa e desaparecíamos, era para ir às sessões de quimioterapia.

— Mas por que não me disse nada?

Ele juntou forças para rir.

— Porque conheço você, Markie. Você teria me importunado para ir a todos os médicos possíveis, teria sacrificado tudo para cuidar de mim e eu não queria isso. Você não deve desperdiçar sua vida por minha causa. Deve viver.

Eu me sentei na beirada da cama e segurei a mão dele.

— É o fim, Markie. Não vou me recuperar. Estou vivendo meus últimos meses. E quero passá-los ao seu lado.

Abracei-o. Apertei-o com força. Nós dois choramos.

* * *

Nunca vou me esquecer dos três meses que passamos juntos, de setembro a novembro de 2011.

Uma vez por semana, eu o acompanhava até o oncologista no Hospital Mount Sinai de Miami. Nunca falávamos sobre sua doença. Ele não queria tocar nesse assunto. Eu costumava perguntar:

— Como vão as coisas?

E ele se protegia em sua lendária autossuficiência ao me responder:

— Não podiam estar melhor.

Às vezes eu questionava o médico.

— Quanto tempo de vida lhe resta, doutor?

— Difícil dizer. O estado de ânimo dele é bom. Sua presença lhe faz muito bem. Os tratamentos não são capazes de curá-lo, mas podem fazê-lo aguentar mais um pouco.

— Quando o senhor diz um pouco, está se referindo a dias, semanas, meses ou anos?

— Entendo sua aflição, Sr. Goldman, mas não posso dizer mais que isso. Talvez

alguns meses.

Vi meu tio definhar.

No fim de outubro, alguns alarmes: certo dia ele vomitou sangue e levei-o às pressas ao Mount Sinai, onde passou vários dias hospitalizado. Quando saiu, estava muito fraco. O simples ato de andar o deixava exausto. Aluguei uma cadeira de rodas na qual o levava para passear em Coconut Grove. Essa cena sempre me lembrava de Scott no carrinho de mão. Comentei isso com ele, que caiu na gargalhada. Eu gostava quando ele ria.

No início de novembro, meu tio praticamente já não saía da cama. Quase não se movia mais. A tez de seu rosto ficou terrosa, seus traços, marcados. Uma enfermeira aparecia três vezes por dia na casa dele. Eu não dormia mais no quarto de hóspedes. Ele nunca soube disso, mas eu passava as noites no corredor, junto à porta aberta do seu quarto, para velar por ele.

Sua fraqueza física não o impedia de falar. Eu me lembro da conversa que tivemos na véspera de sua partida, a véspera do Dia de Ação de Graças.

— Há quanto tempo você não comemora o Dia de Ação de Graças? — perguntou tio Saul.

— Desde o Drama.

— O que você chama de Drama?

Fiquei surpreso com a pergunta.

— Estou falando da morte de Woody e Hillel — respondi.

— Pare com esse negócio de Drama, Marcus. Não existe um Drama, e sim dramas. O drama da sua tia, dos seus primos. O drama da vida. Houve dramas, haverá outros e temos que continuar vivendo, apesar de tudo. Dramas são inevitáveis. No fundo, não importam muito. O que conta é como conseguimos superá-los. Você não supera seu drama ao se recusar a comemorar o Dia de Ação de Graças. Pelo contrário, se afunda ainda mais. Precisa parar com isso, Marcus. Você tem família, amigos. Quero que volte a comemorar o Dia de Ação de Graças. Prometa isso para mim.

— Prometo, tio Saul.

Ele tossiu, bebeu um pouco d'água e continuou:

— Sei que você era obcecado por essas histórias de Goldman-de-Baltimore e Goldman-de-Montclair. Mas, no fim das contas, existe apenas um Goldman e é você. Você é um Justo, Marcus. Muitos de nós procuramos dar um sentido à vida, mas nossas vidas só ganham sentido se formos capazes de realizar estes três destinos: amar, ser amado e saber perdoar. O restante é pura perda de tempo. O importante é que você continue escrevendo. Pois você tinha razão: tudo pode ser redimido. Meu sobrinho, prometa que irá nos redimir. Redima os Goldman-de-Baltimore.

— Como?

— Reúna todos nós novamente. Só você pode fazer isso.

— Como? — perguntei.

— Tenho certeza de que vai descobrir como.

Sem entender direito o que ele queria dizer, prometi:

— Vou fazer isso, tio Saul. Pode contar comigo.

Ele sorriu. Eu me debrucei sobre ele, que passou a mão em meu cabelo. E com um fio de voz, me deu sua bênção.

Na manhã seguinte, no Dia de Ação de Graças, quando fui encontrá-lo em seu quarto, ele não acordou. Eu me sentei ao seu lado e, com o rosto molhado de lágrimas, apoiei a cabeça em seu peito.

O último dos Baltimore se fora.

Era meados de agosto de 2012, dois dias após minha conversa com Patrick Neville. Alexandra me ligou. Estava no Hyde Park, sentada na varanda do Serpentine Bar, à beira do pequeno lago. Bebia café enquanto Duke tirava uma soneca aos seus pés.

— Estou contente por você ter finalmente conversado com meu pai — disse ela.

Contei para ela tudo o que descobri. Depois acrescentei:

— No fundo, apesar do que aconteceu entre nós dois, tudo o que importava para Hillel e Woody era a felicidade de estarem juntos. Eles não suportavam brigar ou se separar. A amizade dos dois perdooou tudo. Essa amizade foi cem vezes superior ao Drama. É disso que devo me lembrar.

Percebi que ela estava comovida.

— Você voltou para a Flórida, Markie?

— Não.

— Continua em Nova York?

— Não.

Assobiei. Duke ergueu as orelhas e mexeu as patas. Ao me ver, disparou feito um raio em minha direção, espantando um monte de gaivotas e patos. Pulou em cima de mim e me derrubou para trás.

Alexandra se levantou da cadeira.

— Markie? — exclamou ela. — Markie, você veio!

Ela correu na minha direção. Fiquei de pé e a abracei. Antes de se afastar, ela murmurou:

— Senti tanto a sua falta, Markie.

Apertei-a bem forte.

Tive a impressão de ver meus dois primos rindo e dançando no ar.

EPÍLOGO

Quinta-feira, 22 de novembro de 2012
Dia de Ação de Graças

É assim que termina este livro, no Dia de Ação de Graças de 2012, em Montclair, em frente à casa dos meus pais. Estacionei o carro na rua. Alexandra e eu descemos e andamos até a casa. Era a primeira vez que eu comemorava essa data desde a morte dos meus primos.

Fiquei um tempo parado diante da porta. Antes de bater, peguei no bolso a foto de Hillel, Woody, Alexandra e eu em Oak Park, em 1995, e a observei.

Alexandra tocou a campainha. Minha mãe abriu. Ao me ver, seu rosto se iluminou.

— Ah, Markie! Não acreditei quando você disse que vinha!

Tapou a boca com as mãos como se ainda não acreditasse.

— Bom dia, Sra. Goldman. Feliz Dia de Ação de Graças! — disse Alexandra.

— Feliz Dia de Ação de Graças, crianças! É tão bom estarmos juntos.

Minha mãe nos abraçou com força. Suas lágrimas me molharam.

Entramos em casa.

Patrick Neville já chegara. Cumprimentei-o calorosamente e deixei na mesa da sala o maço de folhas espiraladas que trouxera comigo.

— O que é isso? — perguntou minha mãe.

— O livro dos Baltimore.

Um ano após a morte do meu tio, eu cumprira a promessa feita a ele. Foi contando a história dos Baltimore que os reuni.

Eu colocara o ponto final no meu romance na noite anterior.

* * *

Por que escrevi? Porque os livros são mais fortes que a vida. São sua mais bela revanche. São as testemunhas da inviolável muralha do nosso espírito, da inexpugnável fortaleza da nossa memória. E, uma vez por ano, quando não estou escrevendo, pego novamente a estrada até Baltimore, paro no bairro de Oak Park e sigo até o cemitério de Forrest Lane para reencontrá-los. Jogo algumas pedrinhas em seus túmulos, para continuar construindo sua memória, e reflito. Lembro quem sou, para onde vou e de onde venho. Eu me agacho perto deles, coloco a mão sobre seus nomes gravados na lápide e é como se os beijasse. Depois fecho os olhos e os sinto viver em mim.

Meu tio Saul, abençoada seja sua memória. *Tudo está apagado.*

Minha tia Anita, abençoada seja sua memória. *Tudo está esquecido.*

Meu primo Hillel, abençoada seja sua memória. *Tudo está perdoado.*

Meu primo Woody, abençoada seja sua memória. *Tudo está redimido.*

Eles se foram, mas sei que estão aqui. Sei que residem para sempre nesse lugar chamado Baltimore, o Paraíso dos Justos, ou talvez simplesmente em minha memória. Pouco importa. Sei que me esperam em algum lugar.

* * *

Pronto, tio Saul, meu tio querido. O livro que eu prometera, coloco-o à sua frente.

Tudo foi redimido.

Em memória dos Goldman-de-Baltimore

SAUL GOLDMAN
(1950-2011)

ANITA HENDRICKS-GOLDMAN
(1952-2002)

HILLEL GOLDMAN
(1980-2004)

WOODROW GOLDMAN
(1980-2004)

SUMÁRIO

Elogios
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Prólogo. Domingo, 24 de outubro de 2004
Um mês antes do Drama

I. O livro da juventude perdida (1989-1997)

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.

II. O livro da fraternidade perdida (1998-2001)

- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.
- 27.
- 28.

III. O livro dos Goldman (1960-1989)

- 29.
- 30.
- 31.
- 32.
- 33.

- 34.
- 35.
- 36.

IV. O livro do Drama (2002-2004)

- 37.
- 38.
- 39.
- 40.
- 41.
- 42.
- 43.
- 44.

V. O livro da redenção (2004-2012)

- 45.
- 46.
- 47.
- 48.
- 49.
- 50.
- 51.
- 52.

Epílogo. Quinta-feira, 22 de novembro de 2012
Dia de Ação de Graças

Sobre o autor
Conheça os outros livros do autor
Leia também

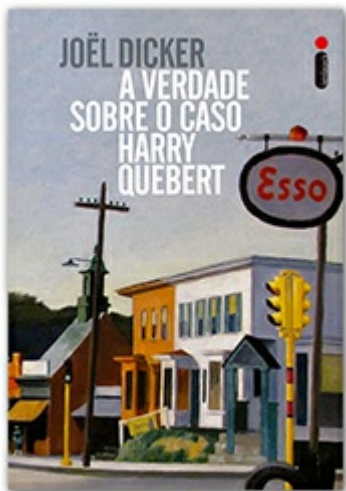
SOBRE O AUTOR



© Valéry Wallace

JOËL DICKER nasceu em Genebra, na Suíça, em 1985. É autor de *Os últimos dias de nossos pais*, que foi agraciado com o Prêmio dos Escritores de Genebra, e *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, que foi finalista do Prêmio Goncourt e vencedor do Grande Prêmio de Romance da Academia Francesa e se tornou um fenômeno literário mundial.

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR

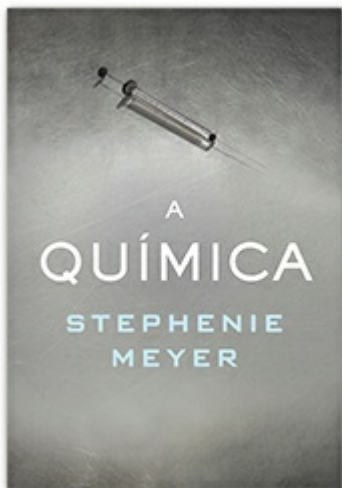


A verdade sobre o caso Harry Quebert



Os últimos dias de nossos pais

LEIA TAMBÉM



A química
Stephenie Meyer



Baseado em fatos reais
Delphine de Vigan



Destinos e fúrias
Lauren Groff